

Gilson José dos Santos

Literatura agrária latina:

**tradução e estudo do *De Re Rustica* (livro IX) de Columela, e *Geórgicas*
(canto IV), de Virgílio.**

**Belo Horizonte
2014**

Gilson José dos Santos

**Literatura agrária latina:
tradução e estudo do *De Re Rustica* (livro IX) de Columela, e *Geórgicas*
(canto IV), de Virgílio.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários: Estudos Clássicos e Medievais da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientador: Prof. Dr. Matheus Trevizam.

**Belo Horizonte
2014**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que colaboraram para a realização deste trabalho: a Diana e Beatriz, meus amores, pelo apoio e estímulo; ao incansável prof. Matheus Trevizam, pela orientação cuidadosa, pelo apoio contínuo e pelas leituras e sugestões valiosas; aos professores Jacyntho Lins Brandão, Robson Tadeu Cesila, Paulo Sérgio de Vasconcellos e Heloísa Moraes Moreira Penna, que gentilmente aceitaram integrar a banca examinadora de defesa de dissertação; ao prof. Antônio Martinez de Resende, que emitiu parecer favorável ao projeto definitivo de dissertação; à profa. Rita de Cássia Paiva pela amizade, auxílio e estímulo; ao Programa de Pós-Graduação em Letras (POS-LIT.), pela concessão de bolsa de pesquisa (CAPES) que me permitiu dedicar-me à pesquisa, aos funcionários da Secretaria da Pós-Graduação do PÓS-LIT; e aos amigos que me incentivaram durante todo o percurso.

SUMÁRIO

RESUMO	5
TRADUÇÃO LITERÁRIA	7
Nota sobre as traduções	9
INTRODUÇÃO (BREVE PANORAMA HISTÓRICO DAS QUESTÕES AGRÁRIAS EM ROMA)	11
AS GEÓRGICAS DE VIRGÍLIO	15
As <i>Geórgicas</i> como poema didático	18
Afiliações genéricas e antecedentes temáticos das <i>Geórgicas</i>	21
Estrutura das <i>Geórgicas IV</i> e breve descrição de suas partes	24
O DE RE RUSTICA DE COLUMELA	29
<i>De re rustica</i>	30
<i>De cultu hortorum</i> (“Da cultura das hortas”)	32
<i>De re rustica</i> : fontes e método	39
Pensamento político-econômico de Columela	41
ANÁLISE COMPARATIVA DE TRECHOS SELECIONADOS DO LIVRO IV DAS GEÓRGICAS E DO LIVRO IX DO DE RE RUSTICA	45
CONCLUSÃO	76
TRADUÇÃO DA GEORGICON IV DE VIRGÍLIO	79
TRADUÇÃO DO DE RE RVSTICA DE COLUMELA	118
REFERÊNCIAS	175

RESUMO

Esta dissertação apresenta duas partes nucleares: uma tradução do *De re rustica* (livro IX) de Columela (século I d.C.) e das *Geórgicas IV* de Virgílio (70-19 a.C.), seguida de um estudo comparativo das obras. O assunto dos dois livros é o mesmo, a apicultura; e Columela cita frequentes vezes versos do referido livro de Virgílio para abonar ou ilustrar passagens de seu tratado. No estudo, analisamos comparativamente trechos selecionados das *Geórgicas* e do *De re rustica* para compreendermos um pouco melhor o tratamento linguístico-literário decorrente de orientações genéricas distintas que os autores conferem às suas obras. As características compositivas e estilísticas dominantes nos textos são estudadas e servem de instrumento para analisarmos (a) as particularidades constitutivas dos gêneros, poesia didática e tratado (em prosa), e (b) os aspectos relacionados à construção dos significados particulares das obras. Os marcos teóricos de referência para o estudo dos textos são: a teoria dos gêneros literários, a estilística literária (no tocante à literatura agrária romana) e a história da literatura romana.

ABSTRACT

This dissertation presents two nuclear parts: a translation of *De re rustica* (book IX) of Columela (Ist century AD) and the *Georgics IV* of Virgil (70-19 BC), followed by a comparative study about them. The subject of the two books is the same, apiculture; and Columela quotes frequently verses from the referred book of Virgil to endorse or illustrate passages of his treatise. In the study we analyse comparatively selected fragments from *Georgics* and *De re rustica* in order to understand a little better the linguistic-literary treatment due to the distinct generic orientations the authors deliver to their works. The dominating compounding and stylistic characteristics in the texts are studied and are used as instruments to analyse (a) the constitutive particularities of the genders, didactic poetry and treatise (in prose), and (b) the aspects related to the construction of the particular meanings in the works. The theoretical reference marks for the text studies are: the literary genders theory, literary stylistic (referring to the Roman agrarian literature) and the history of Roman literature.

TRADUÇÃO LITERÁRIA

A tradução é uma atividade intelectual indispensável a todas as culturas que mantêm contato com outras culturas de línguas diferentes. Em sua forma oral, é uma atividade anterior à escrita e tão antiga quanto à humanidade, constituindo-se no meio por que diferentes grupos humanos travam relações entre si, mediadas por intérpretes. A tradução literária, porém, constituiu-se em área autônoma de estudos acadêmicos apenas a partir da década de 1970.¹

A tradução literária é tarefa penosa, que não se limita a transpor palavras de uma língua para outra; habitualmente, porém, a tradução (e o tradutor) não tem visibilidade. Paulo Henriques Britto afirma que os leigos tendem a pensar

(i) que traduzir é, na verdade, uma tarefa relativamente fácil; (ii) que o principal problema do tradutor consiste em saber que nomes têm as coisas num idioma estrangeiro; (iii) que este problema se resolve com a consulta de dicionários bilíngues; e (iv) que, com os avanços da informática e o advento da internet, em pouco tempo a tradução será uma atividade inteiramente automatizada, feita sem a intervenção humana.²

As três primeiras concepções são profundamente equivocadas. A tradução, contrariamente ao senso comum, é operação difícilíssima, cuja maior dificuldade não se limita a encontrar na língua de chegada palavras equivalentes às da língua de partida. Muitas vezes não há correspondência exata entre alguns termos da língua de partida e os da língua de chegada. E, frequentes vezes, a consulta a dicionários bilíngues não resolve as dificuldades que os textos colocam para o tradutor, podendo apenas oferecer sugestões e eventuais soluções tradutórias.³ A quarta ideia contida na passagem acima apresenta um fundo de verdade, a tradução de certos textos meramente informativos ou instrucionais, como, por exemplo, manuais de aparelhos eletrônicos é uma operação menos complexa do que a tradução literária, mas, ainda nesse caso, não parece provável que a tradução dispensará a intervenção humana.

Equivoca-se quem pensa que a tradução fiel é sempre literal, e que a tradução não-litera é livre, uma espécie de recriação do original.

¹ Cf. BRITTO, 2012, p.11-12.

² BRITTO, 2012, p.12.

³ Cf. BRITTO, 2012, p.18.

Em nosso meio, ainda é comum encontrar em prefácios a traduções, em livros ou teses, a afirmação de que, no trato com o texto, optou-se por ser fiel ao original. É um conhecido chavão, desses que convém sempre desafiar: afinal, fiel a quê? Na prática, percebemos que as pessoas querem dizer com isso que se vai traduzir literalmente [...]. Bem, é uma atitude ingênua [...] não podemos fugir da opacidade da linguagem ao verter um texto para o português, e o conceito de fidelidade ao sentido literal é, então, muito discutível.⁴

Traduzir, então, não é operação mecânica, mas uma atividade intelectual e criativa. A tradução não se realiza sobre frases isoladas que formam uma unidade linguística, mas sobre textos que representam, muito além de seus aspectos gramaticais, o testemunho de um fenômeno cultural que o tradutor deve tentar entender. Assim, a tradução literal de um texto só poderia ser executada se a língua de partida e a de chegada apresentassem tal grau de semelhança que permitisse ao tradutor a transposição exata de palavras (com seus significados possíveis) de uma língua para outra; mas línguas assim não existem.⁵ E se existissem, a tarefa do tradutor poderia ser substituída por uma máquina tradutora que faria o trabalho em curto espaço de tempo e isenta de erros óbvios que frequentes vezes os tradutores cometem; mas as línguas apresentam diferenças estruturais, tanto nos aspectos gramaticais quanto lexicais, que impedem a simples tradução literal de um texto.

A tradução literária e recriação literária não são a mesma coisa. A tradução literária é aquela “que visa recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade⁶ seja, na medida do possível, preservada”⁷. Por vezes, o tradutor se permite tantas liberdades na tradução que o texto resultante se afasta excessivamente do original, e deve ser considerado recriação do original. A fidelidade absoluta ao original, ainda que impraticável, é válida como meta que o tradutor deve perseguir⁸. E o tradutor que deseja ser fiel ao texto de partida deve utilizar os recursos que a língua de chegada lhe oferece para reproduzir o sentido e os efeitos do original.⁹

As línguas, como dissemos, apresentam diferenças estruturais que impedem a simples tradução literal de um texto. Tal impossibilidade deriva do fato de a língua fazer parte

⁴ VIRGÍLIO, 2008, p.16.

⁵ Cf. RÓNAI, 2012, p.22.

⁶ *literariedade*: Paulo Henriques Britto emprega o termo “literariedade” como proposto por Roman Jakobson no artigo “Linguística e poética” (JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1985. p.118-162): os elementos que tornam o texto um objeto estético.

⁷ BRITTO, 2012, p.47.

⁸ “A ausência de certos processos gramaticais na linguagem para a qual se traduz nunca impossibilita uma tradução literal da totalidade da informação conceitual contida no original.” (JAKOBSON, 1985. p.67)..

⁹ Cf. BRITTO, 2012, p.37.

de um todo complexo, a cultura, que define maneiras especiais de nomear as coisas e organizar as palavras para dar formas às ideias e impõe ao tradutor a responsabilidade de escolher a cada passo uma entre duas ou mais soluções ou de criar alternativas para dar forma a uma ideia específica. Por exemplo, quando um item lexical apresenta significação apenas no interior de uma língua, sem equivalente na língua de chegada, o tradutor que deseja ser fiel ao original pode buscar um termo que encerra significado próximo dentro do mesmo campo semântico¹⁰ ou limitar-se a preservar o termo original, destacando-o por meio de aspas ou outro recurso gráfico, apondo nota explicativa. Em algumas casos recorreremos a esse expediente em nossas traduções, como, por exemplo, diante da forma latina *farrago*¹¹ (no capítulo I do livro IX do *De re rustica* de Columela), que designa uma mistura de cevada e outros grãos preparada especialmente para alimentar animais. Tais vicissitudes tornam o ofício do tradutor uma arte, que exige dedicação e tempo, e “em arte só o tempo perdido é ganho”.¹²

Nota sobre as traduções

Em nossas traduções, seguimos alguns pressupostos e regras gerais, a saber: (a) o tradutor deve conhecer a língua do texto de partida, as características expressivas do texto do autor traduzido¹³ e a língua do texto de chegada; (b) o tradutor deve conhecer o assunto do texto traduzido para a tradução ser clara; (c) respeitam-se, tanto quanto possível, o sentido e a ordem das palavras do texto original¹⁴; (d) o texto traduzido deve constituir um todo coerente, coeso e harmônico, sem a pretensão de tradução ideal.¹⁵

Por fim, resta dizer que as traduções contidas nesta dissertação procuraram reproduzir nos textos de chegada, tanto quanto possível, o sentido, a ordem das palavras e os

¹⁰ Cf. BRITTO, 2012, p.14.

¹¹ *farrago*, -inis. (s.f): cevada misturada com outros grãos que se colhe ainda verde para ser oferecida aos animais. (SARAIVA, 2006, p. 474. verbete: *farrago*).

¹² RÓNAI, 2012, p.142.

¹³ “Ao tradutor [...] não lhe basta um conhecimento aproximativo da língua que está vertendo. Por melhor que maneje o seu próprio instrumento, não pode deixar de conhecer a fundo o instrumento do autor.” (RÓNAI, 2012, p.23).

¹⁴ “Para ser fiel, o tradutor, além do indispensável conhecimento dos dois idiomas, precisa, sobretudo, de imaginação.” (RÓNAI, 2012, p.25) A imaginação compensa as diferenças estruturais entre as línguas e permite ao tradutor superar os obstáculos impostos pela tradução, encontrando equivalências, alternativas tradutórias para formas que não podem (ou não devem) ser simplesmente vertidas para a língua de chegada.

¹⁵ “[...] como não há equivalências absolutas, uma palavra, expressão ou frase do original podem ser frequentemente transportadas de duas maneiras, ou mais, sem que se possa dizer qual das duas é a melhor. Daí não existir uma única tradução ideal de determinado texto. Haverá muitas traduções boas, mas não a tradução boa de um original.” (RÓNAI, 2012, p.24).

recursos expressivos dos textos de partida. Adotaram-se os seguintes textos-bases: livro IX do *De re rustica* (COLUMELLA, L.J.M. *On agriculture*. London: Harvard University Press, 1968. v. 2., p.420-503.); livro IV das *Geórgicas* (VIRGÍLIO. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Introduction, notes et postface de J. Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.). Os dois livros foram traduzidos em prosa. Engana-se quem pensa que o texto de Columela é de tradução mais fácil e opera com palavras de sentido sempre claro e bem definido, designativas de objetos e fenômenos bem definidos. Além de o texto apresentar pretensões literárias que exigem do tradutor o exame minucioso de cada frase e de seus recursos expressivos, a variedade de termos técnicos, nem sempre listados em manuais especializados, e a polissemia de certos itens lexicais desafiam o tradutor a encontrar soluções e formas apropriadas para verter o original. Preferimos traduzir o livro IV das *Geórgicas* em prosa, procurando conservar a ordem das palavras e o sentido nos versos latinos, a tentar manter em versos o ritmo do hexâmetro datílico. Essa decisão não tornou a tradução do poema virgiliano mais fácil, mas nos concedeu maior liberdade para estruturá-lo. Nas traduções em Português, nos locais em que o pesquisador julgou haver alguma dificuldade de leitura, foram apostas notas explicativas, a fim de esclarecer passagens difíceis, referências mitológicas, entre outros casos. Obras da área de filologia clássica, de língua e literatura latinas, de literatura agrária latina e da história de Roma foram consultadas – tais estudos visaram à formação mais ampla do pesquisador, habilitando-o para a tarefa de apor notas aos textos traduzidos.

INTRODUÇÃO

(BREVE PANORAMA HISTÓRICO DAS QUESTÕES AGRÁRIAS EM ROMA)

A história dos primórdios do Estado Romano é conhecida em seus aspectos mais gerais, visto que o início da historiografia, assim como o da literatura romana, remonta apenas ao século III a.C. Sabe-se que os primeiros habitantes do Lácio, migrantes indo-europeus, dedicavam-se, sobretudo, à atividade pastoril e, secundariamente, à agricultura.¹⁶ Apesar da fertilidade do solo, conservaram por muito tempo esse modo tradicional de vida, devido, provavelmente, à herança cultural do modo de vida nômade indo-europeu¹⁷. O desenvolvimento inicial da sociedade romana, em aspectos variados, deveu-se a um fato histórico decisivo: a expansão do domínio etrusco a Roma. Os etruscos, politicamente dominantes em várias regiões da Itália entre os séculos VII e V a.C., construíram uma rica civilização de caráter urbano, cujas instituições, forma de governo, tradições religiosas, culturais e conhecimentos e técnicas agrícolas os romanos assimilaram, em grau variado.¹⁸

A organização social de Roma que se desenvolveu sob o domínio dos reis etruscos, caracterizada por um complexo sistema de ligações entre famílias e estratificação relativamente simples – a aristocracia e o povo, dependente dessa mesma aristocracia –, manteve-se, em parte, na República, com a diferença de a aristocracia exercer as funções que antes cabiam ao rei: chefe militar, juiz e pontífice máximo. No início da República, os romanos já dispunham de agricultura consolidada; e a família era a unidade econômica, social e religiosa: o chefe de família (*pater familias*) detinha uma autoridade (*auctoritas*) que lhe conferia poder ilimitado sobre a mulher, os filhos e os bens de família (*res familiaris*) e a orientação da produção agrícola. Naturalmente, esse modo de produção se destinava à subsistência e se baseava no trabalho familiar em pequenas extensões de terra.¹⁹ Em outras palavras, não se tratava de um sistema destinado à produção e comercialização de excedentes, mas à subsistência do grupo familiar. Nessa fase da história romana, até mesmo a aristocracia senatorial ainda se encontrava diretamente envolvida no trabalho agrário.²⁰

Até o início do século IV, Roma ostentava a estrutura dominante de cidade-estado arcaica: organização social baseada em estratificação simples – aristocracia dominante e

¹⁶ Cf. ALFOLDY, 1989, p.17-18.

¹⁷ Cf. ROBERT, 1985, p.82. *apud* TREVIZAM, 2006, p.15.

¹⁸ Cf. ALFOLDY, 1989, p.18-19.

¹⁹ Cf. ALFOLDY, 1989, p.20-21.

²⁰ Cf. KOLENDO, 1993, p.218. *apud* TREVIZAM, 2006, p.16-17.

plebe, política e economicamente dependente – e área de domínio territorial limitada aos arredores da cidade. A partir das primeiras décadas do século IV, porém, iniciou-se uma mudança radical nessa organização social. O número de pessoas sem terra aumentara muito, devido ao crescimento natural da população, criando tensão social; e a expansão das fronteiras territoriais, via conquista, não minimizara os conflitos²¹, visto que, no crescente processo de acumulação de terras, decorrente da prática de dirigentes enriquecidos em guerras se apropriarem de enormes extensões de terras públicas²², a aristocracia senatorial encontrou um meio eficaz de opor-se às mudanças sócio-político-econômicas em progresso com a expansão das conquistas, particularmente ao crescimento da ordem equestre e às ameaças de ver-se despojada de base material para conservar-se dominante no poder.²³

Em meados do século IV, já consolidada a posição romana no Lácio, inicia-se a expansão territorial por meio de guerras de conquistas. A razão dessas guerras não se deve apenas ao desejo irracional de expansão, mas à necessidade de terras para resolver o problema fundiário romano. Do ponto de vista da estrutura econômica, Roma era ainda um Estado agrário primitivo, a grande maioria da população vivia da agricultura e da pecuária, e a posse da terra era a principal fonte e símbolo de poder.²⁴

No século III, a organização da sociedade romana já apresentava estratificação mais complexa, mas continuava fortemente aristocrática. A aristocracia senatorial constituía uma pequena parcela da população, mas seu domínio sobre a plebe e, principalmente, sobre as assembleias do povo estava garantido institucionalmente. Domínio inconcebível sem os privilégios e a posse de terras que sua posição social lhe conferia. O Estado Romano, após as duas grandes Guerras Púnicas e o avanço vertiginoso da expansão territorial, tornou-se uma potência vitoriosa. Essa condição propiciou a formação de um novo modelo social e de novas tensões sociais. A expansão romana significou, por vezes, a decadência do sistema produtivo familiar do campesinato itálico, visto que as terras se acumulavam nas mãos da elite, por meio de compra ou privilégios políticos na distribuição das terras conquistadas, formando propriedades fundiárias que empregavam abundante mão de obra escrava e técnicas agrícolas mais eficientes, o que, por sua vez, impedia a manutenção das pequenas propriedades.²⁵ Essas dificuldades arruinaram o sistema produtivo tradicional, baseado na pequena propriedade

²¹ Cf. ALFOLDY, 1989, p.36-37.

²² Cf. ROBERT, 1985, p.89. *apud* TREVIZAM, 2006, p.18.

²³ Cf. GRIMAL, 1992, p.103. *apud* TREVIZAM, 2006, p.17-18.

²⁴ Cf. ALFOLDY, 1989, p.42-45.

²⁵ “La fuga dalle campagne, la dilatazione dell’urbanesimo, la crescita illimitata del commercialismo produssero in Italia l’abbandono delle piccole unità fondiarie che poterono a mano a mano coagularsi e provocarono la concentrazione nelle mani di pochi proprietari.” (SIRAGO, 1995, p.303).

familiar, e converteram agricultores em proletários, obrigando-os a migrar para as cidades ou empregarem-se como trabalhadores livres em propriedades rurais que lhes pertenceram. Tal situação agravou-se durante a Segunda Guerra Púnica: o conflito esvaziou algumas áreas da Itália, seja mobilizando homens para as batalhas, seja fazendo-os fugir por medo da presença dos exércitos cartagineses no território itálico, comprometendo a produção nessas áreas.²⁶

A Segunda Guerra Púnica assinalou transformações estruturais profundas no Estado Romano, que, vitorioso, tornou-se a potência dominante no Mediterrâneo e incorporou imensos territórios, com produção agrícola desenvolvida. As implicações dessa expansão territorial foram significativas no desenvolvimento econômico e social das fases posteriores da República. A oferta abundante de cereais tornava supérfluas certas culturas na Itália, sobretudo, a cerealífera e propiciava o cultivo de produtos destinados ao comércio, oliveiras e videiras. Além disso, havia disponibilidade de mão de obra escrava e livre e mercados extensos e sem concorrentes para os produtos romanos. Dessa forma, formou-se no Estado Romano uma nova e complexa organização social: no alto da pirâmide, situava-se a aristocracia senatorial, com privilégios baseados no nascimento, na formação intelectual e na posse de terras; depois, vinham os membros da ordem equestre, ricos proprietários de terras e empresários; seguia-se uma série de grupos sociais; e, na posição mais baixa, os escravos.²⁷

A passagem do século III para o II assinala na história agrária romana um período de “revolução”: o surgimento de um sistema produtivo decididamente voltado para a intensa comercialização de excedentes. Os grandes proprietários, aproveitando as novas oportunidades, passam a explorar intensivamente a terra, aplicando-se aos cultivos mais lucrativos (oliveiras e videiras), em detrimento da cultura de cereais, delegando, por vezes, a administração dos *fundi* a trabalhadores especializados.²⁸ Nesse ponto da história romana, nota-se o distanciamento das elites do modo tradicional de vida e de produção agrária²⁹. Os grandes proprietários deixam o campo para residirem na cidade, visitando-o apenas de tempo em tempo para verificar a administração do *villicus*; e passam a prover suas casas urbanas de jardins e fontes que recriam, ainda que de forma artificial e idealizada, o ambiente rural.³⁰

Apesar das mudanças no sistema produtivo, a estrutura sociopolítica tradicional do Estado Romano não se alterara, profundamente, até o fim da República. A elite da sociedade, tal como anteriormente, era constituída pela aristocracia senatorial. Os membros da

²⁶ Cf. ROBERT, 1985, p.89. *apud* TREVIZAM, 2006, p.18.

²⁷ Cf. ALFOLDY, 1989, p.57-59.

²⁸ Cf. SIRAGO, 1995, p.243-247.

²⁹ Cf. TREVIZAM, 2006, p.19.

³⁰ Cf. GRIMAL, 1967, p.49-57.

ordem equestre detinham, também, posição dominante, apesar de o exercício de funções de chefia no Estado só lhes ser facultado, institucionalmente, por meio da admissão ao Senado. Abaixo dessas camadas, homens livres ou libertos, ricos ou pobres, compunham uma série de ordens; a mais baixa delas, escravos, destinava-se, sobretudo, ao trabalho agrícola em grandes propriedades. Essa organização se manteve em numerosas crises nos últimos tempos da República: a questão agrária e a atribuição de terras a camponeses ociosos foi, apenas, parcialmente, resolvida com a colonização do solo da Itália e das províncias conquistadas; e os conflitos entre a aristocracia senatorial e a ordem equestre não chegavam à resolução.

A crise apontava para uma única solução política possível: a substituição da oligarquia por um governo concentrado nas mãos de um só homem. Assim, após vários conflitos, instaurou-se o poder em Augusto, que dotou a sociedade romana de organização política e orientação “espiritual” que ela buscou por muito tempo. Os dois primeiros séculos do Império – do governo de Augusto (27 a.C.-14 d.C.) até, aproximadamente, ao de Antonino Pio (138-161) – constituíram a época mais florescente da história político-econômica e cultural de Roma. Nessa fase, o império atingiu a máxima extensão geográfica, conheceu um período relativamente pacífico, e se manifestou um surto de desenvolvimento econômico. A produção agrícola cresceu em locais onde a agricultura já era tradicionalmente importante, como no Egito e na África, e se desenvolveu em territórios, até então, atrasados, como no Norte do Império. Esse crescimento quantitativo e qualitativo da produção deveu-se à introdução de novas espécies vegetais e animais oriundas do Sul da Itália em outras localidades do Império, ao desenvolvimento de técnicas agrícolas e de métodos produtivos mais rentáveis em propriedades médias e grandes e ao emprego de mão de obra especializada.

Finalizada a breve exposição do contexto histórico em que surge a literatura agrária latina³¹, seguem-se comentários dos objetos eleitos para estudo – *Geórgicas* de Virgílio e *De Re Rustica* de Columela.

³¹ “Por Literatura Agronômica o Agrícola en el panorama literario greco-romano se entiende el conjunto de obras que tienen por objeto la exposición preceptiva de las labores y los trabajos propios de la vida en el ámbito rural, del *ager*, y por tanto del hombre *rusticus*, en oposición al *urbanus*. Desde esta perspectiva se comprende sin problemas que las obras latinas *De agricultura* no se circunscriben estrictamente a la agricultura, entendida sólo en sentido moderno como arte de cultivar la tierra, sino que engloben también otros trabajos y actividades característicos de la economía rural (la *res rustica*) como la arboricultura, la ganadería, la avicultura, la apicultura o la administración misma de la *uilla*, la finca en suelo rústico.” (AGUILAR, 2006, p.247).

AS GEÓRGICAS DE VIRGÍLIO

As informações de que dispomos sobre Virgílio resultam de composição semelhante a um mosaico, em que pequenas tesselas são unidas para formar um quadro geral; ainda que seja possível compor uma imagem aproximada do objeto, há muitas lacunas que dão margem a especulações e conjecturas várias. Sabe-se que *Publius Vergilius Maro* nasceu em Andes, aldeia nos arredores de Mântua, no ano 70 a.C., sob o primeiro consulado de Licínio Crasso e Pompeu Magno. O *nomen* de sua *gens*, *Vergilius*, sugere que sua família paterna pertence à composição etrusca dos mantuanos, o que é reforçado por seu *cognomen*, *Maro*, termo etrusco. A epigrafia testemunha abundantemente os *Vergilii* em terras etruscas; enquanto o sobrenome *Maro* é raro. Esse termo designa uma magistratura, e não é incomum que um título oficial seja atribuído a uma família. O nome de sua mãe, Magia Pola, indica que sua família materna tem origem romana. Os biógrafos antigos insistem na condição modesta de *Vergilius Maro*, pai do poeta: uns creem-no um ceramista; outros, um funcionário subalterno (*uiator*). A origem modesta não implica que ele tenha cultivado com as próprias mãos a propriedade em Andes, porque o trabalho manual era executado por escravos. Mas ele foi um *agricola*, um habitante do campo que frequentava a cidade apenas em datas importantes ou para tratar de questões pessoais. Nesse ambiente agrário passou o poeta sua primeira infância, em contato direto com a terra cujas atividades são reguladas pelo tempo real, as estações do ano e o curso dos astros; em oposição ao tempo artificial de um romano de Roma, um *urbanus*, marcado pelo calendário da vida política: os dias em que há assembleias, festas religiosas, entre outras atividades.³²

A primeira infância do futuro poeta transcorreu em Mântua. Depois se transfere para Cremona a fim de continuar seus estudos, e aí permaneceu até a maioridade, quando tomou a toga viril aos 15 anos, exatamente por ocasião em que Licínio Crasso e Pompeu Magno, os mesmos cônsules do ano de seu nascimento, exerciam seu segundo mandato (55 a.C.). E, segundo as *Vitae Vergilianae*, no mesmo dia em que morreu o poeta Lucrécio.³³

A Mântua da história não era nem mesmo cidade romana quando Virgílio nasceu. Pertencia oficialmente à Gália Cisalpina e seus habitantes receberam o *Ius Latii* no ano 89 a.C., mas só em 42 a.C. tornou-se plenamente cidade romana. Virgílio, ainda quando ovacionado como poeta em Roma, permaneceu um itálico orgulhoso de sua origem

³² Cf. GRIMAL, 1985, p.25-26.

³³ Cf. VIRGÍLIO, 2008, p.30-31.

provinciana e consciente da constituição plural da *Vrbs*. Os nomes de Mântua e do Míncio³⁴ (rio mantuano) são celebrados em suas três grandes obras: nas *Bucólicas*, o poeta despojado dos bens paternos se compadece da sorte da cidade e de seus concidadãos³⁵; nas *Geórgicas*, entende que as vitórias de Augusto são promessa de retorno de seus concidadãos a Mântua³⁶; e na *Eneida*, em uma cena, o poeta descreve a linhagem de Mântua como sendo mais antiga que a de Roma, cujo vigor se deve à origem etrusca; e cita o rio Míncio, que transporta as embarcações dos guerreiros mantuanos que se unem a Eneias e aos rútilos contra Mezêncio.³⁷

Realizados os primeiros estudos em Cremona, Virgílio passa, em 52 a.C., a Milão e Roma, onde ocorre o coroamento de seus estudos. Deve ter chegado à *Vrbs* antes de 50 a.C. Aí, relaciona-se com jovens poetas (*poetae noui*): com alguns já se relacionava, porque eram conterrâneos seus da Gália Cisalpina, como Alfeno Varo; com outros iniciou amizade que manteve toda a vida, como, por exemplo, com Vário Rufo e Asínio Polião. Eles, ao lado de outros – Catulo morrera em 55 a.C. –, formavam uma espécie de geração poética ao redor de um programa estético rejeitado pelos romanos tradicionais formados na veneração a Ênio e aos antigos poetas: o programa da cultura poética alexandrina, na recusa da obra extensa, na preferência por obras breves, douradas e refinadas; no cultivo de temas subjetivos e da expressão do sentimento pessoal, alheio a todo propósito didático e ao compromisso social e político.³⁸ Se o jovem Virgílio foi um poeta neotérico – como sugerem as pequenas composições reunidas no *Appendix Vergiliana*, a assimilação das novidades, sobretudo na língua poética

³⁴ A harmonização entre a história de Mântua e o tratamento que lhe dá Virgílio pode ser vista de forma concisa em Grimal (1985, p.9-19).

³⁵ “*Vare, tuom nomen, superet modo Mantua nobis, Mantua uae miserae nimium uicina Cremonae, cantantes sublime ferent ad sidera cycni.*”. (*Ec.* IX 27-29) “Varo, teu nome, contanto que Mântua nos seja conservada, Mântua, ai!, demasiado vizinha à infeliz Cremona, os cisnes cantantes o elevarão muito alto até os astros.” (Tradução nossa).

³⁶ [...] *primus Idumaeas referam tibi, Mantua, palmas, et uiridi in campo templum de marmore ponam/propter aquam, tardis ingens ubi flexibus errat/Mincius et tenera praetexit harundine ripas.* (*Geórg.* III 27-29) “eu, o primeiro te trarei, oh Mântua, as palmas idumeias e no campo verdejante construirei um templo de mármore, junto à corrente onde o caudaloso Míncio erra em repousadas voltas e teceu suas margens de tenras canas.” (Tradução nossa).

³⁷ *Ille etiam patriis agmen ciet Ocnus ab oris, fatidicae Mantus et Tusci filius amnis, /qui muros matrisque dedit tibi, Mantua, nomen, /Mantua diues auis, sed non genus omnibus unum: /gens illi triplex, populi sub gente quaterni, /ipsa caput populis, Tusco de sanguine uires. hinc quoque quingentos in se/ Mezentius armat, /quos patre Benaco uelatus harundine glauca/Mincius infesta ducebat in aequora pinu.* (*En.* X 198-206) “Também da pátria move as armas Ocnos, / prole da vate Manto e um Tusco rio, / que o nome da mãe deu-te em muros, Mântua; / Mântua, rica de avós, não de uma estirpe, / de tribos três, por tribo quatro cúrias, / é cabeça, e te alenta sangue Etrusco. / Dali contra Mezêncio, em pinho infesto, / Do pai Benaco o Míncio, de arundíneo/ verdoengo véu, despeja mais quinhentos.” (Tradução de Manuel Odorico Mendes).

³⁸ Cf. VIRGÍLIO, 2008, p.40-42.

latina, que os neotéricos introduziram na Literatura Romana³⁹ –, não permaneceria sempre como tal.

Virgílio deixa Roma e se encaminha à escola de Sirão em Nápoles, em 50 ou 49 a.C., para refinar sua formação e estudar a filosofia epicurista. Nas *Geórgicas*, o poeta recorda esse alegre e profícuo período de estudos e seus companheirismos.⁴⁰ Esses estudos abarcavam um amplo círculo de saberes e interesses, além da filosofia propriamente dita, poesia, música, política e ensinamentos físico-naturais em que Virgílio já era iniciado. Naturalmente, essas leituras não converteram Virgílio em um epicurista, mas lhe forneceram uma série de ensinamentos que assimilou e estão presentes em sua obra, sem impedi-lo de acolher mais tarde elementos do estoicismo ou de outras correntes filosóficas.

No período entre a travessia do Rubicão por César (49 a.C.), com o início consequente das guerras civis e a batalha de Filipos (42 a.C.), não há notícias exatas sobre o paradeiro de Virgílio: se teria permanecido em Nápoles, em Roma ou retornado a sua terra natal. Parece que a propriedade familiar do poeta foi ameaçada de confisco. Na primeira *Bucólica* aparecem contrastadas a sorte do pastor Tíro, que desfruta tranquilo de seus bens, e a do infeliz Melibeu, despojado de suas terras por um *impius miles* (“um ímpio soldado”) e obrigado a exilar-se. A situação de Melibeu parece se estender a todos, em toda parte; por isso, ao perguntar a Tíro a quem deve sua fortuna, esse responde que a um jovem que socorreu Roma (referência a Augusto) e que, desde então, será para Tíro um deus.⁴¹

Em Nápoles, sua doce *Parthenope*⁴², compôs as *Geórgicas* (39-29 a.C.), como ele próprio revela nos versos finais do livro IV⁴³. Embora seja obra de livre inspiração poética, implica a adesão de Virgílio ao programa restaurador que Mecenas conduzia sob impulsos de

³⁹ “[...] sous le titre d’*Appendix Vergiliana*: on y trouve un peu de tout ce qui relève de l’inspiration alexandrine [...] qui témoignent des travaux poétiques de Virgile dans ce ‘laboratoire poétique’ où les genres mineurs suscitaient le plus grand intérêt.” (GAILLARD, 1992, p.73).

⁴⁰ *Illo Vergilium me tempore dulcis alebat/Parthenope studiis florentem ignobilis oti* (Geórg. IV 563-564). “Por aquele tempo, a doce Partênope nutria a mim, Virgílio, alegre em meus interesses de um ócio inglório” (Tradução nossa) Partênope é o nome poético de Nápoles.

⁴¹ *O Meliboe, deus nobis haec otia fecit./namque erit ille mihi semper deus, illius aram/saepe tener nostris ab ouilibus imbuet agnus.* (Ec. I 6-8) “Ó Melibeu! Um deus concedeu-nos este ócio, porque ele será sempre para mim um deus; seu altar, um tenro cordeirinho de nosso rebanho com frequência o tingirá.” (Tradução nossa)

⁴² *Parthenope*: designação poética de Nápoles, em cujas cercanias acreditava-se localizar a tumba da sereia Partênope.

⁴³ *Haec super aruorum cultu pecorumque canebam/et super arboribus, Caesar dum magnus ad altum/fulminat Euphraten bello uictorque uolentis/per populos dat iura uiamque affectat Olympo. /Illo Vergilium me tempore dulcis alebat/Parthenope studiis florentem ignobilis oti, /carmina qui lusi pastorum audaxque iuuenta, /Tityre, te patulae cecini sub tegmine fagi.* (Geórg. IV 559-566). “Eu cantava essas coisas sobre a cultura dos campos, dos rebanhos e sobre as árvores, enquanto o grande César fulminava o profundo Eufrates com a guerra e, vencedor, ditava leis aos povos aquiescentes e abria uma via até o Olimpo. Por aquele tempo, a doce Partênope nutria a mim, Virgílio, alegre em meus interesses de um ócio inglório, eu que compus cantos pastoris, e que, audacioso por minha juventude, cantei a ti, ó Tíro, sob o dossel de frondosa faia.” (Tradução nossa)

Augusto, que encontrou no poeta mantuano um colaborador inteligente de sua política de exaltação da paz e do trabalho.

Tão logo concluiu as *Geórgicas*, Virgílio passa à composição da *Eneida*, a que se dedicou até a data de sua morte, em 19 a.C., quando retornava de viagem à Grécia. Acredita-se que o propósito dessa viagem seria coletar dados e impressões para dar os últimos retoques na *Eneida*, que ficara sem o acabamento final.

As *Geórgicas* como poema didático

As *Geórgicas*, por vezes consideradas a obra prima de Virgílio⁴⁴, e a menos prestigiada pelo público leitor⁴⁵, pertencem ao gênero da poesia didática, cuja tradição literária caracterizada por certos traços distintivos se inicia com *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, no século VIII a.C. Durante os séculos em que tal forma foi praticada, características internas, como, por exemplo, a onipresença do caráter de ensinamento, o enfoque de temas técnico-filosóficos e a voz de um *magister* didático que se dirige a um *discipulus* colaboraram para a particularização do gênero.⁴⁶ Há outros aspectos de *Os trabalhos e os dias* que são prototípicos da poesia didática: o metro é normalmente o hexâmetro datílico, a extensão do poema hesiódico (*Os trabalhos e os dias*) é uma referência para seus sucessores didáticos e o emprego de painéis ilustrativos.⁴⁷

A ordenação dos preceitos agrários no poema virgiliano apresenta-se da seguinte maneira: quatro livros, compostos em hexâmetro datílico, em que se discute um conjunto de

⁴⁴ “Il est certain que les *Géorgiques*, qui sont l’oeuvre de Virgile la plus parfaite, témoignent d’un long travail. L’équilibre de la composition, qui donne aux quatre chants de longueurs voisines, la pureté de la langue, toujours claire et harmonieuse, la vérité des épisodes, la précision d’une pensée qui parvient à illustrer chaque technique de l’agriculture en l’associant à des images inoubliables, rien de tout cela ne saurait avoir été donné par les dieux.” (GRIMAL, 1985, p.117)

⁴⁵ “Una lunga tradizione che da Concetto Marchesi risale fino al Leopardi vede nelle *Georgiche* l’opera più perfetta di Virgilio, la sua prova più felice tra una raccolta come le *Bucoliche*, in cui ancora si avvertono alcuni limiti di inesperienza, e un epos celebrativo come l’*Eneide*, rimasto incompiuto e con evidenti segni della mancata rifinitura [...]. Ma di fronte a questa posizione privilegiata che l’autore stesso e la critica più accorta hanno assegnato al poema della campagna c’è l’evidente minore fortuna di cui esso ha sempre goduto presso il grosso pubblico: già nei graffiti di Pompei è enorme la sproporzione fra le citazioni dalle *Bucoliche* e dall’*Eneide*, composizioni di grande successo presso le più svariate categorie sociali, e quelle dalle *Georgiche*, praticamente ignorate.” (POLARA, 1983, p.3)

⁴⁶ Cf. TOOHEY, 1996, p.21. *apud* TREVIZAM, 2006, p.147.

⁴⁷ “There are other aspects of the *Works and Days* which are prototypical for didactic epic. The metre is the dactylic hexameter. The majority of subsequent didactic poems will adopt this as their standard. Length is also important. Hesiod once again sets a benchmark. We can see this more readily by comparing later didactic poems. The length of the *Works and Days*, between approximately 764 and 828 lines (it depends on whether you take vv.765-828 as genuine), represents what seemed to become a fairly standard span for a book of didactic verse. [...] And finally there is the use of the illustrative panel. The *Works and Days* exhibits ample use of this.” (TOOHEY, 1996, p.23) [Note-se que Toohey refere-se à poesia didática como “didactic epic”, “épica didática”.]

ensinamentos relacionados aos trabalhos rurais, a saber: o livro I aborda a lavoura; o II, a arboricultura, sobretudo, a viticultura; o III, a pecuária de grandes e pequenos animais; e o IV, a apicultura. Cada um dos livros abriga uma longa digressão: no primeiro, a exposição de prodígios que acompanharam a morte de César; no segundo, o elogio à Itália; no terceiro, o episódio da peste que devasta a região alpina do Nórico; e no quarto, o episódio de Aristeu, no qual se insere o de Orfeu e Eurídice.

Ao iniciar as *Geórgicas*, o talento poético de Virgílio já estava assegurado com a obra precedente, as *Bucólicas*, dez églogas de temas campestres e pastoris. O seu propósito, porém, ao compor um poema sobre temas agrários não foi somente transmitir uma série de conhecimentos técnicos sobre os trabalhos do campo⁴⁸, como, por exemplo, o tempo propício para realizar o plantio e a colheita ou os procedimentos adequados para castrar as colmeias. Se nos fixássemos apenas nesse aspecto temático, a obra seria classificada como um tratado técnico de agronomia⁴⁹; mas as *Geórgicas* representam muito mais do que um simples compêndio de aplicação prática sobre métodos a seguir na agricultura.⁵⁰ Essa afirmação surge de um fato facilmente comprovável: da totalidade de preceitos úteis e práticos em cada ramo da agricultura, Virgílio seleciona apenas os que convêm à finalidade artística e gravidade moral de cada episódio. Tal atitude é significativa, porque estabelece uma clara distinção entre a poesia didática e os tratados técnicos sobre agricultura. Essa oposição, guardadas as particularidades inerentes aos objetos, é semelhante à estabelecida por Aristóteles entre a poesia épica e as narrativas históricas:

[...] não sejam os arranjos [da poesia épica] como os das narrativas históricas, onde necessariamente se mostra, não uma ação única, senão um espaço de tempo, contando tudo quanto nele ocorreu a uma ou mais pessoas, ligado cada fato aos demais por um nexo apenas fortuito. [...] [Homero] não tentou narrar a guerra inteira [...] Ele, porém, tomou apenas uma parte e lançou mão de muitos episódios, que distribuiu em seu poema [...]⁵¹

⁴⁸ Cf. FLORIO, 1997. p.48-49.

⁴⁹ “Traditionally, technical writing has been defined in terms of its utility and in opposition to literature, and this position still has some currency. [...] the rigidity of the distinction between literary and nonliterary text makes it difficult to explore shared material and shared concerns across didactic poetry and prose writings [...]. There has been an alternative movement, however, that argues for more flexible boundaries between technical and other sorts of writing produced at Rome. The idea of a *spazio letterario*, introduced by Guglielmo Cavallo and others, has been particularly productive in breaking down rigid divisions between literary and nonliterary texts in antiquity: despite their differences, almost all texts were written and read in the same milieu, governed by the same rules of literary production.” (DOODY, 2007. p.182)

⁵⁰ O filósofo e escritor Sêneca (4 a.C.-65 d.C) já fazia justiça à opinião de que Virgílio compusera um poema: “O nosso poeta, aliás, cuidava menos da verdade que da beleza literária, interessado como estava em proporcionar prazer aos seus leitores, e não em dar lições aos homens do campo!”. (SÊNECA, 2004, p.400. Tradução de J. A. Segurado e Campos).

⁵¹ ARISTÓTELES, HORÁCIO E LONGINO, 1997, p.45-46.

Nessa passagem, Aristóteles nos informa que o poema épico deve apresentar uma “ação única”; e para isso o poeta não deve narrar todos os acontecimentos decorridos num espaço de tempo, mas selecionar e integrar na obra apenas uma parte dos episódios históricos ou mitológicos cujos motivos desempenham papéis significativos na organização da obra.

Virgílio exhibe essa mesma atitude (fundada, naturalmente, em concepções estéticas seguras a respeito da composição do poema didático) na elaboração das *Geórgicas*, porque desenvolve temas de menor interesse prático para agricultores e omite outros de fundamental importância, como, por exemplo, os usos da cera produzida a partir dos favos de que foram extraídos os méis. Essa informação seria importante para os agricultores, que poderiam aumentar seus lucros com um produto derivado da castração das colmeias; e esse silêncio indica que o poeta seleciona os temas de maior potencial estético, privilegiando a função poética em detrimento da informativa.⁵²

Apenas para ilustrar a apresentação de temas relevantes para a vida diária no campo que o poeta omite, citamos a passagem em que Columela se refere à cera:

*XVI. Cerae fructus aeris exigui non tamen omittendus est, cum sit eius usus ad multa necessarius. Expressae fauorum reliquiae, posteaquam diligenter aqua dulci perlutae sunt, in uas aeneum coniciuntur: adiecta deinde aqua liquantur ignibus. Quod ubi factum est, cera per stramenta uel iuncos defusa colatur, atque iterum similiter de integro coquitur, et in quas quis uoluit formas aqua prius adiecta defunditur: eamque concretam facile est eximere, quoniam qui subest humor non patitur formis inhaerere.*⁵³

XVI O produto da cera, ainda que de pequeno valor, não deve, contudo, ser omitido, visto que seu uso é necessário para muitas coisas. As partes remanescentes dos favos espremidos, após terem sido diligentemente lavadas em água-doce, são colocadas em um vaso de cobre; depois, juntando-se água, são derretidas ao fogo. Quando isso ocorreu, verte-se a cera derretida através de palhas ou juncos; e novamente se recomeça da mesma maneira o cozimento e a cera é vertida nos moldes desejados, tendo-se antes adicionado água. Dura, é fácil retirar a cera, porque o líquido que está no fundo não lhe permite aderir aos moldes. (Tradução nossa)

Observa-se que o agrônomo oferece um conjunto de técnicas minuciosas aos leitores, que lhes permitem reproduzir o processo que ele descreve, isto é, a maneira de converter em cera os favos remanescentes da extração do mel. O modo de apresentar o assunto, a apresentação pormenorizada de informações e a preocupação em atender as

⁵² “Quanto à seletividade, já foi observado à exaustão que, ao lado da omissão de certos assuntos de fundamental importância para os *agricolae* romanos, Virgílio dá ênfase aparentemente injustificada a outros desprovidos do mesmo peso prático.” (TREVIZAM, 2006, p.157) e “Not only are essential points omitted, but the selection is itself strange.” (DALZELL, 1996, p. 107).

⁵³ RR. IX 16.

necessidades práticas do leitor-agricultor qualificam o texto de Columela como um tratado técnico, menos preocupado com o aspecto literário.

Virgílio, porém, não pretendeu transmitir um catálogo de técnicas agrícolas. Nas *Geórgicas*, os temas agrários parecem desempenhar função secundária (admirável, tratando-se de um poema relativo a assuntos agrários!), o centro de interesse é o homem, o sentido de sua existência e sua participação na engrenagem universal.⁵⁴ Mas não se trata de um poema de tema filosófico, ainda que existam, como em muitos autores da Antiguidade, ideias provenientes de distintos sistemas filosóficos.

Afiliações genéricas e antecedentes temáticos das *Geórgicas*

Hesíodo é considerado o precursor da poesia didática porque deixou um valioso legado – *Os trabalhos e os dias* – que foi assimilado e prosseguido pelos seus sucessores. Os poetas didáticos latinos dão testemunho da autoridade de Hesíodo, indicando essa filiação: Virgílio refere-se às *Geórgicas* como *carmen Ascraeum*, “poema de Ascra” (Hesíodo era natural de Ascra, na Beócia):

*Ascraeumque cano Romana per oppida carmen*⁵⁵

canto o poema de Ascra através das cidades romanas. (Tradução nossa)

Columela, nos versos finais do livro décimo do *De re rustica*, repete as palavras de Virgílio:

*Hactenus hortorum cultus, Siluine, docebam
Siderei uatis referens praecepta Maronis,
Qui primus ueteres ausus recludere fontes
Ascraeum cecinit Romana per oppida carmen.*⁵⁶

Até aqui, Silvino, preceituava do cultivo das hortas, os ensinamentos do vate celestial, Marão, ecoando, ele que primeiro ousou abrir velhas fontes e cantou ascreu poema por cidades romanas. (Tradução nossa)

⁵⁴ “[...] o poema virgiliano contempla dois níveis didáticos: o superficial, o agrícola, digamos, recobre uma segunda mensagem mais profunda e articulada, que é aquela da ética da nova moral. Dentro da linha do gênero didascálico verifica-se a paradoxal situação de um texto que tem um fim didático declarado – o agrícola – menos real do que outro, não declarado – o ético.” (PERUTELLI, 2010, p.309-310).

⁵⁵ *Geórg.* II 176.

⁵⁶ *RR.* X 433-436.

Hesíodo moldou a tradição da poesia didática latina, e algumas características de sua obra, como dissemos, tornaram-se traços definidores do gênero: o processo ensino-aprendizagem, em que participam dois componentes privilegiados, o *magister* e o *discipulus*, com o objetivo claro de transmitir determinados preceitos. De fato, a poesia didática implica sempre a existência de um destinatário (*discipulus*), com quem o leitor, interessado de alguma forma no tema abordado, se identifica. A maior parte dos poetas didáticos identifica nos seus poemas esses destinatários, e assim acontece com Virgílio e Columela. A quem (*magister*) pretende ensinar uma matéria impõe-se a necessidade prévia de firmar sua autoridade na inspiração divina, ainda que não sejam unicamente os deuses o garante dessa autoridade – após a invocação aos deuses agrestes, nas *Geórgicas I*, Virgílio invoca a Augusto, a quem espera a eleição para a assembleia dos deuses⁵⁷. Outro traço característico da poesia didática é o emprego de digressões intercaladas na exposição de preceitos técnicos, o que não deve ser interpretado como afastamento da função informativa uma vez que não há ruptura da relação ensino-aprendizagem já estabelecida entre *magister* e *discipulus*, mas desenvolvimento por meio de outros recursos: narrativas míticas, símiles, entre outros. O poeta aproveita esses excursos para variar o tom da exposição didática ou até fugir à aridez do tema tratado.⁵⁸

Apesar da vinculação ao modelo compositivo, a influência cerrada do poema hesiódico nas *Geórgicas* se limita a partes do livro I, sobretudo naquelas dedicadas aos “trabalhos” (I 43-256) e aos “dias” (I 257-310).⁵⁹

Na composição das *Geórgicas*, Virgílio recorre a variado e rico acervo cultural grego e latino, consulta as obras de seus contemporâneos e as da tradição, estudando os textos poéticos e os técnicos. Das variadas e abundantes leituras soube selecionar e harmonizar com maestria informações e elementos vários que conferem ao poema um caráter singular. Das fontes gregas, os registros incluem os três poemas didáticos de Nicandro de Colofão⁶⁰ *Geórgicas*, *Teríacas* (remédios contra picadas de cobras), *Melisúrgicas* (sobre as abelhas), de Arato, *Phainomena* (tratado sobre fenômenos meteorológicos), de Aristóteles, *História dos animais*, de Teofrasto, *História das Plantas*, entre muitas outras.⁶¹

No que se refere à literatura agrária latina, os antecedentes temáticos das *Geórgicas* são *De agri cultura* de Cato Censor e *De re rustica* de Varrão de Reate. Essas

⁵⁷ Cf. *Geórg.* I 24-42.

⁵⁸ Cf. TREVIZAM, 2006, p.152.

⁵⁹ Cf. FARRELL, 1991, p.134. in TREVIZAM, 2006, p.161-162.

⁶⁰ “Quintiliano cita a Nicandro de Colofón (s. II a.C) como maestro de Virgilio, en sus tres obras, *Teríacas*, conservada, y *Geórgicas* y *Melisúrgicas*, desaparecidas.” (VIRGÍLIO, 2008, p.233).

⁶¹ Citamos aqui apenas as obras “didáticas e/ou técnicas”, mas quem desejar conhecer com detalhes as fontes virgilianas encontrará nas “*Lecturae uergilianae: Le Georgiche*” (GIGANTE, 1982) indicação detalhada das fontes consultadas por Virgílio na composição de cada um dos quatro livros.

obras, Virgílio as assimilou e “expandiu as reverberações de sentido associáveis a esse conteúdo através de substancial enriquecimento em vários aspectos constitutivos do poema”.⁶² Embora tenha sido escrito originalmente em púnico, acrescentamos a essa lista o tratado sobre agricultura do cartaginês Magão⁶³, traduzido para o latim por ordem do senado romano após a conquista de Cartago. Essas obras constituem as fontes mais importantes de que se serviu o poeta ao compor seu elogio ao campo.⁶⁴ Acrescentem-se a essas leituras Ênio e Lucrécio.

Não é possível avaliar a extensão da influência da obra de Lucrécio sobre Virgílio. A simetria na divisão da matéria poética, a descrição realista e digressões são alguns dos recursos expressivos usuais nos alexandrinos gregos e romanos, Lucrécio empregou-os no *De rerum natura*, de onde Virgílio aprendeu, possivelmente, outro meio para fazer um poema didático atraente e comovedor: o poder da descrição e ideias filosófico-morais expostas com fervor⁶⁵.

Sabe-se que de Lucrécio vêm os fortes ecos do Epicurismo, doutrina que encontra ambiente adequado em um poema com as características das *Geórgicas*, com sua exaltação da vida campesina, afastada das urgências supérfluas da cidade, propícia para obter a ausência de perturbação espiritual a que os epicuristas chamam *ataraxia*: ritmo de vida próximo ao da natureza, tanto na realização da criação quanto em sua continuidade eterna de geração e destruição. Uma felicidade simples, mas de alto valor, que leva Virgílio a destacar em uma passagem de inspiração epicurista a dupla via para alcançar a serenidade espiritual:

*Felix qui potuit rerum cognoscere causas,
atque metus omnis et inexorabile fatum
subiecit pedibus strepitumque Acheruntis auari!
Fortunatus et ille deos qui nouit agrestis,
Panaque Siluanumque senem Nymphasque sorores!*⁶⁶

Feliz quem pode conhecer as causas das coisas, e calçou aos pés todos os medos e o fado inexorável e o estrépito do avaro Aqueronte! Feliz também o que conhece os deuses campestres, Pã, o velho Silvano e as irmãs Ninfas! (Tradução nossa).

Nessa passagem, dois tipos distintos de conhecimento – o conhecimento filosófico e o dos deuses agrestes – conduzem a um mesmo fim, a obtenção da felicidade. O primeiro

⁶² TREVIZAM, 2006, p.181.

⁶³ *Magão*: agrônomo cartaginês cuja obra (28 livros sobre temas diversos, relacionados ao campo) foi traduzida para o latim por ordem do senado romano após a conquista de Cartago.

⁶⁴ Cf. FLORIO, 1997. p.50-51.

⁶⁵ “C’est Lucrèce qui lui fournit les structures fondamentales des *Géorgiques*, les alternances de prologues et d’épilogues qui se répondent [...] et jusqu’à l’usage de la symbolique traditionnelle pour exprimer des réalités qui dépassent le simple constat objectif.” (GRIMAL, 1985, p.147-148).

⁶⁶ *Geórg.* II 490-494.

pressupõe um sábio que, consciente da física epicúrea, alcançou entender a origem da realidade existente; o segundo, refere-se ao camponês que, alheio a especulações e a teorias metafísicas, chega à mesma meta com sua capacidade contemplativa.

Pierre Grimal assim comenta essa passagem:

Si, comme l'enseigne Epicure, la connaissance de la physique, en "demystifiant" les terreurs de la religion populaire, permet d'atteindre au bonheur, il est vrai aussi (Virgile l'ajoute) que la connaissance – c'est-à-dire l'intuition, la vision mystique, au sens épicurien – des divinités rustiques conduit au même résultat. Ce ne sont pas ces divinités qui donnent le bonheur, par un acte de grâce, mais leur contemplation qui purifie l'âme et lui assure le calme, à l'abri des passions, surtout de l'ambition et de l'avarice.⁶⁷

Os dois modos de conhecimento, lembra o crítico, conduzem à felicidade; mas ela não é concedida por um ato de graça dos deuses, decorre da contemplação que purifica a alma e assegura a ataraxia por meio de contenção das paixões, sobretudo ambição e avareza.

As *Geórgicas* devem ter causado profunda impressão espiritual nos romanos, que viram plasmados nessa obra os valores que deram origem e modelaram o caráter do povo; e não menos profunda deve ter sido a simpatia alcançada pelo poeta que soube traduzir o valor moral da vida e os trabalhos camponeses. A composição desse poema didático parece ter deixado pouco espaço aos poetas posteriores para tratarem do mesmo objeto; apenas algum aspecto relacionado ao campo foi ensaiado na sequência do tempo, como, por exemplo, *De cultu hortorum* ("Da cultura das hortas") de Columela, já na época de Nero.

Estrutura das *Geórgicas IV* e breve descrição de suas partes

A estrutura do livro IV das *Geórgicas* é clara e apresenta quatro partes distintas: abre-o um brevíssimo proêmio (vv. 1-7), e encerra-o um epílogo (vv. 559-566); entre eles, duas partes longas, a primeira (vv. 8-314) é predominantemente "didático-poética"⁶⁸ e representa a vida, a morte e o renascimento das abelhas; a segunda parte exibe caráter mais

⁶⁷ GRIMAL, 1985, p.164.

⁶⁸ Armando Salvatore utiliza a expressão "didascalico-poética" para caracterizar essa parte do livro IV, opondo-a à parte seguinte, "di tono epico-elegiaco", numa referência aos episódios de Orfeu-Eurídice e de Aristeu. Aproveitei a primeira expressão, mas evitei a segunda por conter o termo "épico", que alguns críticos utilizam para classificar o gênero didático (Cf. TOOHEY, 1996, p.1-5); apesar de não ser esse o caso de Armando Salvatore, que a emprega para indicar apenas o "tom" dessa seção do livro, referindo-se provavelmente ao relato do mito de Orfeu-Aristeu classificado por alguns críticos de *epýllion* (pequena épica). (Cf. SALVATORE, 1982, p.123).

poético⁶⁹ e nela se encontram os episódios de Aristeu (vv. 315-558), no qual se insere o de Orfeu (vv. 453-527).

Esse livro das *Geórgicas* é inteiramente dedicado às abelhas e aos méis, dom dos céus e dos deuses. Tal exclusivismo, por si mesmo, já é digno de nota, porque indica de forma veemente a importância que o poeta atribui ao tema. Varrão, por exemplo, uma das fontes de Virgílio, incluiu no livro III do *De re rustica* (“Das coisas do campo”) um capítulo às abelhas ao lado de outros dedicados aos vários animais da casa de campo.⁷⁰ Columela, no livro IX de seu *De re rustica* (“Das coisas do campo”), adota procedimento semelhante ao de Varrão: após descrever a criação de animais de granja (apenas no capítulo I), passa a descrever a criação de abelhas nos quinze capítulos restantes. Apesar de o agrônomo não omitir a criação de animais de granja, nota-se, pelo número de capítulos dedicados à criação de abelhas, que esses insetos mereceram tratamento privilegiado. A apicultura era, de fato, uma atividade econômica muito importante em Roma e, por conseguinte, mobilizava grande quantidade de recursos e capital numa época em que o mel era uma fonte de açúcar e um medicamento.⁷¹

Quanto às fontes específicas das *Geórgicas IV*, Virgílio consultou os tratados *Historia animalium* (livro IX, capítulo 40) de Aristóteles e, sobretudo, *De re rustica* (livro III, capítulo 16) de Varrão. Admite-se que o poeta tenha examinado os *Theriaca* de Nicandro e o *De apibus* de Higino. Entre as fontes poéticas, destaca-se *De rerum natura* de Lucrécio, de quem Virgílio toma imagens, expressões e sugestões várias, reconfigurando-as para que se harmonizassem ao novo contexto.⁷²

Vamos ao próêmio (vv. 1-7):

*Protinus aerii mellis caelestia dona
exsequar: hanc etiam, Maecenas, adspice partem.
Admiranda tibi leuium spectacula rerum,
magnanimosque duces totiusque ordine gentis
mores et studia et populos et proelia dicam.
In tenui labor; at tenuis non gloria, si quem
numina laeua sinunt auditque uocatus Apollo.*⁷³

⁶⁹ A ausência de caráter técnico da parte poética não deve ser considerada estranha à organização da poesia didática, porque não implica a ruptura da relação *magister-discipulus* por meio da qual a postura de ensinamento é desenvolvida em outros termos, como, por exemplo, narrativa mítica e fábula. (Cf. TREVIZAM, 2006, p.152).

⁷⁰ “Virgilio annuncia di selezionare come suo unico tema le api – che Varrone per esempio trattava insieme a tutti i vari animali da cortile – e ne dichiara l’eccezionalità, la somiglianza con la società umana (vv. 3-5).” (VIRGÍLIO, 2007, p.174-175. Nota de Alessandro Barchiesi ao livro IV das *Georgiche*)

⁷¹ “L’Antiquité a ignoré le sucre. [...] C’est le miel qui tient lieu de sucre. [...] Le miel était aussi indispensable que le sel. La consommation considérable assurait des profits importants aux apiculteurs. [...] Le miel, vendu par des commerçants spécialisés, servait aux usages réunis du miel et du sucre aujourd’hui, et à d’autres encore.” (ANDRÉ, 2009, p.186-187).

⁷² Cf. GIGANTE, 1982, p.123-124.

⁷³ *Geórg.* IV 1-7.

Prosseguindo, os dons celestes do aéreo mel relatarei: esta parte também, Mecenas, considera. Para tua admiração, direi espetáculos de pequenos assuntos e, em ordem, magnânimos chefes, costumes, ocupações, povos e combates de nações inteiras. Pequeno o trabalho; mas não pequena a glória, se os deuses contrários o permitem e Apolo invocado ouve. (Tradução nossa)

Os sete versos do próêmio distribuem-se de forma equilibrada em três períodos (2, 3 e 2 versos, respectivamente). No primeiro segmento, os termos que iniciam os dois primeiros versos – *protinus* (“continuando”) e *exsequar* (“relatarei”) – indicam a continuidade dos livros precedentes. A expressão *aerii mellis caelestia dona* (“dons celestes do aéreo mel”) contrapõe uma ideia de pureza e suavidade à imagem lúgubre do *morbus caeli* (III, v.478) – o canto III termina com o funesto episódio da peste que assola os animais na região do *Noricum*: a forma *aerii* retoma uma concepção dos Antigos, segundo a qual o mel caía do céu⁷⁴; e *caelestia dona* sugere que ele é um dom do céu e dos deuses. O poeta se dirige a *Maecenas*⁷⁵, a quem dedica o poema e pede que *adspice* (“considere”) o seu canto. No segundo segmento (vv. 3-5), o poeta anuncia que as abelhas constituem o tema único de seu canto e sugere a semelhança entre elas e a sociedade humana. As formas *admiranda tibi... spectacula* (“espetáculos... para tua admiração”) antecipam o caráter surpreendente e maravilhoso das imagens que serão apresentadas aos leitores; enquanto os termos de estrato militar, social e político que caracterizam o livro IV – “*magnanimos... duces totius... gentis / mores et studia et populos et proelia* (“magnânimos chefes, costumes, ocupações, povos e combates de nações inteiras”) – conferem-lhe um tom épico que contrasta com a expressão *leuium... rerum* (“pequenos assuntos”), que confirma a vinculação estética de Virgílio à poética alexandrina, ao ideal calimaqueano de leveza e brevidade.⁷⁶ No segmento final (vv. 6-7), a expressão *in tenui labor* (“pequeno o trabalho”) reafirma o ideal alexandrino da brevidade, no início do mesmo verso (v.6) em que o poeta destaca o valor de sua obra – *tenuis non gloria* (“não pequena a glória”). Por fim, invoca-se Apolo, deus protetor da poesia.

A ênfase do próêmio recai sobre o contraste entre a pequenez das abelhas e a grandiosidade de seu modo de viver, que se apresenta como motivo central do livro IV. Observa-se que a disposição mesma dos dois livros finais das *Geórgicas* sugere esse

⁷⁴ “[...] o mel é uma substância que cai do ar, sobretudo por altura do nascimento dos astros e quando se forma o arco-íris.” (ARISTÓTELES, 2006, v.I. p.238).

⁷⁵ “La posizione del nome assicura che le *Georgiche* sono formalmente dedicate a Gaio Mecenate, influente cavaliere di origine etrusca, ispiratore della politica culturale di Augusto e protettore di Virgilio.” (VIRGÍLIO, 2007, p.137-138. Nota de Alessandro Barchiesi ao livro I das *Georgiche*)

⁷⁶ Cf. GIGANTE, 1982, p.126-127.

movimento do grande ao pequeno (dos animais maiores às abelhas) e, por outro lado, o aprofundamento da complexidade da relação homem-natureza.⁷⁷

A partir de IV 8 inicia-se a parte “didático-poética” do livro, cuja organização dos tópicos que a compõem é a seguinte: eleição do local para instalar as colmeias (IV 8-32); forma das colmeias (IV 33-50); no início da primavera, as abelhas formam enxames e podem travar combates (IV 51-87); escolha de um rei e a maneira de o reconhecer (IV 88-102); forma de reter os enxames desorientados (IV 103-115); digressão: os jardins de Pesto e o que cultivou o velho de Corício em Tarento (IV 116-148); a comunidade monárquica das abelhas (IV 149-196); propagação maravilhosa da espécie (IV 197-209); obediência das abelhas a seu rei (IV 210-218); a organização das abelhas sugere que partilham da natureza divina (IV 219-227); prescrições religiosas para castrar as colmeias duas vezes ao ano (IV 228-238); cuidados que requerem e perigos que as ameaçam (IV 239-250); sintomas de suas enfermidades, remédios para curá-las (IV 251-280); se as abelhas desaparecerem, o apicultor recorrerá ao método do pastor Aristeu (IV 281-294); sacrifica-se um touro, deposita-o em recinto fechado até se formar novo enxame (IV 295-314).

Na sequência (IV 315 em diante), inicia-se a parte referente ao episódio de Aristeu-Orfeu, de caráter mais “poético”, cuja organização dos tópicos que a compõem é a seguinte: Aristeu perde suas abelhas, invoca sua mãe, Cirene, que lhe indica o remédio (IV 315-386); Aristeu deve encontrar Proteu, sujeitá-lo enquanto dorme e obter respostas (IV 387-414); Aristeu chega à gruta de Proteu, sujeita-o e o obriga a dar-lhe respostas (IV 415-452); Aristeu expia uma grande culpa – a morte de Eurídice, esposa de Orfeu (IV 453-466); o mito de Orfeu (IV 467-527); Cirene indica a Aristeu as providências expiatórias a serem tomadas (IV 528-547); Aristeu realiza sacrifícios e das vísceras corrompidas saem enxames de abelhas (IV 548-558).

Nos versos finais, Virgílio cantava em Partênopo, enquanto César guerreava no Eufrates (IV 559-566):

*Haec super aruorum cultu pecorumque canebam
et super arboribus, Caesar dum magnus ad altum
fulminat Euphraten bello uictorque uolentis
per populos dat iura uiamque affectat Olympo.*

⁷⁷ “Le quatrième chant nous fait progresser un peu plus dans la hiérarchie des êtres; avec les abeilles, nous sommes déjà presque parmi les hommes. Les autres animaux ne savent pas s’organiser en sociétés. Les abeilles au contraire donnent un exemple de discipline et de concorde, qui peut servir de modèle (et de leçon) aux contemporains du poète. Elles pratiquent toutes les vertus que devraient pratiquer les humains, l’ardeur au travail, l’héroïsme, pour défendre leur roi et [...] elles connaissent la valeur de la gloire!” (GRIMAL, 1985, p.123).

*Illo Vergilium me tempore dulcis alebat
Parthenope studiis florentem ignobilis oti,
carmina qui lusi pastorum audaxque iuuenta,
Tityre, te patulae cecini sub tegmine fagi.*⁷⁸

Eu cantava essas coisas sobre a cultura dos campos, dos rebanhos e sobre as árvores, enquanto o grande César fulminava o profundo Eufrates com a guerra e, vencedor, ditava leis aos povos aquiescentes e abria uma via até o Olimpo. Por aquele tempo, a doce Partênope nutria a mim, Virgílio, alegre em meus interesses de um ócio inglório, eu que compus cantos pastoris, e que, audacioso por minha juventude, cantei a ti, ó Títilo, sob o dossel de frondosa faia. (Tradução nossa)

Em certos gêneros da Antiguidade, o poeta encerra a obra declarando sua identidade⁷⁹. O poeta se dirige uma última vez ao imperador, comandante vitorioso que *ad altum fulminat Euphraten* (“fulminava o profundo Eufrates”), como se fosse um deus, Júpiter. O rio Eufrates remete aos Partos, cujo território era banhado por ele, e à campanha de Augusto em 30 a.C. contra esse povo que representava o inimigo mais poderoso de Roma. Segue-se uma autoapresentação do poeta, o lugar de composição das *Geórgicas* e uma alusão ao poema precedente, as *Bucólicas*. No último verso das *Geórgicas IV*,

*Tityre, te patulae cecini sub tegmine fagi.*⁸⁰

cantei a ti, ó Títilo, sob o dossel de frondosa faia. (Tradução nossa)

Virgílio recorda sua obra precedente, citando o primeiro verso das *Bucólicas*:

*Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi.*⁸¹

Tu, ó Títilo, reclinado sob o dossel de frondosa faia. (Tradução nossa)

A retomada do primeiro verso das *Bucólicas* situa o pastor-cantor Títilo reclinado sob uma faia, árvore favorita das églogas⁸², entoando sua tênue flauta. Encerram-se assim as *Geórgicas*, com um gesto intertextual significativo: numa paisagem aprazível, um personagem rústico descansa após a lida no campo.

⁷⁸ *Geórg.* IV 559-566.

⁷⁹ “Era usuale in certi generi letterari che il poeta concludesse dichiarando la sua identità.” (VIRGÍLIO, 2007, p.184. Nota de Alessandro Barchiesi ao livro IV das *Georgiche*)

⁸⁰ *Geórg.* IV 566.

⁸¹ *Buc.* I 1. “No original latino, temos uma forte aliteração em /t/, que, combinada com o jogo sonoro das vogais, mimetiza o som da flauta dos pastores”. (VIRGÍLIO, 2008, p.39. “Notas e comentários sobre a tradução da Égloga I” por Paulo Sérgio de Vasconcellos)

⁸² Cf. VIRGÍLIO, 2008, p.40.

O DE RE RVSTICA DE COLUMELA

As informações de que dispomos a respeito de Columela foram, em geral, colhidas por estudiosos no interior de sua própria obra agrônômica. Essas notícias, por serem escassas, privaram-nos de conhecimentos mais apurados acerca de sua biografia. Sabe-se que *Lucius Iunius Moderatus Columella* nasceu em Cádiz (Espanha) na primeira metade do século I d.C., durante o período imperial de Cláudio Tibério Druso. A data de seu falecimento é também desconhecida. De sua família, quase nada conhecemos, a não ser que seu tio e possivelmente seu mestre foi Marco Columela, homem douto e agricultor aplicado. Na Bética, deve ter passado a infância e a juventude; depois transferiu-se para Roma, sem que suas atividades na *Vrbs* sejam conhecidas.⁸³ Em Roma, manteve relações com membros dos círculos sociais mais elevados, como indica a primeira frase do prefácio geral que abre o *De re rustica* – “Frequentes vezes ouço aos primeiros homens de nossa cidade culpar umas vezes à esterilidade dos campos e outras à intempérie que se nota no ar desde muito tempo, como prejudicial aos frutos.”⁸⁴ –, que nos remete ao ambiente de seus concidadãos e amigos, como o filósofo Sêneca e seu irmão, Galião, a quem se refere em sua obra de modo familiar⁸⁵. Infere-se a partir do *De re rustica* (III 3, 2) que viveu na época de Nero, porque menciona uma propriedade de Sêneca em Nomento, célebre por sua produção vinícola. Plínio, o Velho, menciona também a essa propriedade agrícola na *Naturalis Historia* (XIV 49), cuja redação é de 69 ou 70 d.C. Plínio afirma que a referida fazenda fora comprada 20 anos antes (por volta de 50 d.C.) por um Rêmio Palemão, que a vendeu a Sêneca dez anos depois (mais ou menos, 60 d.C.); daí conclui-se que o livro III do *De re rustica* situa-se entre 60, data de aquisição da propriedade, e 65, ano da morte do filósofo. A partir da data de composição do livro III deduz-se que o *De re rustica* foi composto durante a década de 60.⁸⁶ Da leitura do tratado avalia-se que Columela dedicou grande parte de seu tempo à exploração de suas propriedades agrícolas nos arredores de Árdea, Carsioli ou Alba (três locais do Lácio).⁸⁷ Em relação à sua morte, acredita-se que sobreveio em idade avançada.⁸⁸

Devemos observar ainda que, já na frase inicial do prefácio geral do *De re rustica*, que citamos acima – quando Columela diz que a elite romana atribui à esterilidade dos

⁸³ ARMENDÁRIZ, 1995, p.25.

⁸⁴ *Saepenumero ciuitatis nostrae principes audio culpantes modo agrorum infecunditatem, modo caeli per multa iam tempora noxiam frugibus intemperiem. (RR. v.1, praefatio)*

⁸⁵ Cf. RR. III 3, 3 e IX 16, 2.

⁸⁶ AGUILAR, 2006, p.264.

⁸⁷ Cf. RR. I 3, 3 e III 9, 2.

⁸⁸ Cf. RR. XII 59, 5.

campos ou à intempérie a queda na produção agrária –, a questão central que move o agrônomo a empreender o tratado já aparece em termos gerais: a crise agrícola que assola a Itália e a obriga a importar grandes quantidades de grãos.⁸⁹ Adiante retornaremos a essa questão.

De re rustica

De seus escritos conservaram-se o *Liber de arboribus* (“O livro das árvores”) e o *De re rustica* (“Sobre as coisas do campo”)⁹⁰, que abriga doze livros em prosa, exceto o livro X (*De cultu hortorum*, “Da cultura das hortas”⁹¹), escrito em hexâmetro datílico e idealizado como um complemento às *Geórgicas IV*. O tratado é dedicado a Públio Silvino, conhecido unicamente pela menção em cada um dos doze livros. O *Liber de arboribus* foi transmitido, em todos os códices conhecidos da obra, como o terceiro livro do *De re rustica*, o que fazia o tratado somar treze livros, contrariando uma informação dada no final do livro XI, que se refere a doze livros. Tal organização se manteve até a edição de Aldo Manúcio (Veneza, 1514), que estabelece a distribuição em doze livros do *De re rustica*, separando o *liber de arboribus* como temos até hoje.⁹²

O tratado não foi planejado em conjunto⁹³, apesar disso a matéria é orgânica⁹⁴ e sua divisão em doze partes obedece a uma ordem retórica. O livro I é antecedido por um longo prefácio de caráter ideológico, que serve também de introdução geral à obra, e nos informa acerca das orientações político-econômico e morais de Columela. O prefácio se inicia com uma crítica ao desinteresse dos grandes proprietários rurais pela teoria e prática agrícolas. Para ele, o agricultor deve instruir-se por meio da leitura de agrônomos gregos e

⁸⁹ Columela critica as práticas agrícolas (e políticas) que conduziram Roma à crise agrícola de seu tempo, obrigando o Estado a importar alimentos como nos tempos das guerras civis. René Martin (1971, p.311) assim se expressa sobre o assunto: “Face à la crise agricole de son temps, Columelle ne se borne pas à diagnostiquer le mal et à déterminer ses causes; il propose aussi un certain nombre de remèdes, qu’il nous faut étudier maintenant, et qui le font passer, ainsi que nous le verrons, de l’économie et de la philosophie à la politique”.

⁹⁰ “*De re rustica* no es solamente su *opus magnum* sino que se trata del más importante tratado técnico que se ha conservado acerca de la actividad agrícola y ganadera, la *res rustica* (“economía rural”), de toda a antigüedad.” (AGUILAR, 2006, p.264).

⁹¹ Em monografia de graduação em Letras (Latim), intitulada “*De Cultu Hortorum*, de Lúcio Moderato Columela: tradução e estudo crítico-interpretativo” –, orientada pelo Prof. Dr. Matheus Trevizam, tratamos desse poema.

⁹² Cf. ARMENDÁRIZ, 1995, p.26-27.

⁹³ Columela escreveu o *De re rustica* em várias etapas, segundo informações encontradas na própria obra. Os livros 11 e 12 foram acrescentados ao esquema original, que tinha sido concluído no livro 10. (Cf. KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W. V., 1989-1990, p.730).

⁹⁴ “La materia è organica, ma il disegno dell’opera non nasce unitariamente.” (COSSARINI, 1980, p.99-100).

latinos, que lista (e nessa lista já se revela o público-alvo de sua obra, grandes proprietários rurais que empregam abundante mão-de-obra escrava), para obter os melhores resultados de suas propriedades. A seguir, trata das causas de tal apatia e destaca a importância histórica da agricultura para Roma e expõe-lhe as dificuldades e lista os requisitos necessários a quem pretenda exercê-la de forma excelente (adiante, no item “pensamento político-econômico de Columela”, voltaremos ao “Prefácio”).

Concluído o exórdio programático, passa a expor, ainda no “Prefácio”, a matéria relativa especificamente à prática agrícola que será desenvolvida no livro I. Nesse livro, Columela trata dos princípios da economia rural, da fazenda ideal, dos elementos que a compõem, dos problemas que o proprietário enfrenta e de seus deveres, e da maneira de administrar os serviços.

Os livros II ao V contêm informações referentes à identificação e à classificação dos diferentes tipos de terrenos, à preparação do campo para o cultivo, aos cuidados com as sementes, à viticultura e às árvores frutíferas.

Os livros VI ao IX referem-se à criação de grandes e pequenos animais: um primeiro grupo (livros VI e VII) é dedicado ao gado maior (bovinos e equinos) e ao menor (ovinos, caprinos e suínos, e ainda cães e asnos), com um prefácio comum aos dois livros; o segundo grupo (livros VIII e IX) trata das *uilliticae pastiones*: criação de galinhas, de pombos, de peixes, de animais de caça e de abelhas.

O livro IX, do qual nos ocupamos na dissertação, embora contenha um primeiro capítulo dedicado à construção de viveiros para animais selvagens, refere-se basicamente à apicultura: as várias espécies de abelhas, escolha do lugar apropriado para o apiário, tipos de abrigo para as colmeias, das abelhas que se compram e se vendem, cuidados necessários, como identificar a abelha rainha, remédios para as abelhas, etc. Embora seja obra técnica em prosa, há citações ao longo do livro de versos retirados do canto IV das *Geórgicas*, o que indica a existência de uma rede de relações intertextuais que revelam a admiração que o agrônomo nutria pelo vate mantuano.⁹⁵

⁹⁵ “[...] a alusão literária – o escritor que cita um predecessor – é um fato de paixão e sentimento. [...] Não nos ocultemos, porém, que nessa paixão pode haver uma conveniência: e não somente porque assim fazendo o poeta se apresenta sob o sinal reassegurador de uma tradição e se auto-legitima. Sobretudo, o novo texto busca leitores capazes de se afeiçoar: a paixão do citar ou do aludir quer comunicar-se também a eles. O texto que cita quer tornar-se por sua vez citável.” (CONTE, G. B.; BARCHIESI, A., 2010, p.87).

No final do livro IX, Columela anuncia que a seguir (livro X) tratará em versos da horticultura, atendendo às solicitações de Públio Silvino e de Galião (irmão do filósofo Sêneca).⁹⁶

O livro XI ostenta três capítulos: no primeiro deles, o agrônomo retoma um tema já tratado no livro I, os deveres do *uilicus* (capataz); no segundo, apresenta um calendário relativo à agricultura; e no terceiro capítulo, desenvolve novamente o tema da horticultura, mas desta vez em prosa.

O livro XII, em paralelo com o capítulo 1 do livro anterior (XI), aborda os deveres da *uilica* (mulher do capataz). Seguem-se uma série de receitas para preparar conservas caseiras, atividade marcadamente feminina. Assim, este capítulo se destina aos trabalhos femininos no campo.

***De cultu hortorum* (“Da cultura das hortas”)**

O livro X (*De cultu hortorum*) destaca-se do conjunto da obra por se tratar de um poema didático em hexâmetros datílicos, segundo o modelo das *Geórgicas* de Virgílio.⁹⁷ Apesar disso, ele representa a continuidade e extensão temática do livro anterior (IX). Columela deixa, aqui, a grande propriedade rural para descrever um pequeno horto cultivado por um único homem: essa mudança de perspectiva vinha imposta pelo tom e espírito do livro, evocadores do pequeno horto do velho de Tarento (*Geórg.* 4, 125-146). Aqui, como no restante da obra em prosa, Virgílio é o autor mais citado.⁹⁸

No prefácio que antecede esse livro, o próprio autor explica tal opção:

PRAEFATIO

Faenoris tui, Siluine, quod stipulanti sponderam tibi, reliquam pensiunculam percipe. Nam superioribus nouem libris hac minus parte

⁹⁶ *Sed iam consummata disputatione de uillatici pecudibus atque pastionibus, quae reliqua nobis rusticarum rerum pars subest, de cultu hortorum, Publi Siluine, deinceps ita, ut et tibi et Gallioni nostro complacuerat, in carmen conferemus.* “Mas já consumada a discussão sobre os animais da casa de campo e sua criação, a parte remanescente das coisas do campo de que nos resta tratar, sobre a cultura das hortas, apresentaremos em versos, Públio Silvino, como fora de teu desejo e do de nosso Galião.” (RR. IX 16, 2).

⁹⁷ “El libro X, escrito en hexámetros, constituye desde tal perspectiva – en cuanto tratamiento literario de un contenido técnico – un verdadero *tour de force*. Ciencia y poesía quedan ensambladas con variable fortuna en un *carmen* inspirado sobre todo en Virgilio e inscrito en la tradición del poema didáctico. Al igual que en las *Geórgicas*, los principales recursos estilísticos son las perífrases y digresiones, las alusiones mitológicas y la acumulación de nombres propios de gran sonoridad.” (ARMENDÁRIZ, 1995, p.33).

⁹⁸ No *De re rustica*, “contro 59 citazioni di Virgilio ve ne sono 9 di Catone, 6 di Grecino, 4 di Senofonte, 2 di Esiodo, 1 rispettivamente di Appio Claudio, Celso, Ennio, Omero, Igino, Magone, Varrone.” (COSSARINI, 1977, p.230. nota 31).

*debitum, quod nunc persoluo, reddideram. Superest ergo cultus hortorum segnis ac neglectus quondam ueteribus agricolis, nunc uel celeberrimus. Siquidem cum parcior apud priscos esset frugalitas, largior tamen pauperibus fuit usus epularum lactis copia ferinaque ac domesticarum pecudum carne, uelut aqua frumentoque, summis atque humillimis uictum tolerantibus. Mox cum sequens et praecipue nostra aetas dapibus libidinosa pretia constituerit, cenaeque non naturalibus desideriis, sed censibus aestimentur, plebeia paupertas submota a pretiosioribus cibis ad uulgares compellitur. Quare cultus hortorum, quoniam fructus magis in usu est, diligentius nobis, quam tradiderunt maiores, praecipendus est: isque, sicut institueram, prosa oratione prioribus subnecteretur exordiis, nisi propositum meum expugnasset frequens postulatio tua, quae praecepit, ut poeticis numeris explerem Georgici carminis omissas partes, quas tamen et ipse Vergilius significauerat, posteris se memorandas relinquere. Neque enim aliter istud nobis fuerat audendum, quam ex uoluntate uatis maxime uenerandi: cuius quasi numine instigante pigre sine dubio propter difficultatem operis, uerumtamen non sine spe prosperi successus aggressi sumus tenuem admodum et paene uiduatam corpore materiam, quae tam exilis est, ut in consummatione quidem totius operis annumerari ueluti particula possit laboris nostri, per se uero et quasi suis finibus terminata nullo modo conspici. Nam etsi multa sunt eius quasi membra, de quibus aliquid possumus effari, tamen eadem tam exigua sunt, ut, quod aiunt Graeci, ex incomprehensibili paruitate arenae funis effici non possit. Quare quidquid est istud, quod elucubrauimus, adeo propriam sibi laudem non uindicat, ut boni consulat, si non sit dedecori prius editis a me scriptorum monumentis. Sed iam praefari desinamus.*⁹⁹

PREFÁCIO

Recebe, Silvino¹⁰⁰, a pequena paga restante de teus juros, que eu garantira a ti ao exigires contratualmente. Com efeito, nos nove livros¹⁰¹ precedentes, eu saldara a dívida, exceto por esta parte, que agora quito. Resta, então, a cultura das hortas, vã e negligenciada outrora pelos agricultores antigos mas, agora, concorridíssima. Embora sendo, entre os antigos, mais severa a frugalidade, foi maior para os pobres o acesso aos alimentos, com abundância de leite e carne de animais de caça e domésticos, bem como com água e trigo garantindo o sustento os mais afortunados e os mais humildes. Logo, como a época seguinte e, mormente, a nossa estabeleceu gastos exorbitantes para os banquetes, e os jantares têm o preço fixado não pelas necessidades naturais, mas pela posição social, a pobreza plebeia, afastada de alimentos mais caros, é estrangida aos comuns. Por isso, a cultura das hortas, como seus produtos têm mais amplo emprego, deve ser ensinada por nós com mais cuidado do que no-la transmitiram os antigos; e ela, como eu determinara, em prosa reunir-se-ia aos primeiros livros, se a meu propósito inicial não se tivesse imposto teu amiudado pedido, que me prescreveu completar em ritmos poéticos as partes deixadas de lado às *Geórgicas*. O próprio Virgílio, porém, indicara deixá-las para serem lembradas pelos

⁹⁹ RR. X. Praefatio.

¹⁰⁰ “[Públio] Silvino”: amigo do autor a quem a obra é dedicada.

¹⁰¹ Este livro sobre a horticultura é o décimo da obra *De Re Rustica* que, segundo se depreende do prefácio, Columela prometera escrever. Ao entregá-lo, julga saldada a dívida por considerá-lo a última parte da obra; no entanto, seguem-se-lhe imediatamente dois outros, totalizando doze livros. Tal aparente incoerência sugere que o autor retomou a obra dada por encerrada e a ampliou.

pósteros¹⁰²; nem, com efeito, de outro modo devêramos ousá-lo, não fosse pelo desejo de honrar fortemente o vate: como se nos movesse o assentimento dele, relutantes, sem dúvida, pela dificuldade do trabalho, mas não sem esperança do bom-sucesso, acercamo-nos de um tema muito magro e quase desprovido de corpo, tão tênue que, decerto, no conjunto da obra inteira, poderia ser contado como partícula de nosso esforço, em si mesmo e, por assim dizer, circunscrito em seus limites, de modo algum atrair o olhar. Com efeito, embora sejam muitos os seus membros, de que podemos dizer algo, tão exíguos são que, como dizem os gregos, da pequenez inapreensível da areia não se poderia trançar uma corda. Por isso, o que quer que seja aquilo que elaboramos à custa de vigília, não se reivindica a tal ponto o louvor próprio que tem por bem se não desonrar as obras antes publicadas por mim. Mas cessemos já de prefaciá-las. (Tradução nossa).

Do que se depreende desse prefácio, o livro sobre a horticultura é o décimo da obra *De Re Rustica*, que Columela prometera ao amigo Públio Silvino, a quem dedica a obra e é mencionado no prefácio de todos os livros¹⁰³. Ao entregá-lo, julga saldada a dívida por considerá-lo a última parte da obra; no entanto, seguem-se-lhe imediatamente dois outros, totalizando doze livros. Tal aparente incoerência sugere que o autor retomou e ampliou posteriormente a obra dada por encerrada.

Ainda no prefácio, Columela revela que pretendia escrever em prosa o livro X, mas Públio Silvino solicitou-lhe que o escrevesse em versos, a fim de cumprir uma sugestão do poeta Virgílio nestes versos das *Geórgicas*:

*Verum haec ipse equidem spatiis exclusus iniquis
Praetereo atque aliis post me memoranda relinquo.*¹⁰⁴

Mas eu mesmo omito esses assuntos, decerto impedido pela estreiteza do espaço, e deixo a outros que os hão de rememorar depois de mim. (Tradução nossa).

Virgílio diz que ao tratar das abelhas deveria versar, também, sobre a cultura das hortas, contudo, não seria possível naquele momento devido à “estreiteza do espaço”; o poeta delega, então, a outros escritores a honrosa tarefa. Inspirado por esses versos, Columela retoma o assunto e compõe o *De cultu hortorum*¹⁰⁵, que se configura como complemento e

¹⁰² Columela pretendia escrever em prosa o livro X, mas Públio Silvino – inspirado nestes versos de Virgílio *Verum haec ipse equidem spatiis exclusus iniquis / praetereo atque aliis post me memoranda relinquo.* (*Geórg.* IV 148-149) “Na verdade, eu próprio, impedido pela estreiteza do espaço, omito estes assuntos [plantas do horto] e deixo para outros, após mim, o cuidado de tratá-los.” (Tradução nossa) – pediu-lhe que o escrevesse em versos.

¹⁰³ Cf. AGUILAR, 2006, p.264.

¹⁰⁴ *Geórg.* IV 148-149.

¹⁰⁵ Columela, ao assumir o papel de sucessor didático de Virgílio, “Egli si presenta così come l’erede e il continuatore del poeta.” (NOË, 2002, p.162).

continuidade do poema virgiliano, uma espécie de ‘canto V’, por assim dizer, das *Geórgicas*.¹⁰⁶

O livro X ocupa um lugar especial no conjunto da obra¹⁰⁷, porque seu assunto é desenvolvido novamente, mas em prosa, no capítulo 3 do livro seguinte (XI). Segundo Aguilar, essa retomada tem por objetivo desenvolver “cuestiones de la horticultura, cuestiones que en verso no alcanzaban a ser tratadas en el modo conveniente para satisfacer las necesidades derivadas del apropiado tratamiento técnico del asunto”¹⁰⁸. Essa diferença no tratamento do assunto está pressuposta na diferença genérica, que ordena maneiras particulares de abordar e desenvolver os temas, de acordo com o gênero em questão – poesia didática ou tratado técnico. Há, então, duas versões do mesmo texto – a primeira (livro X) em versos; a segunda (no livro XI), em prosa. Não há dúvidas de que a versão poética foi redigida primeiro. A leitura do “Prefácio” do livro X nos informa que esse foi o primeiro livro do autor sobre a horticultura, o que sugere que, após a redação do poema, o autor o reescreveu, a fim, possivelmente, de completar a unidade semântico-formal da totalidade da obra técnica em prosa.

Assim como as *Geórgicas*, esse livro pertence ao gênero “poesia didática”, o que significa adicioná-lo a uma tradição literária iniciada por Hesíodo com *Os trabalhos e os dias*, e assinalada por traços distintivos, como, por exemplo, a onipresença do caráter de ensinamento, a abordagem de temas técnicos ou filosóficos, a voz de um *magister* didático e a evocação de um *discipulus*.¹⁰⁹

O poema ostenta 436 versos em hexâmetro datílico. A organização da matéria é bem marcada: a introdução ocupa os primeiros cinco versos (vv. 1-5); a exposição do assunto é longa e se estende do verso 6 ao 432; e a conclusão ocupa os versos finais (vv. 433-436). Vejamos algumas partes do poema.

Já na primeira parte – introdução (vv.1-5) – as características essenciais da poesia didática aparecem:

*Hortorum quoque te cultus, Siluine, docebo,
Atque ea, quae quondam spatiis exclusus iniquis,
Cum caneret laetas segetes et munera Bacchi,
Et te, magna Pales, necnon caelestia mella,
Vergilius nobis post se memoranda reliquit.*¹¹⁰

¹⁰⁶ Cf. AGUILAR, 2006, p.264.

¹⁰⁷ O livro X, por seu tema, a cultura das hortas, poderia ter sido reunido aos livros I-V, especificamente agrícolas; mas vem imediatamente após o livro IX, sobre a apicultura. “La collocazione del libro sugli *horti* tien dietro a quella del nono sulle api e riprende la scelta del poeta di introdurre il tema degli orti in relazione alla pastura delle api.” (NOË, 2002, p.162).

¹⁰⁸ AGUILAR, 2006, p.268.

¹⁰⁹ Cf. TREVIZAM, 2006, p.147.

¹¹⁰ *RR.* X 1-5.

Das hortas, Silvino, ensinar-te-ei também a cultura
E aquilo que, outrora, cerceado pelo pequeno espaço,
Ao cantar as alegres searas, os dons de Baco,
E a ti, grande Pales, bem como os méis celestes,
Virgílio deixou depois de si a ser por nós retomado.¹¹¹ (Tradução nossa)

Nesse trecho, encontramos todos os elementos característicos da poesia didática que listamos acima. Columela apresenta-se como *magister* didático e se dirige a seu amigo, Públio Silvino, como *discipulus*. Em seguida, vem a invocação dos deuses – Baco, divindade que os romanos associavam a Líber, seu deus do vinho; e Pales, divindade dos campos, rebanhos e pastores. Após a invocação, o agrônomo retoma uma informação já revelada no prefácio, a de que o tema da horticultura fora sugerido nas *Geórgicas* por Virgílio. Naturalmente, a postura de ensinamento do *magister* solicita artifícios retóricos e linguagem de caráter demonstrativo adequados a esse fim, e já previstos aqui, no verbo *docebo*, “ensinar-te-ei”.

Nota-se, ainda nessa passagem, que os versos de Columela se referem aos quatro cantos das *Geórgicas* de Virgílio: as “alegres searas”, *laetas segetes*, referem-se ao livro I; os “dons de Baco”, *munera Bacchi*, ao II; a “grande Pales”, *magna Pales*, deusa protetora dos rebanhos, ao III; e “méis celestes”, *caelestia mella*, ao IV.¹¹²

A segunda parte do poema – a exposição do assunto – é longa (vv. 6-432), mas admite subdivisões que obedecem a uma estruturação coerente. Devido à “estreiteza do espaço”, de que falou Virgílio, examinaremos apenas algumas passagens, para demonstrar o mecanismo subjacente a toda a série. O primeiro componente particularizado é constituído pela escolha do local em que a horta deve ser edificada (vv.6-34):

*Principio sedem numeroso praebeat horto
Pinguis ager, putres glebas resolutaque terga
Qui gerit, et fossus graciles imitatur arenas*¹¹³

Primeiro, dê o lugar para uma horta fecunda
Um fértil solo, soltas glebas e superfícies descobertas,
Que tenha e, escavado, semelhe finas areias. (Tradução nossa)

Nessa passagem (vv.6-8), nota-se que a ordem da exposição do tema é linear, indicada pelo advérbio “*Principio*”, que lista a primeira obrigação do agricultor – escolher o local propício à instalação da horta. Esse é o roteiro previsto e apropriado a um texto de

¹¹¹ Neste verso final, a ordem das palavras foi ligeiramente alterada por sugestão do professor Jacyntho Lins Brandão. Versão anterior: “Virgílio deixou depois de si a ser retomado por nós”.

¹¹² Acréscimo sugerido pelo professor Robson Tadeu Cesila (USP), por ocasião da defesa desta dissertação de mestrado, que julgamos oportuno acolher para completar o raciocínio desenvolvido nesta passagem.

¹¹³ RR. X 6-8.

caráter demonstrativo, didático e, ainda, retórico – revelar cada etapa do processo de maneira progressiva e ordenada. Seguem-se assuntos intimamente correlacionados a essa escolha, como, por exemplo, as características do solo favorável ao cultivo de hortaliças, a presença de fonte de irrigação nas proximidades e a proteção do local.

Diferentemente do que possa parecer, a quem julgar precipitadamente, a exposição progressiva do tema não compromete a elegância e o vigor da composição poética. Ao encerrar a primeira subparte da exposição (vv.27-34), por exemplo, o poeta recorre a uma série de alusões mitológicas para recomendar os cuidados necessários à proteção das hortas:

*Talis humus uel parietibus, uel saepibus hirtis
Claudatur, ne sit pecori, neu peruia furi.
Neu tibi Daedaliae quaerantur munera dextrae,
Nec Polyclitea nec Phradmonis, aut Ageladae
Arte laboretur: sed truncum forte dolatum
Arboris antiquae numen uenerare Priapi
Terribilis membri, medio qui semper in horto
Inguinibus puero, praedoni falce minetur*¹¹⁴

Essa terra, quer com muros, quer com cercas eriçadas,
Feche-se, para que nem a animais nem a ladrão seja acessível.
Nem os trabalhos da mão de Dédalos sejam buscados por ti,
Nem se elabore com a arte de Policleteo, de Frádmon
Ou de Agelada: mas um tronco de antiga árvore talhado
Casualmente venera como o Nume de Priapo de terrível
Membro, que sempre no meio da horta ameaça um menino
Com seu sexo, um ladrão, com a foice. (Tradução nossa)

Nesse fragmento, inicialmente o *magister* aconselha seu *discipulus* a construir muros (de madeira) ou a plantar cercas vivas de arbustos espinhosos:

*Talis humus uel parietibus, uel saepibus hirtis
Claudatur, ne sit pecori, neu peruia furi.*

Essa terra, quer com muros, quer com cercas eriçadas,
Feche-se, para que nem a animais nem a ladrão seja acessível.

A recomendação ocupa dois versos (vv. 27-28), e é simples, direta e desprovida de artifícios. Esse despojamento da expressão é significativo, pois traduz valores importantes para os romanos, a saber: na agricultura, valorizam-se a simplicidade, a praticidade e a eficiência do processo produtivo. Assim, nesses versos, a forma poética reforça a ideia; e a ideia já está representada na forma, isto é, “à simplicidade e objetividade da instrução dada corresponde a simplicidade e objetividade da própria expressão, da própria linguagem que

¹¹⁴ RR. X 27-34.

transmite essa instrução”¹¹⁵. Na sequência, vv. 29-31, porém, a expressão é ornada com quatro metáforas cultas, inspiradas em personagens gregos:

*Neu tibi Daedaliae quaerantur munera dextrae,
Nec Polyclitea nec Phradmonis, aut Ageladae
Arte laboretur: [...]*

Nem os trabalhos da mão de Dédalo sejam buscados por ti,
Nem se elabore com a arte de Policleto, de Frádmon
Ou de Agelada: [...]

Nesse trecho, o primeiro elemento mitológico se refere a Dédalo, arquiteto que construiu um labirinto em Creta onde ficava encerrado o minotauro; os três seguintes são, nesta ordem: Policleto, Frádmon e Agelada. Todos estes, arquitetos e/ou escultores gregos. O *magister* didático sugere, por meio dessas alusões, que as questões estéticas não são essenciais às atividades agrícolas. E recomenda ao *discipulus* não empregar tempo e dinheiro em obras elegantes, mas pouco eficientes. A primeira referência mitológica, por exemplo, ilustra bem a ideia: o labirinto, em Creta, embora construído com pedras pelo famoso arquiteto, mostrou-se ineficiente, porque não impediu que o invasor (Teseu) o penetrasse e matasse seu habitante (minotauro). Há, nessa passagem do poema (e em outras), uma crítica velada à influência grega nos costumes romanos (não desenvolveremos, aqui, essa questão).

A instrução ultrapassa os dois primeiros versos e se prolonga pelo início do terceiro, unindo-se, através da conjunção adversativa *sed* (= mas), aos versos que retomam e encerram as indicações de medidas de segurança:

*[...] sed truncum forte dolatum
Arboris antiquae numen uenerare Priapi
Terribilis membri, medio qui semper in horto
Inguinibus puero, praedoni falce minetur.*

[...] mas um tronco de antiga árvore talhado
Casualmente venera como o Nume de Priapo de terrível
Membro, que sempre no meio da horta ameaça um menino
Com seu sexo, um ladrão, com a foice.

Aqui (vv.31-34), a preceituação tem caráter religioso: aliás, um outro traço marcante da cultura romana. Recomendava-se colocar nas hortas uma imagem de Priapo, deus da fertilidade, ostentando seu enorme falo, a fim de estimular a fecundidade das plantas e espantar visitantes indesejados. A imagem poderia exibir adornos; nesse caso, uma foice.

¹¹⁵ Acréscimo sugerido pelo professor Robson Tadeu Cesila (USP), por ocasião da defesa desta dissertação de mestrado, que julgamos oportuno acolher para completar o raciocínio desenvolvido nesta passagem.

Columela não pretendeu, unicamente, enumerar um catálogo de técnicas agrícolas relativas às medidas para proteger a horta de animais e ladrões. Se o pretendesse, teria indicado as razões que o levaram a recomendar as cercas de madeira ou de plantas vivas. De fato, as questões rurais parecem desempenhar função lateral no poema, pois o centro de seu interesse (assim como o das *Geórgicas* de Virgílio) é o homem e sua relação com a natureza.

Deixaremos as partes restantes da exposição da matéria e saltaremos para a conclusão.

A última parte do poema – a conclusão – ocupa os versos 433-436:

*Hactenus hortorum cultus, Siluine, docebam
Siderei uatis referens praecepta Maronis,
Qui primus ueteres ausus recludere fontes
Ascraeum cecinit Romana per oppida carmen.*¹¹⁶

Até aqui, Silvino, preceituava o cultivo das hortas,
Os ensinamentos do vate celestial Marão ecoando,
Ele que primeiro ousou abrir velhas fontes
E cantou ascreu poema por cidades romanas. (Tradução nossa)

O *magister* se dirige uma última vez a seu *discipulus*, encerrando suas preleções sobre os temas rurais. Lembra-lhe que retransmitiu os ensinamentos do “*Siderei uatis*” (= “vate celestial”), termo que significa “o que faz vaticínios” e, também, “poeta”, mas de uma categoria superior, pois são iluminados pelos deuses. Note-se que Columela reverencia Virgílio¹¹⁷, poeta que “ousou abrir velhas fontes” – isto é, cantou nas *Geórgicas* temas rurais há muito esquecidos em Roma –, retomando uma tradição iniciada por Hesíodo, cuja pátria é Ascra (daí o termo *Ascreu carmen*, “ascreu poema”). E, ao encerrar o poema descrevendo essa tradição, ele próprio – Columela – se filia à linhagem de poetas didáticos.¹¹⁸

De re rustica: fontes e método

Em termos gerais, a tradição agrônômica europeia abarca dois modos de saber, que, por sua vez, correspondem a duas atitudes distintas frente à realidade. O primeiro se

¹¹⁶ *RR.* X 433-436.

¹¹⁷ “[...] Columella considera Virgilio un tecnico agricolo sicuramente valido, ed al tempo stesso un grande poeta, il poeta per eccellenza, vate e depositario di un sapere che va al di là della semplice competenza tecnica.” (COSSARINI, 1977, p.229).

¹¹⁸ “La poesia didattica aveva conosciuto nel periodo di fine repubblica-prima età imperiale una grande fioritura con poemetti di tipo alessandrino sui temi più vari: basti citare, oltre Lucrezio e Virgilio, i testi di Emilio Macro su uccelli, serpenti ed erbe, i *Cynegetica* di Grattio Falisco sulla caccia, gli *Halieutica* attribuiti a Ovidio sulla pesca, le opere astronomiche di Germanico e Manilio.” (NOË, 2002, p.162).

refere a um saber tradicional, conservador e prático. Trata-se de uma forma de conhecimento muito antiga e difundida via tradição oral. O segundo se refere a um saber que, experimental e inovador, hoje chamamos “técnico”. Este seria a Agronomia *stricto sensu*, ciente de seu papel crítico em relação às concepções e técnicas empregadas na agricultura tradicional. Trata-se de um conhecimento quase inacessível ao pequeno agricultor, por razões econômicas e culturais, e transmitido, sobretudo, por meio de textos escritos. Essa distinção entre os dois tipos de saber agrônomo nos ajuda a situar Columela no panorama cultural do período imperial romano. O agrônomo seria um representante dessa agronomia “científica”. O objetivo de sua obra é claro: racionalizar os modos e técnicas de produção, a fim de aumentar os rendimentos do produtor rural. Contudo, encontram-se também em seu tratado convenções e elementos religiosos tradicionais, como, por exemplo, uso do critério de autoridade para justificar certas técnicas agrícolas e indicação de crenças e de práticas supersticiosas. As duas formas de saber agrônomo que indicamos acima ocorrem separadas, apenas, talvez, em épocas recentes.¹¹⁹

Columela é um autor erudito, teórico e prático.¹²⁰ Ele tratou dos temas rurais com conhecimento dos fatos, porque estudava as obras dedicadas às questões rurais e em suas propriedades investigava as maneiras de aperfeiçoar as técnicas de produção tradicionais em Roma. Em sua obra encontram-se ensinamentos colhidos em teóricos gregos, cartagineses e romanos. Estudar sua obra, portanto, significa entrar em contato com o conhecimento que essas civilizações detinham a respeito dos temas rurais, e que os romanos acolheram de bom grado.

A bibliografia indicada no livro I (I 1, 7-14) abarca mais de cinquenta autores; entre eles: gregos (Hesíodo, Demócrito, Xenofonte, Aristóteles, Teofrasto, e outros), romanos (Catão, Tremélio Escrofa, Varrão, Virgílio, o apicultor Higino, Cornélio Celso, e outros), e o cartaginês Magão¹²¹, em sua tradução latina. Os autores latinos e Magão são as fontes mais comuns. Entre eles, Virgílio constitui um caso especial, pois se configura como o poeta modelar, o que não impede, porém, que Columela lhe conteste as teses, quando julga necessário. Essa atitude “científica” revela que o agrônomo selecionava e criticava as informações colhidas em fontes variadas, não se permitindo, simplesmente, compilar e divulgar informações e teorias expostas por seus predecessores. O exame crítico das

¹¹⁹ Cf. ARMENDÁRIZ, 1995, p.17-18.

¹²⁰ “Le *res rusticae* sono un’arte che si articola in un momento pratico e in un momento teorico, per il quale è fondamentale la funzione della *ratio*, di un metodo che consenta una sistemazione per quanto concerne appunto il livello speculativo. In questa volontà di razionalizzazione Columella aderisce programmaticamente alla riflessione sulle *technai* della cultura ellenistico-romana, alle regole di un canone letterario che è quello del genere manualistico”. (NOË, 2002, p.152).

¹²¹ Magão: agrônomo cartaginês, cuja obra foi traduzida para o latim sob ordem do Senado Romano.

informações fundava-se em sua experiência pessoal, como agricultor aberto a inovações vantajosas, e no juízo crítico, refinado na leitura dos autores mais conceituados. Nesse sentido, o método de Columela se afasta da atitude comum de agrônomos anteriores, que fazem concessões excessivas à *auctoritates*.¹²²

Na Antiguidade, o caráter técnico de uma obra não impedia sua vontade de estilo, que caracteriza a obra de arte literária. Segundo Armendáriz, é digna de nota a qualidade literária da obra de Columela: a busca constante da *uariatio* na sintaxe e no léxico, o gosto pela disposição simétrica ou correlativa dos membros na frase, a observância das normas da prosa métrica, a personificação e a descrição configuram traços recorrentes em seu estilo. A língua cuidada e elegante do *De re rustica*, que traz as marcas de seu tempo e manifesta, ainda, traços do classicismo virgiliano, representaria um obstáculo para a difusão posterior da obra. Plínio, o Velho, e Paládio, por exemplo, criticaram veladamente o uso de estilo sofisticado quando o tema e o destinatário da obra requerem, ao contrário, a exposição clara da matéria.¹²³

Pensamento político-econômico de Columela

René Martin dedicou ao pensamento político-econômico dos agrônomos latinos um estudo já clássico¹²⁴. As suas observações e conclusões sobre a obra de Columela são referência obrigatória que passamos brevemente em revista neste item. A concepção do agrônomo do que é (e pode ser) a agricultura romana, exposta ao longo da obra e, sobretudo, no prefácio que analisamos aqui, condensa-se nos seguintes itens.

Columela propõe a primazia da agricultura sobre todas as outras formas de atividades humanas. Ela não goza somente de primazia moral, mas também econômica; e porque ela é indispensável à sobrevivência da humanidade, a classe dos agricultores é a primeira em dignidade: *sine agricultoribus nec consistere mortales nec ali posse manifestum est*¹²⁵, “sem agricultores, é manifesto que não podem subsistir nem serem alimentados os mortais”. Ele considera uma enorme contradição a importância enorme da *res rustica* e a indiferença de que ela é objeto. A agricultura itálica não é mais a fonte principal de riqueza e as técnicas agrícolas estão obsoletas, mas essa atividade ainda seria a forma mais honesta de

¹²² Cf. ARMENDÁRIZ, 1995, p.31.

¹²³ Cf. ARMENDÁRIZ, 1995, p.32-33.

¹²⁴ Cf. MARTIN, 1971, p.287-393.

¹²⁵ *RR. I, praefatio*.

se enriquecer. O agrônomo analisa as atividades lucrativas a que se dedicam seus contemporâneos e traça um quadro notável da vida econômica de Roma. Todas as atividades outras que não a agricultura, estima Columela, *dissident a iustitia*¹²⁶, “afastam-se da justiça”. A agricultura não só é mais justa do que as outras atividades, mas ainda é a única a estar em conformidade com esta *iustitia*, “justiça”, que ele não define, mas que pode ser inferida a partir dos exemplos que aventa. Ele lista e comenta, nesta ordem: a guerra, o comércio marítimo, a usura, a delação, a situação de cliente.

A guerra, por exemplo, não é condenada em si, porque em outra passagem se elogia a virtude militar dos velhos romanos (*uera illa Romuli proles assiduis uenatibus nec minus agrestibus operibus exercitata, firmissimis praeualuit corporibus ac militiam belli, cum res postulauit, facile sustinuit durata pacis laboribus*¹²⁷, “aquela verdadeira descendência de Rômulo, experiente na caça assídua e não menos nos trabalhos do campo, avantajou-se com os corpos muito fortes, e o serviço militar, quando o exigiu a ocasião, facilmente suportou, calejada pelas labutas da paz”), mas a guerra de conquista produtora de botim (*militia, quae nobis nihil sine sanguine et cladibus alienis adfert*¹²⁸, “a guerra que nada nos traz sem sangue e destruição alheia.”).

O comércio marítimo é descrito como loucura, atividade moralmente condenável e criminosa. O seu caráter imoral vem do fato de constituir-se uma violação das leis da natureza. Aqui, o contexto é claramente estoico, apresentando o *negiator*, “negociante”, como aquele que desafia a natureza e se expõe à cólera dos ventos e do mar (*uentorum et maris obiectus irae*¹²⁹, “exposto à ira dos ventos e do mar”). E o termo “ira” não é apenas figura retórica, mas a consequência do sacrilégio cometido; ela é uma cólera justificada que o homem mereceu por sua audácia. De onde a ironia que se exprime na fórmula *ritu uolocrum*, “de modo semelhante às aves”, que converte o *negiator* em ave migratória, que em vez de viver em seu país percorre um mundo que ele mesmo não tem tempo de conhecer, porque não se detém em parte alguma. Para Columela, o agricultor não é somente um homem honesto, ele vive de acordo com a *iustitia* e com as leis da natureza. Esses acentos de cólera parecem relacionar-se a uma questão político-econômica: a classe rural que Columela representa se sente ameaçada pela classe dos *negiatores* que obtém elevados lucros no comércio marítimo.

¹²⁶ RR. I, praefatio.

¹²⁷ RR. I, praefatio.

¹²⁸ RR. I, praefatio.

¹²⁹ RR. I, praefatio.

Continuando a análise das atividades lucrativas em Roma, Columela se detém sobre o *caninum studium*¹³⁰, “profissão canina”, isto é, a delação. Ele a considera um *latrocinium* (“roubo à mão armada”) que em sua época foi legalizado e admitido dentro das muralhas e até em praça pública. Columela se opõe claramente ao regime que a fez um de seus pilares, porque a dinastia júlio-claudiana eleva a delação à prática oficial e fonte de recursos para o Estado. O ataque de Columela assume um significado moral e político; ele se opõe ao regime e aos homens que aceitam fazer carreira nele.

Por fim, Columela denuncia aqueles homens que se apresentam à porta dos *potiores*, “poderosos”. Os homens a que ele se refere são aqueles que buscam obter o poder *fascium decus et imperium*¹³¹, “a honra dos fasces e o mando”, e se submetem à situação de clientes (por “fasces” entende-se “o poder” ou “os poderosos”). Nota-se que as críticas do agrônomo assumem caráter moralizante, que é uma maneira de exprimir, ainda que lateralmente, concepções político-filosóficas em um regime autoritário.

Diante da crise agrícola de seu tempo, Columela não se limita a diagnosticar o problema e determinar suas causas; ele exibe uma atitude comprometida com a questão rural, manifesta desde o início de seu tratado, e propõe um certo número de medidas contra o abandono reinante dos campos e a implementação racional de formas de produção. Para ele, a ciência agrônômica abarca um conjunto extenso de conhecimentos que o produtor rural deve adquirir. O agricultor deve ter uma formação apropriada, sob a orientação de professores competentes; e passando em revista a arte oratória, a matemática, a música, a dança, a arquitetura, a navegação e a arte militar ele constata que todas essas disciplinas são objeto de ensino, mas em Roma a ciência agrônômica não tem mestres nem alunos: *agricolationis neque doctores, qui se profiterentur, neque discipulos cognoui*¹³² (“Não conheci nem doutores nem alunos que se dedicassem à agricultura.”). A imagem que formula do agricultor é a de um sábio. Neste ponto, seu pensamento se encontra com o de Virgílio nas *Geórgicas*. Para Virgílio, havia uma sabedoria propriamente filosófica, suscetível de ser apreendida pelo conhecimento intelectual (*felix qui potuit rerum cognoscere causas*¹³³, “feliz quem pôde conhecer as causas das coisas”) e outra forma mais simples e não menos autêntica (*fortunatus et ille deos qui nouit agrestis*¹³⁴, “afortunado também quem conheceu os deuses dos campos”),

¹³⁰ *RR. I, praefatio.*

¹³¹ *RR. I, praefatio.*

¹³² *RR. I, praefatio.*

¹³³ *Geórg. II 490.*

¹³⁴ *Geórg. II 493.*

própria do espírito “ingênuo” que vive em contato com a terra e com a natureza, aquela dos pequenos agricultores.¹³⁵

Columela demonstra verdadeira indiferença aos estudos desinteressados da prática; ele privilegia a atividade prática sobre a reflexão desinteressada, a produção sobre a contemplação: em IX, 2 ele se refere com desdém àqueles que investigam “os segredos da natureza” (*rerum naturae latebras*) e àqueles que têm tempo de ler no ócio (*in otio legentibus*), que ele opõe “aos atarefados agricultores” (*negotiosis agricolis*). Ele opõe ócio à sabedoria; para ele, a vida agrícola é essencialmente um *negotium*, mas, paradoxalmente, é isso mesmo que a torna sábia, porque não deixa ao espírito tempo para futilidades: longe de ser um *otiosus*, o proprietário que ele apresenta como modelo a seus leitores se parece um *occupatus* que adquire conhecimentos práticos e consagra todo tempo à gestão de seus afazeres.

De onde outra recomendação do agrônomo: o proprietário deve residir em seu domínio ou passar nele todo o tempo que as ocupações urbanas deixam disponíveis. Parece correto inferir que Columela prefere a ideia de “produtor agrícola” à de “proprietário agrícola”, embora tal concepção implique que cada proprietário não possua mais do que um único domínio. Mas essa é uma imagem ideal¹³⁶, que nem o próprio Columela preenche, porque sabemos que ele tinha pelo menos três propriedades nos arredores de Roma.¹³⁷

Mas o produtor rural, segundo Columela, não deve apenas ser instruído em todas as coisas do campo e residente em seu domínio, ele deve possuir capital suficiente para realizar os investimentos elevados e indispensáveis, a que chama *facultas ac uoluntas impendenti*¹³⁸, “vontade e recursos para fazer”. A sua concepção de agricultura pressupõe investimentos altos para obtenção de lucros também elevados, porque essa atividade não é rentável senão em alto nível técnico; de onde a necessidade de possuir o melhor material, escravos competentes e bem nutridos.

¹³⁵ Segundo René Martin (1971, p.313), a oposição entre as duas formas de sabedoria é em certa medida uma oposição entre Epicurismo e Estoicismo, que Virgílio tenta conciliar: “l’opposition entre ces deux formes de sagesse est dans une certaine mesure une opposition entre épicurisme et stoïcisme – car s’il y a, bien entendu, toute une Physique Stoïcienne, elle est loin d’être indispensable à la morale au même titre que la Physique épicurienne [...] entre les deux sagesse Virgile se refusait à choisir une fois pour toutes, et tentait de les réunir en une synthèse originale.”

¹³⁶ “Nel delineare il *fundus* ideale tiene sì presenti rigorosi principi di funzionalità, ma al tempo stesso manifesta l’intento letterario di creare un’immagine dell’agricoltura cara al gusto corrente dei destinatari: un fondo in cui funzionalità ed estetica si armonizzano, secondo le preferenze di una classe cittadina che idealizza la vita dei campi.” (COSSARINI, 1980, p.99).

¹³⁷ Cf. *RR.* I 3, 3 e III 9, 2.

¹³⁸ *RR.* I 1, 18.

Tais são as concepções mais relevantes do pensamento político-econômico de Columela. Em conjunto, constituem um testemunho que nos ajuda a compreender toda uma época.¹³⁹

¹³⁹ “Nel *de re rustica* Columella si concentra su aspetti della sua epoca con testimonianze che aiutano a comprendere il genuino stile dell’età; in contrasto con l’abbandono dell’impegno agricolo egli sottolinea anzitutto la preferenza dei contemporanei per le *artes* cosiddette *ludicrae* [...]. Nel tentativo di rivendicare la piena legittimità dell’impegno agricolo, *negotium* redditizio e onesto, col procedimento di una *contentio artium* egli passa in rassegna sistemi acquisitivi per lui poco onorevoli, ma largamente praticati dai contemporanei: e così, dopo l’attività militare, il commercio, il prestito ad interesse, sottolinea la diffusione degli aspetti ormai degenerati di pratiche come l’oratoria giudiziaria, la clientela”. (NOÈ, 2001, p.319).

ANÁLISE COMPARATIVA DE TRECHOS SELECIONADOS DO LIVRO IV DAS *GEÓRGICAS* E DO LIVRO IX DO *DE RE RVSTICA*.

Neste capítulo, analisamos comparativamente trechos selecionados da primeira parte do canto IV das *Geórgicas* (vv.1-314) e do livro IX do *De re rustica* de Columela. Esse exame tem por objetivo principal estudar o tratamento linguístico-literário decorrente de orientações genéricas distintas que os autores conferem às suas obras. Tal orientação metodológica focaliza nosso olhar em temas comuns às duas obras e, conseqüentemente, desloca a atenção de duas significativas e opostas práticas discursivas de Virgílio, os silêncios e as digressões: na primeira, o poeta omite certas informações essenciais à apicultura, como, por exemplo, a indicação de ferramentas próprias à castração das colmeias e a maneira correta de fazê-la; na segunda, desenvolve temas de caráter mais literário do que didático, como, por exemplo, toda a segunda parte do canto IV (vv. 315-566), cujas informações não redundam em aplicação prática. Por não encontrar paralelo no livro IX de Columela, essas práticas não serão objeto de análise comparativa.

Vamos à análise dos trechos selecionados.

1 Proêmio uersus Prefácio [*Geórgicas* (IV 1-7) e *De Re Rustica* (IX Prefácio)]

O proêmio das *Geórgicas IV* é breve: sete versos distribuídos de forma equilibrada em três períodos de 2, 3 e 2 versos, respectivamente. No primeiro período, os termos que iniciam os dois primeiros versos que o compõem – *protinus* (v.1), “continuando” e *exsequar* (v.2), “relatarei” – indicam a continuidade dos livros precedentes. A expressão *aerii mellis caelestia dona* (v.1), “dons celestes do aéreo mel”, anuncia o único tema contemplado no canto, a apicultura (Varrão, por exemplo, uma das fontes¹⁴⁰ de Virgílio, aborda-a juntamente com a criação de outros animais da casa de campo), e contrapõe uma ideia de pureza e suavidade à imagem lúgubre que encerra o canto anterior (III), que termina com o funesto episódio da peste que assola os animais na região dos Alpes. A forma *aerii* retoma

¹⁴⁰ As fontes consultadas por Virgílio poderiam ser organizadas em duas categorias: fontes técnicas e fontes poéticas. “Quanto alle fonti, Virgilio ha tenuto presente la *Historia animalium* di Aristotele (libro IX, cap. 40) e soprattutto Varrone, di cui il lungo cap. 16 del III libro *De re rustica*, dedicato alle api, offre la possibilità di confronti con numerosi passi appartenenti alla prima parte del IV libro delle *Georgiche*. [...] Tra le fonti poetiche ricordiamo soprattutto Lucrezio, il grande maestro di Virgilio, che da lui prende espressioni e immagini, trasferendole in contesti diversi, arricchendole così di sfumature e significati nuovi; ma, rispetto a Lucrezio, che espone una dottrina filosofica di altri, Virgilio canta la natura e gli animali con grande partecipazione, e cura i particolari, anche minimi, con amore e sensibilità acutissima.” (GIGANTE, 1982, p.123-124).

uma concepção dos Antigos, segundo a qual o mel caía do céu e se depositava sobre as flores¹⁴¹; e *caelestia dona* sugere que ele é um dom do céu e dos deuses. O poeta se dirige a *Maecenas*¹⁴² (na mesma posição que essa palavra ocupa no livro I, v.2), a quem dedica o poema, e o convoca em tom solene para que *aspice*¹⁴³ (v.2), “considerare”, o seu canto. No segundo período (vv.3-5), o poeta estabelece a semelhança entre as abelhas e a sociedade humana: as formas *admiranda tibi... spectacula*¹⁴⁴ (v.3), “espetáculos... para tua admiração”, antecipam o caráter surpreendente e maravilhoso das imagens que serão apresentadas aos leitores; enquanto os termos de estrato militar, social e político que caracterizam o livro IV – “*magnanimos... duces totius... gentis / mores et studia et populos et proelia* (vv.4-5), “magnânimos chefes, costumes, ocupações, povos e combates de nações inteiras” – conferem-lhe um tom épico que contrasta com a expressão *leuium... rerum* (v.3), “pequenos assuntos”, a qual confirma a vinculação estética de Virgílio à poética alexandrina, ao ideal calimaqueano de leveza e brevidade.¹⁴⁵ A estrutura mesma deste proêmio é exemplo modelar de elaborada concisão.¹⁴⁶ No segmento final (vv.6-7), que traz a expressão *in tenui labor*¹⁴⁷ (v.6), “pequeno o trabalho”, o poeta reafirma o ideal alexandrino da brevidade, no início do mesmo verso em que destaca o valor de sua obra – *tenuis non gloria* (v.6), “não pequena a glória” –, sugerindo sua vinculação a essa escola. Por fim, invoca-se Apolo, deus protetor da poesia¹⁴⁸. De fato, a ênfase do proêmio recai no contraste entre a pequenez das abelhas e a grandiosidade de seu modo de viver, que se apresenta como motivo central do livro IV. A disposição mesma dos dois livros finais das *Geórgicas* sugere esse contraste, seja pelo movimento do grande ao pequeno (dos animais maiores às abelhas), seja pelo aprofundamento da complexidade da relação homem-natureza.¹⁴⁹

¹⁴¹ “[...] o mel é uma substância que cai do ar, sobretudo por altura do nascimento dos astros e quando se forma o arco-íris. Em geral não há mel antes do nascer das Plêiades [maio].” e, ainda, “[...] o mel não é ela [abelha] que o faz, mas recolhe-o quando ele se deposita.” (ARISTÓTELES, 2006, p.238).

¹⁴² “La posizione del nome assicura che le *Georgiche* sono formalmente dedicate a Gaio Mecenate [I, 2; II, 41; III, 41; IV, 2], influente cavaliere di origine etrusca, ispiratore della politica culturale di Augusto e protettore di Virgilio.” (VIRGÍLIO, 2007, p.137-138. Nota de Alessandro Barchiesi ao livro I das *Georgiche*).

¹⁴³ “[...] *aspice* contiene una sfumatura di tono quasi religioso, e prelude a qualcosa di importante, di impegnativo.” (GIGANTE, 1982, p.126).

¹⁴⁴ “*admiranda... spectacula*: sono visioni continue che il poeta nel corso del libro offre al lettore e che danno, di volta in volta, il senso della sorpresa, del miracolo.” (GIGANTE, 1982, p.126).

¹⁴⁵ Cf. GIGANTE, 1982, p.126-127.

¹⁴⁶ Cf. VIRGÍLIO, 2007, p.175. Nota de Alessandro Barchiesi ao livro IV das *Georgiche*.

¹⁴⁷ “[...] nell’espressione *in tenui labor* (v.6), nella quale è racchiuso l’ideale alessandrino (soprattutto callimacheo) del λεπτός, che ritroviamo anche in altri poeti dell’età augustea”. (GIGANTE, 1982, p.127).

¹⁴⁸ “Il poema didascalico doveva contenere nel suo proemio tre elementi: una *propositio*, che informava il lettore sul contenuto dell’opera, una *dedicatio*, con cui il poeta onorava il personaggio per cui l’opera era scritta, ed una *inuocatio* che chiamava le divinità in aiuto alla difficile impresa”. (POLARA, 1983, p.17-18).

¹⁴⁹ Cf. VIRGÍLIO, 2007, p.175. Nota de Alessandro Barchiesi ao livro IV das *Georgiche*.

O prefácio do livro IX do *De re rustica* inicia-se com a expressão *Venio nunc*, “Venho agora”, que (tal qual o *protinus... exsequar* do canto IV das *Geórgicas*) indica a continuidade dos livros precedentes. O fragmento *tutelam pecudum siluestrium et apium educationem*, “cuidado dos animais selvagens e à criação das abelhas”, anuncia que a apicultura é abordada juntamente com a criação de outros animais da casa de campo (como o fizera Varrão), o que a coloca no mesmo plano das demais criações da casa de campo. A leitura do texto, porém, revela que a criação de outros animais ocupa apenas o primeiro capítulo do livro, enquanto a apicultura se estende pelos quinze capítulos restantes, em que aspectos variados do tema são abordados, como, por exemplo, como produzir a cera (subproduto da extração do mel), confirmando que a apicultura ocupa um lugar de destaque entre as demais criações por sua importância econômica na sociedade romana. Em seguida, o agrônomo assume a voz de *magister* didático e se dirige a *Publio Siluino*, o amigo a quem dedica o texto e personificação do leitor. Segue-se a retomada e desenvolvimento dos temas já anunciados de forma concisa no início do prefácio, em que se percebe a postura político-econômica ‘moderna’¹⁵⁰ do agrônomo que se mobiliza para reformar as práticas agrícolas tradicionais. Ao referir-se à criação de animais da casa de campo, ele menciona um *mos antiquus*¹⁵¹, “o costume antigo”, que estabelecia reservas para os animais, indicando um tipo obsoleto de criação de animais selvagens para uso doméstico que se opõe à maneira ‘moderna’ que ele defende, cujo fim é, sobretudo, gerar lucro para o proprietário; e enumera os animais criados pelos antigos, *lepusculis capreisque, ac subus feris*, “para as lebres, para os cabritos e para os porcos selvagens”, em que se prenuncia uma crítica ao ‘costume antigo’, pois as lebres não são próprias para criação em cativeiro, visto que pela pequenez de seus corpos elas se intrometem pelas aberturas dos cercados e fogem, após o *pater familias* ter gasto tempo e recursos para alimentá-las. Ao referir-se à apicultura, o agrônomo alude à permanência de práticas agrícolas ultrapassadas (*mos antiquus*), que *adhuc nostra memoria*, “ainda em nossa época”, estabelecia as colmeias quer *in ipsis uillae parietibus excisis, uel in*

¹⁵⁰ “Columelle estime donc que les techniques agricoles sont loin d’avoir été développées comme elles l’auraient pu et qu’elles sont restées, sinon primitives, du moins empiriques.” (MARTIN, 1971, p.319).

¹⁵¹ “Os Romanos tinham como suporte fundamental e modelo do seu viver comum a tradição, no sentido de observância dos costumes dos antepassados, *mos maiorum*. Esta ideia é, pelo menos, tão antiga como Ênio, em fragmento muitas vezes citado: ‘Nos costumes e varões antigos se apoia o Estado Romano’.” (PEREIRA, 2009, p.357) Não confundir a referência ao *mos antiquus* a uma possível crítica do agrônomo ao *mos maiorum*; pelo contrário, Columela é um defensor dos costumes tradicionais e das ideias morais romanas – *labor, fides, honor*, entre outras –, como Virgílio, ele era um escritor engajado, e, ao criticar um determinado ‘costume antigo’, cuja origem é difícil determinar, ele se refere às práticas que conduziram Roma à crise agrícola de seu tempo, obrigando o Estado a importar alimentos como nos tempos das guerras civis. René Martin (1971, p.311) assim se expressa sobre o assunto: “Face à la crise agricole de son temps, Columelle ne se borne pas à diagnostiquer le mal et à déterminer ses causes; il propose aussi un certain nombre de remèdes, qu’il nous faut étudier maintenant, et qui le font passer, ainsi que nous le verrons, de l’économie et de la philosophie à la politique”.

protectis porticibus ac pomariis, “nas próprias paredes escavadas da casa de campo, quer nos pórticos cobertos e nos pomares”. Aqui, também, estabelece-se o contraste entre um tipo de manejo já superado em seu tempo e uma prática ‘moderna’, que gera maior produtividade das colmeias e, conseqüentemente, maior lucro para o proprietário. No fim do prefácio vem a indicação da ordem linear adotada na exposição da matéria – *ea nunc quae proposuimus singula persequamur*, “desenvolvamos agora, um a um, os tópicos propostos”.

Nota-se que o prefácio do livro IX de Columela se configura como uma espécie de resumo de suas concepções político-culturais e econômicas: após indicar os temas do livro (criação de animais e apicultura), ele menciona em linhas gerais o *mos antiquus* que pretende reformar, contribuindo assim para a grandeza de Roma; e na exposição da matéria, encontramos expressões disseminadas que revelam críticas ao “costume antigo” (como veremos nas análises dos trechos selecionados). Nesse aspecto, o prefácio se identifica, ainda que lateralmente, com o próêmio do canto IV das *Geórgicas*. Virgílio, ao dar ênfase no próêmio ao contraste entre a pequenez das abelhas e a grandiosidade de seu modo de viver representa a colmeia um exemplo modelar de organização político-econômico-social para a sociedade humana.

2 Eleição de lugar para as colmeias [Geórgicas (IV 8-32) e De Re Rustica (IX 4-5)]

Devemos notar que os modos peculiares de organização do conteúdo referente à descrição do local em que as colmeias devem ser instaladas são diferentes em um e outro autor. Tal diferença deve ser atribuída a orientações genéricas específicas: no tratado, por exemplo, recomendações e orientações técnicas são detalhadas a ponto de permitirem ao leitor colocá-las em prática, ou enfatizadas, nos casos em que certos cuidados devem ser tomados para evitar eventual dano às colmeias. Na poesia didática, recomendações e orientações técnicas são mais concisas, e ênfases em precauções a serem tomadas são raras.

O primeiro tema do canto IV das *Geórgicas* se refere à topografia do local em que as colmeias devem ser instaladas, bem como às providências que devem ser tomadas para prover as abelhas de condições ideais necessárias à produção de mel.¹⁵² O poeta introduz o tema dessa passagem com o advérbio *principio* (v.8), “primeiramente”: *sedes apibus statioque petenda* (v.8), “há que buscar morada e local para as abelhas”. Essa mesma palavra

¹⁵² “Varro’s description of the bees’ society [R.R. III 16, 12] already shows a debt to the tradition, and may well have suggested to Virgil the potencial for an ethnographical approximation.” (THOMAS, 2010, p.149).

(*principio*) vem imediatamente após o proêmio do canto II (II 9), sugerindo que elas foram dispostas correlativamente, a fim de vincular os dois cantos (os mais ‘leves’¹⁵³ das *Geórgicas*), cujos proêmios têm extensão semelhante. Os termos que aqui designam as colmeias, *sedes* e *statio*, aconselham a aproximação entre o mundo desses pequenos animais e o do homem, pois pertencem ao campo semântico de “habitação” (humana), e apenas no sentido figurado significam ‘colmeia’¹⁵⁴. Em seguida, aconselha instalar as colmeias em local protegido de ventos (v.9), de ovelhas, bodes e novilhas (vv.10-12). Depois vem uma série de proibições introduzida pelo verbo *absint* (v.13), “afastem-se”, os lagartos e aves predadoras (vv.13-17); seguida de uma lista de prescrições – encaminhada pelo verbo *adsint* (v.19), “se encontrem”, formado da mesma raiz de *absint* – dos elementos que devem constituir a paisagem: fontes d’água com musgo (v.18), riacho (v.19), palmeira ou zambujeiro que produzam sombra no *uestibulum* (v.20), “entrada”, termo que identifica a habitação das abelhas à dos humanos¹⁵⁵; no meio d’água, salgueiros e pedras para servirem de pouso (v.26), *si forte morantis sparserit aut praeceps Neptuno immerserit Eurus* (vv.29-30), “se, por acaso, Euro tiver molhado ou submergido impetuoso em Netuno as que se retardam”; ao redor disso, um jardim com manjeronas, serpões, segurelha e violetas (vv.27-32).

O primeiro aspecto notável desse trecho das *Geórgicas* é a ordenação de suas partes em duas seções distintas: uma de caráter proibitivo (vv.8-17); a segunda, prescritivo (vv.18-32). Na primeira, a voz poética lista uma série de elementos a serem evitados e os inconvenientes que lhes são associados. Essa parte admite uma subdivisão em dois segmentos com mesma extensão e número de elementos: o primeiro (vv.8-12) apresenta duas categorias de natureza distinta que abarcam quatro elementos, o vento (v.9), que impede as abelhas de levarem os alimentos recolhidos para as colmeias, e os animais domésticos – ovelhas (v.10), bodes (v.10) e novilha (v.11) – que devem ser mantidos distantes do campo reservado às colmeias, para não pisotear as flores e a relva; o segundo segmento (vv.13-17) contém

¹⁵³ Os quatro livros das *Geórgicas* estão organizados em duas estruturas binárias: os livros I e II formam uma unidade; III e IV, uma segunda. Essa organização está sugerida na estrutura e composição dos proêmios, em dados intrínsecos aos livros, assim como na bipartição tradicional itálica dos terrenos para o cultivo, *aruum* (I-II) e pastoreio, *pascuum* (III-IV). (BAUZÁ, 2008. p.153; GRIMAL, 1985. p.117-128; POLARA, 1983. p.12-13) O livro I, que trata do cultivo de grãos, encerra-se com a descrição dos presságios subsequentes ao assassinato de Júlio César (I 463-497) e uma prece encaminhada aos deuses e a Otaviano para que socorram Roma, afligida por guerras civis (I 498-514). Por oposição aos presságios funestos que finalizam o livro I, o livro II equilibra a unidade (I-II) celebrando a fertilidade dos campos. O livro III trata do gado menor e do maior, e é encerrado com a descrição da peste Nórica (III 474-566) que devastou animais selvagens e domésticos. O livro IV, dedicado à apicultura, equilibra a unidade (III-IV) e celebra o mel e a harmonia que reina na comunidade das abelhas.

¹⁵⁴ “This is the first of many parallels drawn between the worlds of smaller animals and bees (...). The words also strengthen the the human dimension; Virgil completely avoids the word *aluus* (= ‘beehive’).” (THOMAS, 2010, p.149).

¹⁵⁵ “*uestibulum*: doubtless intended to suggest a human habitation.” (THOMAS, 2010, p.151).

igualmente quatro elementos, o lagarto (v.13) e as aves predadoras – melharucos (v.14), aves não nomeadas (v.14) e Procne¹⁵⁶ (v.15) – que se alimentam das abelhas. E, ainda em comum, os dois segmentos (vv.8-12 e vv.13-17) ostentam organização calculada e seletiva do conteúdo instrucional, segundo os pressupostos do gênero didático.¹⁵⁷ Note-se que os elementos dos dois segmentos foram dispostos em ordem crescente de periculosidade: os do primeiro segmento (ventos e animais domésticos) causam perturbação no *habitat*, o que compromete as condições ideais à produção de mel; mas os do segundo (lagarto e aves predadoras) colocam em perigo a própria existência desses seres divinos. Desse modo, a segunda ameaça deve ser combatida com mais veemência do que a primeira, o que é indicado textualmente pelo verbo *absint* (v.13), que introduz as recomendações concretas a respeito das medidas a serem adotadas pelo apicultor para evitar tais riscos. Esse uso da linguagem é característico da poesia didática virgiliana, que organiza o conteúdo de forma a selecionar as informações que seriam fornecidas em um tratado, como, por exemplo, a recomendação de colocar as colmeias na parte baixa de um vale, para que as abelhas saiam leves a buscar alimentos, enfrentando mais facilmente os ventos, e retornem sem dificuldades com a carga pelo declive. Aliás, o poeta já tinha renunciado à precisão ao referir-se às aves predadoras, no verso anterior (v.14), simplesmente por *aliaeque uolucres*, “e outras aves”, sem nomeá-las.

Na segunda seção (vv.18-32), a voz poética enumera uma série prescritiva de elementos, naturais ou providenciados pelo homem, que devem compor a paisagem. Essa parte admite uma subdivisão em três segmentos, cada um deles correspondendo a um período composto. O primeiro ocupa sete versos (vv. 18-24) e descreve os elementos da paisagem local em que se fixam as colmeias: fontes cristalinas (v.18), lagos verdejantes com o musgo (v.18), tênue riacho (v.19), palmeira (v.20) e zambujeiro (v.20). Alguns elementos desses segmentos “não seriam estritamente necessários ao esclarecimento do tema para os leitores”, pois “a menção ao pouso das abelhas migrantes nas sombras das árvores, estendido por quatro versos (v.21-24), talvez pudesse ser mais condensada sem que se deixasse de dizer que a penumbra favorece seu estabelecimento no espaço destinado a esse fim.”¹⁵⁸ O poeta, porém,

¹⁵⁶ Procne: filha de Pandião, rei de Atenas, e esposa de Tereu. Dessa união, ela deu à luz Ítis, mas ao descobrir que o marido violentara sua irmã (Filomela), mata o filho e lhe serve; em seguida, foge com Filomela. Tereu, quando descobre o crime, persegue as duas mulheres, que imploram aos deuses que as poupem e são atendidas. Filomela é transformada em rouxinol; Procne, em andorinha. (Cf. GRIMAL, 1993. verbete: *Filomela*).

¹⁵⁷ A seletividade de Virgílio está em contraste “with the agricultural prose writers: ‘But what strikes one particularly on comparison with Varro, or still more with Columella, is what Virgil selects to treat, and how much he decides to omit.’ As an example of this, Wilkinson proceeds: ‘Book 2 is nearly all devoted to the vine: there are only a few lines on the equally important olive, and other trees receive the most cursory treatment.’ And in a later work he remarks (again on the slight treatment of olives): ‘Nothing could make it clearer that the *Georgics* is a poem, not an exhaustive handbook.’” (SPURR, 2008, p.19. in VOLK, 2008).

¹⁵⁸ TREVIZAM, 2006, p.260.

preferiu aproveitar a sugestão de elementos potencialmente poéticos e tornar a passagem mais convidativa ao leitor, compondo uma paisagem bucólica¹⁵⁹, ao estilo objetivo, que prescindiria dessa digressão em função de pormenores afins ao tema. O segundo segmento abarca cinco versos (vv.25-29) e complementa o segmento anterior, ao preceituar instruções referentes às intervenções nas fontes de água que assegurem o bem-estar das abelhas (colocação de salgueiros e pedras no meio d'água, semelhantes a pontes) e, de modo especial, retoma uma passagem da primeira seção (vv.9-10) – *pabula uenti ferre domum prohibent*, “os ventos proíbem levar os alimentos para casa” – em que os ventos representam um obstáculo para as abelhas que retornam às colmeias carregadas com os alimentos. Nesse caso, os termos “vento” e “água” são indicados por sinédoques¹⁶⁰, “Eurus” e “Neptuno”, respectivamente: *si forte morantis/ sparserit aut praeceps Neptuno immerserit Eurus*, “se, por acaso, Euro tiver molhado ou submergido impetuoso em Netuno as que se retardam”. A elevação do estilo aumenta o sentido de perigo e parece remeter o leitor à ideia da vida como luta, associada às provações impostas por Júpiter à sobrevivência (cf. I, vv.121-124). O terceiro segmento, por fim, ostenta três versos (vv.30-32) que completam a seção, e se inicia com o marcador discursivo “*Haec circum*” (“Ao redor disso”), que situa a localização do espaço físico do jardim ao redor das colmeias. A enumeração das plantas que devem compor tal jardim se restringe a quatro espécies, nesta ordem: manjeronas, serpões, segurelhas e violetas. Nesse, e em outros casos, o número reduzido de elementos que compõem a paisagem é característico da poesia didática virgiliana, que prioriza a seleção e estilização do conteúdo em detrimento da enumeração exaustiva de caráter informativo.¹⁶¹ As três primeiras ervas compõem sintagmas nominais coordenados entre si (núcleos do sujeito) e organizados em ordem crescente de extensão que sugere o aumento progressivo da amplitude dos predicados que as caracterizam – *casiae uirides* (v.30), “verdejantes manjeronas”; *olentia late serpylla* (v.29-30), “serpões que deitam aromas bem ao longe”, alongando-se por dois versos como a indicar a extensão de seus perfumes; e *grauiter spirantis copia thymbrae* (v.31), “muita segurelha de intenso cheiro”¹⁶²; a quarta erva do jardim vem despida de atributos, em um oração coordenada, equilibrando essa “pintura” e fechando a moldura – *inriguomque bibant uiolaria*

¹⁵⁹ Cf. TREVIZAM, 2006, p.260-261.

¹⁶⁰ sinédoques: figura de linguagem que consiste na substituição de um termo por outro, que amplia o âmbito de significação do primeiro. (Cf. TAVARES, 1974, p.375-379).

¹⁶¹ A linguagem técnica da agricultura, empregada nos tratados, era detalhada e abundante: “[...] è dato constatare una notevole ricchezza lessicale, non solo nella terminologia presa globalmente, ma anche e soprattutto nell’accurata nomenclatura del particolare e nell’accumulo di termini riferiti a un unico oggetto, con sfumature di significato in qualche caso per noi di difficile identificazione, ma per lo più abbastanza trasparenti.” (MEO, 2005, p.56-57).

¹⁶² Cf. TREVIZAM, 2006, p.262.

fontem (v.32), “e as violetas bebam da fonte que as banha”.¹⁶³ A descrição virgiliana se refere a um *locus amoenus*, “lugar ameno”, paisagem característica da poesia bucólica, cuja presença não é essencial à economia informativa (*docere*) do poema, mas desejável para cumprir a função retórica de *delectare*, “deleitar”, o leitor.

Columela, por sua vez, descreve os campos reservados às colmeias em dois capítulos (4-5), como dissemos. No primeiro, recomenda que as colmeias sejam postas em local reservado, inacessível ao rebanho, de temperatura amena, protegido de tempestades e ventos, e provido de uma série extensa de plantas que nomeia: *thymi aut origani... thymbrae, uel nostratis cunilae*, “tomilho ou orégano... segurelha comum ou... de nossa terra”; *rosmarinus, et utraque cytisus*, “alecrim e as duas variedades de codesso”; *pinus, et minor illex*, “pinheiro... e a azinheira menor”; *ederae*, “heras”; *rutila atque alba ziziphus*, “açufeifa rubra e a alva”; *tamaraces*, “tamargueiras”; *amygdalae, persicique, ac pyri*, “amendoeiras, os pessegueiros e as pereiras”; *robora*, “carvalhos”; *terebinthus... lentiscus ac tiliae*, “o terebinto, o lentisco... e as tílias”. No segundo deles, que complementa o anterior, aconselha que as colmeias sejam assentadas em local protegido, em frente ao sol nascente, silencioso, de temperatura amena, na parte baixa de um vale. Se a posição e condição da casa de campo o permitirem, localiza-se o apiário junto à sede; em caso contrário, em vale vizinho. As colmeias não devem ser circundadas por muro elevado; e edificam-se choupanas perto delas para que os tratadores as habitem e para armazenar equipamentos e utensílios vários. As colmeias devem ser sombreadas por palmeiras ou zambujeiros. Deve haver fonte de água corrente ou tirada à mão, com varas e pedras no leito, para servirem de pouso. E na vizinhança um jardim deve ser plantado: codessos, manjeronas, pinheiros, alecrins, orégano, tomilho e violetas.

Columela descreve de modo minucioso a topografia do lugar em que deve ser instalado o apiário; nos dois capítulos (4-5), especifica recomendações, informações e detalhes miúdos necessários ao cuidado das colmeias. Inicialmente (capítulo 4), lista as características gerais do campo de coleta destinado às abelhas – *secretissimae*, “muito reservado” e, citando Virgílio, *uiduae pecudibus*, “inacessível ao rebanho”, *aprico*, “exposto ao sol”, *minime procelloso caeli statu* “protegidos de tempestades” – e abona essa breve descrição com uma citação de quatro versos de Virgílio:

quo neque sit uentis aditus; nam pabula uenti

¹⁶³ O longo período (IV 30-32) divide-se em três membros – o último deles, maior em extensão –, configurando um *tricolon ascendens*.

*Ferre domum prohibent: neque oues haedique petulci
Floribus insultent, aut errans bucula campo
Decutiat rorem, et surgentes atterat herbas.*¹⁶⁴

[...] em que não exista entrada para os ventos (porque os ventos proibem levar os alimentos para casa), nem as ovelhas e os bodes inquietos insultem as flores ou a errante novilha pelo campo agite o orvalho e pisoteie as nascentes ervas. (Tradução nossa)

Essa citação, devido à omissão do verso que a vincula ao contexto – *Principio sedes apibus statioque petenda* (*Georg.* IV 8) –, refere-se não à *sedes*, “morada”, termo cujo significado identifica a habitação das abelhas à dos homens, mas à *pabulatio*, “campos de coleta”, de que oferece uma imagem poética e concisa.

Em seguida, vem a série extensa de ervas que devem compor um campo de coleta ideal: nada menos do que 30 espécies vegetais são distribuídas em seis categorias, segundo sua natureza (cultivada ou silvestre) e seu porte (arbustos, plantas de maior porte e árvores). A quantidade de plantas listadas por Columela, contraposta à mencionada por Virgílio (apenas 4 espécies!), revela a preocupação do agrônomo em fornecer ao apicultor dados que tenham aplicação efetiva em sua atividade agrária.¹⁶⁵ Além disso, alerta os leitores a respeito da única espécie que deve ser eliminada, o teixo: *Solae ex omnibus nocentes taxi repudiantur*, “Dentre todas essas árvores, apenas os nocivos teixos são rejeitados”, pois essa planta produz uma toxina que pode matar as abelhas. E para encerrar a seção referente às plantas, o agrônomo recategoriza-as segundo a qualidade decrescente do mel que é produzido a partir delas. Embora essa repetição possa parecer redundante, ela é de suma importância para o apicultor, que pode formar um jardim com as plantas que propiciam o mel de melhor qualidade e, assim, beneficiar-se com um produto de maior valor comercial.¹⁶⁶ Notável, ainda, é o rigor técnico aplicado à enumeração das ervas, que vêm, normalmente, desprovidas de atributos e quando os apresentam é porque tal caracterização é essencial à distinção entre variedades de uma mesma espécie, como, por exemplo, *puniceae rosae luteolaeque*, “rosas encarnadas e

¹⁶⁴ *Georg.* IV 9-12.

¹⁶⁵ Segundo Cesideo de Meo, “Né contribuiva al chiarimento tecnico l’assunzione della vita dei campi a materia di poesia, con il prevedibile attenuarsi delle esigenze di esattezza scientifica a vantaggio delle suggestive ragioni dell’arte. Questo già Seneca dichiarava apertamente a proposito delle *Georgiche*: *Vergilius non quid uerissime, sed quid decentissime diceretur aspexit nec agricolos docere uoluit, sed legentes delectare* (*epist.* 86, 15). Affermazione valida in linea generale [...]. Le *Georgiche*, comunque, non sono certo un testo facile nelle parti tecniche [...]. D’altra parte, si sa, Virgilio non si prefiggeva di scrivere un trattato (il che non esclude un’accurata opera d’informazione)”. (MEO, 2005, p.26).

¹⁶⁶ “L’Antiquité a ignoré le sucre. [...] C’est le miel qui tient lieu de sucre. Les espèces en variaient naturellement avec la saison, miel de printemps, miel d’été, miel d’automne, le meilleur suivant Columelle, le moins estimé selon Pline, parce qu’il est de bruyère; selon les fleurs butinées, parmi lesquelles le ‘thym’, la sarriette, le serpolet et la marjolaine donnent les qualités les plus savoureuses”. (ANDRÈ, 2009, p.186).

amarelas”. A frase final resume a matéria do capítulo – *situm pastionum*, “situação das pastagens”, *genera pabulorum*, “vários tipos de alimentos” – e antecipa a do subsequente, *receptaculis et domiciliis examinum*, “refúgios e domicílios dos enxames.” Trata-se, basicamente, de um artifício retórico de conduzir o leitor pelo texto, situando-o ao longo do desenvolvimento da matéria.

No capítulo seguinte (5), Columela complementa a descrição dos campos reservados às colmeias com instruções mais pontuais, isto é, recomendações práticas a respeito de sua localização e instalação. Um aspecto notável dessa descrição é a ênfase em certas orientações que contêm referências a excrementos e odores desagradáveis, como, por exemplo, se a posição e condição da casa de campo o permitirem, localiza-se o apiário junto à sede, mas no lado da casa que está livre de odores desagradáveis; e, adiante, reitera que sejam afastadas das colmeias quaisquer coisas de cheiro forte e fastidioso. O emprego de termos e expressões como *tetris latrinae sterquiliniique et a balinei... odoribus*, “odores pestilentos da latrina, da esterqueira e dos banhos”, e *cancri nidor, cum est ignibus adustus, aut odor palustris caeni*, “o odor do caranguejo quando assado ao fogo ou o do lodo do pântano”, tem como fim imediato a divulgação de saberes técnicos que subordinam a linguagem a seu uso concreto. Em Virgílio, tal uso seria modulado¹⁶⁷, a fim de preservar a beleza formal da linguagem poética. Por sua natureza genérica, os tópicos técnicos são assimilados e enriquecidos semanticamente pela estrutura poética das *Geórgicas*, o que as torna uma obra de instrução agrária ficcionalmente elaborada em que o caráter informativo deixa de ser a função dominante do texto para converter-se em algo a serviço de outros processos.¹⁶⁸

Neste capítulo há duas citações de Virgílio. A primeira delas parece ter função meramente ornamental:

*Palmaque uestibulum aut ingens oleaster obumbret,
Vt cum prima noui ducent examina reges,
Vere suo, ludetque fauis emissa iuuentus:
Vicina inuitet decedere ripa calori,
Obuiaque hospitii teneat frondentibus arbor.*¹⁶⁹

¹⁶⁷ A título de comparação, cita-se a passagem em que Virgílio recomenda ao apicultor evitar expor as abelhas a cheiros que lhe são desagradáveis: *neu propius tectis taxum sine neue rubentis / ure foco caneros altae neu crede paludi / aut ubi odor caeni grauis aut ubi concaua pulsu / saxa sonant uocisque offensa resultat imago.* (*Georg.* IV 47-50) (E não permitas junto à colmeia o teixo, nem asses vermelhos caranguejos ao fogo, nem creias em lagoa profunda, ou em lugar onde o odor do lodo é intenso, ou em lugar onde as rochas ocas ressoam com uma batida e o eco retumba, ao atingi-lo a voz)

¹⁶⁸ Cf. TREVIZAM, 2006, p.116.

¹⁶⁹ *Geórg.* IV 20-24.

[...] e uma palmeira ou ingente zambujeiro sombreie o vestibulo; para que, quando os novos reis conduzirem os primeiros enxames na favorável primavera e jubilar-se a juventude saída dos favos, uma margem vizinha os convide a se esquivarem do calor, e uma árvore acessível os retenha em hospitaleiras folhagens. (Tradução nossa)

Essa citação, se omitida, não comprometeria a informação essencial que introduz, já que o agrônomo recomendara no capítulo anterior (4) que se plantassem em torno do apiário árvores que dariam provisório abrigo aos novos enxames que eventualmente deixassem as colmeias na primavera. Nota-se, ainda, que a citação apresenta as abelhas antropomorfizadas, como podemos notar por termos como *uestibulum*, “entrada” da residência (nesse caso, colmeia), *iuuentus*, “juventude”, e *ludet*, “alegrar-se”, o que rompe a monotonia do estilo objetivo característico do gênero tratado e põe em relevo a função poética da linguagem.

A segunda citação também exhibe função ornamental, mas também informativa:

*Pontibus ut crebris possint consistere, et alas
Pandere ad aestiuum solem, si forte morantis
Sparsarit, aut praeceps Neptuno immerserit Euris.*¹⁷⁰

[...] para que possam agarrar-se a numerosas pontes e estender as asas ao sol do verão, *se* acaso aquelas que se demoram Euro molhou ou imergiu em impetuoso Netuno. (Tradução nossa)

O agrônomo recomenda, por meio de linguagem expressiva (os signos “vento” e “água” são substituídos por Euro e Netuno, respectivamente), que se coloquem varas e pedras como se fossem pontes nos mananciais d’água frequentadas pelas abelhas: elas teriam onde se apoiar para secar as águas caso submergissem nas águas.

Observa-se, já aqui, duas categorias de citações de Virgílio: uma meramente poética, cujo conteúdo instrucional pouco contribui para o desenvolvimento da matéria; outra poético-didática, que concilia a linguagem expressiva à veiculação de conhecimento técnico-agrícola. Isso não significa que as citações poéticas sejam desnecessárias à economia do texto de Columela, mas que desempenham a tarefa de *delectare*, além de informar e instruir o leitor a respeito de determinado tema.

¹⁷⁰ *Geórg.* IV 27-29.

3 Materiais para confecção das caixas das colmeias [*Geórgicas* (IV 33-36) e *De Re Rustica* (IX 6)]

Este tema se refere aos materiais empregados pelo apicultor para confeccionar as caixas das colmeias.

Virgílio destina apenas quatro versos (vv.33-36) a esse tema, que indicamos integralmente aqui:

*Ipsa autem, seu corticibus tibi suta cauatis
seu lento fuerint aluaria uimine texta,
angustos habeant aditus: nam frigore mella
cogit hiems, eademque calor liquefacta remittit.*¹⁷¹

Mas as próprias colmeias, quer tenham sido formadas por ti de cavadas cortiças, quer tecidas de flexível vime, tenham estreitas entradas: porque os méis o inverno congela com o frio, e o calor torna-os liquefeitos. (Tradução nossa)

Observa-se que apenas dois materiais foram indicados para a composição das caixas que abrigam as abelhas (a cortiça e o vime), apesar de outros materiais serem comumente empregados à época em sua feitura (Varrão lista cinco materiais¹⁷²); e não se fez distinção qualitativa entre as caixas fabricadas com um ou com outro material, embora o poeta soubesse que as de cortiça eram preferíveis às de vime, pois tais informações não escaparam aos agrônomos da Antiguidade greco-latina, sobretudo a Varrão¹⁷³ (uma das fontes do poeta). Em ambos os tipos de caixa o poeta recomenda que a entrada das colmeia seja estreita, pois esse artifício auxiliaria no controle interno da temperatura, mantendo-a amena e, assim, evitando o excessivo frio ou calor.¹⁷⁴ Nota-se que Virgílio omitiu uma segunda razão para essa recomendação, que foi mencionada por Aristóteles (outra de suas fontes): afastar invasores daninhos às abelhas.¹⁷⁵

¹⁷¹ *Georg.* IV 33-36.

¹⁷² “Varro lists five types of hive: *alii faciunt ex uimibus rotundas, alii e ligno ac corticibus, alii ex arbore caua, alii fictiles, alii ex ferulis quadratas*, R.R. 3.16.15. Virgil, not concerned with instruction, has merely taken the first two; at 2.452-3 he mentioned a third type”. (THOMAS, 2003, p.153).

¹⁷³ *Alui optimae fiunt corticae, deterrimae fictiles, quod et frigore hieme et aestate calore uehementissime haec commouentur*. “As melhores colmeias se fazem de cortiça, as piores de argila, porque essas são extremamente afetadas pelo frio no inverno e pelo calor no verão.” (TREVIZAM, 2012, p.256-257).

¹⁷⁴ “Columella, though specifying excessive temperature as a threat, considers cold to be the only real danger, 9.7.4.” (THOMAS, 2003, p.153).

¹⁷⁵ “Aristotle prescribed narrow entrances as a means of excluding intruders (H.A. 623b30).” (THOMAS, 2003, p.153).

Por que Virgílio omite outros materiais à disposição do apicultor? A poesia didática virgiliana não se compromete com o detalhamento minucioso de informações técnico-científicas, mas com a forma literária. Assim, essa passagem, em que há redução de materiais possíveis a apenas dois (melhores), parece harmonizar-se com dois trechos seguintes: um em que há instruções para reter enxames novos em caixas preparadas (vv.51-87), que devem ser as melhores (e por isso o poeta não listou outros materiais, piores); outro em que há descrição de dois tipos de reis, e orientações para eleger o melhor deles, eliminando o outro (vv.88-102).

Por sua vez, Columela lista sete materiais que o apicultor pode utilizar para fabricar caixas, classificando-os em ordem decrescente quanto à qualidade das caixas resultantes, segundo (a) a capacidade das caixas de preservarem a temperatura interna sempre amena, não esfriando no inverno nem aquecem excessivamente no verão, (b) a sua resistência às chamas, (c) e a sua mobilidade, a saber: cortiça de sobreiro, cortiça de férula, vime, madeira, argila, esterco e tijolos. No trecho em análise, destacam-se, ainda, dois aspectos recorrentes e essenciais na obra de Columela, (a) o diálogo crítico com a tradição agrônômica como argumento de autoridade e (b) a preocupação de caráter eminentemente econômico, como nesta passagem:

*Reliqua sunt aliorum genera duo, ut uel ex fimo fingantur, uel lateribus extruantur: quorum alterum iure damnauit Celsus, quoniam maxime est ignibus obnoxium; alterum probauit, quamuis incommodum eius praecipuum non dissimulauerit, quod, si res postulet, transferri non possit. Itaque non assentior ei, qui putat nihilo minus eius generis habendas esse alios: neque enim solum id repugnat rationibus domini, quod immobiles sint, cum uendere aut alios agros instruere uelit; (hoc enim commodum pertinet ad utilitatem solius patrisfamilias) sed, quod ipsarum apium causa fieri debet, cum aut morbo aut sterilitate et penuria locorum uexatas conueniet in aliam regionem mitti, nec propter praedictam causam moueri poterunt, hoc maxime uitandum est.*¹⁷⁶

Restaram dois tipos de colmeias, que são moldadas de esterco ou erigidas de tijolos. Celso condenou com razão uma delas, porque é especialmente vulnerável às chamas; a outra aprovou, ainda que não tenha ocultado sua principal desvantagem: que, se a ocasião demandar, não pode ser mudada. E assim, não concordo com ele (que julga, contudo, deverem ser empregadas colmeias desse tipo), visto que não só contraria os interesses do senhor que elas sejam imóveis, quando quer vender ou prover outros campos (essa comodidade, com efeito, diz respeito ao exclusivo proveito do *pater familias*), mas também o que deve ser feito por causa das próprias abelhas, quando, atormentadas por doença ou pela esterilidade e pobreza do lugar,

¹⁷⁶ RR. IX 6.

convier que sejam enviadas a outra região, e não puderem ser removidas pela razão dada acima. Algo que, sobretudo, deve ser evitado. (Tradução nossa)

Nessa passagem, ao indicar os dois últimos materiais de sua lista e analisar as características (negativas) das caixas resultantes, Columela recorre à autoridade de Celso¹⁷⁷ para apoiar sua argumentação, atitude que revela sua erudição. A referência, porém, é sempre mediada pela revisão crítica das recomendações: no que se refere ao emprego de caixas feitas de esterco, que Celso condena por serem particularmente vulneráveis às chamas, Columela manifesta seu juízo crítico avaliando positivamente a instrução de Celso por meio do advérbio *iure*, “com razão”. Em relação às caixas de tijolos, ele lembra que Celso, embora não tenha omitido sua principal desvantagem – não serem móveis –, recomenda-as; instrução que lhe parece equivocada. Para contestá-lo, o agrônomo se apoia em razão de ordem econômica: o fato de não serem móveis contraria os interesses do *pater familias*, pois dificulta a venda das colmeias ou seu transporte para outros campos, o que deve ser feito quando alguma doença lhes acomete ou os campos se esgotam. Quaisquer que sejam as razões, *hoc enim commodum pertinet ad utilitatem solius patrisfamilias*, “essa comodidade, com efeito, diz respeito ao exclusivo proveito do *paterfamilias*”. Em prol dos interesses do *paterfamilias*, Columela encerra a passagem condenando veementemente as caixas feitas de tijolos: *hoc maxime uitandum est*, “Algo que, sobretudo, deve ser evitado.”. Esse modo “engajado” de encaminhar as recomendações expõe sua crença no esforço humano como meio eficaz para superar todas as adversidades impostas pela natureza à produção agrícola.

4 Eleição de um rei e características das melhores abelhas.

[*Geórgicas* (IV 88-94; 95-102) e *De Re Rustica* (IX 3; 10)]

Este item se refere à descrição de aspectos físicos e comportamentais dos diferentes tipos de abelhas (rainhas e operárias), e à eleição das melhores quanto à capacidade melífera. Tal classificação é essencial ao manejo das abelhas e à organização do sistema produtivo nos *fundi*, uma vez que as diferentes espécies apresentam variada habilidade para

¹⁷⁷ *Celso: Aulus Cornelius Celsus*, “el autor del tratado enciclopédico titulado *Artes*, compuesto probablemente en época de Tiberio, del que solamente se ha conservado la parte encomendada a la disciplina médica. Celso abría su obra con un bloque de cinco libros dedicados a la agricultura precediendo a los ocho de medicina.” (AGUILAR, 2006, p.257).

produzir mel.¹⁷⁸ Antes de passarmos à análise dos trechos selecionados, convém fazer uma ressalva: os antigos tomavam as rainhas por reis e, ao descrevê-los se referiam na verdade a rainhas. A descoberta de que os enxames eram guiados por fêmeas ocorre apenas no século XVII.¹⁷⁹

Virgílio descreve primeiro dois tipos de reis (vv.88-94); e, na seção que vem imediatamente, duas espécies de abelhas comuns (vv.95-102) que o poeta vincula, uma a uma, a determinado rei. O modo especial de organização do tema e, sobretudo, as escolhas vocabulares, têm sugerido a alguns críticos a leitura desses episódios como alegoria da realidade histórica do poeta.¹⁸⁰ Virgílio redigiu este canto, provavelmente, em 30 a.C., um ano após a batalha de Ácio que selou a vitória de Augusto sobre Marco Antônio. Naturalmente, os acontecimentos desse período ofereceram ao poeta elementos para o desenvolvimento de intenções político-ideológicas evidentes a seus contemporâneos, que ele soube integrar à estrutura do poema.¹⁸¹ Alguns críticos formularam a hipótese de que, na campanha político-militar que então se desenvolveu, Augusto teria sido identificado a Apolo, deus da poesia, ordem e harmonia e, ainda, da medicina, cujo culto se realiza durante o dia; Marco Antônio, por outro lado, a Dioniso (de origem oriental), deus do vinho e, por extensão, do irracional e insensato, cujas cerimônias se realizavam durante a noite.¹⁸² De acordo com essa leitura, tais relações foram aproveitadas para estabelecer uma oposição ideológica essencial à estrutura das *Geórgicas*: Augusto-Roma-Occidente e Marco Antônio-Egito-Oriente.

Logo após a famosa cena da batalha das abelhas (vv.67-87) – alegoria da batalha de Ácio, em que Otaviano, vencedor, é contraposto a Marco Antônio, perdedor inglório –, vem a primeira seção eleita para análise, em que se apresentam dois tipos de reis (vv.88-94). Esse fragmento também pode ser interpretado simbolicamente, pois a terminologia virgiliana é rica em possibilidades significativas que sugerem tal interpretação. No primeiro verso dessa

¹⁷⁸ Cf. TREVIZAM, 2006, p.325.

¹⁷⁹ “La scoperta che gli sciami sono in realtà guidati da una *regina* è giunta solo nel XVII secolo.” (CONTE, 1993, p.175).

¹⁸⁰ “The lines on the good and bad king have been seen as pure allegory, representing Octavian and Antony, but Virgil’s treatment of the bees, while symbolic, does not suit such strict equation.” (THOMAS, 2003, p.162).

¹⁸¹ “[...] sotto l’immagine dell’agricoltura, e accompagnata dalle lodi che all’agricoltura sono riservate, è presentata sempre la *Saturnia tellus*, l’Italia, in una contrapposizione ideale fra i costumi laboriosi e frugali degli italici – e quindi di Ottaviano – e quelli molli e rilassati degli orientali – e quindi di Antonio –; così l’esaltazione dell’agricoltura come lavoro, e lavoro manuale, serve a mettere in secondo piano, come non-lavoro e quindi non-valore, l’attività speculativo-filosofica e teorico-politica di alcuni settori dell’aristocrazia senatoria che ancora potevano nutrire qualche inconfessata simpatia per le posizioni dei cesaricidi, pur sconfitte militarmente e politicamente; così soprattutto la necessità della pace interna e della fine delle guerre civili, condizione indispensabile per una proficua attività agricola, porta nella parte finale del primo libro delle *Georgiche* alla proposta di una totale delega della gestione dello stato al *princeps* in cambio della restituzione di condizioni che garantiscano la sicurezza del lavoro.” (POLARA, 1983, p.7-8).

¹⁸² Cf. BAUZÁ, 2008, p.61.

passagem, por exemplo, a forma *ductores* (v.88), “líderes”, evoca uma imagem militar e monárquica que identifica os reis das abelhas aos dos homens. O *melior* (v.90), “melhor”, é aquele *ardens* (v.91), “que brilha”, e *clarus* (v.93), “brilhante”, e que *regnet in aula* (v.90), “reina na corte”; o pior, ao contrário, é aquele que arrasta *latamque...aluom* (v.94), “enorme ventre”, *inglorius* (v.94), “sem glória”. Esses termos, que remetem ao gênero épico, aguçam a imaginação do leitor e sugerem relações entre o mundo das abelhas e a realidade histórica à época em que o poeta escreve, mas não há consenso a respeito de tais relações.

Na seção subsequente (vv.95-102), o poeta descreve, também comparativamente, dois tipos de abelhas operárias, identificando-as ao seu respectivo rei:¹⁸³ *Vt binae regum facies, ita corpora plebis* (v.95), “Do mesmo modo que são dois os aspectos dos reis, assim os corpos da plebe”; e nesse verso está assinalada a imagem humanizada das abelhas como súditos de reis.¹⁸⁴ (Os romanos contemporâneos de Virgílio não se viam como súditos de rei, mas cidadãos de uma República...) Os termos empregados situam as duas espécies em campos opostos: as abelhas de tipo inferior, *turpes horrent* (v.96), “são disformes e hirsutas”, e suas características físicas são indicadas por meio de um símile – *puluere ab alto quom uenit et sicco terram sputit ore uiator aridus* (vv.96-98), “como a terra que o viajante sedento cospe de sua garganta seca, quando vem por um leito de pó” –; por sua vez, as de tipo superior apresentam atributos positivos que as vinculam à figura do rei vencedor: *elucet... et fulgore coruscant* (v.98), “resplandecem e vibram radiantes”. Essas relações são intensificadas pelos três versos finais (vv.100-102), que afirmam a superioridade da primeira espécie, apta a produzir *dulcia mella* (v.101), “doces méis”, que *durum Bacchi domitura saporem*, (v.102), “hão de amenizar o sabor áspero de Baco”. Nota-se que o termo *durum*, “associado a elementos variados da vida rural das *Geórgicas* e que se reveste de grande importância para sua compreensão”¹⁸⁵, evoca aqui não a ideia de grandes esforços a serem realizados pelo *agricola* para subjugar a natureza.

Virgílio subordina a organização do conteúdo instrucional à economia do texto poético, articulando dados técnicos que, ao menos em um caso, resultam em informação imprecisa, mas verossímil. De fato, o poeta restringe a descrição das várias espécies de abelhas então conhecidas a apenas dois tipos, o que lhe permitiu estabelecer oposições

¹⁸³ “Virgil concerned as ever with a precise human approximation, has two varieties of bee under each of the two kings, neatly related in appearance to their leaders.” (THOMAS, 2003, p.164).

¹⁸⁴ “[...] avec les abeilles, nous sommes déjà presque parmi les hommes. Les autres animaux ne savent pas s’organiser en sociétés. Les abeilles au contraire donnent un exemple de discipline et de concorde, qui peut servir de modèle (et de leçon) aux contemporains du poète. Elles pratiquent toutes les vertus que devraient pratiquer les humains, l’ardeur au travail, l’héroïsme, pour défendre leur roi et [...] elles connaissent la valeur de la gloire!” (GRIMAL, 1985, p.123).

¹⁸⁵ TREVIZAM, 2006, p.327.

sugestivas e funcionais à organização do tema; mas Varrão, uma das fontes de Virgílio, enumera oito tipos de abelhas, indicando “a possibilidade de divisão dos tipos em duas categorias [...] e de que, em pelo menos um deles, as abelhas fossem variegadas” e, contrariando Virgílio, “a variedade apresentada como inferior em Varrão não se caracteriza por ser “erichada” (*horridus* – v.93) ou de ventre volumoso (*latamque... aluum* – v.94), mas sim pela pele escura e pela propensão a fomentar ‘revoluções’ e a evadir-se.”¹⁸⁶

Columela, por outro lado, segue caminho inverso ao de Virgílio para descrever as abelhas: primeiro trata das operárias (3); e muito adiante (10), dos reis. Observa-se que esse distanciamento, por si mesmo, restringe uma eventual leitura alegórica das passagens, caso admitíssemos reminiscências político-ideológicas virgilianas nessas passagens. Além disso, os termos empregados na exposição do tema pertencem ao campo da linguagem técnica agrária, o que torna tal leitura ainda mais improvável.

No capítulo III descreve quatro tipos de abelhas operárias, com base na autoridade de Aristóteles¹⁸⁷: (a) *uastas sed glomerosas easdemque nigras et hirsutas apes*, “abelhas grandes, mas globulares, elas mesmas negras e hirsutas”; (b) *minores... sed aequae rotundas et fusci coloris horridique pili*, “menores, mas igualmente redondas, de cor negra e de pelos erichados”; (c) *magis exiguas, nec tam rotundas, sed obesas tamen et latas, coloris meliusculi*, “menores, nem tão redondas, entretanto, pesadas, largas e de cor um pouco mais bela”; (d) *minimas gracilesque, et acuti alui, ex aureolo uarias atque leues*, “muito pequenas e delgadas, de ventre afilado, pintadas de ouro e lisas”; *eiusque auctoritatem sequens Vergilius, maxime probat paruulas, oblongas, leues, nitidas*, “Virgílio, que segue a autoridade dele [Aristóteles], sobretudo aprova as abelhas pequenas, oblongas, lisas e brilhantes”. Nota-se que o agrônomo classifica os tipos de abelhas segundo critérios físicos (forma, tamanho, cor e pelos), partindo das mais redondas, maiores, escuras e peludas até chegar às delgadas, menores, brilhantes e lisas. Considerados inferiores, os três primeiros tipos têm algumas características físicas semelhantes, mas diferem entre si por um ou outro aspecto físico que permite ao apicultor distinguir um tipo de outro. Essas semelhanças entre os tipos inferiores de abelhas operárias podem estar na origem da redução efetuada por Virgílio, a partir de Aristóteles, a apenas dois – um inferior, que abarcaria os três primeiros tipos, e outro superior, o quarto tipo –, fazendo-os coincidir com os dois tipos de reis. O quarto tipo é inconfundível –

¹⁸⁶ TREVIZAM, 2006, p.327.

¹⁸⁷ “As variedades das abelhas são: uma pequena, arredondada e matizada, que é a melhor; há outra mais comprida, parecida com o abelhão; e uma terceira, chamada ladra (que é negra e com o abdômen chato); em quarto lugar vem o zangão, que, em dimensões, é a maior de todas, que não tem ferrão e é preguiçoso.” (ARISTÓTELES, 2006, p.237).

minimas gracilesque, et acuti alui, ex aureolo uarias atque leues, “muito pequenas e delgadas, de ventre afilado, pintadas de ouro e lisas” – e representa a espécie melífera recomendada pelo agrônomo aos apicultores, com aval de Virgílio, pois ela se destaca por sua mansidão e capacidade de produzir mel.

No capítulo 10, o agrônomo descreve dois tipos comuns de reis encontrados em enxames domésticos, omitindo os demais tipos que poderiam ser encontrados em enxames silvestres: (a) *maiores paulo et oblongi magis quam ceterae apes, rectoribus cruribus, sed minus amplis pinnis, pulchri coloris et nitidi, leuesque ac sine pilo, sine spiculo*, “um pouco maiores e mais alongados que as demais abelhas, com pernas mais retas, mas de asas menos amplas, de cor bela e brilhante, lisos, sem pelo e sem ferrão” e (b) *Quidam... infusci atque hirsuti... quorum pro habitu damnabis ingenium*, “alguns fuscos e hirsutos, cuja natureza desaprováras pelo aspecto”.

A descrição tem caráter prescritivo: o tipo inferior, escuro e hirsuto, deve ser eliminado; o outro, superior, brilhante e sem pelo, deve ser preservado. Esse recorte atende às demandas específicas de apicultores, que devem capturar e criar apenas enxames cuja habilidade de produzir mel em quantidade e qualidade lhes assegure lucros.¹⁸⁸ De modo geral, essa descrição coincide com a de Virgílio, mas difere quanto às motivações: o poeta mantuano, sem se descuidar da transmissão de preceitos instrucionais, restringe a descrição das várias espécies de abelhas então conhecidas a apenas dois tipos, para estabelecer um contraste poeticamente produtivo entre um tipo superior e outro inferior, o que sugeriu a alguns críticos (como já dissemos) que o poeta incorporara concepções político-ideológicas ao texto. O agrônomo, porém, orienta-se por questões práticas e econômicas, organizando sua descrição de acordo com as informações mais seguras e precisas à época, que poderiam auxiliar os apicultores a obter maiores lucros em sua atividade. Para Columela, o agricultor ideal deve ser instruído na “ciência agrônômica”, conjunto extenso de conhecimentos sobre a produção rural, sob orientação de professores competentes, e apresentar vontade e capacidade de investir a fim de obter maiores lucros. Tal concepção o torna partidário de uma agricultura profissional, em grandes propriedades, rentável apenas com investimentos elevados e em alto

¹⁸⁸ *Sed ne illud quidem pertinet ad agricolas, quando et in qua regione primum natae sint [...]. Studiosis quoque literarum gratiora sunt ista in otio legentibus, quam negotiosis agricolis: quoniam neque in opere neque in re familiari quidquam iuuant. (RR. IX 2)* Mas sequer concerne aos agricultores quando e em que região as abelhas nasceram primeiro [...]. Tais aspectos também são mais agradáveis aos estudiosos de literatura, que leem no ócio, do que aos atarefados agricultores, pois em nada os ajudam no trabalho nem no aumento dos bens de família. (Tradução nossa).

nível técnico; daí a necessidade de o agricultor possuir o melhor material, escravos bem nutridos e capazes.¹⁸⁹

5 Castração das colmeias [*Geórgicas* (IV 228-238) e *De Re Rustica* (IX 15)]

Este tema se refere à castração das colmeias, processo realizado duas vezes ao ano, uma na primavera e outra no outono, em que uma parte dos favos é retirada para extração do mel.

Virgílio consagra a essa importante operação apenas onze versos (vv.228-238), que trazem instruções ligeiras a respeito de como e quando realizá-la. Primeiramente, o poeta introduz o tema da castração das colmeias utilizando termos que confirmam o tratamento ideológico que ele dá às abelhas, *sedem augustam* (v.228), “augusta colmeia”: a *sedem*, cujo significado primeiro é ‘morada’, e apenas no sentido figurado refere-se à “colmeia”, é *augustam*, termo da esfera religiosa¹⁹⁰ que evoca a origem divina das abelhas, cuja manipulação pressupõe, como se infere da leitura do texto virgiliano, a purificação própria das cerimônias sagradas. E, de fato, seguem-se as indicações acerca do (a) ritual de purificação que o apicultor deve realizar momentos antes de castrá-las, *haustu sparsus aquarum ora foue*¹⁹¹ (vv.229-230), “aspergido com a água retirada, guarda silêncio”; (b) do modo de acalmar as abelhas, *fumosque manu praetende sequacis* (v.230), “estende com a mão fumos penetrantes” e, por fim, (c) das duas estações em que deve ser feita a extração dos méis, primavera e outono (vv.231-235). As estações da colheita dos méis poderiam ter sido indicadas de modo claro e direto por meio de termos que tornariam o texto mais funcional e afinado à função instrutiva, mas o poeta preferiu intensificar a forma literária:

*Bis grauidos cogunt fetus, duo tempora messis:
Taugete simul os terris ostendit honestum
Plias et Oceani spretos pede reppulit amnis,
aut eadem sidus fugiens ubi Piscis aquosi
tristior hibernas caelo descendit in undas.*¹⁹²

Duas vezes ao ano produzem abundantes frutos, em duas estações a colheita: uma tão logo a Plêiade Taigete mostre às terras seu formoso rosto e afaste com o pé as ondas desdenhadas do Oceano; outra quando o mesmo astro,

¹⁸⁹ Cf. MARTIN, 1971, p.311-316.

¹⁹⁰ *augustus*, -a, -um (de *augur* por *augus*, *auguris*. m. augure, aquele que interpreta os presságios que revelam os acontecimentos futuros): aquele que é indicado pelos augúrios;. (MARTIN, 1941, p.21)..

¹⁹¹ “Virgil has already noted the bees’ sensitivity to foul smells”. (THOMAS, 2003, p.189).

¹⁹² *Geórg.* IV 231-235.

fugindo da constelação chuvosa do Peixe, desce mais triste do céu para as ondas invernais. (Tradução nossa)

Nessa passagem, Virgílio segue Aristóteles¹⁹³ e recomenda duas coletas ao ano, uma na primavera, outra no outono.¹⁹⁴ Com a aposição *Taugete... Plias*, “Taigete Plêiade”, indica-se por meio de uma o surgimento das sete plêiades¹⁹⁵, o que ocorre em maio, no início da primavera. Esse detalhe deve ter sido inspirado por Arato (*Phaen.* 263), que nomeia todas as sete. De Arato (*Phaen.* 48) também viria a sugestão para o v.233, em que há alusão às constelações da Ursa. A ocultação desse astro (Taigete), “fugindo da constelação chuvosa de Peixe”, anuncia o outono, no início de novembro. Nota-se que as duas estações foram personificadas e representadas por meio de perífrase, o que desloca para segundo plano a função instrucional da passagem e ressalta a forma estilizada para fruição do leitor.

Em relação à passagem (vv.228-238), observa-se que o conteúdo estritamente informativo é conciso; e, por outro lado, foram omitidas informações essenciais para a realização dessa operação, como, por exemplo, a prescrição das ferramentas necessárias à extração dos méis e o modo concreto de realizá-la. Tais particularidades do texto devem ser interpretadas como artifício poético cujo fim é selecionar os elementos instrucionais essenciais e apresentá-los de forma estilizada.

Columela, por outro lado, dedica todo o capítulo XV às recomendações sobre a castração das colmeias. A linguagem técnica e a pormenorização de instruções variadas sobre a colheita do mel tornam o texto uma fonte aparentemente mais segura para orientação do apicultor. Vejamos em dois trechos a indicação da época em que se faz a coleta do mel:

*Mox uere transacto sequitur, ut dixi, mellis uindemia, propter quam totius anni labor exercetur. Eius maturitas intellegitur cum animaduertimus fucos ab apibus expelli ac fugari.*¹⁹⁶

Logo, transcorrida a primavera, vem, como eu disse, a coleta do mel, pelo que se realiza o trabalho do ano todo. O tempo de sua coleta é sabido quando observamos os zangões serem expulsos e afugentados pelas abelhas. (Tradução nossa)

¹⁹³ “Virgil follows Aristotle (*H.A.* 626b29) in recommending two gatherings, one in May and one in November [...] while Varro has a third gathering at the beginning of September (*R.R.* 3.16.34).” (THOMAS, 2003, p.189).

¹⁹⁴ “Para o fabrico do mel há duas estações propícias, a Primavera e o Outono. Mas o de Primavera é mais suave, mais claro e, no conjunto, mais agradável do que o de Outono.” (ARISTÓTELES, 2006, p.184).

¹⁹⁵ “As Plêiades são sete irmãs que foram divinizadas e convertidas nas sete estrelas da constelação homônima. Eram filhas do gigante Atlas e de Plêione [...] chamavam-se Taigete, Electra, Alcíone, Astérope, Celeno, Maia e Mérope.” (GRIMAL, 1993, p.379. verbete: *Plêiades*).

¹⁹⁶ *RR.* IX 15.

Nesse trecho, nomeia-se de modo claro e objetivo a estação em que se realiza a primeira coleta anual do mel, *uere*, “primavera”. E não só a primeira extração, mas também a mais importante pelo volume de mel retirado, pois nela *totius anni labor exercetur*, “se realiza o trabalho de todo o ano”. Além dessa referência geral quanto ao tempo, o autor aponta uma espécie de sinal emitido pelas abelhas que marca o momento exato de realizar a coleta: na época exata, os zangões são expulsos das colmeias pelas abelhas operárias. Segue-se uma longa exposição a respeito do papel dos zangões nas colmeias. Columela afirma que alguns autores recomendam que eles sejam exterminados, pois não coletam alimentos e consomem os trazidos pelas abelhas. Ele, porém, rejeita essa medida e, apoiando-se na autoridade de Magão¹⁹⁷, propõe apenas que o número deles seja mantido sob controle para que as abelhas, impedidas de se acomodarem, sejam estimuladas a trabalharem mais intensamente.¹⁹⁸

Dadas essas instruções, Columela passa a ministrar informações minuciosas a respeito de como e de quanto mel extrair. Logo após indicar que a coleta do mel deve ser feita pela manhã, quando as abelhas estão mais calmas, e especificar as ferramentas convencionadas para isso, vem a detalhamento do método usado para acalmá-las:

*Sed ubi a posteriore parte, qua nullum est uestibulum, patefactum fuerit alueare, fumum admouebimus factum galbano uel arido fimo. Ea porro uase fictili prunis immixta conduuntur: idque uas ansatum simile angustae ollae figuratur, ita ut altera pars sit acutior, per quam modico foramine fumus emanet: altera latior, et ore paulo latiore, per quam possit afflari. Talis olla cum est alueari obiecta, spiritu admoto fumus ad apes promouetur. Quae confestim nidoris impatientes in priorem partem domicilii, et interdum extra uestibulum se conferunt.*¹⁹⁹

Mas quando a colmeia tiver sido aberta pela parte posterior, em que não há entrada alguma, introduziremos fumaça feita com gálbano ou com esterco seco. Ainda se coloca isso, misturado com brasas, em um vaso de cerâmica: molda-se esse vaso com asas como um pote estreito, de modo que seja mais fina uma parte donde saia a fumaça através de estreita abertura; a outra, mais larga e com a boca um pouco maior, por onde se possa soprá-lo. Tal pote, quando é posto diante de uma colmeia, a fumaça é levada às abelhas pelo sopro. Elas, sem tolerar o cheiro de queimado, deslocam-se imediatamente

¹⁹⁷ Magão: agrônomo cartaginês, cuja obra foi traduzida para o latim sob ordem do Senado Romano.

¹⁹⁸ *Hos quidam praecipunt in totum exterminari oportere. Quod ego Magoni consentiens faciendum non censeo, uerum saeuitiae modum adhibendum. Nam nec ad occidionem gens interimenda est, ne apes inertia laborent, quae, cum fuci aliquam partem cibarium absumunt, sarciendo damna fiunt agiliores: nec rursus multitudinem praedonum coalescere patiendum est, ne uniuersas opes alienas diripiant.* (RR. IX 15) Alguns recomendam convir que eles sejam inteiramente exterminados, o que eu, concordando com Magão, não julgo que deva ser feito, mas que um limite deve ser imposto à crueldade. Pois esse tipo não deve ser destruído até a aniquilação, para que as abelhas não sofram de inércia; elas que, quando os zangões consomem uma parte dos alimentos, tornam-se mais ágeis, reparando os danos; mas, por outro lado, não deve ser permitido que a multidão de ladrões avulte, para não devastarem todos os recursos alheios. (Tradução nossa).

¹⁹⁹ RR. IX 15.

para a parte anterior da colmeia e, por vezes, para fora da entrada. (Tradução nossa)

Essa passagem é um exemplo modelar da linguagem técnica empregada por Columela: não há digressões ou artifícios literários que interrompem a instrução, dada passo a passo. As informações são organizadas detalhadamente, segundo a ordem natural em que o processo é desenvolvido, listam-se os materiais que devem ser queimados para produzir a fumaça, descreve-se o recipiente (o vaso) em que ocorre a queima e indica-se o modo de a fazer e o comportamento resultante das abelhas. Virgílio também menciona a produção de fumaça para acalmar as abelhas, mas sem entrar em pormenores, como o faz Columela.

Em seguida, o agrônomo passa à quantidade de favos a ser deixada nas colmeias para manutenção das abelhas em cada uma das duas coletas:

[...] *priore messe, dum adhuc rura pastionibus abundant, quinta pars fauorum; posteriore, cum iam metuitur hiems, tertia relinquenda est.*²⁰⁰

[...] na primeira messe, enquanto os campos ainda abundam em alimentos, a quinta parte dos favos deve ser deixada; na segunda, quando já se teme o inverno, a terceira. (Tradução nossa)

Nessa passagem, o autor informa que na primeira coleta deve ser deixada às abelhas apenas a quinta parte dos favos de mel, visto que a abundância de flores lhes permite se reabastecerem; na segunda coleta, porém, recomenda deixar a terceira parte, pois essa extração ocorre no outono, estação em que a abundância de flores é menor do que na primavera, e quando já se aproxima o inverno. Tal recomendação poderia desagradar o apicultor ávido por lucros, sobretudo, se recordarmos que no capítulo anterior (14) o agrônomo mencionara que o mel dessa estação é de qualidade superior ao obtido na coleta da primavera por ser elaborado durante a floração do tomilho, da manjerona e da segurelha²⁰¹, plantas que conferem sabor especial ao mel.²⁰²

As recomendações de Columela foram ministradas de tal modo preciso e detalhado que (na perspectiva de um leitor moderno, como o autor deste trabalho) o apicultor

²⁰⁰ RR. IX 15.

²⁰¹ “Les espèces en variaient naturellement [...] selon les fleurs butinées, parmi lesquelles le ‘thym’, la sariette, le serpolet et la marjolaine donnent les qualités les plus savoureuses”. (ANDRÉ, 2009, p.186).

²⁰² *A canicula fere post diem quinquagesimum Arcturus oritur, cum inroratis floribus thymi et cunilae thymbraeque apes mella conficiunt: idque optimae notae enitescit autumnii aequinoctio, quod est ante calend. Octobris, cum octauam partem Librae sol attingit.* (RR. IX 14) Cerca de cinquenta dias após a Canícula, surge Arcturo, quando as abelhas fazem seus méis das flores orvalhadas do tomilho, da manjerona e da segurelha. O mel de qualidade superior se encontra em seu melhor no equinócio de outono, o que ocorre antes das calendas de outubro, quando o sol atinge o oitavo grau de Libra. (Tradução nossa).

pode reproduzir com exatidão os procedimentos, além de tomar conhecimento das causas e efeitos dos fatos descritos. Virgílio, como vimos no trecho análogo (*Geórg.* IV 230-238), depurou algumas instruções e apresentou-as concentradas, e estilizou outras que foram expressas por perífrases. Dois estilos claramente distintos que atendem a finalidades também distintas.

6 Enfermidades das abelhas [*Geórgicas* (IV 251-263)²⁰³ e *De Re Rustica* (IX 13)]

Este outro tema se refere à caracterização fisiológica das abelhas enfermas e dos diferentes medicamentos que lhes são ministrados, segundo o mal que as aflige.

Virgílio assume uma perspectiva antropomórfica ao abordar as enfermidades das abelhas (vv.251-263), o que compromete em princípio a descrição técnica de seus males, e aproxima esses pequenos insetos do universo humano. Tal movimento de identificação do universo natural ao humano, que nas *Geórgicas* se intensifica à medida que se avança nos cantos até atingir seu ponto máximo neste canto final, transfigura as abelhas em espelho dos homens: fato linguístico e simbólico que tem sido destacado por críticos como um dos procedimentos poéticos que devem ser considerados na leitura do texto.²⁰⁴

Os dois primeiros versos (vv.251-252), em que se estabelece a analogia entre a vida humana e a das abelhas²⁰⁵, Virgílio os construiu como uma prótase que aguarda uma apódose, que vem somente a partir do v. 264: *se casus apibus quoque nostros uita tulit* (v.251-252), “a vida também trouxe às abelhas nossos acidentes”, e seus corpos enlanguescerem *tristi... morbo* (v.252), “com triste doença”. Se as abelhas ficam doentes, espera-se que sejam indicados em seguida remédios que as curem, o que ocorre em vv.264-280.²⁰⁶ Quando tais

²⁰³ Virgílio dedica às enfermidades das abelhas o trecho vv. 251-280; mas analisamos apenas a passagem referente aos versos 251-263.

²⁰⁴ Cf. OTIS, 1964, p.189-190; TREVIZAM, 2006, p.329; BAUZÁ, 2008, p.166-168.

²⁰⁵ Cf. TREVIZAM, 2006, p.329.

²⁰⁶ *hic iam galbaneos suadebo incendere odores/mellaque harundineis inferre canalibus, ultro/hortantem et fessas ad pabula nota uocantem./Proderit et tunsum gallae admiscere saporem/arentisque rosas aut igni pinguia multo/defruta uel psithia passos de uite racemos/Cecropiumque thymum et graeolentia centaurea./Est etiam flos in pratis, cui nomen amello/fecere agricolae, facilis quaerentibus herba:/namque uno ingentem tollit de caespite siluam/aureus ipse, sed in foliis quae plurima circum/funduntur uiolae sublucet purpura nigrae;/saepe deum nexis ornatae torquibus arae;/asper in ore sapor; tonsis in uallibus illum/pastores et curua legunt prope flumina Mellae:/huius odorato radices incoque Baccho/pabulaque in foribus plenis appone canistris. (*Geórg.* IV 264-280) “[...] então já aconselharei que queimes aromáticos gálbanos e introduzas méis por tubos de cana, exortando de antemão e chamando as fatigadas aos habituais alimentos. Será útil também misturar o sabor da galha triturada, as rosas secas, o mosto espessado por longo tempo ao fogo, as uvas-passas da vide Psítia, o tomilho de Céprope e a centáurea de cheiro intenso. Há também nos prados uma flor a que os agricultores deram o nome de amelo, erva acessível a quem busca, porque de um único tufo dá uma enorme selva; ela mesma é*

medicamentos não produzem resultado, recorre-se à *bugonia* – tema que vem na sequência (vv.295-314) – um ‘remédio’ plausível para restituir os enxames perdidos. Estabelecida a identidade entre os dois seres (homens e abelhas), enumeram-se cinco sinais indicativos de doença: *alius color* (v.254), mudança de cor; *horrida... macies* (vv.254-254), magreza excessiva; *pedibus conexae ad limina pendent* (v.257), dependuram-se pelas patas às soleiras; *intus clausis cunctantur in aedibus omnes* (v.258), demoram-se todas no interior das colmeias; e *tractimque susurrant* (v.260), zumbem sem interrupção. Tais sinais (como veremos ao ler a passagem análoga em Columela) parecem indicar doenças distintas, que, portanto, exigiriam diferentes medicamentos segundo as causas específicas em que têm origem; o que não ocorre aqui. Do ponto de vista técnico, o trecho carece de informatividade e detalhamento instrucional, donde os sinais serem insuficientes para que o apicultor identifique as enfermidades que afligem suas abelhas e as combata de modo eficiente. Tal estruturação, que parece contrariar a função primária de um texto didático – informar com a clara finalidade de permitir uma ação, embora existam diferentes graus de comprometimento da poesia didática com a informatividade –, obedece a uma arquitetura calculada do conteúdo: os dois primeiros sinais de enfermidade atribuídos às abelhas, mudança de cor (*alius color*) e magreza excessiva (*horrida... macies*), também são eventualmente comuns aos seres humanos doentes. Essa indistinção de sinais reforça a analogia entre os dois seres, já indicada no início deste trecho (vv.251-252), transferindo para esses insetos atributos tipicamente humanos, como revela a atitude das companheiras de, logo após esses sinais, conduzirem os corpos das *luce carentum* (v.255), “carentes de luz” em *tristia funera* (v.256), “tristes funerais”. Tais expressões são privativas do universo humano por remeterem a aspectos culturais que os animais desconhecem, o que indica que esses insetos foram antropomorfizados. Os dois sinais subsequentes, embora apresentem termos que evocam a realidade humana, como, por exemplo, *limina* (v.257), “soleira da porta” e *aedibus* (v.258), “habitação”, exibem comportamentos característicos das abelhas doentes em conformidade com os preceitos meramente instrucionais, conferindo equilíbrio ao trecho ao retomar o tratamento didático do tema, preparando a apresentação do sinal que encerra a descrição de suas enfermidades. Esse último indício de doença assume a forma de um símile, cujo primeiro membro da comparação – *tractimque susurrant*, “zumbem sem interrupção” – ostenta o verbo onomatopaico *sussurant* (de *sussuro*), dicionarizado com significados que remetem primeiro ao universo humano,

dourada, mas, nas pétalas que ao redor se estendem em grande número, cintila a púrpura da escura violeta. Muitas vezes os altares dos deuses são ornados de suas guirlandas entrelaçadas; o sabor é áspero na boca; os pastores as colhem nos vales segados e junto às correntes sinuosas do Mela. Coze suas raízes no aromatizado Baco e coloca o alimento nas entradas em cestos cheios.” (Tradução nossa).

“sussurrar, falar por entre os dentes”, embora admita, em segundo plano, acepção própria às abelhas, “zumbir”. A segunda parte do símile exhibe três orações coordenadas (vv.261-263): *frigidus ut quondam siluis immurmurat Auster*, “como o frio Austro murmura às vezes nas florestas”; *ut mare sollicitum stridit refluentibus undis*, “como o mar agitado brama ao refluir das ondas”; e *aestuat ut clausis rapidus fornacibus ignis*, “como arde o fogo impetuoso nos cerrados fornos”. Os três símiles são adaptações abreviadas e modificadas de Homero (*Il.* 14, 394-399)²⁰⁷, em que o confronto entre gregos e troianos é comparado primeiro ao bramido do mar agitado pelo impetuoso vento norte, depois ao som de chamas que consomem florestas verdejantes e, enfim, ao som do forte vento nas copas dos carvalhos. Virgílio comprime em um único período o símile homérico e reorganiza a ordem e os detalhes para que o frio vento sul (*frigidus... Auster*) e as ardentes chamas (*aestuat... ignis*) emoldurem a série.²⁰⁸ Devemos notar que o símile se caracteriza pelo confronto de seres diferentes, dos quais um com sentido real se identifica com outros mais expressivos, a fim de amplificar o primeiro; nesse caso, o sussuro das abelhas. Mas o segundo termo (mais expressivo) deste símile é formado por elementos que representam ameaças naturais às abelhas: vento, água e fogo; logo, a doença das abelhas é apresentada como excesso e desequilíbrio de temperatura.

Columela, por sua vez, descreve de modo técnico e objetivo as enfermidades das abelhas, indicando-lhes os remédios segundo as causas apontadas. Na passagem em análise, ele distingue duas categorias de enfermidades:

*Pestilentiae rara in apibus perniciēs, nec tamen aliud, quam quod in cetero pecore praecipimus, quid fieri possit reperio, nisi ut longius alui transferantur.*²⁰⁹

A doença da pestilência é rara nas abelhas e, contudo, não encontro algo que se possa fazer diferentemente do que recomendamos para os outros animais, exceto que as colmeias sejam transferidas para mais longe. (Tradução nossa)

A primeira delas é a pestilência, que raramente acomete esses insetos, mas não pode ser tratada com os medicamentos usuais por não ter causa conhecida. Então, o agrônomo recomenda o que prescreve a outros animais afligidos por tal enfermidade, *ut longos alui transferantur*, “que as colmeias sejam transferidas para mais longe”. Nota-se que as abelhas

²⁰⁷ “Tão fortemente não bramam as ondas nas praias sonoras, / quando no pélagos Bóreas começa a soprar impetuoso; / nem tanto estrépido as chamas levantam de incêndio vorace, / que nos convals dos montes destroem florestas virentes; / nem tal barulho produzem nas copas dos altos carvalhos, / quando os agitam, os ventos que mais fortemente ressoam, / como o fragor horroroso que as vozes dos homens aqui vos/ e dos troianos causavam, quando eles o assalto iniciaram.” (HOMERO, 1962, p.293. Tradução de Carlos Alberto Nunes).

²⁰⁸ Cf. THOMAS, 2003, p.193.

²⁰⁹ RR. IX 13.

são identificadas a outros animais, preservando a distância que separa seu mundo da realidade humana. A linguagem técnica mantém o caráter utilitário do texto, como, por exemplo, o termo *alui*, que designa especificamente “colmeias”. Virgílio, por exemplo, na passagem análoga, utilizou a forma *aedibus* (v.258), cujo sentido primeiro é ‘habitação’ e apenas no plano figurado significa ‘colmeias’.

A segunda categoria de enfermidade abarca as doenças que são passíveis de diagnóstico e tratamento. Na passagem analisada, elas são classificadas em quatro grupos, segundo as causas ou sintomas que as abelhas apresentam: uma, a mais séria delas, provoca diarreia; outra as deixa eriçadas e encolhidas; outra, causa uma espécie de gangrena; e a quarta é a fadiga, quando falecem esgotadas pelo excessivo trabalho. As doenças são diagnosticadas e medicamentos prescritos para que o apicultor os ministre em tempo hábil para preservar seus enxames. O *anuus labor*, “enfermidade anual”, por exemplo, que lhes causa diarreia, acomete as abelhas no início da primavera, quando a erva-de-maleitas e o olmo florescem e atraem primeiro as abelhas famintas após o longo inverno. Esse alimento, segundo o agrônomo, se consumido em abundância, *animalium uentrem soluit, et... apium*, “solta o ventre dos animais... e o das abelhas”. Antes de preceituar os medicamentos que a previnem, o agrônomo menciona que Higino²¹⁰, seguindo os autores antigos, recomendara um tratamento que ele próprio não ousaria aconselhar, visto que não o experimentara: para Higino, os corpos das abelhas mortas por tal enfermidade, se guardados em lugar seco durante o inverno, e perto do equinócio da primavera forem levados ao sol matutino e cobertos com cinza de figueira, reanimam-se em duas horas; e caso se lhes apresente uma caixa preparada, entram. Logo após a recomendação de Higino, Columela apresenta a sua; e nessa ordem há certamente a intenção de opor a fórmula de Higino ao tratamento ‘técnico’ que ele propõe. Para evitar essa enfermidade, o agrônomo recomenda que o apicultor ministre sementes de romã moídas e umedecidas com vinho ou uvas-passas piladas com igual quantidade de malobrato; se esses medicamentos não surtirem efeito, recomenda que eles sejam misturados em igual quantidade e fervidos num vaso de argila com vinho e servido às abelhas frio em cochos de madeira.

O seu modo “racionalista” e “empirista” de analisar, testar e explicar as questões com as quais se depara intervém ativamente na análise de preceitos dos autores que cita e comenta. Embora não aprove a prática mágica prescrita por Higino, concede que os

²¹⁰ *Higino*: Caio Julio Higino (64 a.C.-17 d.C), um liberto espanhol de Augusto e amigo de Ovídio; um dos maiores eruditos de seu tempo, que desempenhou a função de bibliotecário da Biblioteca Palatina. Escreveu uma obra intitulada *De agricultura* e um livro *De apibus* (“Sobre as abelhas”), do qual temos apenas notícias. (AGUILAR, 2006, p.257) e (HARVEY, 1998, verbete: *Higino*).

apicultores a verifiquem empiricamente, e tal postura não significa concessão às crenças de seus precursores temáticos em rituais mágicos, mas uma tática cuja finalidade é revelar a ineficácia de tais procedimentos. Para controlar as doenças que lista, receita medicamentos cuja validade ele comprovara em suas colmeias.

Segue-se a descrição das demais doenças que acometem as abelhas. A quarta, e última delas, desperta-nos especial atenção por sua causa e ‘medicamento’ sugerido pelo agrônomo. A fadiga por excesso de trabalho ocorre durante os anos contínuos em que os campos produzem flores em abundância, circunstância em que as abelhas se dedicam integralmente à produção de mel e negligenciam a de novas crias. Nesses períodos, o apicultor deve acautelar-se, e não ignorar que a produção farta de mel representa uma ameaça iminente ao enxame, pois a população de abelhas não é repostada à medida que morre e as restantes, em menor número, também perecem fatigadas. Para evitar esse mal, Columela recomenda que,

*[...] si tale uer incessit, ut et prata et arua floribus abundant, utilissimum est tertio quoque die exiguis foraminibus relictis per quae non possint exire aluorum exitus praeccludi, ut ab opere mellifico auocatae, apes quoniam non sperent se posse ceras omnes liquoribus stipare, fetibus expleant.*²¹¹

[...] se veio uma tal primavera que os prados e campos abundam em flores, também é muito útil no terceiro dia serem fechadas as saídas das colmeias (deixando-se pequenas aberturas pelas quais as abelhas não possam sair), para que elas, chamadas do trabalho de produção do mel, por não terem esperança de poder encher todos os alvéolos com o líquido, encham-nos de crias. (Tradução nossa)

Nessa passagem, recomenda-se trancar as abelhas um dia a cada três, para que se dediquem também à produção de novas crias. Trata-se, na verdade, de uma recomendação sobre manejo sustentável das colmeias. A apicultura era uma atividade comercial muito importante em uma época em que o mel exercia a função que hoje tem o açúcar.²¹² Os apicultores, naturalmente, procuravam aproveitar as épocas em que havia abundância de flores nos campos para aumentarem a produção de mel e, conseqüentemente, a renda, mas tal prática poderia ameaçar a sobrevivência do enxame. Columela, então, adverte os criadores a

²¹¹ RR. IX 13.

²¹² “C’est le miel qui tient lieu de sucre. Les espèces en variaient naturellement avec la saison, miel de printemps, miel d’été, miel d’automne, le meilleur suivant Columelle, le moins estimé selon Pline, parce qu’il est de bruyère; selon les fleurs butinées, parmi lesquelles le ‘thym’, la sarriette, le serpolet et la marjolaine donnent les qualités les plus savoureuses; selon le procédé de récolte: l’enfumage des abeilles pour retirer les gâteaux lui donne un goût de fumée; c’est pourquoi on préfère le ‘miel sans fumée’, *mel acapon*, surtout en médecine.” (ANDRÉ, 2009, p.186).

respeito do perigo que ameaça os enxames e prescreve a referida técnica, a fim de assegurar por meio de tal medida paliativa que a produção não seja comprometida a longo prazo.

Nota-se que Columela é um autor teórico-prático (como não o era Virgílio) e engajado, que pretende não só ministrar instruções úteis aos apicultores, como também reformar práticas agrícolas ultrapassadas.

7 Bugonia [*Geórgicas* (IV 295-314) e *De Re Rustica* (IX 14)]

Este tema se refere à *bugonia*, crença de que a partir da carcaça de um bovino ocorre a geração espontânea de abelhas. A maioria dos autores que trataram do tema, exceto Aristóteles, creem na eficácia desse procedimento para formar novos enxames.²¹³ Varrão, por exemplo, diz que “as abelhas nascem em parte de abelhas, em parte do cadáver putrefato de um boi” e, citando Arquelau, que elas são “filhas errantes de uma vaca morta”.²¹⁴

Em progressivo crescendo, notável pela dinâmica estrutural do livro, Virgílio prepara a apresentação do tema a partir de uma hipótese (vv.281-285):

*Sed si quem proles subito defecerit omnis
nec genus unde nouae stirpis reuocetur habebit,
tempus et Arcadii memoranda inuenta magistri
pandere quoque modo caesis iam saepe iuuencis
insincerus apes tulerit cruor.*²¹⁵

Mas se toda a prole tiver subitamente faltado a alguém, nem tiver de onde ser retomada a origem de uma nova estirpe, é tempo de revelar a descoberta memorável do pastor da Arcádia, e de que modo de novilhos imolados o sangue corrompido muitas vezes gerou abelhas. (Tradução nossa)

Nessa passagem, Virgílio anuncia que a perda hipotética dos enxames pode ser remediada por meio da *bugonia*, cuja invenção atribui ao pastor Aristeu.

Esse tema é desenvolvido em duas passagens: a primeira (IV 295-314), de que nos ocupamos neste estudo, finaliza a primeira parte do canto IV, e apresenta traços predominantemente descritivos. Aqui, a *bugonia* é apresentada como uma espécie de técnica

²¹³ “Tal vez con la sola excepción de Aristóteles, la mayor parte de los poetas y tratadistas de estos temas creen en este procedimiento para la procreación de las abejas. Columela, que cita a Virgilio, Magón, Demócrito y Celso como testimonios del método aludido, lo hace con cierto escepticismo por su parte.” (VIRGÍLIO, 2008, p.371. nota 27).

²¹⁴ TREVIZAM, 2012, p.251.

²¹⁵ *Geórg.* IV 281-285.

para recompor enxames perdidos que consiste basicamente em encerrar em um recinto estreito, com aberturas aos quatro ventos, por onde também entre luz, um novilho de dois anos morto a pancadas, cujas narinas e boca foram vedadas; debaixo de seu cadáver, adicionam-se ramos de tomilho e manjerona, plantas apreciadas pelas abelhas.²¹⁶ Em nove dias o processo se completa com a formação de novos enxames.

Um aspecto notável dessa passagem, muito bem marcado nos primeiros versos, é a acumulação de termos que indicam a necessidade da estreiteza do recinto em que se deposita o corpo do novilho morto: *exiguus* (v.295), “exíguo”, *contractus* (v.295), “se reduz”, *angustique* (v.296), “angusta”, e *artis* (v.297), “apertadas”. A ênfase no tamanho do lugar (assim como a indicação de outros pormenores) talvez se relacione a prescrições religiosas, mas desconhecemos elementos que comprovem essa sugestão. A descrição termina com uma vívida representação do processo de formação e nascimento das abelhas, cuja intensidade é marcada por articuladores discursivos que balizam a ordem dos acontecimentos: *primo* (v.310), “primeiro”, surgem formas desprovidas de pés, *mox* (v.310), “logo”, começam a zumbir as asas, *magis magis* (v.311), “mais e mais”, ganham o ar, *donec* (v.312), “até que”, como chuva de nuvens estivais ou flechas de vibrante arco, *erupere* (v.313), “se lançam”.

A segunda menção à *bugonia* (IV 528-558) vem no fim da segunda parte do canto IV e remata o mito de caráter etiológico em que o pastor Aristeu realiza um ritual purificador, segundo as orientações de sua mãe, a ninfa Cirene, para obter o perdão dos deuses que o puniram com o extermínio de suas colmeias por ele ter causado, involuntariamente, a morte de Eurídice, e assim obter novos enxames que renasceriam das carcaças dos bovinos sacrificados. Esse *aition* de Aristeu, espécie literária alexandrina que explica a origem de um fenômeno, nesse caso, da *bugonia*, vem imediatamente após o *epyllion* de Orfeu e Eurídice (IV 453-527). Virgílio encerra as *Geórgicas* com duas espécies literárias gregas – a primeira de caráter elegíaco, a segunda, épico –, como a sugerir uma “concepção poética do mundo”.²¹⁷ A crítica tem buscado explicar o papel dessa parte do poema na composição das *Geórgicas*, sem chegar a um consenso. De fato, nas *Geórgicas*, o poeta constrói uma obra de arte alusiva, cujos versos suscitam sugestões várias.²¹⁸

²¹⁶ Cf. THOMAS, 2003, p.200.

²¹⁷ “[...] les développements, d’origines diverses, sont assemblés par le poète de manière à former une ample méditation, dans laquelle tout est pensé en fonction d’une conception poétique du monde, lyrique, si l’on entend par là qu’elle emplit l’âme de Virgile, épique, si l’on préfère se souvenir qu’elle décrit la formation de tout ce qui est.” (GRIMAL, 1985, p.121).

²¹⁸ “[...] a partir das *Geórgicas*, os seus versos são dos de mais tormentosa interpretação. A rara sabedoria em espremer as mais íntimas vibrações de cada palavra e de cada construção, em criar [...] as recordações mais impensadas, faz com que cada verso de Virgílio esconda um problema exegetico, que numerosos significados se estratificam, um sobre o outro, em cada frase.” (PARATORE, 1983, p.392).

Columela apenas menciona a *bugonia*, apoiando-se em Demócrito²¹⁹, Magão, Virgílio e Celso (e nessa lista se manifesta o hábito ‘científico’ do agrônomo em validar suas posições) como testemunhas da referida prática: *hoc eodem tempore progenerari posse apes iuuenco perempto, Democritus et Mago nec minus Vergilius prodiderunt. Mago quidem uentribus etiam bubulis idem fieri affirmat* (“Demócrito, Magão e também Virgílio deram a conhecer que as abelhas podem ser geradas, ao tempo, de um novilho morto. Magão decerto afirma que o mesmo também pode acontecer a partir de entranhas bovinas”). O agrônomo, porém, mostra-se cético em relação à eficácia desse recurso e, apoiando-se em Celso, diz que as abelhas não morrem em tão grande quantidade que seja preciso recorrer a tal artifício para recompor os enxames. E, por essa razão, ele que sempre prima pelo detalhamento minucioso das técnicas e instruções, quando elas têm efetiva aplicação nas atividades agrárias, prefere o silêncio por julgar supérfluo detalhar o método.

²¹⁹ *Demócrito*: filósofo grego (470-360 a.C). Desenvolveu a teoria atomística, iniciada por Leucipo de Mileto, segundo a qual todas as coisas do universo são compostas de átomos, partículas indivisíveis e em constante movimento.

CONCLUSÃO

Finalizada a análise comparativa de trechos selecionados das obras em questão – *Geórgicas IV* de Virgílio e *De re rustica* de Columela –, podemos indicar algumas particularidades que as caracterizam e formular breves considerações sobre os textos.

O assunto desenvolvido nas duas obras é o mesmo, a apicultura; mas a diferença genérico-formal condiciona maneiras diferentes e especiais de acionar a língua latina e dar forma ao tema. Assim, a primeira distinção entre as obras em análise se refere à diferença genérica – as *Geórgicas* se filiam ao gênero poesia didática, caracterizada por certos traços distintivos, como, por exemplo, a onipresença do caráter de ensinamento, o enfoque de temas técnico-filosóficos e a voz de um *magister* didático que se dirige a um *discipulus* colaboraram para a particularização do gênero.²²⁰ Há outros aspectos prototípicos da poesia didática hesiódica (*Os trabalhos e os dias*) no poema virgiliano: o metro empregado é o hexâmetro datílico e há o emprego de painéis ilustrativos (organiza-se o conteúdo técnico segundo operações calculadas de seleção e omissão de termos, segundo intenções ideológicas e efeitos poéticos pretendidos²²¹). A extensão do poema hesiódico (entre 765 e 828 versos, dependendo da versão considerada genuína) é uma referência para seus sucessores didáticos, mas cada um dos cantos das *Geórgicas* apresenta extensão bem inferior a do seu predecessor didático: canto I, 514 versos; II, 542 versos; III, 566 versos; e IV, 566 versos.²²²

O livro IX do *De re rustica*, por sua vez, é um tratado técnico em prosa.²²³ De modo geral, os traços característicos que lhe distinguem são: emprego de língua técnica agrícola²²⁴, que se distingue sobretudo pelo léxico²²⁵; estilo elevado²²⁶, o que representaria um

²²⁰ Cf. TOOHEY, 1996, p.21. *apud* TREVIZAM, 2006, p.147.

²²¹ Cf. TREVIZAM, 2006, p.152.

²²² “There are other aspects of the *Works and Days* which are prototypical for didactic epic. The metre is the dactylic hexameter. The majority of subsequent didactic poems will adopt this as their standard. Length is also important. Hesiod once again sets a benchmark. We can see this more readily by comparing later didactic poems. The length of the *Works and Days*, between approximately 764 and 828 lines (it depends on whether you take vv.765-828 as genuine), represents what seemed to become a fairly standard span for a book of didactic verse. [...] And finally there is the use of the illustrative panel. The *Works and Days* exhibits ample use of this.” (TOOHEY, 1996, p.23).

²²³ Na história da língua latina, nenhum setor da prosa está melhor representado que o referente aos tratados técnicos de agricultura, considerando que, da Antiguidade latina, muitas obras da literatura romana se perderam. A única obra completa, anterior à época clássica, é o *De agricultura* de Catão Censor. De Varrão de Reate, autor contemporâneo de Cícero e César, chegou-nos o *De re rustica*. Do início do período imperial são o *De re rustica* de Columela e os livros XVII-XIX da *Naturalis historia* de Plínio, o velho. E, já de época tardia (IV-V d.C.), o *Opus agriculturae* de Paládio. (Cf. ARMENDÁRIZ, 1995, p.9).

²²⁴ “La lingua agricola [...] è soprattutto quella che emerge dalle opere di carattere specifico, a cominciare dal *De agri cultura* di Catone (II secolo a.C) per giungere all’*Opus agriculturae* di Palladio, in 14 libri, testimonianza dell’interesse per l’argomento ancora vivo nel IV secolo.” (MEO, 2005, p.25).

²²⁵ Cf. MEO, 2005, p.34.

obstáculo para a difusão posterior da obra²²⁷; busca constante da *uariatio* na sintaxe e no léxico; gosto pela disposição simétrica ou correlativa dos membros da frase; observância das normas da prosa métrica²²⁸; personificação e descrição recorrentes.²²⁹

Outra distinção fundamental entre as obras diz respeito à eleição do tema. Virgílio dedica o canto IV exclusivamente às abelhas, o que revela de modo incontestável não só a importância econômica que o poeta atribui a esses pequenos insetos na sociedade romana, mas também sua decisão de eleger um tema que lhe inspira sugestões poéticas e simbólicas. As abelhas se lhe apresentam como exemplo modelar de disciplina e harmonia aos cidadãos romanos contemporâneos. Elas praticam as virtudes que os humanos deveriam praticar – dedicação ao trabalho, heroísmo na defesa do rei e reconhecimento do valor da glória –, a partir do que inferimos que, se, no plano político-filosófico, o que define o homem é sua capacidade de se organizar em sociedade e constituir cidades, então, as abelhas devem ser consideradas ‘humanas’.²³⁰

Columela, por outro lado, assim como Varrão, uma das fontes de Virgílio²³¹, aborda o tema da apicultura juntamente com a criação de outros animais da casa de campo. Essa atitude, que de algum modo dessacraliza o tema, somada ao tratamento técnico e objetivo que o agrônomo lhe confere, estabelece uma barreira entre abelhas e humanos, que impossibilita as projeções de alma entre os seres que se nota em Virgílio. Em resumo, para

²²⁶ “Le tout dans un style d’un classicisme parfait, constamment soutenu, dont l’emploi s’explique sans doute par son désir de donner à l’agronomie ses lettres de noblesse, en ne se permettant aucun relâchement, aucune négligence au niveau de l’écriture”. (MARTIN, R.; GAILLARD, J., 1990, p.176-177).

²²⁷ Cf. ARMENDÁRIZ, 1995, p.32-33.

²²⁸ “La recherche du rythme dans l’énoncé, fait universel, a joué un rôle particulièrement important en latin, à toutes les époques. Outre les raisons qu’a l’écrivain ou le sujet parlant d’ordonner les éléments de l’énoncé en fonction du sens et selon les règles de la syntaxe, il éprouve en outre le besoin dans certains cas de réaliser une succession de membres et d’intervalles propre à satisfaire l’oreille. [...] La constitution rythmique de la phrase se présente particulièrement dans ce type d’énoncé intermédiaire entre prose et poésie que l’on a désigné du nom de ‘*carmen*’. [...] Le nombre des membres composants n’est pas indifférent. [...] [Cicéron] nous dit ([*De orat.*] IV, 19, 26): ‘ex duobus membris suis haec exornatio potest consari’ [...], mais, ajoute-t-il, ‘*commodissima et absolutissima est quae ex tribus constat, hoc pacto*’”. (MAROUZEAU, 1946, p.287-289).

²²⁹ Cf. ARMENDÁRIZ, 1995, p.32.

²³⁰ “Le quatrième chant nous fait progresser un peu plus dans la hiérarchie des êtres; avec les abeilles, nous sommes déjà presque parmi les hommes. Les autres animaux ne savent pas s’organiser en sociétés. Les abeilles au contraire donnent un exemple de discipline et de concorde, qui peut servir de modèle (et de leçon) aux contemporains du poète. Elles pratiquent toutes les vertus que devraient pratiquer les humains, l’ardeur au travail, l’héroïsme, pour défendre leur roi et [...] elles connaissent la valeur de la gloire! S’il est vrai que les philosophes définissaient, unanimement, l’homme en disant qu’il est ‘un animal sociable’, capable de s’organiser en cités, alors les abeilles sont véritablement des ‘humains’, et Virgile ne peut s’empêcher de se poser la question de savoir si cette conduite merveilleuse des insectes de la ruche ne requiert pas l’intervention d’une intelligence.” (GRIMAL, 1985, p.123-124).

²³¹ “[...] Virgilio há tenuto presente la *Historia animalium* di Aristotele (libro IX, cap.40) e soprattutto Varrone, di cui il lungo cap. 16 del III libro *De re rustica*, dedicato alle api, offre la possibilità di confronti con numerosi passi appartenenti alla prima parte del IV libro delle *Georgiche*.” (GIGANTE, 1982, p.123).

Columela as abelhas são animais cuja criação deve ser orientada por princípios técnicos para propiciar lucro ao apicultor.

Se considerássemos as três finalidades da retórica antiga – *docere*, *delectare* e *mouere* – poderíamos dizer que, nas *Geórgicas* de Virgílio, o *delectare* predomina sobre as demais funções; e em Columela, o *docere* predomina sobre as demais. Seria interessante, de fato, desenvolver este estudo comparativo acionando, além das referidas finalidades da retórica, as suas partes, sobretudo *inuenio*, *dispositio* e *elocutio*. Em Columela, a presença de termos como, por exemplo, *tetris latrinae sterquiliniique* “odores pestilentos da latrina” (*RR.* IX 5) tem como fim imediato a divulgação de saberes técnicos que subordinam a linguagem a seu uso concreto; mas, em Virgílio, como já dissemos, tal uso seria modulado, a fim de preservar a beleza formal da linguagem poética. Essa modulação pertence ao campo da *elocutio*. Em Virgílio, o emprego abundante de digressões nos quatro cantos, ao da *dispositio*; e a seleção de temas em função de seu potencial poético, ao da *inuenio*.²³²

A literatura latina oferece muitos caminhos a quem se propõe explorar campos menos desbravados. A literatura agrária latina, por exemplo, é um tema pouco prestigiada nos estudos clássicos, cuja maior parte das obras “técnicas” é, ainda hoje, pouco conhecida dos latinistas (e nem os manuais de História da Literatura Latina conferem a tais textos, fundamentais para conhecermos a cultura romana, o espaço desejável).²³³ A literatura romana não se esgota no cânone literário, “literatura não são apenas poetas e prosadores que os cânones escolásticos selecionaram e impuseram; literatura é toda a massa de textualidade que Roma produziu, da mais elevada à mais modesta, da pública à privada.”²³⁴ A desatenção à literatura latina é um fenômeno característico da modernidade²³⁵, que, cética em relação à aplicabilidade do conteúdo instrucional de tais obras, acreditou ausente a razão fundamental que havia assegurado a transmissão e leitura da literatura técnica. E não foi suficiente à preservação do *status* de que ela gozou até então o prazer estético que poderia ocasionar, pois os leitores, pouco a pouco, perderam a capacidade de apreciar-lhe a forma. A recuperação e estudo dessa literatura é essencial como fonte de conhecimento da cultura letrada da Antiguidade romana. Este trabalho representa uma pequena contribuição a essa causa a que nos ligamos.

²³² Ideia sugerida pelo prof. Robson Tadeu Cesila (USP), por ocasião da defesa desta dissertação de mestrado. Julgamos a observação oportuna e a acrescentamos ao texto, apesar de não a desenvolvermos, neste momento.

²³³ Cf. AGUILAR, 2006, p.15-21.

²³⁴ CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A., 2010, p.13-14.

²³⁵ “En toda la época medieval y en el Renacimiento europeo se tuvo en gran estima este tipo de literatura que proporcionaba a la vez el disfrute formal de la composición literaria de acuerdo a los parámetros clásicos de la retórica del discurso escrito y el aprovechamiento práctico de la exposición de conocimientos, técnicas y artes de enorme utilidad y valor pragmático.” (AGUILAR, 2006, p.16).

TRADUÇÃO

Georgicon IV

Geórgicas IV

Protinus aerii mellis caelestia dona
exsequar: hanc etiam, Maecenas, adspice partem.
Admiranda tibi leuium spectacula rerum,
magnanimosque duces totiusque ordine gentis
mores et studia et populos et proelia dicam.
In tenui labor; at tenuis non gloria, si quem
numina laeua sinunt auditque uocatus Apollo.

Principio sedes apibus statioque petenda,
quo neque sit uentis aditus (nam pabula uenti
ferre domum prohibent) neque oues haedique petulci
floribus insultent aut errans bubula campo
decutiat rorem et surgentis atterat herbas.
Absint et picti squalentia terga lacerti
pinguibus a stabulis meropesque aliaeque uolucres
et manibus Procne pectus signata cruentis;
omnia nam late uastant ipsasque uolantis
ore ferunt dulcem nidis immitibus escam.
At liquidi fontes et stagna uirentia musco
adsint et tenuis fugiens per gramina riuos,
palmaque uestibulum aut ingens oleaster inumbret;
ut, cum prima noui ducent examina reges
uere suo ludetque fauis emissa iuuentus,
uicina inuitet decedere ripa calori,
obuiaque hospitiis teneat frondentibus arbos.
In medium, seu stabit iners seu profluet umor,
transuersas salices et grandia conice saxa,
pontibus ut crebris possint consistere et alas
pandere ad aestiuom solem, si forte morantis
sparserit aut praeceps Neptuno immerserit Eurus.
Haec circum casiae uirides et olentia late
serpylla et grauiter spirantis copia thymbrae
floreat, inriguomque bibant uiolaria fontem.

Ipsa autem, seu corticibus tibi suta cauatis

Prosseguindo¹, os dons celestes do aéreo mel² relatarei: esta parte também, Mecenas³, considera⁴. Para tua admiração, direi espetáculos de pequenos assuntos e, em ordem, magnânimos chefes, costumes, ocupações, povos e combates de nações inteiras. Pequeno o trabalho⁵; mas não pequena a glória, se os deuses contrários o permitem e Apolo invocado ouve.⁶

Primeiro⁷, habitação e local para as abelhas devem ser buscados, em que não exista entrada para os ventos (porque os ventos proibem levar os alimentos para casa), nem as ovelhas e os bodes inquietos insultem as flores ou a errante novilha pelo campo agite o orvalho e pisoteie as nascentes ervas. Afastem-se também os lagartos mosqueados de dorsos escamosos das pingues colmeias, os melharucos, outras aves e Procne⁸ no peito assinalada com cruentas mãos; pois todas as coisas devastam largamente e levam na boca as próprias volantes, doce alimento para agrestes ninhos. Mas estejam presentes fontes cristalinas e lagos verdejantes de musgo e um tênue riacho fluindo por entre a relva, e uma palmeira ou ingente zambujeiro sombreie o vestíbulo; para que, quando os novos reis conduzirem os primeiros enxames na favorável primavera e jubilar-se a juventude saída dos favos, uma margem vizinha os convide a se esquivarem do calor, e uma árvore acessível os retenha em hospitaleiras folhagens. No meio, quer se conserve inerte quer flua a água, lança atravessados salgueiros e grandes pedras, para que possam agarrar-se a numerosas pontes e estender as asas ao sol do verão, se acaso aquelas que se demoram Euro⁹ molhou ou imergiu em impetuoso Netuno¹⁰. Em volta disso verdejantes manjeronas, serpões que deitam aromas ao longe e grande quantidade de segurelha de intenso cheiro floresçam, e canteiros de violetas bebam de fonte que os irrigue.

Mas as próprias colmeias, quer tenham sido formadas por ti de cavadas cortiças,

seu lento fuerint aluaria uimine texta,
angustos habeant aditus: nam frigore mella
cogit hiems, eademque calor liquefacta remittit.
Vtraque uis apibus pariter metuenda; neque illae
nequiquam in tectis certatim tenuia cera
spiramenta linunt fucoque et floribus oras
explent conlectumque haec ipsa ad munera gluten
et uisco et Phrygiae seruant pice lentius Idae.
Saepe etiam effossis, si uera est fama, latebris
sub terra fouere larem penitusque repertae
punicibusque cauis exesaeque arboris antro.
Tu tamen et leui rimosa cubilia limo
unge fouens circum et raras superinice frondis;
neu propius tectis taxum sine neue rubentis
ure foco caneros altae neu crede paludi
aut ubi odor caeni grauis aut ubi concaua pulsu
saxa sonant uocisque offensa resultat imago.

Quod superest, ubi pulsam hiemem sol aureus egit
sub terras caelumque aestiua luce reclusit,
illae continuo saltus siluasque peragrant
purpureosque metunt flores et flumina libant
summa leues. Hinc nescio qua dulcedine laetae
progeniem nidosque fouent; hinc arte recentis
excudunt ceras et mella tenacia fingunt.

Hinc ubi iam emissum caueis ad sidera caeli
nare per aestatem liquidam suspexeris agmen
obscuramque trahi uento mirabere nubem,
contemplator: aquas dulcis et frondea semper
tectata petunt. Huc tu iussos adsperge sapes,
trita melisphylla et cerinthae ignobile gramen,
tinnitusque cie et Matris quate cymbala circum:
ipsae considant medicatis sedibus, ipsae
intima more suo sese in cunabula condent.

quer tecidas de flexível vime, tenham estreitas entradas: porque os méis o inverno congela com o frio, e o calor torna-os liquefeitos. Uma e outra força deve igualmente ser temida pelas abelhas; e não sem motivo elas cobrem ininterruptamente de cera as pequenas fendas de suas habitações, vedam as extremidades com própolis e flores, e recolhida para esses mesmos empregos conservam uma cola mais pegajosa que o visgo e o pez do Ida frígio¹¹. Muitas vezes também aqueceram, se é verdadeira a fama, o lar em tocas escavadas sob a terra, e foram encontradas até no interior de pedras-pomes ocas e na cavidade de uma árvore carcomida. Tu, porém, unta também os gretados domicílios com liso limo, aquecendo ao redor, e lança por cima ligeiras folhagens. E não permitas junto às habitações o teixo, não prepares ao fogo vermelhos caranguejos, não creias em profunda lagoa, nem em lugar onde seja intenso o odor do lodo, nem onde côncavas rochas ressoam sob uma batida e retumba o eco repercutido da voz.

Quanto ao mais, apenas o abatido inverno o áureo sol expulsou sob as terras e abriu o céu com luz estival, de imediato elas percorrem os bosques e as florestas, recolhem as purpúreas flores e, ligeiras, libam a superfície dos rios. Depois, ledas eu não sei por qual doçura, tratam da progênie e dos ninhos; em seguida formam com arte novas ceras e produzem os licorosos méis.

Depois, quando vires acima uma multidão já saída da colmeia voar pelo límpido estio até os astros do céu e admirares uma nuvem escura ser trazida pelo vento, contempla: buscam sempre águas doces e abrigos cobertos de folhagens. Asperge tu aí os perfumes prescritos, a melissa triturada e a erva comum do chupa-mel, faze tinir o bronze e agita ao redor os címbalos da Mãe¹². Elas mesmas pousarão nos lugares preparados, elas mesmas abrigar-se-ão segundo seu costume no interior da morada.

Sin autem ad pugnam exierint – nam saepe duobus
regibus incessit magno discordia motu;
continuoque animos uolgi et trepidantia bello
corda licet longe praesciscere; namque morantis
Martius ille aeris rauci canor increpat, et uox
auditur fractos sonitus imitata tubarum;
tum trepidae inter se coeunt, pinnisque coruscant
spiculaque exacuunt rostris aptantque lacertos
et circa regem atque ipsa ad praetoria densae
miscentur magnisque uocant clamoribus hostem;
ergo, ubi uer nactae sudum camposque patentis,
erumpunt portis; concurritur, aethere in alto
fit sonitus, magnum mixtae glomerantur in orbem
praecipitesque cadunt; non densior aere grando
nec de concussa tantum pluit ilice glandis;
ipsi per medias acies insignibus alis
ingentis animos angusto in pectore uersant
usque adeo obnixa non cedere, dum grauis aut hos
aut hos uersa fuga uictor dare terga subegit –
hi motus animorum atque haec certamina tanta
pulueris exigui iactu compressa quiescunt.

Verum, ubi ductores acie reuocaueris ambo,
deterior qui uisus, eum, ne prodigus obsit,
dede neci; melior uacua sine regnet in aula.
Alter erit maculis auro squalentibus ardens
(nam duo sunt genera): hic melior insignis et ore
et rutilus clarus squamis; ille horridus alter
desidia latamque trahens inglorius aluom.

Vt binae regum facies, ita corpora plebis:
namque aliae turpes horrent, ceu puluere ab alto
quom uenit et sicco terram sput ore uiator
aridus; elucent aliae et fulgore coruscant
ardentes auro et paribus lita corpora guttis.

Mas se, ao contrário, tiverem saído para o combate (porque frequentes vezes a discórdia entre dois reis sobreveio com grande alvoroço), prontamente se podem prever de longe os ânimos da turba e os corações que vibram pela guerra; porque aquele som marcial do rouco bronze estimula as morosas, e ouve-se uma voz que imita os estrepitosos sons das trombetas. Então agitadas confrontam-se, exercitam as asas, afiam os dardos com as trombas, preparam os braços, aglomeram-se ao redor do rei e junto ao mesmo pretório e provocam o inimigo com grandes gritos. Assim, tão logo tenham encontrado clara primavera e descortinados campos, lançam-se pelas portas; combate-se. Faz-se um fragor no alto céu, misturadas se aglomeram em um grande novelo e caem precipitadas. O granizo não cai mais denso do ar, nem tão grande número de bolotas chove do sacudido carvalho. Os mesmos reis, insignes pelas asas, em meio aos exércitos revolvem ingentes espíritos em estreito peito, obstinados em não ceder até que o duro vencedor obrigou estes ou aqueles a virar as costas em fuga. Esses alvoroços dos espíritos e esses tão grandes combates se apaziguam, reprimidos por um jato de bem pouco pó.

Mas, quando tiveres chamado do combate os dois líderes, entrega à morte aquele que pareceu pior, para que consumindo não seja prejudicial; deixa que reine o melhor na desimpedida corte. Um (pois duas são as espécies) será brilhante com pintas incrustadas de ouro. Este, insigne por seu aspecto e distinto por suas rutilantes escamas, é o melhor; aquele outro é repugnante por sua indolência, arrastando inglório enorme ventre.

Dois são os aspectos dos reis, assim como os corpos da plebe: porque umas são disformes e hirsutas, como o viajante sedento quando vem por um leito de pó e cospe terra de sua garganta seca; outras reluzem e cintilam de esplendor, brilhantes do ouro e por seus corpos mosqueados de simétricas manchas.

Haec potior suboles: hinc caeli tempore certo
dulcia mella premes, nec tantum dulcia quantum
et liquida et durum Bacchi domitura saporem.

At cum incerta uolant caeloque examina ludunt
contemnuntque fauos et frigida tecta relinquunt,
instabilis animos ludo prohibebis inani.
Nec magnus prohibere labor: tu regibus alas
eripe; non illis quisquam cunctantibus altum
ire iter aut castris audebit uellere signa.
Inuitent croceis halantes floribus horti
et custos furum atque auium cum falce saligna
Hellespontiaci seruet tutela Priapi.
Ipse thymum pinosque ferens de montibus altis,
tecta serat late circum, quoi talia curae,
ipse labore manum duro terat, ipse feracis
figat humo plantas et amicos inriget imbris.

Atque equidem, extremo ni iam sub fine laborum
uela traham et terris festinem aduertere proram,
forsitan et, pinguis hortos quae cura colendi
ornaret, canerem biferique rosaria Paesti,
quoque modo potis gauderent intiba riuis
et uirides apio ripae, tortusque per herbam
cresceret in uentrem cucumis; nec sera comantem
narcissum aut flexi tacuissem uimen acanthi
pallentisque hederas at amantis litora myrtos.
Namque sub Oebaliae memini me turribus arcis,
qua niger umectat flauentia culta Galaesus,
Corycium uidisse senem, cui pauca relictis
iugera ruris erant, nec fertilis illa iuuencis
nec pecori opportuna seges nec commoda Baccho.
Hic rarum tamen in dumis olus albaque circum
lilia uerbenasque premens uescumque papauer
regum aequabat opes animis, seraque reuertens
nocte domum dapibus mensas onerabat inemptis.

Essa é a melhor estirpe: dela extrairás na estação certa do ano doces méis; não só doces, mas também cristalinos, e que hão de corrigir o sabor áspero de Baco¹³.

Mas, quando incertos os enxames voam e se divertem nos ares, desdenham os favos de mel e deixam frias suas habitações, tu afastarás do frívolo divertimento os espíritos inconstantes. E afastar não é grande trabalho: extrai tu mesmo as asas aos reis; hesitando eles, nenhuma ousará tomar o caminho do céu ou arrancar as insígnias do acampamento¹⁴. Que os jardins exalando perfumes de cróceas flores as convidem, e que a tutela de Priapo¹⁵ do Helesponto, guarda dos ladrões¹⁶ e das aves com sua foice de salgueiro, possa salvar. Que aquele mesmo, sob o cuidado de quem tais coisas estão, trazendo das altas montanhas o tomilho e os pinheiros, semeie abundantemente ao redor das habitações, que ele mesmo gaste as mãos no duro trabalho, que ele mesmo enterre no solo as férteis plantas e as irrigue com aprazíveis chuvas.

Na verdade, já no fim extremo de meus trabalhos, se eu não recolhesse as velas e me apressasse a dirigir a proa para as terras, talvez cantasse que cuidado de cultivar orna férteis jardins e os roseirais de Pesto¹⁷, que florescem duas vezes ao ano, e de que modo as chicórias e as margens verdejantes com o aipo se alegram bebendo em riachos, e como o retorcido pepino alarga o ventre por entre a erva; nem teria silenciado o narciso vagaroso em formar a ampla cabeleira, nem o caule do flexível acanto, nem as pálidas heras, nem os mirtos que amam as praias. Pois eu me lembro, sob as torres da cidadela Ebália¹⁸, onde o negro Galeso¹⁹ rega as douradas culturas, de ter visto um velho corício²⁰ a quem pertenciam poucas jeiras de terra abandonada; aquele solo nem fértil por bois²¹, nem apropriado a rebanhos, nem favorável a Baco²². Ele, porém, plantando hortaliças espaçadas entre sarças, brancos lírios ao redor, verbenas e a papoula comestível, igualava em seu espírito as riquezas dos reis; e retornando à casa, tarde da noite, cobria a mesa de iguarias não compradas.

Primus uere rosam atque autumnno carpere poma;
et, cum tristis hiems etiamnum frigore saxa
rumperet et glacie cursus frenaret aquarum,
ille comam mollis iam tondebat hyacinthi
aestatem increpitans seram Zephyrosque morantis.

Ergo apibus fetis idem atque examine multo
primus abundare et spumantia cogere pressis
mella fauis; illi tiliae atque uberrima pinus;
quotque in flore nouo pomis se fertilis arbor
induerat, totidem autumnno matura tenebat.

Ille etiam seras in uersum distulit ulmos
eduramque pirum et spinos iam pruna ferentis
iamque ministrantem platanum potantibus umbras.
Verum haec ipse equidem spatiis exclusus iniquis
praetereo atque aliis post me memoranda relinquo.

Nunc age, naturas apibus quas Iuppiter ipse
addidit expediam, pro qua mercede canoros
Curetum sonitus crepitantiaque aere secutae
Dictae caeli regem pauere sub antro.
Solae communis natos, consortia tecta
urbis habent magnisque agitant sub legibus aeuom
et patriam solae et certos nouere Penatis
uenturaeque hiemis memores aestate laborem
experiuntur et in medium quaesita reponunt.
Namque aliae uictu inuigilant et foedere pacto
exercentur agris; pars intra saepta domorum
narcissi lacrimam et lentum de cortice gluten
prima fauis ponunt fundamina, deinde tenacis
suspendunt ceras; aliae spem gentis adultos
educunt fetus; aliae purissima mella
stipant et liquido distendunt nectare cellas.
Sunt quibus ad portas cecidit custodia sorti
inque uicem speculantur aquas et nubila caeli

Primeiro na primavera a colher a rosa e, no outono, os frutos; e quando o triste inverno rompia ainda as pedras com o frio e detinha o curso das águas com o gelo, ele desde então podava a coma do flexível jacinto, reprimendo o tardio verão e os demorados Zéfiro²³. Assim, era ele o primeiro a abundar em fecundas abelhas e em grande quantidade de enxames e a recolher espumantes méis de pressionados favos. Tinha tília e o fecundo pinheiro; e a fértil árvore, de quantos frutos se cobria na florada nova, tantos maduros tinha no outono. Ele ainda transplantou em fileiras olmos já crescidos, a dura pereira, a ameixeira portando já as frutas e o plátano que já produzia sombras para os que bebem. Na verdade, eu próprio, impedido pela estreiteza do espaço, omito estes assuntos e deixo para outros, após mim, o cuidado de tratá-los.

Agora, pois, explicarei a natureza que o próprio Júpiter²⁴ concedeu às abelhas, em recompensa por, tendo seguido os melodiosos sons dos Curetes²⁵ e os ruídos do bronze, alimentarem o rei do céu na caverna de Dicte²⁶. Sozinhas elas têm em comum os filhotes e a habitação compartilhada da cidade, e passam a vida sob imperiosas leis; sozinhas conhecem uma pátria e fixos Penates²⁷ e, lembrando-se do vindouro inverno, dedicam-se ao trabalho no verão e reservam para a comunidade as riquezas recolhidas. De fato, algumas se dedicam ao sustento e, pelo pacto estabelecido, exercitam-se nos campos; outras, fechadas no interior das habitações, a lágrima de Narciso²⁸ e a viscosa goma da cortiça assentam como primeiros fundamentos dos favos. Depois suspendem as aderentes ceras; outras fazem sair²⁹ os filhotes crescidos, esperança da nação; outras acumulam puríssimos méis e enchem os alvéolos com o cristalino néctar. Existem aquelas a quem coube por sorte a guarda das entradas: em turnos, observam as chuvas e as nuvens do céu

aut onera accipiunt uenientum aut agmine facto
ignauom fucos pecus a praesepibus arcent.
Feruit opus, redolentque thymo fragrantia mella.
Ac ueluti lentis Cyclopes fulmina massis
cum properant, alii taurinis follibus auras
accipiunt redduntque, alii stridentia tingunt
aera lacu; gemit impositis incudibus antrum;
illi inter sese magna ui bracchia tollunt
in numerum uersantque tenaci forcipe ferrum:
non aliter (si parua licet componere magnis)
Cecropias innatus apes amor urget habendi,
munere quamque suo. Grandaeuis oppida curae,
et munire fauos et daedala fingere tecta.
At fessae multa referunt se nocte minores,
crura thymo plenae: pascuntur et arbuta passim
et glaucas salices casiamque crocumque rubentem
et pinguem tiliam et ferrugineos hyacinthos.
Omnibus una quies operum, labor omnibus unus:
mane ruont portis; nusquam mora; rursus easdem
Vesper ubi e pastu tandem decedere campis
admonuit, tum tecta petunt, tum corpora curant;
fit sonitus, mussantque oras et limina circum.
Post, ubi iam thalamis se composuere, siletur
in noctem, fessosque sopor suos occupat artus.
Nec uero a stabulis pluuiam impendente recedunt
longius aut credunt caelo aduentantibus Euris;
sed circum tutae sub moenibus urbis aquantur
excursusque breuis temptant et saepe lapillos,
ut cymbae instabiles fluctu iactante saburram,
tollunt, his sese per inania nubila librant.

 Illum adeo placuisse apibus mirabere morem,
quod nec concubitu indulgent nec corpora segnes
in Venerem soluont aut fetus nixibus edunt;

ou recebem as cargas das que chegam ou, formado um batalhão, afastam das colmeias os zangões, bando ignavo. Fervilha o trabalho e os aromáticos méis recendem a tomilho. Como os Ciclopes³⁰, quando fazem à pressa raios de matéria flexível: uns insuflam os ares em foles taurinos e os expelem, outros submergem em um tanque os crepitantes bronzes. Geme a caverna sob as bigornas golpeadas. Eles erguem alternadamente os braços em cadência, com grande força, e revolvem o ferro com uma pinça tenaz. Assim também (se é lícito comparar as pequenas coisas com as grandes) um desejo inato de acumular move as abelhas cecrópias³¹, cada uma em sua função. Ao cuidado das mais velhas, as cidades, fabricar os favos e construir dedáleas³² habitações. Mas, fatigadas, as mais jovens se recolhem alta noite, carregadas de tomilho nas patas: indistintamente pastam os medronheiros, os verdes salgueiros, a manjerona, o rubro açafão, a pingue tília e os ferrugíneos jacintos. A todas um único descanso das tarefas, um único trabalho a todas. Pela manhã, arremetem-se pelas portas; em parte alguma a demora. Em seguida, quando Vésper³³ as aconselhou, após se nutrirem, a enfim deixarem os campos, então se dirigem para casa, então cuidam de seus corpos. Faz-se um ruído, e elas zumbem ao redor das entradas e da soleira. Depois, quando já se recolheram aos aposentos, silenciam-se durante a noite, e um sono restaurador se apodera dos fatigados membros. Todavia, impendente a chuva, não se apartam demais do domicílio, nem creem no céu, aproximando-se os Euros; mas, protegidas sob as muralhas da cidade, proveem-se de água nos arredores, arriscam breves excursões e muitas vezes levam seixinhos (como instáveis barcas, em ondas agitadas, o lastro), com eles se equilibram através de impalpáveis nuvens.

Admirarás este costume ter sido muito agradável às abelhas, que elas não se entregam ao acasalamento, nem, ociosas, soltam os corpos a Vênus³⁴, nem dão à luz os filhotes com dores.

uerum ipsae e foliis natos et suauibus herbis
ore legunt, ipsae regem paruosque Quirites
sufficiunt aulasque et cerea regna refingunt.
Saepe etiam duris errando in cotibus alas
attriuere, ultroque animam sub fasce dedere:
tantus amor florum et generandi gloria mellis!
Ergo ipsas quamuis angusti terminus aei
excipiat (neque enim plus septima ducitur aestas),
et genus immortale manet, multosque per annos
stat fortuna domus, et aui numerantur auorum.
Praeterea regem non sic Aegyptus et ingens
Lydia nec populi Parthorum aut Medus Hydaspes
obseruant. Rege incolumi mens omnibus una est;
amisso rupere fidem constructaque mella
diripuerunt ipsae et cratis soluere fauorum.
Ille operum custos, illum admirantur et omnes
circumstant fremitu denso stipantque frequentes
et saepe attollunt umeris et corpora bello
obiectant pulchramque petunt per uolnera mortem.
His quidam signis atque haec exempla secuti
esse apibus partem diuinae mentis et haustus
aetherios dixere: deum namque ire per omnis
terrasque tractusque maris caelumque profundum;
hinc pecudes, armenta, uiros, genus omne ferarum,
quemque sibi tenuis nascentem arcessere uitas;
scilicet huc reddi deinde ac resoluta referri
omnia, nec morti esse locum, sed uiua uolare
sideris in numerum atque alto succedere caelo.

Si quando sedem augustam seruataque mella
thensauris relines, prius haustu sparsus aquarum
ora foue fumosque manu praetende sequacis.
Bis grauidos cogunt fetus, duo tempora messis:

Na verdade, elas mesmas recolhem com a boca os filhos sobre as folhas e as ervas suaves; elas mesmas substituem o rei e os pequenos cidadãos³⁵, e reconstroem a corte e os reinos de cera. Muitas vezes, também, vagando esmagam as asas em duros penhascos, e ainda entregam a vida sob o peso da carga. Tão grande o amor às flores e a glória de produzir méis! Então, ainda que o término da curta existência as espreite (pois não se estende além do sétimo verão), a estirpe permanece imortal, a fortuna da casa persiste durante muitos anos e se contam os avós dos avós. Além disso, não respeitam seu rei assim o Egito e a vasta Lídia³⁶, nem os povos dos partos³⁷, nem o Medo Hidaspes³⁸. Incólume o rei, um único espírito há em todas; perdido, rompem o pacto, saqueiam elas mesmas os méis acumulados e dissolvem as estruturas dos favos. Ele é o guardião dos trabalhos, todos o admiram e rodeiam-no com intenso zumbido, numerosa escolta o acompanha, e muitas vezes levantam-no aos ombros, oferecem na guerra seus corpos como escudo e se lançam a uma morte gloriosa por feridas. Alguns, por esses sinais e tendo considerado esses exemplos, disseram que há nas abelhas uma parte da inteligência divina e umas emanações celestiais: pois deus se estende por todas as terras, pelos espaços do mar e pelo elevado céu; que, dele, o gado menor e o maior, os homens, todas as espécies de feras e qualquer ser nascente consegue para si a tênue vida; que, seguramente, todas as coisas retornam depois a ele e, com a dissolução, são-lhe restituídas, nem há lugar para a morte; mas os seres vivos voam para o número das estrelas e se elevam ao alto céu.

Se alguma vez destapares a augusta colmeia para retirar os méis conservados nos tesouros, aspergido primeiro com um gole d'água, purifica a boca e estende com a mão fumos penetrantes. Duas vezes ao ano produzem abundantes frutos, em duas estações a colheita:

Taugete simul os terris ostendit honestum
Plias et Oceani spretos pede reppulit amnis,
aut eadem sidus fugiens ubi Piscis aquosi
tristior hibernas caelo descendit in undas.
Illis ira modum supra est laesaeque uenenum
morsibus inspirant et spicula caeca relinquunt
adfixae uenis animasque in uolnere ponunt.

Sin duram metues hiemem parcesque futuro
contusosque animos et res miserabere fractas,
at suffire thymo cerasque recidere inanis
quis dubitet? nam saepe fauos ignotus adedit
stellio et lucifugis congesta cubilia blattis;
immunisque sedens aliena ad pabula fucus
aut asper crabro imparibus se immiscuit armis,
aut dirum tineae genus, aut inuisa Mineruae
laxos in foribus suspendit aranea cassis.
Quo magis exhaustae fuerint, hoc acrius omnes
incumbent generis lapsi sarcire ruinas
complebuntque foros et floribus horrea texent.

Si uero (quoniam casus apibus quoque nostros
uita tulit) tristi languerunt corpora morbo –
quod iam non dubiis poteris cognoscere signis:
continuo est aegris alius color; horrida uoltum
deformat macies; tum corpora luce carentum
exportant tectis et tristia funera ducunt;
aut illae pedibus conexae ad limina pendent,
aut intus clausis cunctantur in aedibus omnes
ignauaeque fame et contracto frigore pigrae;
tum sonus auditur grauior, tractimque susurrant,
frigidus ut quondam siluis immurmurat Auster,
ut mare sollicitum stridit refluentibus undis,
aestuatur ut clausis rapidus fornacibus ignis –,

uma tão logo a Plêiade³⁹ Taigete mostre às terras seu formoso rosto e afaste com o pé as ondas desdenhadas do Oceano⁴⁰; outra quando o mesmo astro, fugindo da constelação chuvosa do Peixe⁴¹, desce mais triste do céu para as ondas invernais. A cólera das abelhas supera qualquer medida; ofendidas, inoculam veneno por meio de picadas, abandonam invisíveis ferrões cravados nas veias e depõem sua vida na ferida.

Mas se temeres o duro inverno, poupares para o futuro e te apiedares de seu abatimento e ruína, quem hesitaria em fumegar com tomilho e suprimir as ceras inúteis? Pois muitas vezes um oculto lagarto devorou os favos, e os ninhos se encheram com baratas que fogem da luz; há o ocioso zangão, acomodado no alimento alheio, ou o duro vespão, que se introduziu por armas desiguais, ou as traças, espécie sinistra; ou a aranha⁴², odiosa a Minerva⁴³, suspendeu frouxas teias nas portas. Quanto mais tiverem sido destruídas, tanto mais todas se aplicarão com ardor a reparar as perdas da nação destruída, preencherão os alvéolos e comporão seus celeiros com o sumo das flores.

Mas (já que a vida também trouxe às abelhas nossos acidentes), se os corpos enlanguescerem com triste doença – tu logo o poderás reconhecer por indubitáveis sinais: sem demora vem às enfermas outra cor; uma horrível magreza lhes deforma a fisionomia; então, removem das habitações os corpos das carentes de luz e conduzem tristes funerais; ou elas se dependuram presas pelas patas junto à soleira, ou demoram-se todas no interior do domicílio fechado, inertes pela fome e entorpecidas pelo frio que as retrai; então, um som mais grave é ouvido, e elas zumbem sem interrupção; como o frio Austro⁴⁴ murmura às vezes nas florestas, como o mar agitado brama ao refluir das ondas, ou como o impetuoso fogo arde nos cerrados fornos –,

hic iam galbaneos suadebo incendere odores
mellaque harundineis inferre canalibus, ultro
hortantem et fessas ad pabula nota uocantem.
Proderit et tunsum gallae admiscere saporem
arentisque rosas aut igni pingua multo
defruta uel psithia passos de uite racemos
Cecropiumque thymum et graeolentia centaurea.
Est etiam flos in pratis, cui nomen amello
fecere agricolae, facilis quaerentibus herba:
namque uno ingentem tollit de caespite siluam
aureus ipse, sed in foliis quae plurima circum
funduntur uiolae subluceat purpura nigrae;
saepe deum nexis ornatae torquibus arae;
asper in ore sapor; tonsis in uallibus illum
pastores et curua legunt prope flumina Mellae:
huius odorato radices incoque Baccho
pabulaque in foribus plenis appone canistris.

Sed si quem proles subito defecerit omnis
nec genus unde nouae stirpis reuocetur habebit,
tempus et Arcadii memoranda inuenta magistri
pandere quoque modo caesis iam saepe iuuencis
insincerus apes tulerit cruor. Altius omnem
expediam prima repetens ab origine famam.
Nam qua Pellaei gens fortunata Canopi
accolit effuso stagnantem flumine Nilum
et circum pictis uehitur sua rura phaselis
quaque pharetratae uicinia Persidis urget,
et uiridem Aegyptum nigra fecundat harena
et diuersa ruens septem discurrit in ora
usque coloratis amnis deuexus ab Indis,
omnis in hac certam regio iacit arte salutem.
Exiguos primum atque ipsos contractus in usus
eligitur locus; hunc angustique imbrice tecti
parietibusque premunt artis et quattuor addunt
quattuor a uentis obliqua luce fenestras.

então já aconselharei que queimes aromáticos gálbanos e introduzas méis por tubos de cana, exortando de antemão e chamando as fatigadas aos habituais alimentos. Será útil também misturar o sabor da galha triturada, as rosas secas, o mosto espessado por longo tempo ao fogo, as uvas-passas da vide Psítia⁴⁵, o tomilho de Cécrope⁴⁶ e a centáurea de cheiro intenso. Há também nos prados uma flor a que os agricultores deram o nome de amelo, erva acessível a quem busca, porque de um único tufo dá uma enorme selva; ela mesma é dourada, mas, nas pétalas que ao redor se estendem em grande número, cintila a púrpura da escura violeta. Muitas vezes os altares dos deuses são ornados de suas guirlandas entrelaçadas; o sabor é áspero na boca; os pastores as colhem nos vales segados e junto às correntes sinuosas do Mela⁴⁷. Coze suas raízes no aromatizado Baco e coloca o alimento nas entradas em cestos cheios.

Mas se toda a prole tiver subitamente faltado a alguém, nem tiver de onde ser retomada a origem de uma nova estirpe, é tempo de revelar a descoberta memorável⁴⁸ do pastor da Arcádia⁴⁹, e de que modo de novilhos imolados o sangue corrompido muitas vezes gerou abelhas. Explicarei bem do começo toda a tradição, recordando-a desde sua origem primeira. Pois onde a nação afortunada da peleia Canopo⁵⁰ habita o Nilo⁵¹, que inunda com seu curso transbordado, e é levada à volta de seus campos por pintadas barcas, onde a vizinhança da Pérsia⁵² porta-aljavas ameaça, e o rio, que declina desde os coloridos hindus⁵³, fecunda com um negro lodo o verdejante Egito e, arrojando-se, divide-se em sete diferentes bocas, toda a região deposita nesta arte sua segura salvação. Primeiro se escolhe um lugar exíguo e reduzido para esse mesmo uso; fecham-no com as telhas de uma angusta cobertura e paredes apertadas, e adicionam, aos quatro ventos, quatro janelas oblíquas à luz.

Tum uitulus bima curuans iam cornua fronte
quaeritur; huic geminae nares et spiritus oris
multa reluctanti obstruitur, plagisque perempto
tunsa per integram soluontur uiscera pellem.
Sic positum in clauso linqunt et ramea costis
subiciunt fragmenta, thymum casiasque recentis.
Hoc geritur Zephyris primum impellentibus undas,
ante nouis rubeant quam prata coloribus, ante
garrula quam tignis nidum suspendat hirundo.
Interea teneris tepefactus in ossibus umor
aestuat, et uisenda modis animalia miris,
trunca pedum primo, mox et stridentia pinnis,
miscentur tenuemque magis magis aera carpunt,
donec ut aestiuus effusus nubibus imber
erupere aut ut neruo pulsante sagittae,
prima leues ineunt si quando proelia Parthi.

Quis deus hanc, Musae, quis nobis extudit artem?
unde noua ingressus hominum experientia cepit?

Pastor Aristaeus fugiens Peneia Tempe
amissis, ut fama, apibus morboque fameque
tristis ad extremi sacrum caput adstitit amnis
multa querens atque hac affatus uoce parentem:
“Mater, Cyrene mater, quae gurgitis huius
ima tenes, quid me praeclara stirpe deorum
(si modo, quem perhibes, pater est Thymbraeus Apollo)
inuisum fatis genuisti? aut quo tibi nostri
pulsus amor? quid me caelum sperare iubebas?
En etiam hunc ipsum uitae mortalis honorem,
quem mihi uix frugum et pecudum custodia sollers
omnia temptanti extuderat, te matre, relinquo.
Quin age et ipsa manu felicis erue siluas;
fer stabulis inimicum ignem atque interfice messis;
ure sata et ualidam in uitis molire bipennem,

Então, busca-se um novilho que já recurva os cornos na fronte de dois anos; a despeito da grande resistência, são-lhe obstruídas as duas narinas e a respiração da boca e, morto a pancadas, as vísceras batidas se dissolvem entre a pele íntegra. Depõem-no assim em local fechado, e colocam fragmentos de ramos, tomilho e manjeronas novas, sob suas costas. Isso se faz logo que os Zéfiros⁵⁴ agitam as ondas pela primeira vez, antes que os prados se enrubescam de novas cores, e antes que a ruidosa andorinha suspenda seu ninho no madeiramento. Nesse ínterim o humor fermenta, aquecido nos tenros ossos, e animais de formas maravilhosas podem ser vistos; primeiro desprovidos de pés; logo, também, zumbindo com as asas, agitam-se e ganham mais e mais o ar ligeiro, até que se tenham lançado como uma chuva vertida de nuvens estivais ou como as flechas de vibrante nervo, se acaso os ligeiros Partos⁵⁵ encetam os primeiros combates.

Qual deus, ó Musas, qual nos inventou essa arte? De onde teve princípio entre os homens a nova experiência?

O pastor Aristeu⁵⁶, diz-se, fugindo do Tempe peneu⁵⁷, perdidas suas abelhas por doença e fome, deteve-se triste junto à sagrada fonte do rio nascente; e, muito se queixando, dirigiu-se à sua mãe nestes termos: “Mãe, minha mãe Cirene, que habitas nas profundezas deste rio, por que me geraste da estirpe preclara dos deuses (se todavia, o que afirmas, Apolo Timbreu⁵⁸ é meu pai), odioso aos fados? Ou aonde se foi o amor que me tinhas? Por que me ordenavas esperar o céu? Eis que, sendo tu minha mãe, deixo até esta honra mesma de minha vida mortal, que a guarda industriosa de cereais e rebanhos tinha a custo produzido para mim, ao experimentar todas as coisas. Ora, vai! arranca com tuas próprias mãos as prósperas florestas; leva aos meus estábulos o fogo inimigo, destrói minhas messes; queima minhas terras semeadas e desfere em minhas vides o robusto machado de dois gumes,

tanta meae si te ceperunt taedia laudis.”

At mater sonitum thalamo sub fluminis alti
sensit. Eam circum Milesia uellera Nymphae
carpebant hyali saturo fucata colore,
Drymoque Xanthoque Ligeaque Phyllodoceque,
caesariem effusae nitidam per candida colla,
[Nesaeae Spioque Thaliaque Cymodoceque]
Cydippeque et flaua Lycorias, altera uirgo,
altera tum primos Lucinae experta labores,
Clioque et Beroe soror, Oceanitides ambae,
ambae auro, pictis incinctae pellibus ambae,
atque Ephyre atque Opis et Asia Deiopeia,
et tandem positis uelox Arethusa sagittis.
Inter quas curam Clymene narrabat inanem
Volcani Martisque dolos et dulcia furta
aque Chao densos diuom numerabat amores.
Carmine quo captae dum fuis mollia pensa
deuoluont, iterum maternas impulit auris
luctus Aristaei, uitreisque sedilibus omnes
obstupere; sed ante alias Arethusa sorores
prospiciens summa flauom caput extulit unda,
et procul: “O gemitu non frustra exterrita tanto,
Cyrene soror, ipse tibi, tua maxima cura,
tristis Aristaeus Penei genitoris ad undam
stat lacrimans, et te crudelem nomine dicit.”
Huic percussa noua mentem formidine mater:
“Duc age, duc ad nos; fas illi limina diuom
tangere “, ait. Simul alta iubet discedere late
flumina, qua iuuenis gressus inferret: at illum
curuata in montis faciem circumstetit unda
accepitque sinu uasto misitque sub amnem.

Iamque domum mirans genitricis et umida regna
speluncisque lacus clausos lucosque sonantis

se tão grandes aborrecimentos de minha glória te dominaram”.

Mas sua mãe percebeu o clamor sob o aposento do profundo rio. Ninfas⁵⁹ fiavam em torno dela lãs milésias⁶⁰ tingidas de uma intensa cor verde; Drimo⁶¹, Xanto⁶², Ligeia⁶³ e Filódoce⁶⁴ estendiam a brilhante cabeleira pelos alvos colos; Neseia⁶⁵ e Éspio⁶⁶, Talia⁶⁷ e Cimódoce⁶⁸; Cidipe⁶⁹ e a loira Licoriáde⁷⁰, uma virgem, a outra tendo então experimentado os primeiros trabalhos de Lucina⁷¹; Clio⁷² e a irmã Béroe⁷³, ambas Oceânides, ambas cingidas com ouro, ambas com peles mosqueadas; e Éfira⁷⁴ e Ópis⁷⁵, e a asiática⁷⁶ Deiopeia⁷⁷; e a veloz Aretusa⁷⁸, de flechas enfim depostas. No meio delas, Clímene⁷⁹ narrava a inútil precaução de Vulcano⁸⁰, os dolos de Marte⁸¹ e seus furtivos prazeres, e enumerava os numerosos amores dos deuses desde o Caos⁸². Cativadas por tal canto, enquanto desenrolam de seus fusos macias lãs, o pranto de Aristeu feriu novamente os ouvidos maternos e todas ficaram estupefatas em seus vítreos assentos. Mas Aretusa, olhando à frente antes das outras irmãs, elevou a loira cabeça acima d'água, e ao longe: “Ó Cirene, minha irmã, não é em vão que te assustaste com tão grande lamento, o triste Aristeu, ele mesmo teu principal cuidado, aguarda chorando junto à margem do pai Peneu⁸³, e chama-te por nome de cruel”. A mãe, abalada em seu espírito por insólito temor, diz-lhe: “Conduze-o, vamos, conduze-o até nós; é-lhe lícito tocar a soleira dos deuses”. Ao mesmo tempo, ela ordena aos profundos rios que se afastem por largo espaço por onde o jovem passaria; e a água curvada em forma de montanha se manteve em volta dele, recebeu-o em seu vasto seio e conduziu-o ao fundo do rio.

E já admirando a residência da mãe, os úmidos reinos, os lagos encerrados em cavernas e os ressonantes bosques

ibat et ingenti motu stupefactus aquarum
omnia sub magna labentia flumina terra
spectabat diuersa locis, Phasimque Lycumque
et caput, unde altus primum se erumpit Enipeus
saxosusque sonans Hypanis Mysusque Caicus,
unde pater Tiberinus et unde Aniena fluenta,
et gemina auratus taurino cornua uoltu
Eridanus, quo non alius per pinguia culta
in mare purpureum uiolentior effluit amnis.

Postquam est in thalami pendentia pumice tecta
peruentum et nati fletus cognouit inanis
Cyrene, manibus liquidos dant ordine fontis
germanae tonsisque ferunt mantelia uillis;
pars epulis onerant mensas et plena reponunt
pocula; Panchaeis adolescent ignibus arae.
Et mater: "Cape Maeonii carchesia Bacchi;
Oceano libemus", ait. Simul ipsa precatur
Oceanumque patrem rerum Nymphasque sorores,
centum quae siluas, centum quae flumina seruant.
Ter liquido ardentem perfudit nectare Vestam,
ter flamma ad summum tecti subiecta reluxit.
Omne quo firmans animum, sic incipit ipsa:

"Est in Carpathio Neptuni gurgite uates,
caeruleus Proteus, magnum qui piscibus aequor
et iuncto bipedum curru metitur equorum.
Hic nunc Emathiae portus patriamque reuisit
Pallenen; hunc et Nymphae ueneramur et ipse
grandaeuos Nereus; nouit namque omnia uates,
quae sint, quae fuerint, quae mox uentura trahantur.
Quippe ita Neptuno uisum est, immania cuius
armenta et turpis pascit sub gurgite phocas.
Hic tibi, nate, prius uinclis capiendus, ut omnem
expediat morbi causam euentusque secundet.

seguia e, estupefato com o imenso movimento das águas, contemplava todos os rios a correr sob a vasta terra, diferentes quanto aos lugares; o Fásis⁸⁴, o Lico⁸⁵, a fonte donde primeiro o profundo Enipeu⁸⁶ se arroja, o Hipane⁸⁷, que ressoa entre rochedos, e o Caíco da Mísia⁸⁸, donde o pai Tibre⁸⁹, donde o curso do Ânio⁹⁰ e o Erídano⁹¹ com dois cornos dourados sobre a fronte taurina; nenhum outro rio se lança mais impetuoso do que este, através de férteis campos, no mar púrpura.

Depois de adentrar os tetos abobadados de pedras-pomes e de Cirene conhecer os vãos prantos do filho, suas irmãs oferecem em ordem águas cristalinas para as mãos e levam toalhas de aparados velos. Umas acumulam as mesas de manjares e repõem as copas cheias; os altares ardem com os fogos de Pancaia⁹². E a mãe diz: “Toma as copas de meônio Baco⁹³; libemos a Oceano⁹⁴”. Ao mesmo tempo ela suplica a Oceano, pai de todas as coisas, e às Ninfas, suas irmãs, que protegem cem florestas e cem rios. Três vezes ela rociou com o líquido néctar a ardente Vesta⁹⁵; três vezes a chama, elevando-se até o alto da habitação, reluziu. Confortando seu espírito com tal presságio, ela começa assim:

“Há no mar carpátio um vate de Netuno⁹⁶, o cerúleo Proteu⁹⁷, que percorre o vasto mar sobre peixes, em um carro atrelado de bípedes cavalos⁹⁸. Neste momento, ele revisita os portos da Emátia⁹⁹ e Palene¹⁰⁰, sua pátria; e nós, as Ninfas, e o próprio ancião Nereu¹⁰¹ veneramo-lo, porque o vate conhece todas as coisas, aquelas que existem, aquelas que existiram e aquelas futuras, que logo hão de sobrevir. Porque assim aprouve a Netuno, de quem apascenta o imenso rebanho e as focas disformes no fundo do mar. Ele, meu filho, deve primeiro ser preso por ti com laços, para que te explique toda a causa da enfermidade e favoreça os acontecimentos.

Nam sine ui non ulla dabit praecepta neque illum
orando flectes; uim duram et uinacula capto
tende; doli circum haec demum frangentur inanes.
Ipsa ego te, medios cum sol accenderit aestus,
cum sitiunt herbae et pecori iam gratior umbra est,
in secreta senis ducam, quo fessus ab undis
se recipit, facile ut somno adgrediare iacentem.
Verum, ubi conreptum manibus uinclisque tenebis,
tum uariae eludent species atque ora ferarum:
fiet enim subito sus horridus atraque tigris
squamosusque draco et fulua ceruice leaena;
aut acrem flammae sonitum dabit atque ita uinclis
excidet, aut in aquas tenuis dilapsus abibit.
Sed quanto ille magis formas se uertet in omnis,
tam tu, nate, magis contende tenacia uincla,
donec talis erit mutato corpore qualem
uideris, incepto tegetet cum lumina somno.”
Haec ait et liquidum ambrosiae diffundit odorem,
quo totum nati corpus perduxit; at illi
dulcis compositis spirauit crinibus aura,
atque habilis membris uenit uigor. Est specus ingens
exesi latere in montis, quo plurima uento
cogitur inque sinus scindit sese unda reductos,
deprensus olim statio tutissima nautis.
Intus se uasti Proteus tegit obice saxi.
Hic iuuenem in latebris auersum a lumine Nympha
collocat; ipsa procul nebulis obscura resistit.
Iam rapidus torrens sitientis Sirius Indos,
ardebat caelo et medium sol igneus orbem
hauserat; arebant herbae et caua flumina siccis
faucibus ad limum radii tepefacta coquebant:
cum Proteus consueta petens e fluctibus antra
ibat; eum uasti circum gens umida ponti
exsultans rorem late dispergit amarum.

Pois não te dará preceito algum sem violência, nem o dobrarás suplicando; exerce dura força e, depois de o capturar, entesa os laços; seus dolos inúteis serão, enfim, desbaratados diante disso. Eu mesma, quando o sol tiver abrasado os ardores do meio-dia, quando as ervas já estão sedentas e a sombra é mais agradável ao gado, conduzir-te-ei aos esconderijos do ancião, aonde fatigado se recolhe das ondas, para que facilmente ataques o que jaz adormecido. Mas, quando o segurares com as mãos e preso pelos laços, então mutáveis aparências e figuras de feras iludir-te-ão, porque ele se transformará subitamente em eriçado porco, em feroz tigre, em escamoso dragão e em leoa de fulva nuca; ou produzirá o ruído atroz da chama, e assim se libertará de tuas amarras, ou irá escoado em tênues águas. Mas, quanto mais ele se metamorfosear em todas as formas, tanto mais, meu filho, aperta os tenazes laços até que, mudado seu corpo, ele seja tal qual o tenhas visto, quando cerrava os olhos ao adormecer”. Diz tais palavras e espalha líquida essência de ambrosia, com a qual recobriu todo o corpo do filho; e um doce aroma recendeu de sua bem composta cabeleira, um vigor conveniente penetrou em seus membros. Na encosta de uma montanha carcomida, há uma imensa gruta aonde grande quantidade d’água é empurrada pelo vento e se fende em voltas que refluem, refúgio outrora muito seguro para marinheiros surpreendidos. Proteu se refugia no interior atrás da barreira de uma vasta rocha. Neste lugar, a Ninfa coloca o jovem em esconderijo de costas para a luz; ela mesma se mantém à distância, oculta pelas névoas. Já o inflamado Sírío¹⁰², que queima os sedentos hindus, brilhava no céu e o sol de fogo tinha percorrido metade do globo. As ervas estavam dessecadas; e dos cavos rios aquecidos, secas as suas fontes, os raios cozinhavam até o limo, quando Proteu, ao sair das ondas, ia buscando seu costumeiro abrigo. O úmido rebanho do vasto mar, saltando ao redor dele, espalha largamente um rocío amargo.

Sternunt se somno diuersae in litore phocae;
ipse, uelut stabuli custos in montibus olim,
Vesper ubi e pastu uitulos ad tecta reducit
auditisque lupos acuont balatibus agni,
consedit scopulo medius numerumque recenset.
Cuius Aristaeo quoniam est oblata facultas,
uix defessa senem passus componere membra,
cum clamore ruit magno manicisque iacentem
occupat. Ille suae contra non immemor artis
omnia transformat sese in miracula rerum,
ignemque horribilemque feram fluuiumque liquentem.
Verum ubi nulla fugam reperit fallacia, uictus
in sese redit atque hominis tandem ore locutus:
“Nam quis te, iuuenum confidentissime, nostras
iussit adire domos? quidue hinc petis?” inquit. At ille:
“Scis, Proteu, scis ipse; neque est te fallere quicquam;
sed tu desine uelle; deum praecepta secuti
uenimus hinc lapsis quaesitum oracula rebus.”
Tantum effatus. Ad haec uates ui denique multa
ardentis oculos intorsit lumine glauco
et grauius frendens sic fatis ora resoluit:
“Non te nullius exercent numinis irae;
magna luis comissa: tibi has miserabilis Orpheus
haudquaquam ob meritum poenas, ni fata resistant,
suscitat et rapta grauius pro coniuge saeuit.
Illa quidem, dum te fugeret per flumina praeceps,
immanem ante pedes hydrum moritura puella
seruantem ripas alta non uidit in herba.
At chorus aequalis Dryadum clamore supremos
implerunt montis; flerunt Rhodopeiae arces
altaque Pangaea et Rhesi Mauortia tellus
atque Getae atque Hebrus et Actias Orithyia.

As focas se estendem para o sono, dispersas sobre o litoral. Ele mesmo, ao centro, assenta-se sobre uma rocha e faz a recensão do número, como às vezes sobre as montanhas o guardião de um estábulo, quando Vésper¹⁰³ reconduz os novilhos das pastagens aos abrigos, e os cordeiros aguçam os lobos com seus balidos que se ouvem. Como se oferece uma oportunidade a Aristeu, apenas permitindo que o ancião estenda os fatigados membros, ele se precipita com grande clamor e prende com amarras o que está deitado. Por sua vez, o outro, não esquecido de seus artifícios, transforma-se em toda espécie de coisas maravilhosas, fogo, fera horrível e rio corrente. Mas, como nenhum artifício granjeou a fuga, vencido tornou a si; e enfim, falando com voz humana, diz: “Ó, o mais presunçoso dos jovens, quem, pois, ordenou-te aproximar de minha morada? Ou o que buscas aqui?” Mas ele: “Tu sabes, Proteu, tu mesmo sabes; não há meio de enganar-te; mas cessa tu de querê-lo. Tendo seguido os preceitos dos deuses, vim aqui buscar oráculos para meus bens perdidos”. Disse isso somente. A essas palavras o vate, enfim, volveu com muita força os olhos ardentes de uma luz verde e, rangendo gravemente os dentes, abriu assim a boca aos oráculos: “A ira de alguma divindade te persegue; tu espias grandes crimes. Orfeu¹⁰⁴ infeliz (de modo algum por seu mérito) suscita este castigo contra ti, se os fados não se opõem, e vinga duramente a esposa perdida. Ela, na verdade, a jovem que havia de morrer, enquanto fugia de ti, precipitando-se ao longo do rio, não viu diante de seus pés na relva crescida uma enorme serpente que habitava as margens. E o coetâneo coro das Dríades¹⁰⁵ encheu de clamores os mais altos montes; choraram as colinas do Ródope¹⁰⁶, o elevado Pangeu¹⁰⁷, a terra mavórcia de Reso¹⁰⁸, os Getas¹⁰⁹, o Hebro¹¹⁰ e a ática Oritiia¹¹¹.

Ipse caua solans aegrum testudine amorem
te, dulcis coniunx, te solo in litore secum,
te ueniente die, te decedente canebat.
Taenarias etiam fauces, alta ostia Ditis,
et caligantem nigra formidine lucum
ingressus Manisque adiit regemque tremendum
nesciaque humanis precibus mansuescere corda.
At cantu commotae Erebi de sedibus imis
umbrae ibant tenues simulacraque luce carentum,
quam multa in foliis auium se millia condunt,
Vesper ubi aut hibernus agit de montibus imber,
matres atque uiri defunctaque corpora uita
magnanimum heroum, pueri innuptaeque puellae
impositique rogis iuuenes ante ora parentum;
quos circum limus niger et deformis harundo
Cocyti tardaue palus inamabilis unda
alligat et nouiens Styx interfusa coeracet.
Quin ipsa stupuere domus atque intima Leti
Tartara caeruleosque implexae crinibus angues
Eumenides tenuitque inhians tria Cerberus ora
atque Ixionii uento rota constitit orbis.
Iamque pedem referens casus euaserat omnis
redditaque Eurydice superas ueniebat ad auras
pone sequens (namque hanc dederat Proserpina legem),
cum subita incautum dementia cepit amantem,
ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes:
restitit Eurydicenque suam iam luce sub ipsa
immemor heu! uictusque animi respexit. Ibi omnis
effusus labor atque immitis rupta tyranni
foedera, terque fragor stagnis auditus Auerni.
Illa: “Quis et me” inquit “miseram et te perdidit Orpheu,
quis tantus furor? En iterum crudelia retro
fata uocant conditque natantia lumina somnus.

Ele, consolando seu desditoso amor com a cava lira, a ti cantava, doce esposa, a ti na deserta praia, só consigo, a ti o dia nascendo, a ti morrendo. E tendo adentrado até as gargantas do Tênaros¹¹², profunda porta de Dite¹¹³, e o bosque sombrio de um negro temor, foi ter com os Manes¹¹⁴, seu temível rei e os corações que não sabem abrandar-se às preces humanas. Mas tênues sombras, comovidas por seu canto, e os simulacros dos carentes de luz acorriam das profundas moradas do Érebo¹¹⁵, tão numerosos quão os milhares de pássaros que se ocultam nas folhagens, quando Vésper ou uma chuva de inverno os impele das montanhas. Mães, varões, corpos de magnânimos heróis privados de vida, rapazes, moças inuptas e jovens depositos sobre a pira diante da vista de seus pais; em torno deles, um negro limo, o disforme caniço do Cocito¹¹⁶ e o odioso pântano aprisiona com sua água estagnada, e o Estige¹¹⁷ encerra nove vezes com sua sinuosidade. Ademais, foram tomadas de espanto a própria morada da Morte no mais profundo Tártaro¹¹⁸ e as Eumênides¹¹⁹ de cabelos entrelaçados por cerúleas serpentes; Cérbero¹²⁰ boquiaberto calou suas três bocas; e a roda de Ixião¹²¹ se deteve com o vento. E já retornando, tinha escapado a todos os perigos; Eurídice¹²², tendo sido restituída, vinha aos ares superiores caminhando atrás (pois Proserpina impusera essa lei!), quando uma súbita loucura se apoderou do incauto amante, perdoável, na verdade, se os Manes soubessem perdoar. Ele se deteve, já próximo da própria luz, esquecido, ah!, e, vencido por seu espírito, voltou os olhos para sua Eurídice. Neste ponto se esvaiu todo o labor, o pacto com o cruel tirano foi desfeito e três vezes um fragor foi ouvido no lago do Averno¹²³. E ela diz: ‘Quem perdeu a mim, infeliz, e a ti, Orfeu? Que furor tão grande? Eis que os cruéis fados me chamam de volta novamente, e o sono cobre meus vacilantes olhos.

Iamque uale: feror ingenti circumdata nocte
inualidasque tibi tendens, heu! non tua, palmas.”
Dixit et ex oculis subito, ceu fumus in auras
commixtus tenuis, fugit diuersa, neque illum
prensantem nequiquam umbras et multa uolentem
dicere praeterea uidit; nec portitor Orci
amplius obiectam passus transire paludem.
Quid faceret? quo se rapta bis coniuge ferret?
Quo fletu Manis, quae numina uoce moueret?
Illa quidem Stygia nabat iam frigida cymba.
Septem illum totos perhibent ex ordine mensis
rupe sub aeria deserti ad Strymonis undam
fleuisse et gelidis haec euoluisse sub antris
mulcentem tigris et agentem carmine quercus.
Qualis populea maerens Philomela sub umbra
amissos queritur fetus, quos durus arator
obseruans nido implumis detraxit; at illa
flet noctem, ramoque sedens miserabile carmen
integrat et maestis late loca questibus implet.
Nulla Venus, non ulli animum flexere hymenaei.
Solut Hyperboreas glacies Tanaimque niualem
aruaque Riphæis numquam uiduata pruinis
lustrabat, raptam Eurydicen atque inrita Ditis
dona querens; spretae Ciconum quo munere matres
inter sacra deum nocturnique orgia Bacchi
discerptum latos iuuenem sparsere per agros.
Tum quoque marmorea caput a ceruice reuolsum
gurgite cum medio portans Oeagrius Hebrus
uolueret, Eurydicen uox ipsa et frigida lingua
ah! miseram Eurydicen anima fugiente uocabat;
Eurydicen toto referebant flumine ripae.”
Haec Proteus et se iactu dedit aequor in altum,
quaque dedit, spumantem undam sub uertice torsit.

Agora, adeus! Sou levada pela imensa noite que me envolve, estendendo-te as impotentes mãos, ai!, não mais tua'. Ela disse, e rapidamente desapareceu de sua vista em direção contrária, como o fumo que se esvai em tênues brisas; e ela não mais o viu, procurando em vão abraçar as sombras e desejando ainda dizer-lhe muitas coisas. E o barqueiro do Orco¹²⁴ não mais permitiu que ele atravessasse o pântano interposto. O que faria? Para onde iria, duas vezes arrebatada a esposa? Com que prantos moveria os Manes, com que¹²⁵ voz as divindades? Decerto ela navegava já fria na barca estígia. Por sete meses inteiros, sem interrupção, dizem que chorou aos pés de um alto rochedo junto à margem do deserto Estrimão¹²⁶ e recontou esses infortúnios no fundo de geladas grutas, encantando tigres e movendo carvalhos com seu canto. Tal a triste Filomela¹²⁷ sob a sombra de um choupo deplora seus filhos perdidos que um duro lavrador, que os observava, arrebatou implumes do ninho; assim ela chora à noite e, pousada sobre um ramo, renova seu triste canto e enche amplamente os arredores com lastimosas queixas. Nenhuma Vênus¹²⁸, nenhum himeneu¹²⁹ dobraram seu espírito. Solitário, ele percorria os gelos hiperbóreos¹³⁰, o nevado Tânaís¹³¹ e os campos nunca privados das geadas dos Rifeus,¹³² chorando a perda de sua Eurídice e os inúteis favores de Dite. Rejeitadas por tal devoção as mulheres dos cícones¹³³, durante os sacrifícios aos deuses e as orgias noturnas a Baco, dispersaram por vastos campos o corpo despedaçado do jovem. E ainda então, quando o Hebro eágrio¹³⁴, transportando sua cabeça arrancada do marmóreo colo, rolava-a no meio de sua corrente, sua própria voz e sua língua fria, esvaindo-se a vida, chamava Eurídice, 'ah!, infeliz Eurídice'; e ao longo de todo o rio as margens ecoavam 'Eurídice''. Proteu disse essas palavras e com um salto se lançou ao mar profundo; onde se lançou, revolveu a espumante água sob a sua cabeça.

At non Cyrene; namque ultro affata timentem:
“Nate, licet tristis animo deponere curas.
Haec omnis morbi causa; hinc miserabile Nymphae,
cum quibus illa choros lucis agitabat in altis,
exitium misere apibus. Tu munera supplex
tende petens pacem, et facilis uenerare Napaeas;
namque dabunt ueniam uotis irasque remittent.
Sed, modus orandi qui sit, prius ordine dicam.
Quattuor eximios praestanti corpore tauros,
qui tibi nunc uiridis depascunt summa Lycaei,
delige et intacta totidem ceruice iuuenas.
Quattuor his aras alta ad delubra dearum
constitue et sacrum iugulis demitte cruorem
corporaque ipsa boum frondoso desere luco.
Post, ubi nona suos aurora ostenderit ortus,
inferias Orphei Lethaea papauera mittes;
placatam Eurydicen uitula uenerabere caesa;
et nigram mactabis ouem lucumque reuises.”

Haud mora; continuo matris praecepta facessit:
ad delubra uenit, monstratas excitat aras,
quattuor eximios praestanti corpore tauros
ducit et intacta totidem ceruice iuuenas.
Post, ubi nona suos aurora induxerat ortus,
inferias Orphei mittit lucumque reuisit.
Hic uero subitum ac dictu mirabile monstrum
adspiciunt, liquefacta boum per uiscera toto
stridere apes utero et ruptis efferuere costis
immensasque trahi nubes iamque arbore summa
confluere et lentis uuam demittere ramis.

Haec super aruorum cultu pecorumque canebam
et super arboribus, Caesar dum magnus ad altum
fulminat Euphraten bello uictorque uolentis
per populos dat iura uiamque affectat Olympo.

Mas Cirene¹³⁵ não se afastou; com efeito, além disso falou a quem temia: “Filho, podes depor os tristes cuidados de teu coração. Essa é toda a causa da doença; por isso as Ninfas, com quem Eurídice conduzia os coros nos profundos bosques, enviaram às tuas abelhas uma lamentável peste. Tu, suplicante, leva oferendas pedindo-lhes a paz, e venera as indulgentes Napeias¹³⁶; pois darão vênias a teus votos e renunciarão à ira. Mas antes direi, passo a passo, qual é a maneira de as invocar. Escolhe quatro excelentes touros de corpos notáveis entre aqueles que agora pastam para ti no cume do verdejante Liceu¹³⁷, e outras tantas novilhas de intocada cerviz. Edifica-lhes quatro altares junto aos altos templos das deusas, faze correr de suas fauces o sagrado sangue e abandona em um frondoso bosque os próprios corpos dos bois. Depois, quando a nona aurora já se tiver elevado, oferecerás papoulas do Letes¹³⁸ em sacrifício aos Manes de Orfeu; honrarás, com uma novilha sacrificada, Eurídice aplacada; imolarás uma ovelha negra e retornarás ao bosque sagrado”.

Sem demora; imediatamente executa as prescrições de sua mãe: vai aos templos, edifica os altares indicados, conduz quatro excelentes touros de corpos notáveis, e outras tantas novilhas de intocada cerviz. Depois, quando a nona aurora já se elevava, oferece sacrifícios aos Manes de Orfeu e retorna ao bosque sagrado. Mas, então (prodígio repentino e maravilhoso de contar!), veem-se abelhas zumbirem em todo o ventre pelas vísceras liquefeitas dos bois, afluírem pelos flancos desfeitos, imensas nuvens se formarem, já confluírem para a copa de uma árvore e dependurarem seu cacho nos flexíveis ramos.

Eu cantava essas coisas sobre a cultura dos campos, dos rebanhos e sobre as árvores, enquanto o grande César¹³⁹ fulminava o profundo Eufrates¹⁴⁰ com a guerra e, vencedor, ditava leis aos povos aquiescentes e abria uma via até o Olimpo¹⁴¹.

Illo Vergilium me tempore dulcis alebat
Parthenope studiis florentem ignobilis oti,
carmina qui lusi pastorum audaxque iuuenta,
Tityre, te patulae cecini sub tegmine fagi.

Por aquele tempo, a doce Partênope¹⁴² nutria a mim, Virgílio, alegre em meus interesses de um ócio inglório, eu que compus cantos pastoris, e que, audacioso por minha juventude, cantei a ti, ó Tíiro¹⁴³, sob o dossel de frondosa faia.

¹ *Continuando*: o livro IV começa com a forma *protinus* (“continuando”) que evoca o *hactenus* (“até aqui”) do livro II.

² Para Aristóteles, e outros filósofos antigos, o mel é uma substância que cai das regiões celestes, sobretudo por ocasião do nascimento dos astros ou formação do arco-íris, e se deposita sobre as folhas e flores, onde as abelhas o coletam. Em geral não há mel antes do surgimento das Plêiades, na primavera do hemisfério norte (maio). Assim, as abelhas não produziram o mel, apenas o recolheriam. (ARISTÓTELES, 2006, p. 238).

³ *Mecenas*: membro da ordem equestre, “agenciador” da política cultural de Augusto. A posição de seu nome assegura que as *Geórgicas* são formalmente dedicadas a Caio Cílnio Mecenas: ele é recordado no poema sempre em lugares proemiais (I, 2; II, 41; III, 41; IV, 2), não só como dedicatário, mas ainda como inspirador da obra. Nota-se que o nome mantém a mesma posição nos livros I e IV, e nos livros II e III.

⁴ *Considera*: a forma *aspice* (“considera”) apresenta um tom quase religioso, e anuncia algo importante. (GIGANTE, 1982, p. 126).

⁵ *pequeno o trabalho*: na expressão *in tenui labor* (“pequeno o trabalho”), manifesta-se o ideal alexandrino da obra concisa e refinada, sobretudo calimaqueano. (GIGANTE, 1982, p. 127).

⁶ O poema didático deve conter em seu próemio três elementos: uma *propositio*, que informa o leitor sobre o conteúdo da obra, uma *dedicatio*, em que o poeta a dedica a um personagem histórico, e uma *invocatio* que chama a divindade em auxílio da empresa. (POLARA, 1983, pp. 17-18) O próemio é breve, apenas sete versos (comparável ao do livro II, que apresenta oito versos), se comparado aos mais extensos dos livros I e III.

⁷ *Primeiro*: a forma *principio* (“primeiro”), que abre a exposição da matéria técnica deste livro, é a mesma que o faz também no livro II. (*Georg.* II 9).

⁸ *Procne*: filha de Pandião, rei de Atenas, e esposa de Tereu. Dessa união, ela deu à luz Ítis, mas ao descobrir que o marido violentara sua irmã (Filomela), mata o filho e lho serve; em seguida, foge com Filomela. Tereu, quando descobre o crime, persegue as duas mulheres, que imploram aos deuses que as poupem e são atendidas. Filomela é transformada em rouxinol; Procne, em andorinha. (GRIMAL, 1993, verbete: *Filomela*).

⁹ *Euro*: filho de Eos (a Aurora) e de Astreu ou de Tifon. (GRIMAL, 1993, verbete: *Euro*.). Vento do leste.

¹⁰ *Netuno*: deus romano que preside as águas. O seu palácio encontrava-se no fundo do mar Egeu.

¹¹ *Ida frígio*: monte (Ida) localizado na Frígia, antiga região no oeste da Ásia Menor, correspondendo, aproximadamente, a parte do território da atual Turquia.

¹² *címbalos da Mãe*: a “Mãe” é a deusa frígia Cibele, a Grande Mãe, que preside toda a natureza. Frequentes vezes, ela vem representada com címbalos: *sequimini/ Phrygiam ad domum Cybelles, Phrygia ad nemora deae,/ ubi cymbalum sonat uox* (*Catul.* 63, 19-21), “segui-me à Frígia casa de Cibele, aos Frígios bosques da deusa,/onde ressoa a voz dos címbalos” (Tradução de João Ângelo Oliva Neto: *CATULO*, 1996, p. 117).

¹³ *Baco*: identificado em Roma com o antigo deus itálico *Liber Pater*, é deus da vinha, do vinho e dos delírios místicos. (GRIMAL, 1993, verbete: *Dioniso*.).

¹⁴ “insígnias do acampamento”: expressão militar.

¹⁵ *Priapo*: geralmente identificado como filho de Afrodite e Dioniso. Era representado sob a forma de uma figura de falo ereto. As estátuas do deus eram repostas geralmente em hortas ou na porta das casas. Deus da fertilidade que preside os jardins, os pomares e os rebanhos. (GRIMAL, 1993, verbete: *Priapo*.).

¹⁶ *guardião dos ladrões*: entenda-se “guardião contra os ladrões”.

¹⁷ *Pesto*: cidade da Lucânia (Itália), célebre por seus roseirais que floresceriam duas vezes ao ano.

¹⁸ *Ebália*: trata-se de Tarento, cidade fundada por colonos espartanos. Ébalo foi rei mítico de Esparta.

¹⁹ *Galeso*: rio de Tarento, famoso pelas pastagens que cobrem suas margens.

²⁰ *corício*: montanha e cidade da Cilícia (Ásia Menor), famosa por seus hábeis jardineiros. Aqui, é adjetivo pátrio que identifica a origem do “velho”.

²¹ *nem fértil por bois*: não fértil por meio de bois, isto é, com o auxílio de arado puxado por bois.

²² *nem favorável a Baco*: não propício à vinicultura.

²³ *Zéfiros*: personificação do vento oeste, pai de Xantos e Bálios, cavalos imortais de Aquileu. (HARVEY, 1993, verbete: *Zéfiros*.).

²⁴ *Júpiter*: deus romano assimilado a Zeus. Em Roma reina sobre o capitólio, que lhe é especialmente consagrado. (GRIMAL, 1993, verbete: *Júpiter*.).

²⁵ *Curetes*: sacerdotes de Cibele. Em Creta, cuidaram de Júpiter quando recém-nascido, e impediram com o som dos címbalos que seus vagidos chegassem até seu pai Saturno, que o queria matar.

²⁶ *Dicte*: montanha em Creta em que Júpiter foi nutrido com mel e com leite de cabra amaleia.

²⁷ *Penates*: deuses cujas imagens se conservavam no interior das casas. Eram divindades protetoras da casa e do Estado.

²⁸ *lágrima de Narciso*: o termo “lágrima” se refere às gotas de néctar recolhidas pelas abelhas nas flores; Narciso, por sua vez, é o personagem mítico que, encantado pela própria imagem, foi transformado em flor.

²⁹ *fazem sair*: no texto latino, a forma *educunt* admite, no contexto, outras interpretações, como, por exemplo, “nutrem” os filhotes nos alvéolos.

- ³⁰ *Cíclopes*: seres mitológicos, filhos de Urano e Geia, que têm apenas um olho no meio da testa e se distinguem pela força e pela habilidade manual.
- ³¹ *Cecrópias*: referência a Cécrope, um rei da Ática, região em que se produzia um mel muito celebrado.
- ³² *dedáleas*: referência a Dédalo, arquiteto, escultor e inventor ateniense.
- ³³ *Vésper*: Estrela da tarde.
- ³⁴ *Vênus*: na religião romana, originalmente deusa dos pomares e dos jardins; depois foi assimilada a Afrodite e então identificada como deusa do amor. (HARVEY, 1998, verbete: *Vênus*.).
- ³⁵ *cidadãos*: no texto latino, *Quirites*, inicialmente, nome que designa os “sabinos que entraram na comunhão romana fazendo parte da população”, designando depois os próprios “romanos”. (SARAIVA, 2006, verbete: *Quirites*.).
- ³⁶ *Lídia*: província da Ásia Menor.
- ³⁷ *partos*: povos da Pérsia, célebres por serem habilidosos cavaleiros e arqueiros.
- ³⁸ *Medo Hidaspes*: Hidaspes é um rio da Pérsia, afluente do Indo; medo é o povo da Média, vizinha à Pérsia.
- ³⁹ *Plêiade Taigete*: indica-se por meio de uma (Taigete) o surgimento das sete plêiades (Taigete, Electra, Alcíone, Astérope, Celeno, Maia e Mérope), o que ocorre no início de maio, no início da primavera no hemisfério norte. As Plêiades são sete irmãs, filhas do gigante Atlas e de Plêione, que foram divinizadas e convertidas nas sete estrelas que compõem uma constelação homônima.
- ⁴⁰ *Oceano*: divindade identificada com o Oceano Atlântico e considerada o pai de todos os rios.
- ⁴¹ *constelação chuvosa de Peixes*: estação chuvosa, que se inicia no início de novembro, ao fim do outono no hemisfério norte.
- ⁴² *aranha*: Aracne, jovem da Lídia, filha de Ídmon, tintureiro na cidade de Colofão. Célebre por sua habilidade de tecer e bordar, ousou desafiar a deusa Atenas que, não suportando a derrota, transformou-a em aranha.
- ⁴³ *Minerva*: antiga divindade italiana de artífices e corporações profissionais, identificada com a Atena helênica.
- ⁴⁴ *Austro*: vento do sul.
- ⁴⁵ *vide Psítia*: variedade de videira, cuja uva era própria para fazer passas.
- ⁴⁶ *Cécrope*: Cécrope foi o primeiro rei de Atenas, que às vezes é chamada Cecrópia por causa dele. (HARVEY, 1998, verbete: *Cécrops*.).
- ⁴⁷ *Mela*: rio da Gália Cisalpina.
- ⁴⁸ *descoberta memorável*: refere-se à *bugonia* – geração espontânea de abelhas a partir de corpos de novilhos mortos.
- ⁴⁹ *pastor da Arcádia*: Aristeu, filho de Apolo e da Nífa Cirene. Aprendera com as Ninfas a arte da apicultura, que ensinara aos homens. Virgílio refere como Aristeu perseguiu Eurídice ao longo de um rio, quando foi picada por uma serpente e morreu. Tal morte despertou a ira dos deuses, que puniram Aristeu dizimando suas abelhas.
- ⁵⁰ *peleia Canopo*: Canopo era uma cidade do Egito. Alexandre, o Grande, fundador de Alexandria, era da cidade de Pela, na Macedônia; daí, “peleia” adquire o significado de habitante do Egito.
- ⁵¹ *Nilo*: principal rio do Egito, às margens do qual se constituiu a civilização egípcia.
- ⁵² *Pérsia*: país dos persas, que fazia fronteira com o Egito.
- ⁵³ *coloridos hindus*: povos negros da Etiópia. (MYNORS, 1994, p. 298)
- ⁵⁴ *Zéfiros*: ver nota 23.
- ⁵⁵ *Partos*: ver nota 36.
- ⁵⁶ *Aristeu*: ver nota 47.
- ⁵⁷ *Tempe peneu*: Peneu é um rio que corta o vale Tempe na Tessália, entre o Ossa e o Olimpo.
- ⁵⁸ *Apolo Timbreu*: deus Apolo, filho de Zeus e Latona, era chamado “Timbreu” por seu altar em Timbra, cidade da Trôade.
- ⁵⁹ *Ninfas*: deusas dos campos, dos bosques e das águas; representadas como sendo jovens e belas, amantes da música e da dança, dotadas de vida muito longa sem serem imortais. (HARVEY, 1998, verbete: *Ninfas*.).
- ⁶⁰ *lãs milésias*: lãs muito celebradas de Mileto, cidade da Jônia.
- ⁶¹ *Drimo*: uma ninfa.
- ⁶² *Xanto*: uma oceânide. As oceânides, filhas de oceano, personificam os riachos, as fontes e outros cursos de água.
- ⁶³ *Ligeia*: uma ninfa.
- ⁶⁴ *Filódoce*: uma das nereidas, divindades marinhas.
- ⁶⁵ *Neseia*: uma nereida.
- ⁶⁶ *Éspio*: uma nereida.
- ⁶⁷ *Talia*: musa da comédia. As musas eram filhas de Júpiter e Mnemosine, presidiam as artes, as ciências e as letras. Eram em nove: Calíope, musa da poesia épica; Clio, musa da História; Polímnia, musa da pantomina; Euterpe, musa da flauta; Terpsícore, musa da poesia ligeira e da dança; Érato, musa da lírica coral; Melpômene, musa da tragédia; Urânia, musa da Astronomia; e Talia, musa da comédia. (GRIMAL, 1993, verbete: *Musas*.).
- ⁶⁸ *Cimódoce*: uma nereida.

-
- ⁶⁹ *Cidipe*: uma nereida.
- ⁷⁰ *Licoriade*: uma nereida.
- ⁷¹ *primeiros trabalhos de Lucina*: referência ao primeiro parto. Lucinda é a deusa romana que preside os partos.
- ⁷² *Clio*: uma oceânide (há uma musa de mesmo nome que preside a História).
- ⁷³ *Béroe*: uma oceânide.
- ⁷⁴ *Éfira*: uma oceânide.
- ⁷⁵ *Ópis*: uma oceânide.
- ⁷⁶ *asiática*: a forma latina *asia* é um epíteto geográfico (MYNORS, 1994, p. 303), por essa razão a traduzimos por ‘asiática’, que remete ao possível local de nascimento da ninfa.
- ⁷⁷ *Deiopeia*: uma das ninfas do cortejo de Juno.
- ⁷⁸ *Aretusa*: ninfa do séquito de Ártemis, por quem Alfeu (deus do rio de mesmo nome) se apaixonou. Foi transformada em fonte e, por amor, Alfeu também, misturando suas águas às dela.
- ⁷⁹ *Climene*: uma oceânides.
- ⁸⁰ *Vulcano*: deus que preside o fogo, filho de Júpiter e Juno, e esposo de Vênus, que o traía com Marte.
- ⁸¹ *Marte*: deus romano da guerra, assimilado a Ares. Ares era amante de Afrodite, casada com Hefesto, o deus coxo de Lemnos. Hefesto preparou uma rede mágica e capturou os amantes; em seguida, chamou todos os deuses do Olimpo para que testemunhassem a traição, o que provocou neles a mais viva hilaridade. (GRIMAL, 1993, verbete: *Afrodite*.).
- ⁸² *Caos*: personificação do vazio primordial, anterior à criação.
- ⁸³ *Peneu*: ver nota 57.
- ⁸⁴ *Fásis*: rio da Cólquida que descende do Cáucaso e desemboca no Mar Negro, junto à cidade de seu nome.
- ⁸⁵ *Lico*: rio da Cólquida.
- ⁸⁶ *Enipeu*: rio afluente do Peneu, na Tessália.
- ⁸⁷ *Hipane*: rio da Sarmácia que desemboca no ponto Euxino.
- ⁸⁸ *Caico da Mísia*: o rio Caico vem das montanhas da Mísia e passa perto de Pérgamo.
- ⁸⁹ *Pai Tibre*: rio do Lácio que banha a cidade de Roma.
- ⁹⁰ *Ânio*: rio do Lácio, afluente do Tibre.
- ⁹¹ *Eridano*: rio lendário que autores gregos e latinos identificam com o Pó, na Itália.
- ⁹² *fogos de Pancaia*: são os que produzem o incenso que procede daquela ilha mítica, próxima à atual Arábia.
- ⁹³ *meômio Baco*: vinho do monte Tmolos, na Lídia, antigamente designada Meômia.
- ⁹⁴ *Oceano*: deus das águas, elemento considerado o princípio de todas as coisas. Por isso Oceano é chamado “pai de todas as coisas”.
- ⁹⁵ *Vesta*: filha de Saturno e Ops, deusa do fogo. Em sentido figurado, o próprio fogo.
- ⁹⁶ *Netuno*: ver nota 10.
- ⁹⁷ *cerúleo Proteu*: deus marinho (cerúleo), célebre por seus oráculos e metamorfoses. Percorre os mares em um carro puxado por hipocampos ou cavalos marinhos – metade peixes, metade cavalos. (MYNORS, 1994, p. 309).
- ⁹⁸ *bípedes cavalos*: entenda-se – hipocampos ou cavalos marinhos. (MYNORS, 1994, p. 309).
- ⁹⁹ *Emátia*: nome poético da Macedônia. Hemo é uma cadeia de montanhas.
- ¹⁰⁰ *Palene*: península mais ocidental das três em que se divide a Calcídica, ao sul da Macedônia.
- ¹⁰¹ *Nereu*: deus marinho, pai das nereidas. Ele possuía o dom da adivinhação.
- ¹⁰² *Sírio*: estrela mais brilhante da constelação Cão Maior, que aparecia em fins de julho, época de grande calor.
- ¹⁰³ *Vésper*: planeta Vênus, quando aparece à tarde; estrela da tarde.
- ¹⁰⁴ *Orfeu*: poeta e músico da Trácia. Aqui, Virgílio une pela primeira vez duas lendas diferentes: a morte de Eurídice, esposa de Orfeu, que vai ao mundo inferior tentar recuperá-la, e a história de Aristeu, que perdera suas abelhas para expiar a culpa por haver ocasionado a morte de Eurídice.
- ¹⁰⁵ *Dríades*: ninfas protetoras dos bosques e florestas.
- ¹⁰⁶ *Ródope*: cadeia de montanhas situada na Trácia.
- ¹⁰⁷ *Pangeu*: uma montanha na Trácia.
- ¹⁰⁸ *Reso*: este foi um rei da Trácia, denominada ‘terra de Marte’ pelo caráter belicoso de seu povo.
- ¹⁰⁹ *Getas*: povo estabelecido às margens do Danúbio.
- ¹¹⁰ *Hebro*: rio da Trácia, de longo curso e grande corrente.
- ¹¹¹ *Ática Oritia*: filha de Erecteu, rei de Atenas. Raptada pelo vento Bóreas, foi levada à Trácia, onde ele morava.
- ¹¹² *Tênaro*: promontório da Lacônia em que gregos e romanos criam haver uma entrada para o mundo inferior, reino de Plutão (ou Dite, para os romanos).
- ¹¹³ *Dite*: deus romano que preside os Infernos (identifica-se com o deus grego Plutão), irmão de Júpiter e Netuno.
- ¹¹⁴ *Manes*: na religião romana, as almas dos mortos. Eram objeto de um culto em que lhes ofereciam vinho, mel, leite e flores. (GRIMAL, 1993, verbete: *manes*.).
- ¹¹⁵ *Érebo*: personificação das trevas infernais, filho de Caos e irmão de Nyx (a noite).

-
- ¹¹⁶ *Cocito*: rio dos Lamentos, afluente do Aqueronte; e, como este, um rio das regiões infernais.
- ¹¹⁷ *Estige*: rio dos Infernos, cujas águas tinham propriedades mágicas. Segundo Grimal (1993, pp. 153-154): “Diz que esse rio é uma das ramificações do Oceano, exatamente a décima parte do rio inicial, formando as restantes nove partes as nove espiras com que o rio circunda o disco da Terra.”
- ¹¹⁸ *Tártaro*: região situada sob os Infernos, constituindo uma espécie de mundo inferior dos Infernos.
- ¹¹⁹ *Eumênides*: nome propiciatório para as Fúrias, divindades vingadores dos crimes, sobretudo contra parentes.
- ¹²⁰ *Cérbero*: cão de três cabeças que guardava o reino dos mortos, impedindo que os vivos entrassem e, principalmente, que os mortos de lá saíssem.
- ¹²¹ *roda de Ixião*: tessálio, rei dos lápitas. Por seus crimes, foi condenado por Zeus a girar eternamente amarrado a uma roda.
- ¹²² *Eurídice*: esposa de Orfeu. Morreu vítima de picada de uma serpente ao fugir de Aristeu.
- ¹²³ *lago do Averno*: lago perto de Cumas e de Nápoles, considerado uma das entradas dos Infernos. O nome era utilizado, por vezes, para designar o próprio mundo subterrâneo.
- ¹²⁴ *barqueiro do Orco*: Caronte, ser do mundo infernal que conduzia as almas dos mortos através das águas do Aqueronte para a margem oposta do rio.
- ¹²⁵ A lição *qua*, listada no aparato crítico da edição do texto latino, pareceu-nos melhor do que a forma textual *quae*.
- ¹²⁶ *Estrimão*: rio da Trácia.
- ¹²⁷ *Filomela*: uma das duas filhas de Pandião, rei de Atenas. Para escaparem de Tereu, marido da irmã, Procne, os deuses transformaram-nas em aves: Filomela em andorinha; Procne em rouxinol. Em outra versão da lenda, “adotada pelos poetas romanos” (GRIMAL, 1993, p. 173), Filomela transformou-se em rouxinol; e Procne em andorinha. Nesta passagem, Filomela identifica-se com um rouxinol por seu canto.
- ¹²⁸ *Vênus*: ver nota 34.
- ¹²⁹ *himeneu*: filho de Baco e Vênus, ou Apolo e Calíope, deus que personifica o casamento; nesta passagem, o próprio casamento. (SARAIVA, 2006, verbete: *Hymenaeus*.)
- ¹³⁰ *hiperbóreos*: região ao extremo Norte, onde viveria o povo mítico hiperbóreo; daí viria o vento Bóreas.
- ¹³¹ *Tânais*: nome de um rio, atualmente chamado Don, na Rússia.
- ¹³² *Rifeus*: montes aproximadamente situados onde, atualmente, é a Rússia.
- ¹³³ *Cícones*: uma tribo que vivia na Trácia.
- ¹³⁴ *Hebro eágrio*: rio da Trácia. Hebro é um rio da Trácia, de longo curso e grande corrente; Eágro é pai de Orfeu.
- ¹³⁵ *Cirene*: ninfa da Tessália, filha de Hipseu, rei dos Lápitas. Protegia os rebanhos de seu pai contra o ataque de animais selvagens; certo dia Apolo a viu dominar sem armas um leão. O deus enamorou-se da ninfa e se uniu a ela; dessa união nasceu Aristeu. (GRIMAL, 1993, verbete: *Cirene*.)
- ¹³⁶ *Napeias*: ninfas que presidem os vales cobertos de bosques.
- ¹³⁷ *Liceu*: monte da Arcádia.
- ¹³⁸ *papoulas do Letes*: Letes é um rio dos Infernos, cujas águas os mortos bebiam para esquecer a sua vida terrena. A papoula é dedicada a Prosérpina, porque, por ocasião em que ela foi raptada por Dite (Plutão) e levada aos Infernos como sua rainha, serviu de lenitivo à sua mãe, Deméter.
- ¹³⁹ *grande César*: referência a César Augusto.
- ¹⁴⁰ *Eufrates*: rio Eufrates, separava a Síria do reino dos partos.
- ¹⁴¹ *Olimpo*: morada dos deuses. Referência à apoteose triunfal de Augusto.
- ¹⁴² *Partênope*: nome poético de Nápoles, em cujas cercanias acreditava-se localizar a tumba da sereia Partênope.
- ¹⁴³ *Tíro*: alusão às *Bucólicas* e, em especial, à primeira delas, cujos dois personagens são Tíro e Melibeu.

TRADUÇÃO

DE RE RVSTICA

LIBER IX

DAS COISAS DO CAMPO

LIVRO IX

PRAEFATIO

Venio nunc ad tutelam pecudum siluestrium et apium educationem: quas et ipsas, Publi Siluine, uillaticas pastiones iure dixerim; siquidem mos antiquus lepusculis capreisque, ac subus feris iuxta uillam plerumque subiecta dominicis habitationibus ponebat uiuaria, ut et conspectu suo clausa uenatio possidentis oblectaret oculos, et cum exegisset usus epularum, uelut e cella promeretur. Apibus quoque dabatur sedes adhuc nostra memoria uel in ipsis uillae parietibus excisis, uel in protectis porticibus ac pomariis. Quare quoniam tituli, quem praescripsimus huic disputationi, ratio reddita est, ea nunc quae proposuimus singula persequamur.

I. Ferae pecudes, ut capreoli, dammaeque, nec minus orygm ceruorumque genera et aprorum, modo lautitiis ac uoluptatibus dominorum seruiunt, modo quaestui ac redditibus. Sed qui uenationem uoluptati suae claudunt, contenti sunt, utcunque competit proximus aedificio loci situs, munire uiuarium, semperque de manu cibos et aquam praebere: qui uero quaestum redditumque desiderant, cum est uicinum uillae nemus (id enim refert non procul esse ab oculis domini) sine cunctatione praedictis animalibus destinant. Et si naturalis defuit aqua, uel inducitur fluens, uel infossi lacus signino consternuntur, qui receptam pluuiatilem contineant.

Modus siluae pro cuiusque facultatibus occupatur; ac si lapidis et operae uilitas suadeat, haud dubie caementis et calce formatus circumdatur murus: sin aliter, crudo latere ac luto constructus. Vbi uero neutrum patrifamiliae conducit, ratio postulat uacerris includi: sic enim appellatur genus clatrorum: idque fabricatur ex robore querceo, uel subereo. Nam oleae rara est occasio. Quidquid denique sub iniuria pluuiarum magis diuturnum est, pro conditione regionis ad hunc usum eligitur. Et siue teres arboris truncus, siue ut crassitudo postulauit, fissilis stipes compluribus locis per latus efforatur, et in circuitu uiuarii certis interuenientibus spatiis defixus erigitur:

PREFÁCIO

Passo, agora, ao trato dos animais selvagens e ao cuidado das abelhas: essas mesmas coisas, Públio Silvino¹, eu também chamaria com justiça de *uillatica pastio*; pois o costume antigo estabelecia reservas para as lebres, para os cabritos e para os porcos selvagens junto da casa de campo, quase sempre abaixo das habitações senhoriais, para que a visão das caçadas em recinto fechado deleitasse os olhos do senhor e, tendo-o exigido o costume dos banquetes, dali se retirasse como de uma despensa. Dava-se morada às abelhas, ainda em nossa época, quer nas próprias paredes escavadas da casa de campo, quer nos pórticos cobertos e nos pomares. Então, visto que a razão do título que preestabelecemos para esta discussão foi referida, desenvolvamos agora, um a um, os tópicos propostos.²

I Os animais selvagens, como os cabritos e as corças, e não menos a espécie das gazelas, dos cervos e dos javalis, ora servem ao luxo e ao prazer dos senhores, ora aos ganhos e aos lucros. Mas aqueles que cercam uma reserva de caça para seu prazer estão contentes, na medida em que lhes permite o sítio próximo ao edifício rústico, em estabelecer reservas e em sempre dar, de sua mão, alimento e água; aqueles que, de fato, desejam ganhos e lucros, quando há um bosque vizinho da casa de campo (importa, na verdade, que ele não esteja distante dos olhos do senhor), reservam-no sem hesitação para os animais supracitados. E, se faltou água de fonte natural, água corrente é trazida ou lagos são escavados e forrados com argamassa de Sígnia³, para reterem a água pluvial recebida.

Ocupa-se uma extensão de bosque proporcional aos haveres de cada um; e, se o baixo custo da pedra e da mão-de-obra o permitir, decerto um muro feito de cascalho e cal é posto em volta; doutro modo, é construído com tijolos crus e barro. Quando, porém, nem um nem outro desses métodos convém ao *pater familias*, a razão recomenda que ele seja cercado com mourões, porque assim se chama um tipo de cerca que é feita de madeira de carvalho ou de sobreiro, sendo raro o acesso à de oliveira. Por fim, é escolhida para este uso qualquer madeira que resista mais à agressão das chuvas, segundo a condição do local. E ora um tronco cilíndrico de árvore, ora, conforme o demandou a espessura, uma estaca fácil de rachar é perfurada de lado em muitos lugares e postada firmemente nos contornos da reserva com espaços regulares ao meio.

deinde per transuersa laterum caua transmittuntur ramices, qui exitus ferarum obserent. Satis est autem uacerras inter pedes octonos defigere, serisque transuersis ita clatrare, ne spatiorum laxitas, quae foraminibus interuenit, pecudi praebeat fugam. Hoc autem modo licet etiam latissimas regiones tractusque montium claudere, sicuti Galliarum necnon et in aliis quibusdam prouinciis locorum uastitas patitur. Nam et fabricandis ingens est uacerris materiae copia, et cetera in hanc rem feliciter suppetunt; quippe crebris fontibus abundat solum, quod est maxime praedictis generibus salutare: tum etiam sua sponte pabula feris benignissime subministrat praecipueque saltus eliguntur, qui et terrenis fetibus et arboribus abundant. Nam ut graminibus ita frugibus roburneis opus est: maximeque laudantur, qui sunt feracissimi querneae glandis et iligineae, nec minus cerreae, tum et arbuti, ceterorumque pomorum siluestrium, quae diligentius persecuti sumus, cum de cohortalibus subus disputaremus. Nam eadem fere sunt pecudum siluestrium pabula, quae domesticarum. Contentus tamen non debet esse diligens paterfamilias cibus, quos suapte natura terra gignit, sed temporibus anni, quibus siluae pabulis carent, condita messe clausis succurrere, hordeoque alere, uel adoreo farre aut faba, plurimumque etiam uinaceis, quicquid denique uilissime constiterit, dare. Idque ut intelligant ferae praerberi, unam uel alteram domi mansuefactam conueniet immittere, quae peruagata totum uiuarium cunctantes ad obiecta cibaria pecudes perducatur. Nec solum istud per hiemis penuriam fieri expedit, sed cum etiam fetae partus ediderint, quo melius educant natos. Itaque custos uiuarii frequenter speculari debet, si iam effetae sunt, ut manu datis sustineantur frumentis. Nec uero patiendus est oryx, aut aper, aliusue quis ferus ultra quadrimatum senescere. Nam usque in hoc tempus capiunt incrementa, postea macescunt senectute. Quare dum uiridis aetas pulchritudinem corporis conseruat, aere mutandi sunt. Ceruus tamen compluribus annis sustineri potest. Nam diu iuuenis possidetur, quod aevi longioris uitam sortitus est.

Em seguida, atravessam-se paus pelos furos que perpassam os lados, barrando o caminho dos animais selvagens. É suficiente, porém, fincar mourões de oito em oito pés, e de tal modo fechá-los com barras atravessadas que o espaço dos vãos, a entremear os furos, não permita a fuga aos animais. Desse modo, permite-se encerrar até regiões muito amplas e cadeias de montanhas, como admite a vasta extensão territorial nas Gálias e em algumas outras províncias. Pois tanto é grande a abundância de madeira para fabricar mourões quanto sobejam largamente outras condições para isso; na verdade, o solo abunda em fontes numerosas, o que é muitíssimo salutar para as espécies animais supracitadas; por outro lado, com grande generosidade produz espontaneamente o alimento para os animais selvagens. E elegem-se, sobretudo, os bosques que abundam tanto em frutos da terra quanto em árvores, porque assim como das gramíneas, há necessidade das bolotas do carvalho. Bastante ainda se elogiam os bosques que são muito férteis em bolotas de carvalho e de azinheira, não menos em carvalho turco, e também em medronho e em outros frutos silvestres de que tratamos mais zelosamente quando discorríamos sobre os porcos⁴ de terreiro. Pois os alimentos dos animais selvagens são quase os mesmos que os dos domésticos. Contudo, um *pater familias* zeloso não deve contentar-se com os alimentos que a terra produz por sua própria natureza, mas, nas épocas do ano em que os bosques se tornam escassos em alimentos, é preciso socorrer os animais presos com os frutos guardados das colheitas, e nutri-los com cevada, espelta ou favas e ainda, especialmente, com bagaços de uva; enfim, que lhes dê qualquer coisa que tiver custo bem baixo. E, para saberem os animais selvagens que lhes são dados tais víveres, convirá introduzir entre eles um ou dois domesticados em casa, que, percorrendo toda a reserva, conduzam os animais hesitantes aos alimentos dados. E convém que isso seja feito não só durante a escassez do inverno, mas também quando as fêmeas prenhes tiverem dado à luz os filhotes, para que sustentem melhor suas crias. Assim, o encarregado da reserva deverá frequentemente examinar se elas já deram à luz, para que sejam nutridas com grãos oferecidos à mão. Mas não se deve permitir que a gazela, o javali ou qualquer outro animal selvagem envelheça além de quatro anos; pois até essa idade mantêm o crescimento, depois definham de velhice. Por esse motivo, devem ser vendidos enquanto o tempo da juventude lhes preserva a beleza física. O cervo, porém, pode ser conservado por muitos anos, porque longamente se tem em estado de juventude, visto que lhe coube uma vida de maior duração.

De minoris autem incrementi animalibus, qualis est lepus, haec praecipimus, ut in iis uiuariis, quae maceria munita sunt, farraginis et olerum, ferae intubi lactucaeque semina paruulis areolis per diuersa spatia factis iniciantur. Itemque Punicum cicer, uel hoc uernaculum, nec minus hordeum, et cicercula condita ex horreo promantur, et aqua caelesti macerata obiciantur. Nam sicca non nimis ab lepusculis appetuntur. Haec porro animalia uel similia his, etiam silente me, facile intellegitur, quam non expediat conferre in uiuarium, quod uacerris circumdatum est: siquidem propter exiguitatem corporis facile clatris subrepunt, et liberos nactae egressus fugam moliuntur.

II. Venio nunc ad aluorum curam, de quibus neque diligentius quidquam praecipere potest, quam ab Hygino iam dictum est, nec ornatius quam Vergilio, nec elegantius quam Celso. Hyginus ueterum auctorum placita secretis dispersa monumentis industrie collegit: Vergilius poeticis floribus illuminauit: Celsus utriusque memorati adhibuit modum. Quare ne attemptanda quidem nobis fuit haec disputationis materia, nisi quod consummatio susceptae professionis hanc quoque sui partem desiderabat, ne uniuersitas inchoati operis nostri, uelut membro aliquo reciso, mutila atque imperfecta conspiceretur. Atque ea, quae Hyginus fabulose tradita de originibus apum non intermisit, poeticae magis licentiae quam nostrae fidei concesserim. Nec sane rustico dignum est sciscitari, fuerit ne mulier pulcherrima specie Melissa, quam Iuppiter in apem conuertit, an (ut Euhemerus poeta dicit) crabronibus et sole genitas apes, quas nymphe Phryxonides educauerunt, mox Dictaeo specu Iouis extitisse nutrices, easque pabula munere dei sortitas quibus ipsae paruum educauerant alumnum. Ista enim, quamuis non dedeant poetam, summatim tamen et uno tantummodo uersiculo leuiter attigit Vergilius, cum sic ait:

Dictaeo caeli regem pauere sub antro.

A respeito dos animais de crescimento mais modesto, porém, como a lebre, prescrevemos isto: que nas reservas protegidas por um muro de pedras, sementes de *farrago*⁵, de hortaliças, de chicória-brava e de alface sejam jogadas em lugares opostos, fazendo-se pequenas eiras. E, além disso, que o grão-de-bico púnico, o nativo de nosso país e, não menos, a cevada e a ervilha que se estocou sejam retirados do celeiro e lançados depois da maceração em água pluvial, porque secos não são muito apreciados pelas lebres. Mas esses animais ou outros semelhantes a eles, ainda que eu me cale, entende-se facilmente que não conviria encerrar em uma reserva fechada por mourões, visto que, por causa da pequenez de seu corpo, introduzem-se com facilidade sob as cercas e, tendo encontrado caminho livre, põem-se em fuga.

II Passo, agora, ao cuidado das colmeias, sobre as quais preceito algum pode ser dado com mais diligência do que já foi dito por Higino⁶, nem com mais ornamento do que por Virgílio⁷, nem com mais elegância do que por Celso⁸. Higino reuniu com zelo os ensinamentos de escritores antigos, dispersos em separadas obras; Virgílio os iluminou com as flores da poesia; e Celso aplicou o método de ambos os autores referidos. Por essa razão, tal matéria de discussão sequer deveria ter sido experimentada por nós, a não ser pelo fato de a paga do compromisso assumido também requerer esta sua parte, para que a totalidade da obra que iniciáramos não fosse considerada mutilada e imperfeita, como se algum membro lhe tivesse sido extirpado. E os pontos transmitidos de modo fabuloso sobre as origens das abelhas, que Higino não omitiu, eu antes atribuiria à licença poética do que submeteria ao teste de nossa confiança. Nem, na verdade, é conveniente ao rústico indagar se Melissa⁹ foi uma mulher de belíssima aparência que Júpiter mudou em abelha ou (como diz o poeta Evêmero¹⁰) se foram geradas pelos moscardos e pelo sol as abelhas que as ninfas, filhas de Fríxon¹¹ criaram; logo elas se tornaram nutrizes de Júpiter na gruta de Dicte¹² e, por um dom do deus, obtiveram o alimento com o qual elas próprias nutriram o pequeno pupilo¹³. Nesses pontos, com efeito, ainda que não desonrem um poeta, Virgílio tocou, contudo ligeira e sumariamente, apenas em um único versinho, quando diz assim:

Alimentaram o rei do céu na caverna de Dicte.¹⁴

Sed ne illud quidem pertinet ad agricolas, quando et in qua regione primum natae sint: utrum in Thessalia sub Aristaeo, an in insula Cea, ut scribit Euhemerus, an Erechthei temporibus in monte Hymetto, ut Euthronius; an Cretae Saturni temporibus, ut Nicander: non magis quam utrum examina, tamquam cetera uidemus animalia, concubitu subolem procreent, an heredem generis sui floribus eligant, quod affirmat noster Maro: et utrum euomant liquorem mellis, an alia parte reddant. Haec enim et his similia magis scrutantium rerum naturae latebras, quam rusticorum est inquirere. Studiosis quoque literarum gratiora sunt ista in otio legentibus, quam negotiosis agricolis: quoniam neque in opere neque in re familiari quidquam iuuant.

III Quare reuertamur ad ea, quae alueorum cultoribus magis apta sunt quot genera sunt apium et quid ex his optimum. Peripateticae sectae conditor Aristoteles in iis libris, quos de animalibus conscripsit, apium examinum genera conplura demonstrat, earumque alias uastas sed glomerosas easdemque nigras et hirsutas apes habent: alias minores quidem, sed aequae rotundas et fusci coloris horridique pili: alias magis exiguas, nec tam rotundas, sed obesas tamen et latas, coloris meliusculi: nonnullas minimas gracilesque, et acuti alui, ex aureolo uarias atque leues: eiusque auctoritatem sequens Vergilius, maxime probat paruulas, oblongas, leues, nitidas,

Ardentes auro, et paribus lita corpora guttis,

moribus etiam placidis. Nam quanto grandior apis, atque etiam rotundior, tanto peior. Si uero saeuior, maxime pessima est. Sed tamen iracundia notae melioris apium facile delinitur assiduo interuentu eorum qui curant. Nam cum saepius tractantur, celerius mansuescunt, durantque si diligenter excultae sunt, in annos decem; nec ullum examen hanc aetatem potest excedere, quamuis in demortuarum locum quotannis pullos substituunt. Nam fere decimo ad interuersionem anno gens uniuersa totius aluei consumitur. Itaque ne hoc in toto fiat apiario, semper propaganda erit suboles, obseruandumque uere cum se noua profundent examina, ut excipiantur, et domiciliorum numerus augeatur.

Mas sequer concerne aos agricultores quando e em que região as abelhas nasceram primeiro, se na Tessália sob Aristeu¹⁵ ou na ilha de Cea¹⁶, como escreve Evêmero, ou no monte Himeto¹⁷ no tempo de Erecteu¹⁸, como diz Eutrônio¹⁹, ou em Creta no tempo de Saturno²⁰, como diz Nicandro²¹. E não mais do que se os enxames geram filhotes copulando, como vemos quanto aos animais restantes, ou se recolhem o herdeiro de sua espécie das flores, como afirma nosso Marão; nem se vomitam o líquido mel ou se o eliminam de outra parte. Com efeito, inquirir esses e outros aspectos semelhantes é mais atinente aos que investigam os segredos da natureza do que aos homens do campo. Tais aspectos também são mais agradáveis aos estudiosos de literatura, que leem no ócio, do que aos atarefados agricultores, pois em nada os ajudam no trabalho nem no aumento dos bens de família.

III Por essa razão, tornemos aos pontos que são mais convenientes aos criadores de colmeias, quantas espécies de abelhas existem e qual delas é a melhor. Aristóteles²², fundador da escola peripatética, apresenta vários tipos de enxames de abelhas nos livros que escreveu sobre os animais: alguns deles têm abelhas grandes, mas globulares, elas mesmas negras e hirsutas; outras, decerto, menores, mas igualmente redondas, de cor negra e de pelos eriçados; outras, menores, nem tão redondas, mas pesadas, largas e de cor um pouco mais bela; algumas são muito pequenas e delgadas, de ventre afilado, pintadas de ouro e lisas. Virgílio, que segue a autoridade dele, sobretudo aprova as abelhas pequenas, oblongas, lisas e brilhantes,

Brilhantes do ouro e por seus corpos mosqueados de simétricas manchas.²³

e, ainda, de costumes pacíficos. Pois, quanto maior e também mais redonda a abelha, tanto pior. Se, porém, um tanto feroz, esta, sobretudo, é a de pior qualidade. Mas, contudo, a cólera das abelhas reconhecidas como melhores é facilmente aplacada pela contínua intervenção daqueles que cuidam delas. Pois, quando são tratadas com alguma constância, amansam-se mais rápido e perduram, se foram diligentemente cuidadas, até os dez anos; e nenhum enxame pode exceder essa idade, ainda que anualmente deixem filhotes no lugar das que morrem. Pois, por volta do décimo ano, a população inteira de toda a colmeia se consome até a aniquilação. E assim, para que isso não aconteça em todo o apiário, sempre deverá ser propagada a linhagem e deve-se cuidar, na primavera, quando novos enxames se desprenderem, de que sejam recebidos e de que o número de domicílios seja aumentado,

Nam saepe morbis intercipiuntur, quibus quemadmodum mederi oportet, suo loco dicetur.

IV Interim per has notas, quas iam diximus, probatis apibus destinari debent pabulationes, eaeque sint secretissimae, et ut noster praecepit Maro, uiduae pecudibus, aprico et minime procelloso caeli statu:

quo neque sit uentis aditus; nam pabula uenti
Ferre domum prohibent: neque oues haedique petulci
Floribus insultent, aut errans bucula campo
Decutiat rorem, et surgentes atterat herbas²⁴.

Eademque regio fecunda sit fruticis exigui, et maxime thymi aut origani, tum etiam thymbrae, uel nostratis cunilae, quam satureiam rustici uocant. Post haec frequens sit incrementi maioris surculus, ut rosmarinus, et utraque cytisus. Est enim satiuua et altera suae spontis. Itemque semper uiuens pinus, et minor ilex: nam prolixior ab omnibus improbatur. Ederae quoque non propter bonitatem recipiuntur, sed quia praebent plurimum mellis. Arborum uero sunt probatissimae, rutila atque alba ziziphus, nec minus tamaraces, tum etiam amygdalae, persicique, ac pyri, denique pomiferarum pleraeque, ne singulis immorer. Ac siluestrium commodissime faciunt glandifera robora, quin etiam terebinthus, nec dissimilis huic lentiscus ac tiliae. Solae ex omnibus nocentes taxi repudiantur. Mille praeterea semina uel crudo cespite uirentia, uel subacta sulco, flores amicissimos apibus creant, ut sunt in uirgineo solo frutices amelli, caules acanthini, scapus asphodeli, gladiolus narcissi. At in hortensi lira consita nitent candida lilia, nec his sordidiora leucoia, tum puniceae rosae luteolaeque, et Sarranae uiolae, nec minus caelestis luminis hyacinthus, Corycius item Siculusque bulbus croci deponitur, qui coloret odoretque mella. Iam uero notae uilioris innumerabiles nascuntur herbae cultis atque pascuis regionibus, quae fauorum ceras exuberant: ut uulgares lapsanae, nec his pretiosior armoracia, rapistrique olus,

pois as abelhas muitas vezes são vitimadas por doenças. De que modo convém curar o enxame será dito em seu próprio lugar.

IV Enquanto isso, devem ser destinados campos de coleta às abelhas escolhidas de acordo com as indicações que já demos. E que eles sejam bem apartados e, como preceitua nosso Marão, livres de rebanhos, situados em lugar exposto ao sol e, o menos possível, sujeito às tempestades:

em que não exista entrada para os ventos (porque os ventos proibem levar os alimentos para casa), nem as ovelhas e os bodes inquietos insultem as flores ou a errante novilha pelo campo agite o orvalho e pisoteie as nascentes ervas.²⁵

E que seja a mesma região fecunda em pequenos arbustos, sobretudo em tomilho ou orégano; ainda, em segurelha comum ou na de nossa terra, a que os homens do campo chamam *satureia*. Além dessas, haja grande quantidade de plantas de maior crescimento, como o alecrim e as duas variedades de codesso, porque há uma variedade cultivada e outra que nasce espontaneamente. E também o pinheiro sempre verdejante e a azinheira menor, pois a maior é condenada por todos. As heras também são aprovadas, não propriamente pela qualidade, mas porque produzem muito mel. Dentre as árvores, na verdade, são muito recomendadas a açufeifa rubra e a alva, não menos as tamargueiras, e também as amendoeiras, os pessegueiros e as pereiras; enfim, a maior parte das árvores frutíferas, sem que eu as nomeie uma a uma. Dentre as silvestres, servem muito convenientemente os carvalhos produtores de bolotas, bem como o terebinto, o lentisco, não muito diferente dele, e as tílias. Dentre todas, apenas os nocivos teixos são rejeitados. Além disso, milhares de sementes que verdejam em torrões incultos ou trabalhadas em sulcos produzem flores muito agradáveis às abelhas, como o são, em solo virgem, os arbustos do amelo, os caules do acanto, a haste do gamão e a folha gladiada do narciso. Mas brilham cândidos lírios, plantados entre os sulcos dos jardins, nem as violetas brancas lhes são inferiores; depois, rosas encarnadas e amarelas e as púrpuras violetas e, não menos, o jacinto azul-celeste; e também o bulbo do açafão corício e do siciliano, que empresta cor e odor aos méis, é plantado. Além disso, incontáveis ervas de tipo inferior nascem em terras cultivadas e em pastagens, que fazem abundar a cera dos favos de mel, como as couves-bravas comuns e o rábano não mais precioso do que elas, o nabo-bravo

et intubi siluestris ac nigri papaueris flores, tum agrestis pastinaca, et eiusdem nominis edomita, quam Graeci σταϑυλῖνον²⁶ uocant. Verum ex cunctis, quae proposui, quaeque omisi temporis compendia sequens (nam inexputabilis erat numerus) saporis praecipui mella reddit thymus. Eximio deinde proximum thymbra, serpyllumque et origanum. Tertiae notae, sed adhuc generosae, marinus ros et nostras cunila, quam dixi satureiam. Mediocris deinde gustus tamaracis ac ziziphi flores, reliquaue, quae proposuimus, cibaria. Sed ex sordidis deterrimae notae mel habetur nemorensis, quod sparto atque arbuto prouenit: uillaticum, quod nascitur in oleribus. Et quoniam situm pastionum atque etiam genera pabulorum exposui, nunc de ipsis receptaculis et domiciliis examinum loquar.

V Sedes apium collocanda est contra brumalem meridiem procul a tumultu, et coetu hominum ac pecudum, nec calido loco, nec frigido: nam utraque re infestantur. Haec autem sit ima parte uallis, et ut uacuae cum prodeunt pabulatum apes, facilius editoribus aduolent, et collectis utensilibus cum onere per procliuia non aegre deuolent.

Si uillae situs ita competit, non est dubitandum quin aedificio iunctum apiarium maceria circumdemus, sed in ea parte, quae tetris latrinae sterquiliniique et a balinei libera est odoribus. Verum si positio repugnabit, nec maxima tamen incommoda congruent, sic quoque magis expediet sub oculis domini esse apiarium. Sin autem cuncta fuerint inimica, certe uicina uallis occupetur, quo saepius descendere non sit graue possidenti. Nam res ista maximam fidem desiderat; quae quoniam rarissima est, interuentu domini tutius custoditur. Neque ea curatorem fraudulentum tantum, sed etiam immundae segnitiae perosa est. Aequae enim dedignatur, si minus pure habitata est, ac si tractetur fraudulenter.

Sed ubicumque fuerint aluearia non editissimo claudantur muro. Qui si metu praedonum sublimior placuerit, tribus elatis ab humo pedibus, exiguis in ordinem fenestellis apibus sit peruius:

e as flores da endívia-brava e da papoula negra, também a pastinaca-brava e a cultivada, de mesmo nome, a que os gregos chamam *staphylinos*²⁷. Mas, dentre todas as plantas que propus e que omiti, para poupar tempo (porque seu número seria incalculável), o tomilho produz o mel de melhor sabor. Imediatamente depois, as melhores são a segurelha, o serpão e o orégano. Na terceira posição, mas ainda de alta qualidade, o alecrim e a segurelha itálica, a que chamei *satureia*. Em seguida, as flores da tamargueira e da açufeifa e os restantes alimentos que propusemos são de mediano paladar. Mas, dentre os de menor valor, considera-se de pior qualidade o mel silvestre que provém do esparto e do medronheiro, e o da casa de campo, que procede de plantas hortenses. E, já que expus a situação das pastagens e também os vários tipos de alimentos, agora discorrerei sobre os próprios refúgios e domicílios dos enxames.

V A habitação das abelhas deve ser colocada em frente ao sol do meio-dia no inverno, distante do tumulto e da companhia de homens e animais, em lugar nem quente nem frio, pois são maltratadas por uma e outra condição. Que a colmeia, porém, esteja na parte baixa de um vale, para que as abelhas, quando saírem vazias a procurar alimento, voem mais facilmente às partes mais elevadas e, coletadas as provisões, retornem sem dificuldade com a carga pelos declives.

Se a posição da casa de campo assim o permite, não devemos hesitar em unir o apiário ao edifício e em circundá-lo com um muro de pedra, mas no lado da casa que está livre dos odores pestilentos da latrina, da esterqueira e dos banhos. Se, porém, a posição for contrária, mas não sobrevierem os maiores incômodos, ainda assim convirá mais o apiário estar sob os olhos do senhor. Se, porém, todas as condições forem contrárias, decerto se ponha em um vale vizinho, aonde não seja árduo ao senhor descer muitas vezes. Pois esse fazer exige enorme honestidade e, como ela é raríssima, com maior segurança se guarda pela intervenção senhorial. E a apicultura não só abomina um administrador fraudulento, mas ainda aquele de uma desmazelada preguiça. Igualmente, com efeito, ela repudia a falta de limpeza e uma manutenção fraudulenta. Mas, onde quer que as colmeias estejam, não devem ser circundadas por um muro muito elevado. Caso, por medo de ladrões, deseje-se um muro mais alto, haja entradas para as abelhas em forma de pequenas janelinhas alinhadas três pés acima do chão;

iungaturque tugurium, quod et custodes habitent, et quo condatur instrumentum: sitque maxime repletum praeparatis alueis ad usum nouorum examinum, nec minus herbis salutaribus, et siqua sunt alia, quae languentibus adhibentur.

Palmaque uestibulum aut ingens oleaster obumbret,
Vt cum prima noui ducent examina reges,
Vere suo, ludetque fauis emissa iuuentus:
Vicina inuitet decedere ripa calori,
Obuiaque hospitiis teneat frondentibus arbos.

Tum perennis aqua, si est facultas, inducatur, uel extracta manu detur, sine qua neque faui neque mella nec pulli denique figurari queunt. Siue igitur, ut dixi, praeterfluens unda uel putealis canalibus immissa fuerit, uirgis ac lapidibus aggeretur apium causa,

Pontibus ut crebris possint consistere, et alas
Pandere ad aestiuum solem, si forte morantis
Sparsarit, aut praeceps Neptuno immerserit Eurus.

Conseri deinde circa totum apiarium debent arbusculae incrementi parui, maximeque propter salubritatem (nam sunt etiam remedio languentibus) cytisi, tum deinde casiae atque pini et rosmarinus: quin etiam cunilae et thymi frutices, item uiolarum, uel quaecunque utiliter deponi patitur qualitas terrae. Grauis et tetri odoris non solum uirentia sed et quaelibet res prohibeantur, sicuti cancri nidus, cum est ignibus adustus, aut odor palustris caeni. Nec minus uitentur cauae rupes aut uallis argutiae, quas Graeci uocant ἤχους²⁸.

VI Igitur ordinatis sedibus, aluearia fabricanda sunt pro conditione regionis. Siue illa ferax est suberis, haud dubitanter utilissimas aluos faciemus ex corticibus, quia nec hieme frigent, nec candent aestate; siue ferulis exuberat, iis quoque, quod sunt naturae corticis similes, aequae commode uasa texuntur. Si neutrum aderit, opere textorio salicibus connectentur:

e adicione-se uma choupana para que os tratadores a habitem e em que o equipamento seja guardado. E, sobretudo, que a choupana esteja repleta de caixas preparadas para o uso de novos enxames, não menos de ervas medicinais e, eventualmente, de outros itens que são ministrados às abelhas enfermas.

E uma palmeira ou ingente zambujeiro sombreie o vestíbulo; para que, quando os novos reis conduzirem os primeiros enxames na favorável primavera e jubilar-se a juventude saída dos favos, uma margem vizinha os convide a se esquivarem do calor, e uma árvore acessível os retenha em hospitaleiras folhagens.²⁹

Em seguida, que se introduza um fluxo perene d'água, se houver meios, ou que se dê tirada à mão: sem ela, nem os favos, nem os méis e, por fim, nem os filhotes podem se formar. Então, como eu disse, se houver água corrente, ou conduzida de um poço por canais, que esteja repleta de varas e pedras por causa das abelhas,

para que possam agarrar-se a numerosas pontes e estender as asas ao sol do verão, se acaso aquelas que se demoram Euro molhou ou imergiu em impetuoso Netuno.³⁰

Depois, em torno do apiário inteiro, arbustos de pouco crescimento devem ser plantados; sobretudo, por seu caráter salutar (pois também são remédio para as doentes), os codessos, e depois as manjeronas, os pinheiros e os alecrins; além disso, pés de segurelha e de tomilho, bem como de violetas, ou o que quer que a natureza da terra permite ser plantado com proveito. Afastem-se não só as plantas, mas também quaisquer coisas de cheiro forte e fastidioso, assim como o odor do caranguejo quando assado ao fogo ou o do lodo do pântano. Não menos se evitem ocos rochedos ou os barulhos estridentes de um vale, a que os gregos chamam “ecos”.

VI Regradas, portanto, as localizações, as colmeias devem ser construídas de acordo com as condições do local. Se ele abunda em sobreiros, sem hesitar faremos colmeias muito úteis de cortiça, porque não esfriam no inverno nem esquentam no verão; se é fecundo em férulas, com essas também, já que são semelhantes pela natureza à cortiça, caixas são tecidas com igual comodidade. Se nem um nem outro material houver, que elas se formem entrelaçando vimes;

uel si nec haec suppetent, ligno cauae arboris aut in tabulas desectae fabricabuntur. Deterrima est conditio fictilium, quae et accenduntur aestatis uaporibus, et gelantur hiemis frigoribus. Reliqua sunt aluorum genera duo, ut uel ex fimo fingantur, uel lateribus extruantur: quorum alterum iure damnauit Celsus, quoniam maxime est ignibus obnoxium; alterum probauit, quamuis incommodum eius praecipuum non dissimulauerit, quod, si res postulet, transferri non possit. Itaque non assentior ei, qui putat nihilo minus eius generis habendas esse aluos: neque enim solum id repugnat rationibus domini, quod immobiles sint, cum uendere aut alios agros instruere uelit; (hoc enim commodum pertinet ad utilitatem solius patrisfamilias) sed, quod ipsarum apium causa fieri debet, cum aut morbo aut sterilitate et penuria locorum uexatas conueniet in aliam regionem mitti, nec propter praedictam causam moueri poterunt, hoc maxime uitandum est. Itaque quamuis doctissimi uiri auctoritatem reuerebar, tamen ambitione submota, quid ipse censerem, non omisi. Nam quod maxime mouet Celsum, ne sint stabula uel igni uel furibus obnoxia, potest uitari opere lateritio circumstructis aluis, ut impediatur rapina praedonis, et contra flammaram uiolentiam protegantur: easdemque, cum fuerint mouendae, resolutis structurae compagibus, licebit transferre.

VII Sed quoniam plerisque uidetur istud operosum, qualiacunque uasa placuerint, collocari debebunt. Suggestus lapideus extenditur per totum apiarium in tres pedes altitudinis extractus, isque diligenter opere tectorio leuigatur, ita ne ascensus lacertis, aut anguibus, aliisque noxiis animalibus praebeatur. Superponuntur deinde, siue, ut Celso placet, lateribus facta domicilia, siue, ut nobis, aluearia, praeterquam a tergo circumstructa: seu, quod paene omnium in usu est, qui modo diligenter ista curant, per ordinem uasa disposita ligantur, uel laterculis, uel caementis, ita ut singula binis parietibus angustis contineantur, liberaeque frontes utrimque sint. Nam et qua procedunt, nonnumquam patefaciendae sunt, et multo magis a tergo, quia subinde curantur examina. Sin autem nulli parietes aluis interuenient, sic tamen collocandae erunt,

se nem esses houver disponíveis, serão fabricadas com madeira escavada de árvore ou serrada em tábuas. De pior qualidade é a caixa de argila, que tanto se abrasa com os calores do verão quanto congela com os frios do inverno. Restaram dois tipos de colmeias, que são moldadas de esterco ou erigidas de tijolos. Celso condenou com razão uma delas, porque é especialmente vulnerável às chamas; a outra aprovou, ainda que não tenha ocultado sua principal desvantagem: que, se a ocasião demandar, não pode ser mudada. E assim, não concordo com ele (que julga, contudo, deverem ser empregadas colmeias desse tipo), visto que não só contraria os interesses do senhor que elas sejam imóveis, quando quer vender ou prover outros campos (essa comodidade, com efeito, diz respeito ao exclusivo proveito do *pater familias*), mas também o que deve ser feito por causa das próprias abelhas, quando, atormentadas por doença ou pela esterilidade e pobreza do lugar, convier que sejam enviadas a outra região, e não puderem ser removidas pela razão dada acima. Algo que, sobretudo, deve ser evitado. E assim, ainda que eu reverenciasse a autoridade desse homem muito douto, não omiti, rivalidades à parte, o que eu mesmo pensava. Pois, o que principalmente move Celso, que os domicílios das abelhas não sejam vulneráveis ao fogo e aos ladrões, pode ser evitado com a edificação de um muro de tijolos ao redor das colmeias, a fim de se impedir a pilhagem dos ladrões e de serem elas protegidas contra a violência das chamas. E quando as colmeias tiverem de ser movidas, desfeitos os encaixes da estrutura, será possível transportá-las.

VII Mas, já que isto parece trabalhoso a muitas pessoas, quaisquer que sejam os recipientes que tenham sido escolhidos, eles deverão ser colocados. Estende-se um muro de pedra por todo o comprimento do apiário, levantado à altura de três pés e cuidadosamente alisado com reboque, para que assim não se favoreça a subida a lagartos, cobras e outros animais nocivos. Depois, são postos sobre ele os domicílios, quer feitos com tijolos, como prefere Celso, quer, como preferimos, as colmeias muradas, exceto atrás; ou, o que é o uso de quase todos os que tratam diligentemente desta matéria, as colmeias dispostas em fila são unidas quer com tijolinhos quer com pedras de alvenaria, de modo que, uma a uma, elas estejam contidas entre duas paredes estreitas e os lados anterior e posterior fiquem livres. Pois algumas vezes devem ser abertas também nos lados em que se mostram e, sobretudo, atrás, visto que os enxames são tratados incessantemente. Se, porém, nenhuma parede existir entre as colmeias, contudo elas deverão ser colocadas,

ut paulum altera ab altera distet, ne, cum inspiciuntur, ea, quae in curatione tractatur, haerentem sibi alteram concutiat, uicinasque apes conterreat, quae omnem motum imbecillis ut cereis scilicet operibus suis tamquam ruinam timent. Ordines quidem uasorum superinstructos in altitudinem tres esse abunde est, quoniam summum sic quoque parum commode curator inspicit. Ora cauearum, quae praebent apibus uestibula, proniora sint quam terga, ut ne influant imbres, et si forte tamen incesserint, non immorentur, sed per aditum effluant. Propter quos conuenit aluearia porticibus supermuniri; sin aliter, luto Punico frondibus inlinitatis adumbrari, quod tegmen cum frigora et pluuias, tum et aestus arcet. Nec tamen ita nocet huic generi calor aestatis ut hiemale frigus. Itaque semper aedificium sit post apiarium, quod Aquilonis excipiat iniuriam, stabulisque praebeat teporem. Nec minus ipsa domicilia, quamuis aedificio protegantur, obuersa tamen ad hibernum orientem conponi debebunt, ut apricum habeant apes matutinum egressum, et sint experrectiores. Nam frigus ignauiam creat; propter quod etiam foramina, quibus exitus aut introitus datur, angustissima esse debent, ut quam minimum frigoris admittant: eaque satis est ita forari, ne possint capere plus unius apis incrementum. Sic neque uenenatus stellio, nec obscaenum scarabaei uel papilionis genus, lucifugaeque blattae, ut ait Maro, per laxiora spatia ianuae fauos populabuntur. Atque utilissimum est pro frequentia domicilii duos uel tres aditus in eodem operculo distantes inter se fieri contra fallaciam lacerti, qui uelut custos uestibuli prodeuntibus inhians apibus affert exitium, eaeque pauciores intereunt, cum licet uitare pestis obsidia per aliud uolantibus effugium.

VIII Atque haec de pabulationibus, domiciliisque et sedibus eligendis abunde diximus: quibus prouisis, sequitur ut examina desideremus. Ea porro uel aere parta, uel gratuita contingunt. Sed quas pretio comparabimus, scrupulosius praedictis comprobemus notis, et earum frequentiam prius quam mercemur, apertis aluearibus consideremus: uel si non fuerit inspicendi facultas, certe id quod contemplari licet, notabimus:

de modo que uma diste pequena distância da outra, a fim de que, quando se inspecionam, aquela manipulada durante os cuidados não agite uma outra unida a si e espante as abelhas vizinhas, as quais naturalmente temem todo movimento como uma ruína para suas delicadas obras de cera. Decerto basta que existam três filas de colmeias colocadas umas sobre as outras, já que, ainda assim, o tratador inspeciona a mais elevada com pouca comodidade. Os lados das colmeias que oferecem entrada às abelhas devem ser mais inclinados que a parte de trás, para que não entrem as chuvas e, caso tenham entrado, não parem, mas saiam pela abertura. Por causa delas, convém que as colmeias sejam cobertas em cima com pórticos; quando não, que se sombreiem com folhagens recobertas por barro cartaginês, cobertura que repele o frio e as chuvas e, por outro lado, também o calor. O calor do verão, todavia, não é tão nocivo a este tipo de criatura quanto o frio do inverno. E assim, sempre haja uma edificação atrás do apiário, que intercepte a violência do Aquilão³¹ e transmita moderado calor às colmeias. Não menos os próprios domicílios, ainda que protegidos por uma edificação, todavia deverão ser dispostos defronte ao oriente no inverno, para que as abelhas se exponham ao sol ao saírem de manhã, e fiquem mais ativas. Pois o frio propicia a inação; por esse motivo também as aberturas pelas quais se dá a saída ou a entrada devem ser muito estreitas, para que admitam o menos possível de frio; e é suficiente que elas sejam perfuradas de modo que não possam admitir mais do que a entrada de uma única abelha. Assim, nem o lagarto venenoso, nem a imunda espécie do escaravelho ou da borboleta, nem as baratas que fogem da luz, como diz Marão, virão arruinar os favos pelos espaços um tanto amplos da abertura. Também é muito útil, conforme a população da colmeia, que duas ou três entradas distantes entre si sejam feitas no mesmo opérculo contra a esperteza do lagarto, que, como guarda do vestíbulo, causa de boca aberta a destruição das abelhas em curso. E elas morrem em menor número quando é possível evitar as ciladas dessa peste, voando por outra passagem.

VIII Mas dissemos o suficiente acerca da escolha da alimentação das abelhas, dos domicílios e de suas localizações; oferecidos tais saberes, segue-se que nos faltam os enxames. Eles advêm da compra ou sem custo algum. Mas verifiquemos com mais escrúpulos aqueles que comprarmos, por meio dos pontos acima indicados, e consideremos o número delas abrindo as colmeias, antes de adquiri-las; ou, se não houver meio de as inspecionar, decerto notaremos o que se pode considerar:

an in uestibulo ianuae complures consistent, et uehemens sonus intus murmurantium exaudiatur. Atque etiam si omnes intra domicilium silentes forte conquiescent, labris foramini aditus admotis, et inflato spiritu ex respondente earum subito fremitu poterimus aestimare uel multitudinem, uel paucitatem.

Praecipue autem custodiendum est, ut ex uicinia potius, quam peregrinis regionibus petantur, quoniam solent caeli nouitate laccessiri. Quod si non contingit, ac necesse habuerimus longinquis itineribus aduehere, curabimus ne salebris sollicitentur, optimeque noctibus collo portabuntur. Nam diebus requies danda est, et infundendi sunt grati apibus liquores, quibus intra clausum alantur. Mox cum perlatae domum fuerint, si dies superuenerit, nec aperiri nec collocari oportebit aluum, nisi uesperis, ut apes placidae mane post totius requiem noctis egrediantur: specularique debemus fere triduo, numquid uniuersae se profundant. Quod cum faciunt, fugam meditantur. Ea remediis quibus debeat inhiberi, mox praecipiemus.

At quae dono uel aucupio contingunt, minus scrupulose probantur: quamquam ne sic quidem uelim nisi optimas possidere, cum et inpensam et eandem operam custodis postulent bonae atque improbae: et quod maxime refert, non sunt degeneres intermiscendae, quae infament generosas. Nam minor fructus mellis respondet, cum segniora interueniunt examina. Verumtamen quoniam interdum propter conditionem locorum uel mediocre pecus (nam malum nullo quidem modo) parandum est, curam uestigandis examinibus hac ratione adhibebimus. Vbicumque saltus sunt idonei, mellifici, nihil antiquius apes, quam, quibus utantur, uicinos eligunt fontes. Eos itaque conuenit plerumque ab hora secunda obsidere, specularique quae turba sit aquantium. Nam si paucae admodum circumuolant (nisi tamen complura capita riuorum diductas faciunt rariores) intelligenda est earum penuria, propter quam locum quoque non esse mellificum suspicabimur. At si commeant frequentes, spem quoque aucupandi examina maiorem faciunt; eaque sic inueniuntur. Primum quam longe sint explorandum est, praeparandaque in hanc rem liquida rubrica: qua cum festucis illitis contigeris apium terga fontem libantium,

se um grande número de abelhas se mantém na porta de entrada e um som intenso de zumbido é ouvido dentro. E ainda, se acaso todas elas param em silêncio dentro da colmeia, aproximando os lábios do orifício de entrada e insuflando ar, poderemos estimar-lhes o grande ou o pequeno número pela reação do zumbido repentino delas.

Mas deve-se, sobretudo, ter cuidado para que os enxames sejam adquiridos de regiões vizinhas mais do que de distantes, já que costumam irritar-se com a mudança do clima. Se isso não sucede, e tivermos necessidade de as transportar por longas distâncias, cuidaremos para que não sejam perturbadas pelas asperezas do caminho, e carregar-se-ão do melhor modo nas costas e à noite. Pois durante o dia deve ser dado descanso às abelhas, e serem-lhes vertidos líquidos agradáveis com os quais se alimentem enquanto fechadas. Logo que tenham chegado à casa, se o dia tiver sobrevindo, não convirá que a colmeia seja aberta nem instalada senão ao anoitecer, para que as abelhas saiam calmas pela manhã, após o repouso de uma noite inteira; e deveremos observá-las cerca de três dias, para ver se acaso se espalham juntas. Quando o fazem, cogitam a fuga. Os remédios com os quais deve ser inibida, logo indicaremos. As abelhas que se obtêm por meio de presente ou de captura são examinadas menos escrupulosamente: contudo, sequer assim eu desejaria possuir a não ser as melhores, porque as boas e as más abelhas exigem o mesmo gasto e o mesmo trabalho do tratador; e o que importa sobremaneira, as espécies inferiores, que degeneram as superiores, não devem ser misturadas. Pois há menor produção de mel quando enxames mais inativos intervêm. Contudo, como às vezes, segundo a natureza dos locais, mesmo um enxame mediano pode ser adquirido (porque um ruim, de modo algum), tomaremos o cuidado de buscar os enxames por este método: onde quer que existam bosques propícios, produtores de mel, as abelhas nada fazem antes de elegerem fontes vizinhas de que se sirvam. E assim, ordinariamente convém frequentá-las desde a hora segunda e observar o tamanho do bando de bebedoras. Pois, se muito poucas voam em torno (a não ser, contudo, que muitas nascentes de rios tornem mais raras as que dispersam), deve-se entender a escassez delas; por isso também suspeitaremos de que o lugar não é produtor de mel. Mas se vêm em grande número, também inspiram maior esperança de capturar os enxames. E eles são encontrados assim: primeiro, deve-se descobrir quão longe estão e, para isso, deve ser preparado um líquido vermelho pelo qual, após tocar com raminhos untados o dorso das abelhas que bebem da fonte,

commoratus eodem loco facilius redeuntes agnoscere poteris; ac si non tarde id facient, scies eas in uicino consistere: sin autem serius, pro mora tempore aestimabis distantiam loci. Sed cum animaduerteris celeriter redeuntes, non aegre persequens iter uolantium ad sedem perduceris examinis. In iis autem quae longius meare uidebuntur, solertior adhibebitur cura, quae talis est. Arundinis internodium cum suis articulis exciditur, et terebratur ab latere talea per quod foramen exiguo melle uel defruto instillato, ponitur iuxta fontem. Deinde cum ad odorem dulcis liquaminis complures apes irrepserunt, tollitur talea, et apposito foramini pollice non emittitur, nisi una, quae cum euasit, fugam suam demonstrat obseruanti: atque is, dum sufficit, persequitur euolantem. Cum deinde conspiciere possit apem, tum alteram emittit: et si eandem petit caeli partem, uestigiis prioribus inhaeret. Si minus, aliam atque aliam foramine adaptato patitur egredi; regionemque notat in quam plures reuolent, et eas persequitur, donec ad latebram perducatur examinis.

Quod siue est abditum specu, fumo elicietur, et cum erupit, aeris strepitu coerchetur. Nam statim sono territum uel in frutice uel in editiore siluae fronde considet, et a uestigatore praeparato uase reconditur. Sin autem sedem habet arboris cauae, et aut extat ramus, quem obtinent, aut sunt in ipsius arboris trunco, tunc, si mediocritas patitur, acutissima serra, quo celerius id fiat, praeciditur primum superior pars, quae ab apibus uacat; deinde inferior, quatenus uidetur inhabitari. Tum recisus utraque parte mundo uestimento contegitur, quoniam hoc quoque plurimum refert, ac si quibus rimis hiat illitis ad locum perfertur: relictisque paruis, ut iam dixi, foraminibus, more ceterarum aluorum collocatur. Sed indagatorem conuenit matutina tempora uestigandi eligere, ut spatium diei habeat, quo exploret commeatus apium. Saepe enim, si serius coepit eas denotare, etiam cum in propinquo sunt, iustis operum peractis se recipiunt, nec remeant ad aquam: quo euenit ut uestigator ignoret, quam longe a fonte distet examen. Sunt qui per initia ueris apiastrum, atque, ut ille uates ait,

Trita melisphylla et cerinthae ignobile gramen,

poderás reconhecer mais facilmente as que retornam, demorando-te no mesmo lugar; e se não o fizerem com demora, saberás que elas habitam na vizinhança; se, porém, mais lentamente, estimarás a distância do local em função do tempo da demora. Mas, se as observares retornando rapidamente, serás conduzido ao local do enxame seguindo sem dificuldade o curso do voo. Sobre aquelas, porém, que parecerem ir mais longe, empregar-se-á um plano mais engenhoso, que é este: uma parte intermediária de cana é cortada com seus nós e perfura-se de lado a vara; por esse furo, instila-se um pouco de mel ou mosto cozido, e põe-se junto a uma fonte. Depois, quando um grande número de abelhas se insinuou ao cheiro do líquido doce, a vara é recolhida; e, colocando-se o polegar sobre a abertura, não se deixa sair senão uma única abelha, que, ao escapar, revela sua rota de fuga ao observador; e ele, enquanto pode, segue a que foge. Em seguida, podendo observar a abelha, libera uma outra: e se ela busca uma mesma direção do céu, põe sua atenção sobre a primeira rota. Doutro modo, aberta a entrada, deixa sair uma após outra; e observa a direção para onde a maioria torna à casa e as persegue até que seja conduzido ao covil do enxame.

Se o enxame está abrigado em uma caverna, com fumaça se extrai e, quando saiu, é contido com o tinir do bronze. Pois, amedrontado com o som, quedar-se-á imediatamente quer em um arbusto quer na folhagem mais alta de um arvoredo, e é encerrado em um vaso preparado pelo caçador. Se, porém, tem sua habitação no oco de uma árvore, ou se eleva o ramo em que as abelhas se seguram, ou estão no próprio tronco da árvore, então, permitindo-o sua pequenez, primeiro a parte superior, que está livre de abelhas, é cortada com serra muito afiada, para que isso ocorra mais rapidamente; depois, a inferior, até onde pareça estar desabitada. Então, cortado em um e outro lado, é coberto com um pano limpo (porque isso também importa muito) e, se há alguns buracos, eles são tapados, e ele é levado ao local; e, deixados pequenos furos, como eu já disse, é estabelecido ao modo das demais colmeias. Mas convém que o caçador reserve o período da manhã para investigar, para que tenha o dia inteiro para explorar o caminho das abelhas. De fato, muitas vezes, se começa a observá-las muito tarde, ainda que estejam na vizinhança, elas se recolhem ao fim ordinário dos trabalhos e não retornam à água; com isso sucede que o caçador ignora quão distante da fonte fica o enxame. Há aqueles que no início da primavera reúnem melissa e, como diz aquele ilustre vate,

a melissa triturada e a erva comum do chupa-mel,³²

aliasque colligant similes herbas, quibus id genus animalium delectatur, et ita aluos perfrient, ut odor et succus uasis inhaereat: quae deinde mundata exiguo melle respergant, et per nemora non longe a fontibus disponant, eaque cum repleta sunt examinibus, domum referant. Sed hoc nisi locis, quibus abundant apes, facere non expedit. Nam saepe uel inania uasa nacti, qui forte praetereunt, secum auferunt: neque est tanti uacua perdere complura, ut uno uel altero potiare pleno. At in maiore copia, etiam si multa intercipiuntur, plus est quod in repertis apibus acquiritur. Atque haec est ratio capiendi siluestria examina.

IX. Deinceps talis altera est uernacula retinendi. Semper quidem custos sedule circumire debet aluearia. Neque enim ullum tempus est, quo non curam desiderent; sed eam postulant diligentiorum, cum uernant et exundant nouis fetibus, qui nisi curatoris obsidio protinus excepti sunt, diffugiunt. Quippe talis est apium natura, ut pariter quaeque plebs generetur cum regibus; qui ubi euolandi uires adepti sunt, consortia dedignantur uetustiorum, multoque magis imperia: quippe cum rationabili generi mortalium, tum magis egentibus consilii mutis animalibus, nulla sit regni societas. Itaque noui duces procedunt cum sua iuuentute, quae uno aut altero die in ipso domicilii uestibulo glomerata consistens, egressu suo propriae desiderium sedis ostendit; eaque tanquam patria contenta est, si a procuratore protinus assignetur. Sin autem defuit custos, uelut iniuria repulsa peregrinam regionem petit. Quod ne fiat, boni curatoris est uernis temporibus obseruare aluos in octauam fere diei horam, post quam non temere se noua proripiunt agmina; eorumque egressus diligenter custodiat. Nam quaedam solent, cum subito euaserunt, sine cunctatione se proripere. Poterit exploratam fugam praesciscere uespertinis temporibus aurem singulis alueis admouendo. Siquidem fere ante triduum, quam eruptionem facturae sunt, uelut militaria signa mouentium tumultus ac murmur exoritur: ex quo, ut uerissime dicit Vergilius,

e outras ervas parecidas com as quais esse tipo de animal se deleita, e assim esfregam as colmeias para que o cheiro e o sumo se impregnem nos recipientes. Depois de serem limpas, borrifem-nas com um pouco de mel e disponham pelos bosques não longe das fontes; e, quando se encheram de enxames, levem de volta para casa. Mas não convém fazer isso a não ser em lugares onde existam abelhas em abundância. Pois muitas vezes os eventuais passantes, tendo encontrado os recipientes, levam-nos consigo mesmo estando vazios; e não compensa perder muitas caixas vazias para ter em mãos uma ou duas cheias. Mas, havendo abelhas em maior número, ainda que muitas caixas sejam roubadas, mais vale o que se adquire encontrando as abelhas. Tal é o método para capturar enxames silvestres.

IX Em seguida, tal é o outro método para reter os enxames domésticos. De fato, o apicultor sempre deve visitar diligentemente as colmeias, pois não há tempo algum em que não necessitem de cuidados; mas elas os demandam com maior zelo quando pressentem a primavera e transbordam com novos enxames, que, se não forem logo capturados pela vigilância do apicultor, evadem-se. Pois tal é a natureza das abelhas, que cada povo é gerado junto com seus reis; e, quando eles adquiriram força para voar, desdenham a comunidade dos mais velhos e muito mais suas ordens; pois, como a espécie dos mortais, dotada de razão, não admite a partilha do poder real, muito menos os animais mudos, desprovidos de entendimento. E assim, os novos chefes saem à frente com sua juventude, que permanece aglomerada por um ou dois dias na própria entrada da colmeia e, saindo, manifesta o desejo de um domicílio próprio. Se ele é imediatamente designado pelo administrador, o enxame se contenta com isso tanto quanto com sua habitação original. Se, porém, o apicultor ausentou-se, encaminha-se para alguma região estrangeira como que repellido por uma ofensa. Para que tal não ocorra, é próprio do bom apicultor observar as colmeias durante a primavera até mais ou menos a oitava hora do dia, após o que os novos batalhões não se evadem ao acaso; e que cuide diligentemente da saída deles, pois alguns costumam, quando saírem de repente, evadir-se sem hesitação. Ele poderá prever a fuga pretendida aproximando a orelha de cada uma das colmeias à tardinha, pois, mais ou menos três dias antes de irromperem, levanta-se um alvoroço e murmúrio semelhante ao de um exército que se move, pelo que, como disse Virgílio com muito acerto,

Corda licet uulgi praesciscere namque morantes³³

Martius ille aeris rauci canor increpat, et uox

Auditur fractos sonitus imitata tubarum.

Itaque maxime obseruari debent, quae istud faciunt, ut siue ad pugnam eruperint, nam inter se tanquam ciuilibus bellis, et cum alteris quasi cum exteris gentibus proeliantur, siue fugae causa se proripuerint, praesto sit ad utrumque casum paratus custos. Pugna quidem uel unius inter se dissidentis uel duorum examinum discordantium facile compescitur: nam ut idem ait,

Pulueris exigui iactu compressa quiescit:³⁴

aut aqua mulsea passouae, et aliquo liquore simili respersa, uidelicet familiari dulcedine saeuientium iras mitigante. Nam eadem mire etiam dissidentes reges conciliant. Sunt enim saepe plures unius populi duces, et quasi procerum seditione plebs in partes diducitur: quod frequenter fieri prohibendum est, quoniam intestino bello totae gentes consumuntur. Itaque si constat principibus gratia, manet pax incruenta. Sin autem saepius acie dimicantis notaueris, duces seditionum interficere curabis: dimicantium uero proelia praedictis remediis sedantur. Ac deinde cum agmen glomeratum in proximo frondentis arbusculae ramo consederit, animaduertito, an totum examen in speciem unius uuae dependeat: idque signum erit aut unum regem inesse, aut certe plures bona fide reconciliatos; quos sic pateris, dum in suum reuolent domicilium. Sin autem duobus aut etiam compluribus uelut uberibus diductum fuerit examen, ne dubitaueris et plures proceres et adhuc iratos esse. Atque in iis partibus, quibus maxime uideris apes glomerari, requirere duces debebis. Itaque succo praedictarum herbarum, id est, melissophylli uel apiastri manu illita, ne ad tactum diffugiant, leuiter inseres digitos, et diductas apes scrutaberis, donec auctorem pugnae reperiatis.

se podem prever os ânimos da turba; porque aquele som marcial do rouco bronze estimula as morosas, e ouve-se uma voz que imita os estrepitosos sons das trombetas.³⁵

E assim, sobretudo, devem ser observadas as abelhas que o fazem, para que, quer tenham saído para a luta, pois lutam entre si como em guerras civis e contra outros enxames como contra nações estrangeiras, quer tenham escapado com propósito de fuga, o apicultor esteja pronto e preparado para um e outro evento. A luta entre abelhas de um mesmo enxame, que divergem entre si, ou entre dois enxames discordantes é facilmente interrompida; pois, como diz o mesmo poeta,

apaziguam-se, reprimidos por um jato de bem pouco pó³⁶,

ou aspergindo hidromel ou vinho de uvas-passas ou alguma bebida semelhante, por decerto mitigar a doçura familiar as iras das abelhas enraivecidas. Pois os mesmos expedientes também conciliam admiravelmente os reis discordantes. Com efeito, muitas vezes há vários chefes de um único povo, e a multidão se divide em facções como que por sedição de seus chefes. Deve-se impedir que isso ocorra com frequência, pois nações inteiras se consomem com a guerra intestina. E assim, se há harmonia entre os príncipes, permanece a paz incruenta. Se, porém, notares muitas vezes que lutam em frentes de batalha, cuidarás de matar os chefes da sedição; mas as batalhas dos que já estão lutando são acalmadas com os remédios mencionados acima. E depois, quando o enxame tiver pousado junto sobre o ramo próximo de um arbusto verdejante, observa se o enxame inteiro está dependurado na forma de um único cacho de uvas. Isso será o sinal de que há um único rei ou, decerto, vários, reconciliados em bom-acordo; e tu os deixarás assim até que retornem ao seu domicílio. Se, porém, o enxame estiver dividido em dois ou ainda mais aglomerados, não duvides de que existem vários chefes e de que ainda estão irados; e deverás procurar os chefes nas partes em que vires as abelhas mais aglomeradas. Assim, untada a mão com o sumo das ervas já mencionadas, isto é, de erva-cidreira ou de melissa, para que não fujam ao toque, inserirás gentilmente os dedos e remexerás as abelhas que se soltam até encontrares o causador da luta.

X. Sunt autem hi reges maiores paulo et oblongi magis quam ceterae apes, rectoribus cruribus, sed minus amplis pinnis, pulchri coloris et nitidi, leuesque ac sine pilo, sine spiculo, nisi quis forte plenior quasi capillum, quem in uentre gerunt, aculeum putat, quo et ipso tamen ad nocendum non utuntur. Quidam etiam infusci atque hirsuti reperiuntur, quorum pro habitu damnabis ingenium.

Nam duo sunt regum facies, ita corpora plebis.

Alter erit maculis auro squalentibus ardens

Et rutilus clarus squamis.³⁷

Atque hinc maxime probatur, qui est melior: nam deterior, sordido sputo similis, tam foedus est,

quam puluere ab alto

Cum uenit et sicco terram sputit ore uiator.³⁸

Et, ut idem ait,

Desidia latamque trahens inglorius aluum.³⁹

Omnes igitur duces notae deterioris

Dede neci, melior uacua sine regnet in aula.⁴⁰

Qui tamen et ipse spoliandus est alis, ubi saepius cum examine suo conatur eruptione facta profugere. Nam uelut quadam compede retinebimus erronem duce detractis alis, qui fugae destitutus praesidio finem regni non audet excedere, propter quod ne ditionis quidem suae populo permittit longius euagari.

XI. Sed nonnumquam idem necandus est, cum uetus alueare numero apium destituitur, atque infrequentia eius alio examine replenda est. Itaque cum primo uere in eo uase nata est pullities, nouus rex eliditur ut multitudo sine discordia cum parentibus suis conuersetur.

X Esses reis, porém, são um pouco maiores e mais alongados que as demais abelhas, com pernas mais retas, mas de asas menos amplas, de cor bela e brilhante, lisos, sem pelo e sem ferrão, a não ser que acaso alguém julgue ferrão algo semelhante a um pelo mais grosso que produzem no ventre, e de que, entretanto, em si não se servem para fazer dano. Encontram-se, ainda, alguns fuscos e hirsutos, cuja natureza desaprovarás pelo aspecto.

Dois são os aspectos dos reis, assim como os corpos da plebe: um será brilhante com pintas incrustadas de ouro, insigne por seu aspecto e distinto por suas rutilantes escamas⁴¹.

E, sobretudo, aprova-se aquele que é melhor; pois o inferior, semelhante a um escarro imundo, é tão asqueroso

como o viajante sedento quando vem por um leito de pó e cospe terra de sua garganta seca.⁴²

E, como diz o mesmo poeta,

repugnante por sua indolência, arrastando inglório enorme ventre.⁴³

Todos os chefes, portanto, da espécie pior,

entrega à morte, deixa que reine o melhor na desimpedida corte.⁴⁴

Ele próprio, contudo, deve também ser espoliado das asas, quando tenta muitas vezes fugir em debandada com seu enxame; pois, subtraídas suas asas, reteremos o chefe errante como que com grilhões e, destituído do recurso de fuga, não ousa exceder o limite do reino, porque não permite ao povo sob seu poder espalhar-se mais além.

XI Mas, por vezes, quando uma velha colmeia é reduzida em número de abelhas e sua falta deve ser completada com outro enxame, o mesmo rei deve ser morto. E assim, quando no início da primavera nasceu nessa colmeia uma ninhada, o novo rei é eliminado para que a multidão de abelhas habite sem discórdia com seus pais.

Quod si nullam progeniem tulerint faui, duas uel tres aluorum plebes in unum contribuere licebit, sed prius respersas dulci liquore: tum demum includere, et posito cibo, dum conuersari consuescant, exiguis spiramentis relictis, triduo fere clausas habere. Sunt qui seniore[m] potius regem submoueant, quod est contrarium: quippe turba uetustior, uelut quidam senatus, minoribus parere non censent, atque imperia ualidiorum contumaciter spernendo poenis ac mortibus afficiuntur. Illi quidem incommodo, quod iuniori examini solet accidere, cum antiquarum apium relictus a nobis rex senectute defecit, et tanquam domino mortuo familia nimia licentia discordat, facile occurritur. Nam ex iis aluis, quae plures habent principes, dux unus eligitur: isque translatus ad eas, quae sine imperio sunt, rector constituitur.

Potest autem minore molestia in iis domiciliis, quae aliqua peste uexata sunt, paucitas apium emendari. Nam ubi cognita est clades frequentis alui, si quos habet fauos, oportet considerare: tum deinde cerae eius quae semina pullorum continet, partem recidere, in qua regii generis proles animatur. Est autem facilis conspectu, quoniam fere in ipso fine cerarum uelut papilla uberis apparet eminentior et laxioris fistulae quam sunt reliqua foramina, quibus popularis notae pulli detinentur. Celsus quidem affirmat in extremis fauis transuersas fistulas esse, quae contineant regios pullos. Hyginus quoque auctoritatem Graecorum sequens negat ex uermiculo, ut ceteras apes, fieri ducem, sed in circuitu fauorum paulo maiora, quam sunt plebei seminis, inueniri recta foramina repleta quasi sorde rubri coloris, ex qua protinus alatus rex figuretur.

XII. Est et illa uernaculi examinis cura, si forte praedicto tempore facta eruptione patriam fastidians sedem longiorem fugam denuntiauit. Id autem significat, cum sic apis euadit uestibulum, ut nulla intra reuolet sed se confestim leuet sublimius. Crepitaculis aeris aut testarum plerumque uulgo iacentium terreatur fugiens iuuentus: eaque uel pauida cum repetierit aluum maternam, et in eius aditu glomerata pependerit, uel statim se ad proximam frondem contulerit, protinus custos nouum loculamentum in hoc praeparatum perlinat intrinsecus praedictis herbis:

Pois, se as colmeias não tiverem produzido prole alguma, será lícito unir a população de duas ou três colmeias em uma única, mas borrifadas antes com um líquido doce; então, enfim encerrá-las e, pondo alimento, mantê-las fechadas por quase três dias depois de deixar pequenos respiradouros, até que se acostumem a conviver. Há aqueles que preferam apartar o rei mais velho, o que é ruim porque a turba mais velha, como uma espécie de senado, não julga dever obedecer às mais novas e, obstinadamente recusando as ordens das mais fortes, é oprimida por punições e mortes. Quanto àquele inconveniente que costuma sobrevir a um enxame mais jovem quando o rei das abelhas velhas, deixado por nós, morre de velhice e, como que morto o senhor, os de casa entram em desavença pela excessiva liberdade, facilmente se remedeia. Pois se escolhe um único líder dentre as colmeias que têm vários príncipes e, trasladado para aquelas que estão sem governo, é feito rei.

Nas colmeias que foram afetadas por alguma peste, a escassez de abelhas pode, contudo, ser remediada com menos problemas. Pois, quando foi conhecida a desgraça da colmeia povoada, convém examinar quaisquer favos que ela tiver. Depois, então, cortar da cera que contém os ovos a parte onde a prole de estirpe real vem à vida. É, porém, fácil reconhecer, porque aparece quase na extremidade mesma da cera, como o bico de um seio que se projeta um pouco e com uma abertura mais ampla que as demais cavidades, onde se retêm as larvas de tipo comum. Celso, na verdade, afirma que nas extremidades do favo há aberturas transversais que contêm a prole real. Higino também, seguindo a autoridade dos gregos, nega que o líder se forme como as demais abelhas, de uma pequena larva; mas diz que ao redor dos favos se encontram cavidades retas, um pouco maiores do que aquelas das larvas de tipo comum, cheias de algo semelhante a uma impureza de cor vermelha, da qual logo se forma o rei alado.

XII Há também aquele cuidado com o enxame doméstico, se acaso, no tempo indicado acima, fastidiando-se do lar paterno, anunciou em debandada uma fuga para mais longe. Isso, porém, o enxame indica quando as abelhas se afastam de tal maneira da entrada da colmeia que nenhuma retorna a seu interior, mas imediatamente se elevam bem alto. Aterrorize-se a juventude que foge com ruídos de metais ou de potes que, usualmente, jazem por toda parte; e, quer temerosa, depois de tornar à colmeia materna e pender aglomerada em sua entrada, quer se tenha imediatamente unido nas folhagens próximas, o apicultor de pronto unta por dentro uma nova caixa preparada para esse fim com as ervas já mencionadas.

deinde guttis mellis respersum admoueat: tum manibus, aut etiam trulla congregatas apes recondat: atque, uti debet, adhibita cetera cura, diligenter compositum et illitum uas interim patiat in eodem loco esse, dum adesperascit. Primo deinde crepusculo transferat, et reponat in ordinem reliquarum aluorum. Oportet autem etiam uacua domicilia collocata in apiariis habere. Nam sunt nonnulla examina, quae cum processerint, statim sedem sibi quaerant in proximo, eamque occupent quam uacantem reperiunt. Haec fere adquirendarum, atque etiam retinendarum apium traditur cura.

XIII. Sequitur ut morbo uel pestilentia laborantibus remedia desiderentur. Pestilentiae rara in apibus pernicies, nec tamen aliud, quam quod in cetero pecore praecipimus, quid fieri possit reperio, nisi ut longius alui transferantur. Morborum autem facilius et causae dispiciuntur, et inueniuntur medicinae. Maximus autem annuus earum labor est initio ueris, quo tithymali floret frutex, et quo amara ulmi semina sua promunt. Nam quasi nouis pomis, ita his primitiuis floribus illectae auide uescuntur post hibernam famem, alioqui citra satietatem tali nocente cibo: quo cum se affatim repleuerunt, profluuio alui, nisi celeriter succurritur, intereunt. Nam et tithymalus maiorum quoque animalium uentrem soluit, et proprie ulmus apium. Eaque causa est, cur in regionibus Italiae, quae sunt eius generis arboribus consitae, raro frequentes durent apes. Itaque ueris principio si medicatos cibos praebeas, iisdem remediis et prouideri potest, ne tali peste uexentur, et cum iam laborant, sanari. Nam illud quod Hyginus antiquos secutus auctores prodidit, ipse non expertus asseuerare non audeo: uolentibus tamen licebit experiri. Siquidem praecepit apium corpora, quae cum eiusmodi pestis incessit, sub fauis aceruatim enectae reperiuntur, sicco loco per hiemem reposita circa aequinoctium uernum, cum clementia diei suaserit, post horam tertiam in solem proferre, ficulneoque cinere obruere. Quo facto, affirmat intra duas horas, cum uiuido halitu caloris animatae sunt, resumpto spiritu, si praeparatum uas obiciatur, inrepere.

Depois, borrifada com gotas de mel, que ele a aproxime, e então encerre as abelhas reunidas com a mão ou mesmo com uma colher; e, tomados os demais cuidados, como deve, deixa que a caixa diligentemente ajustada e untada fique no mesmo local até que anoiteça. Em seguida, no início do crepúsculo, que a transfira e a recoloca na fileira das colmeias restantes. Mas é conveniente ainda ter domicílios vazios estabelecidos nos apiários, porque há alguns enxames que, tão logo tenham saído, procuram um domicílio para si na vizinhança e ocupam as caixas que encontram vazias. Transmitem-se, em geral, esses cuidados para adquirir e ainda reter as abelhas.

XIII Segue-se que se buscam remédios para as que sofrem de doença ou pestilência. A doença da pestilência é rara nas abelhas e, contudo, não encontro algo que se possa fazer diferentemente do que recomendamos para os outros animais, exceto que as colmeias sejam transferidas para mais longe. As causas das doenças das abelhas, porém, são mais facilmente diagnosticadas, e assim se encontram os remédios. A mais séria delas, porém, é sua enfermidade anual do início da primavera, quando o arbusto da erva-de-maleitas floresce e os olmos dão suas sementes amargas. Pois, atraídas por estas primeiras flores, como que por frutos frescos, as abelhas se nutrem avidamente com esse alimento depois da fome invernal, aliás inócuo aquém da saciedade. Quando se alimentaram disso abundantemente, as abelhas morrem de diarreia, se não se socorre rápido; pois a erva-de-maleitas também solta o ventre dos animais maiores e o olmo, particularmente, o das abelhas. E esse é o motivo pelo qual, nas regiões da Itália que são cultivadas com árvores desse tipo, as abelhas raramente subsistem em abundância. E assim, no início da primavera, se deres alimentos medicinais, pode-se cuidar com estes mesmos remédios para que não sejam molestadas por tal doença e, quando já padecem, que sejam curadas. Pois aquilo que Higino, seguindo os autores antigos, recomendou, eu próprio não ousou sustentar, visto que não experimentei; contudo, será permitido aos que desejam experimentá-lo. Ele, com efeito, recomenda os corpos das abelhas, guardados em lugar seco durante o inverno, quando sobreveio uma doença deste tipo e elas são encontradas mortas aos montes sob os favos, levar ao sol após a terceira hora e cobrir com cinzas de figueira perto do equinócio da primavera⁴⁵, quando o incitar a clemência do dia. Isso feito, ele afirma que se reanimam dentro de duas horas com o hálito vivificante do calor; e, recobrando o alento, caso se lhes apresente uma caixa preparada, entram.

Nos magis ne intereant, quae deinceps dicturi sumus, aegris examinibus exhibenda censemus. Nam uel grana mali Punici tunsa et uino Amineo conspersa, uel uuae passae cum rore Syriaco pari mensura pinsitae et austero uino insuccatae dari debent: uel si per se ista frustrata sunt, omnia eadem aequis ponderibus in unum leuigata, et fictili uase cum Amineo uino inferuefacta, mox etiam refrigerata, ligneis canalibus apponi. Nonnulli rorem marinum aqua mulsa decoctum, cum gelauerit, imbricibus infusum praebent libandum. Quidam bubulam uel hominis urinam, sicut Hyginus affirmat, aliis apponunt. Nec non etiam ille morbus maxime est conspicuus, qui horridas contractasque carpit, cum frequenter aliae mortuarum corpora domiciliis efferunt, aliae intra tecta, ut in publico luctu, maesto silentio torpent. Id cum accidit, arundineis infusi canalibus offeruntur cibi, maxime decocti mellis, et cum galla uel arida rosa detriti. Galbanum etiam, ut eius odore medicentur, incendi conuenit, passoque et defruto uetere fessas sustinere. Optime tamen facit amelli radix, cuius est frutex luteus purpureus flos: ea cum uetere Amineo uino decocta exprimitur, et ita liquatus eius succus datur. Hyginus quidem in eo libro, quem de apibus scripsit, Aristomachus, inquit, hoc modo succurrendum laborantibus existimat: primum, ut omnes uitiosi faui tollantur, et cibus ex integro recens ponatur; deinde ut fumigentur. Prodesse etiam putat apibus uetustate corruptis examen nouem contribuere, quamuis periculosum sit, ne seditione consumantur, uerumtamen adiecta multitudine laetaturas. Sed ut concordēs maneant, earum apium, quae ex alio domicilio transferuntur, quasi peregrinae plebis submoueri reges debent. Nec tamen dubium, quin frequentissimorum examinum faui, qui iam maturos habent pullos, transferri, et subici paucioribus debeant, ut tanquam nouae prolis adoptione domicilia confirmentur. Sed et id cum fiet, animaduertendum est, ut eos fauos subiciamus, quorum pulli iam sedes suas adaperiunt, et uelut opercula foraminum obductas ceras erodunt exerentes capita. Nam si fauos immaturo fetu transtulerimus, emorientur pulli, cum foueri desierint. Saepe etiam uitio quod Graeci *phagédaina* uocant, intereunt.

Nós julgamos, de preferência, que devem ser dados aos enxames enfermos, para que não morram, o que prescreveremos a seguir. Pois devem ser dadas sementes de romã moídas e umedecidas com vinho amineu ou uvas-passas piladas com igual quantidade de essência de malóbatro e umedecidas com vinho seco; ou se, por si mesmas, essas coisas não surtem efeito, todos esses ingredientes moídos juntos em igual quantidade, fervidos num vaso de argila com vinho amineu e logo ainda resfriados, são postos em tubos de madeira. Uns dão para comer o alecrim cozido em hidromel quando se resfriou, vertendo-o em telhas. Outros, como afirma Higino, colocam junto às colmeias urina de boi ou de homem. E ainda é particularmente notória aquela doença que as consome eriçadas e encolhidas, quando umas frequentemente retiram dos domicílios os corpos das companheiras mortas; e outras permanecem imóveis dentro do domicílio, em triste silêncio, como que de luto público. Quando isso ocorre, são dados alimentos vertidos em cochos de cana, sobretudo mel cozido e pilado com galha ou rosa seca. Também convém queimar gálbano para que sejam curadas por seu odor; e socorrer as exauridas com vinho de uvas-passas e arrobe envelhecido. Melhor efeito, contudo, produz a raiz do amelo, cuja ramagem é amarela e a flor púrpura; ela, cozida com vinho amineu envelhecido, é espremida e assim se administra seu sumo filtrado. Higino, de fato, naquele livro que escreveu sobre as abelhas⁴⁶, diz que “Aristômaco⁴⁷ julga que se devem socorrer as abelhas enfermas deste modo: primeiro, que se removam todos os favos contaminados e se ponha alimento inteiramente fresco; em seguida, que as abelhas sejam fumigadas”. Ele também julga ser benéfico juntar um novo enxame às abelhas corrompidas pela velhice, embora haja o risco de que sejam destruídas pela sedição, contudo havendo elas de alegrar-se pela multidão de abelhas agregadas. Mas para que elas permaneçam concordes, os reis daquelas abelhas que são transferidas de outro domicílio devem ser exilados como os de um povo estrangeiro. Não há dúvida, porém, de que os favos dos enxames mais numerosos, que já têm crias maduras, devem ser transferidos e submetidos aos menos numerosos, para que os domicílios se fortaleçam como pela adoção de uma nova prole. Mas quando isso for feito, devemos dar atenção a que submetamos aqueles favos cujas crias já estão rompendo seus alvéolos e, mostrando as cabeças, roem as ceras postas sobre o topo como coberturas dos alvéolos. Pois, se transferirmos os favos com a ninhada imatura, as crias morrerão quando deixarem de ser aquecidas. Muitas vezes morrem também de um mal a que os gregos chamam *phagédaina*⁴⁸.

Siquidem cum sit haec apium consuetudo, ut prius tantum cerarum confingant, quantum putent explere se posse, non nunquam euenit, consummatis operibus cereis, ut, dum examen conquirendi mellis causa longius euagatur, subitis imbribus, aut turbinibus in siluis opprimatur, et maiorem partem plebis amittat: quod ubi factum est, reliqua paucitas fauis complendis non sufficit; tuncque uacuae cerarum partes computrescunt, et uitii paulatim serpentibus, corrupto melle, ipsae quoque apes intereunt. Id ne fiat, uel duo populi coniungi debent, qui possint adhuc integras ceras explere: uel si non est facultas alterius examinis, ipsos fauos, ante quam putrescant, uacuis partibus acutissimo ferro liberare. Nam hoc quoque refert, ne admodum hebes ferramentum (quia non facile penetret) uehementius inpressum fauos sedibus suis commoueat: quod si factum est, apes domicilium derelinquunt.

Est et illa causa interitus, quod interdum continuis annis plurimi flores proueniunt, et apes magis mellificiis quam fetibus student. Itaque nonnulli, quibus minor est harum rerum scientia, magnis fructibus delectantur, ignorantes exitium apibus imminere, quoniam et nimio fatigatae opere plurimae pereunt, nec ullis iuuentutis supplementis confrequentatae nouissime reliquae intereunt. Itaque si tale uer incessit, ut et prata et arua floribus abundant, utilissimum est tertio quoque die exiguis foraminibus relictis per quae non possint exire aluorum exitus praecludi, ut ab opere mellifico auocatae, apes quoniam non sperent se posse ceras omnes liquoribus stipare, fetibus expleant. Atque haec fere sunt examinum uitio laborantium remedia.

XIV. Deinceps illa totius anni cura, ut idem Hyginus commodissime prodidit. Ab aequinoctio primo quod mense Martio circa VIII calendas Aprilis in octaua parte Arietis conficitur, ad exortum Vergiliarum dies uerni temporis habentur duodequingenta. Per hos primum ait apes curandas esse adapertis alueis, ut omnia purgamenta, quae sunt hiberno tempore congesta, eximantur, et araneis, qui fauos corrumpunt, detractis fumus immittatur factus incenso bubulo fimo. Hic enim quasi quadam cognatione generis maxime est apibus aptus.

Pois, sendo este o hábito das abelhas, que primeiro construam tantos alvéolos quantos julgam poder preencher, algumas vezes ocorre que, finalizadas as obras de cera, enquanto o enxame se espalha a uma longa distância para procurar mel, seja oprimido nos bosques por repentinas tempestades ou torvelinhos e perca a maior parte das abelhas operárias. Quando isso aconteceu, o pequeno número restante não é suficiente para completar os favos, então as partes vazias dos alvéolos apodrecem e, paulatinamente se insinuando as doenças, as próprias abelhas também morrem corrompendo-se o mel. Para que isso não ocorra, duas populações devem ser unidas para que possam preencher os alvéolos ainda íntegros; ou, se não há disponibilidade de um segundo enxame, devem-se remover com uma faca afiada os próprios favos com partes vazias, antes que apodreçam. Pois isso também importa, para que uma ferramenta muito cega, pressionada forte demais (porque não penetra facilmente), não desloque os favos de seus lugares; porque, se isso ocorre, as abelhas abandonam o domicílio.

Há também esta causa de mortalidade, que de tempos em tempos brotam muitas flores em anos contínuos; e as abelhas dedicam-se mais à produção de mel do que às crias. E assim alguns, para quem é menor a ciência destas coisas, deleitam-se com o grande rendimento, ignorando que se aproxima a destruição das abelhas; pois, fatigadas pelo trabalho excessivo, muitas morrem e, não aumentadas por adição alguma de jovens, perecem enfim as restantes. E assim, se veio uma tal primavera que os prados e campos abundam em flores, também é muito útil no terceiro dia serem fechadas as saídas das colmeias (deixando-se pequenas aberturas pelas quais as abelhas não possam sair), para que elas, chamadas do trabalho de produção do mel, por não terem esperança de poder encher todos os alvéolos com o líquido, encham-nos de crias. Estes são, em geral, os remédios para o mal dos enxames que adoecem.

XIV Em seguida, aquele cuidado do ano inteiro, como o próprio Higino deu a saber com muito acerto. Do primeiro equinócio, que acontece cerca de oito dias antes das calendas de abril⁴⁹, no oitavo grau do Aríete⁵⁰, até o surgimento das Plêiades⁵¹, tem-se quarenta e oito dias de primavera. Durante estes dias, ele diz que as abelhas devem ser cuidadas, primeiramente, com a abertura das colmeias, para que todos os detritos que se acumularam no inverno sejam removidos e, retiradas as aranhas que estragam os favos, introduza-se uma fumaça produzida pelo esterco bovino queimado. Isso, com efeito, é particularmente apropriado às abelhas, como que por um certo parentesco de origem⁵².

Vermiculi quoque, qui tineae uocantur, item papiliones enecandi sunt: quae pestes plerumque fauis adhaerentes decidunt, si fimo medullam bubulam misceas, et his incensis nidorem admoueas. Hac cura per id tempus quod diximus examina firmabuntur, eaque fortius operibus inseruient.

Verum maxime custodiendum est curatori, qui apes nutrit, cum aluos tractare debet, uti pridie castus ab rebus ueneriis, neue temulentus, nec nisi lotus ad eas accedat, abstineatque omnibus redolentibus esculentis, ut sunt salsamenta, et eorum omnium liquamina; itemque fetentibus acrimoniis alii uel cepearum ceterarumque rerum similium. Duodequingagesimo die ab aequinoctio uerno, cum fit Vergiliarum exortus circa u idus Maias, incipiunt examina uiribus et numero augeri. Sed et iisdem diebus intereunt quae paucas et aegras apes habent; eodemque tempore progenerantur in extremis partibus fauorum amplioris magnitudinis quam sunt ceterae apes, eosque nonnulli putant esse reges. Verum quidam Graecorum auctores *oistrous* appellant ab eo, quod exagitent, neque patiantur examina conquiescere. Itaque praecipunt eos enecari.

Ab exortu Vergiliarum ad solstitium, quod fit ultimo mense Iunio circa octauam partem Cancri, fere examinant alui: quo tempore uehementius custodiri debent, ne nouae suboles diffugiant. Tumque peracto solstitio usque ad ortum Caniculae, qui fere dies triginta sunt, pariter frumenta et faui demetuntur. Sed hi quemadmodum tolli debeant, mox dicetur, cum de confectura mellis praecipiemus.

Ceterum hoc eodem tempore progenerari posse apes iuueno perempto, Democritus et Mago nec minus Vergilius prodiderunt. Mago quidem uentribus etiam bubulis idem fieri affirmat, quam rationem diligentius prosequi superuacuum puto, consentiens Celso, qui prudentissime ait, non tanto interitu pecus istud amitti, ut sic requirendum sit. Verum hoc tempore, et usque in autumnii aequinoctium decimo quoque die alui aperiendae et fumigandae sunt. Quod cum sit molestum examinibus, saluberrimum tamen esse conuenit.

Os pequenos vermes também, que se chamam lagartas, bem como as borboletas, devem ser mortos: essas pestes, geralmente presas aos favos, caem se misturares tutano de boi ao esterco e, queimando-os, aproximares o odor de fumaça. Por esse cuidado, os enxames serão fortalecidos durante o período que mencionamos e aplicar-se-ão com mais vigor aos trabalhos.

Mas, sobretudo, deve ser cuidado pelo apicultor que alimenta as abelhas, quando necessitar fazer o manuseio das colmeias, que ele se tenha privado das coisas de Vênus⁵³ no dia anterior, nem se aproxime delas bêbado ou sem tomar banho, e abstenha-se de todas as comidas de cheiro forte, como são os peixes salgados e todos os seus molhos, bem como da malcheirosa acidez do alho ou das cebolas e de outros condimentos parecidos. No quadragésimo oitavo dia após o equinócio de primavera, quando ocorre o surgimento das Plêiades, em torno de cinco dias antes dos idos de maio, os enxames começam a aumentar em força e número. Mas também, nesses mesmos dias, acabam-se os que têm abelhas em pequena quantidade e doentes; e nesse tempo se geram, nas partes extremas dos favos, abelhas maiores que as demais, que alguns julgam ser os reis. Alguns autores entre os gregos, entretanto, chamam-nos *oístroi*⁵⁴, porque excitam os enxames, e não lhes permitem descansar. E assim recomendam que sejam mortos.

Desde o surgimento das Plêiades até o solstício⁵⁵, que ocorre no fim de junho, em torno do oitavo grau de Câncer⁵⁶, as colmeias geralmente enxameiam: nesse tempo, elas devem ser guardadas bem atentamente para que as novas ninhadas não fujam. Então, da conclusão do solstício até o surgimento da Canícula⁵⁷, o que perfaz mais ou menos trinta dias, são igualmente recolhidos os cereais e os favos de mel. Mas da maneira como eles devem ser recolhidos dir-se-á em seguida, quando instruímos sobre a preparação do mel.

Além disso, Demócrito⁵⁸, Magão⁵⁹ e também Virgílio deram a conhecer que as abelhas podem ser geradas, no mesmo tempo, de um novilho morto. Magão decerto afirma que o mesmo também pode acontecer a partir de entranhas bovinas, método que julgo supérfluo explicar mais diligentemente, concordando com Celso que diz com muita prudência que esses animais não se perdem em tão grande mortandade que assim se devam buscar. Nesse tempo, contudo, e até o equinócio de outono, as colmeias devem ser abertas e fumigadas a cada dez dias; pois, embora seja molesto aos enxames, está acordado, contudo, que é muito salutar.

Suffitas deinde, et aestuantes apes refrigerare oportet, conspersis uacuis partibus aluorum et recentissimi rigoris aqua infusa: deinde si quid abluī non poterit, pinnis aquilae uel etiam cuius libet uastae alitis, quae rigorem habent, emundari. Praeterea ut tineae euerrantur, papilionesque enecentur, qui plerumque intra aluos morantes apibus exitio sunt. Nam et ceras erodunt, et stercore suo uermes progenerant, quos aluorum tineas appellamus. Itaque quo tempore maluae florent, cum est earum maxima multitudo, si uas aeneum simile miliario uespere ponatur inter aluos, et in fundum eius lumen aliquod demittatur, undique papiliones concurrant: dumque circa flammulam uolitant, adurantur, quod nec facile ex angusto sursum euolare, nec rursus longius ab igne possunt recedere, cum lateribus aeneis circumueniantur: ideoque propinquo ardore consumantur.

A canicula fere post diem quinquagesimum Arcturus oritur, cum inroratis floribus thymi et cunilae thymbraeque apes mella conficiunt: idque optimae notae enitescit autumnī aequinoctio, quod est ante calend. Octobris, cum octauam partem Librae sol attingit. Sed inter Caniculae et Arcturi exortum cauendum erit ne apes intercipientur uiolentia crabronum, qui ante aluearia plerumque obsidiantur prodeuntibus. Post Arcturi exortum circa aequinoctium Librae (sicut dixi) fauorum secunda est exemptio. Ab aequinoctio deinde quod conficitur circa VIII calend. Octobris ad Vergiliarum occasum diebus XL, ex floribus tamaricis et siluestribus fructibus apes collecta mella cibariis hiemis reponunt. Quibus nihil est omnino detrahendum, ne saepius iniuria contristatae uelut desperatione rerum profugiant. Ab occasu Vergiliarum ad brumam, quae fere conficitur circa VIII calend. Ianuarii in octaua parte Capricorni, iam recondito melle utuntur examina, eoque usque ad Arcturi exortum sustinentur. Nec me fallit Hipparchi ratio, quae docet solstitia et aequinoctia non octauis sed primis partibus signorum confici. Verum in hac ruris disciplina sequor nunc Eudoxi et Metonis antiquorumque fastus astrologorum, qui sunt aptati publicis sacrificiis: quia et notior est ista uetus agricolis concepta opinio; nec tamen Hipparchi subtilitas pinguioribus, ut aiunt, rusticorum literis necessaria est.

Em seguida, as abelhas fumigadas e aquecidas precisam ser refrigeradas, borrifando-se as partes vazias das colmeias e vertendo-se água muito fresca; depois, se algo não puder ser lavado, limpar com penas de águia ou ainda de qualquer ave grande, que as tenha duras. Além disso, que se varram as lagartas e se matem as borboletas que geralmente são destrutivas às abelhas ao demorar-se nas colmeias. Pois elas roem os favos e de seus dejetos geram vermes a que chamamos lagartas de colmeias. E assim, na época em que as malvas florescem, quando há enorme quantidade de mariposas, se um vaso de bronze semelhante a um *miliarium*⁶⁰ for posto à tardinha entre as colmeias e uma luz for colocada no fundo dele, as mariposas concorrem de todas as partes; e, enquanto revoam em torno da pequena chama, são queimadas, pois nem podem facilmente voar para cima de um espaço estreito nem afastar-se mais do fogo, visto que estão circundadas por paredes de bronze. E por essa razão são consumidas pelo calor que está próximo.

Cerca de cinquenta dias após a Canícula, surge Arcturo⁶¹, quando as abelhas fazem seus méis das flores orvalhadas do tomilho, da manjerona e da segurelha. O mel de qualidade superior se encontra em seu melhor no equinócio de outono, o que ocorre antes das calendas de outubro, quando o sol atinge o oitavo grau de Libra⁶². Mas, entre o nascimento da Canícula e o de Arcturo, dever-se-á cuidar para que as abelhas não sejam surpreendidas pela violência das vespas que, diante das colmeias, quase sempre fazem cerco às que saem. Após o nascimento de Arcturo, próximo ao equinócio de Libra (como eu disse), ocorre a segunda extração dos favos. Em seguida, do equinócio que ocorre oito dias antes das calendas de outubro⁶³ até o ocaso das Plêiades, por quarenta dias, as abelhas estocam os méis coletados das flores da tamargueira e dos arbustos silvestres para seu alimento de inverno. Desses, nada absolutamente deve ser retirado, para que as abelhas, com muita frequência afligidas por maus-tratos, não fujam como que de desespero. Do ocaso das Plêiades até o solstício de inverno, que em geral ocorre em torno do oitavo dia antes das calendas de janeiro⁶⁴, no oitavo grau de Capricórnio⁶⁵, os enxames já se servem do mel armazenado e são sustentados por ele até o nascimento de Arcturo. E não ignoro o sistema de Hiparco⁶⁶, que ensina que os solstícios e os equinócios ocorrem não no oitavo, mas no primeiro grau dos signos. Nesta instrução rural, contudo, sigo agora o calendário de Eudoxo⁶⁷, de Metão⁶⁸ e dos antigos astrônomos, que são adaptados aos sacrifícios públicos: pois esse velho ponto-de-vista, concebido para os agricultores, é mais familiar a eles; nem, contudo, como dizem, a sutileza de Hiparco é necessária para a cultura mais grosseira dos rústicos.

Ergo Vergiliarum occasu primo statim conueniet aperire aluos, et depurgare quidquid immundi est, diligentiusque curare; quoniam per tempora hiemis non expedit mouere aut patefacere uasa. Quam ob causam dum adhuc autumnus reliquiae sunt, apricissimo die purgatis domiciliis opercula intus usque ad fauos admouenda sunt, omni uacua parte sedis exclusa, quo facilius angustiae cauearum per hiemem concalescant. Idque semper faciendum est etiam in iis aluis, quae paucitate plebis infrequentes sunt.

Quidquid deinde rimarum est aut foraminum, luto et fimo bubulo mixtis illinemus extrinsecus, nec nisi aditus, quibus commeent, relinquemus. Et quamuis porticu protecta uasa nihilo minus congestu culmorum et frondium supertegemus, quantumque res patietur, a frigore et tempestatibus munemus. Quidam exemptis interaneis occisas aues intus includunt, quae tempore hiberno plumis suis delitescunt apibus praebent teporem: tum etiam si sunt absumpta cibaria, commode pascuntur esurientes, nec nisi ossa earum relinquunt. Sin autem faui sufficient permanent illibatae, nec quamuis amantissimas munditiarum offendunt odore suo. Melius tamen esse nos existimamus, tempore hiberno fame laborantibus ad ipsos aditus in canaliculis uel contusam et aqua madefactam ficum aridam, uel defrutum aut passum praebere. Quibus liquoribus mundam lanam imbuere oportebit, ut insistentes apes quasi per siphonem succum euocent. Vuas etiam passas cum infregerimus, paulum aqua respersas probe dabimus. Atque his cibariis non solum hieme, sed etiam quibus temporibus, ut iam supra dixi tithymallus, atque etiam ulmi floreant, sustinendae sunt. Post confectam brumam diebus fere quadraginta quidquid est repositi mellis, nisi liberalius relictum sit consumunt, saepe etiam uacuatis ceris usque in ortum fere Arcturi, qui est ab idibus Februariis, ieiunae fauis accubantes torpent more serpentum, et quiete sua spiritum conseruant, quem tamen ne amittant, si longior fames incesserit, optimum est per aditum uestibuli siphonibus dulcia liquamina inmittere, et ita penuriam temporum sustinere, dum Arcturi ortus et hirundinis aduentus commodiores polliceantur futuras tempestates. Itaque, post hoc tempus, cum diei permittit hilaritas, procedere audent in pascua.

No início do ocaso das Plêiades⁶⁹, então, imediatamente convirá abrir as colmeias, limpar o que quer que esteja sujo e dar-lhes particular cuidado; pois, durante o inverno, não convém mover ou abrir as colmeias. Por essa razão, enquanto ainda houver algum resto do outono, em um dia muito ensolarado, tendo sido limpas as colmeias, as tampas devem ser aproximadas dos favos por dentro para eliminar toda parte vazia, para que os espaços estreitos das caixas se aqueçam mais facilmente durante o inverno. E isto deve ser sempre feito também naquelas colmeias que são pouco habitadas, devido à falta de abelhas.

Em seguida, quaisquer fendas ou brechas que houver untaremos por fora com uma mistura de barro e esterco de boi, e não deixaremos senão uma abertura por onde passem. E, ainda que as caixas estejam protegidas por um pórtico, contudo as velaremos com uma cobertura de canas e folhas e resguardaremos, tanto quanto possível, do frio e das tempestades. Alguns fecham no interior das colmeias aves mortas sem as entranhas, que durante o inverno dão calor às abelhas refugiadas entre suas penas; além disso, se os alimentos foram consumidos, as abelhas que têm fome se alimentam bem delas e não lhes deixam sequear os ossos. Se, porém, os favos de mel são suficientes, as aves permanecem intocadas e, ainda que as abelhas sejam muito amantes da limpeza, não se incomodam com seu cheiro. Nós, contudo, julgamos melhor dar no inverno às abelhas que têm fome figo seco esmagado e umedecido em água, arrobe ou vinho de uvas-passas, em pequenos tubos junto à própria entrada das colmeias. Nesses líquidos, será preciso encharcar uma lã limpa, para que as abelhas que pousam absorvam o sumo como que por um cano. E também daremos com proveito uvas-passas, após terem sido esmagadas, borrifadas com um pouco d'água. E elas devem ser sustentadas com estes alimentos não só no inverno, mas também, como eu já disse acima, quando florescerem as ervas-de-maleitas e, ainda, os olmos. Depois do fim do inverno, por um período de quase quarenta dias, elas consomem qualquer mel que foi armazenado, a não ser que tenha sido deixado em abundância, e muitas vezes, mesmo esvaziados os favos de mel, entorpecem-se em jejum recostadas aos favos à maneira de serpentes, até quase o nascimento de Arcturo, que ocorre nos idos⁷⁰ de fevereiro, e conservam a vida com a própria imobilidade; contudo, para que elas não a percam, se uma fome mais longa sobrevier, o melhor é introduzir líquidos doces através da entrada do vestíbulo por canos e, então, resistir à escassez deste período até que o nascimento de Arcturo e a chegada das andorinhas prometam no futuro tempos mais favoráveis. E assim, após esse tempo, quando a serenidade do dia permite, as abelhas ousam ir aos campos;

Nam ab aequinoctio uerno sine cunctatione iam passim uagantur, et idoneos ad fetum decerpunt flores, atque intra tecta conportant.

Haec obseruanda per anni tempora diligentissime Hyginus praecepit. Ceterum illa Celsus adicit, paucis locis eam felicitatem suppetere, ut apibus alia pabula hiberna atque alia praebeantur aestiua. Itaque quibus locis post ueris tempora flores idonei deficiunt, negat oportere immota examina relinqui, sed uernis pastionibus absumptis in ea loca transferri, quae serotinis floribus thymi et origani thymbraeque benignius apes alere possint. Quod fieri ait et Achaiae regionibus, ubi transferuntur in Atticas pastiones, et Euboea, et rursus in insulis Cycladibus, cum ex aliis transferuntur Scyrum, nec minus in Sicilia, cum ex reliquis eius partibus in Hyblam conferuntur. Idemque ait ex floribus ceras fieri, ex matutino rore mella, quae tanto meliorem qualitatem capiunt, quanto iucundiore sit materia cera confecta. Sed ante translationem diligenter aluos inspicere praecepit, ueteresque et tineosos, et labantes fauos eximere: nec nisi paucos et optimos reseruare, ut simul etiam ex meliore flore quam plurimi fiant: eaque uasa, quae quis transferre uelit, non nisi noctibus et sine concussionem portare.

XV. Mox uere transacto sequitur, ut dixi, mellis uindemia, propter quam totius anni labor exercetur. Eius maturitas intellegitur cum animaduertimus fucos ab apibus expelli ac fugari. Quod est genus amplioris incrementi, simillimum api, sed, ut ait Vergilius, ignauum pecus, et immune, sine industria fauis assidens. Nam neque alimenta congerit, et ab aliis inuecta consumit. Verumtamen ad procreationem subolis conferre aliquid hi fuci uidentur insidentes seminibus quibus apes figurantur. Itaque ad fouendam et educandam nouam prolem familiaris admittuntur. Excluis deinde pullis, extra tecta proturbantur, et ut idem ait, praesepibus arcentur. Hos quidam praecipunt in totum exterminari oportere. Quod ego Magoni consentiens faciendum non censeo, uerum saeuitiae modum adhibendum.

porque elas já vagueiam sem hesitação, aqui e ali, desde o equinócio da primavera, recolhem as flores apropriadas para suas crias e transportam-nas para dentro das colmeias.

Higino recomenda que essas instruções sejam observadas muito diligentemente durante as estações do ano. Celso, além disso, acrescenta estas coisas: como em poucos lugares há uma tal fertilidade que uns pastos sejam oferecidos às abelhas no inverno e outros no verão, então, nos lugares em que, após a estação da primavera, as flores apropriadas faltam, ele nega convir que as colmeias sejam deixadas imóveis; mas, consumidos os alimentos primaveris, elas devem ser transferidas para aqueles lugares que possam alimentar mais fartamente as abelhas com as flores tardias do tomilho, do orégano e da segurelha. O que, ele diz também, é feito nas regiões da Acaia, onde as abelhas são transferidas para os campos da Ática e da Eubeia; e também nas ilhas Cícladas, quando são transferidas de outras ilhas para Ciro; e igualmente na Sicília, quando são movidas de outras partes dela para o Hibla⁷¹. Ele mesmo diz que as ceras são feitas de flores, e de orvalho matutino os méis, que adquirem tanto melhor qualidade quanto mais saborosa a matéria de que a cera é feita. Mas, antes da transferência, recomenda examinar diligentemente as colmeias e remover os favos velhos, os infestados por lagartas e os soltos; e não reservar exceto uns poucos e excelentes, para que também a maior quantidade possível seja feita, ao mesmo tempo, das melhores flores. E as caixas que alguém deseja trasladar, que não se carreguem senão à noite e sem sacudir.

XV Logo, transcorrida a primavera, vem, como eu disse, a coleta do mel, pelo que se realiza o trabalho do ano todo. O tempo de sua coleta é sabido quando observamos os zangões serem expulsos e afugentados pelas abelhas. Ele é um tipo de corpo maior, bem semelhante à abelha, mas, como diz Virgílio, “animal ignavo”⁷², improdutivo e que permanece sem trabalhar junto aos favos. Pois não coleta alimentos, e consome os trazidos pelos outros. Esses zangões, contudo, parecem contribuir em algo para a geração das crias, assentando-se sobre os ovos de que as abelhas são formadas. E assim eles são mais amigavelmente admitidos para cuidar da nova prole. Depois, nascidas as crias, eles são rechaçados das colmeias e, como diz o mesmo poeta, “sejam afastados da colmeia”⁷³. Alguns recomendam convir que eles sejam inteiramente exterminados, o que eu, concordando com Magão, não julgo que deva ser feito, mas que um limite deve ser imposto à crueldade.

Nam nec ad occidionem gens interimenda est, ne apes inertia laborent, quae, cum fuci aliquam partem cibariorum absumunt, sarciendo damna fiunt agiliores: nec rursus multitudinem praedonum coalescere patiendum est, ne uniuersas opes alienas diripiant. Ergo cum rixam fucorum et apium saepius committi uideris, adapertas aluos inspicias, ut siue semipleni faui sint, differantur: siue iam liquore completi, et superpositis ceris tamquam operculis obliti, demetantur.

Dies uero castrandı fere matutinus occupandus est. Neque enim conuenit aestu medio exasperatas apes laccessiri. Duobus autem ferramentis ad hunc usum opus est, sesquipedali uel paulo ampliore mensura factis, quorum alterum sit culter oblongus ex utraque parte acie lata, uno capite aduncum habens scalprum; alterum prima fronte planum et acutissimum: quo melius hoc faui succidantur, illo eradantur, et quidquid sordidum deciderit, attrahatur. Sed ubi a posteriore parte, qua nullum est uestibulum, patefactum fuerit alueare, fumum admouebimus factum galbano uel arido fimo. Ea porro uase fictili prunis immixta conduntur: idque uas ansatum simile angustae ollae figuratur, ita ut altera pars sit acutior, per quam modico foramine fumus emanet: altera latior, et ore paulo latiore, per quam possit afflari. Talis olla cum est alueari obiecta, spiritu admoto fumus ad apes promouetur. Quae confestim nidoris impatientes in priorem partem domicilii, et interdum extra uestibulum se conferunt. Atque ubi potestas facta est liberius inspiciendi, fere, si duo sunt examina, duo genera quoque fauorum inueniuntur. Nam etiam in concordia suum quaeque plebs morem figurandi ceras fingendique seruant. Sed omnes faui semper cauearum tectis et paululum ab lateribus adhaerentes dependent, ita ne solum contingant: quoniam id praebet examinibus iter. Ceterum figura cerarum talis est, qualis et habitus domicilii. Nam et quadrata et rutunda spatia nec minus longa suam speciem uelut formae quaedam fauis praebent. Ideoque non semper eiusdem figurae reperiuntur faui. Sed hi qualescunque sint non omnes eximantur. Nam priore messe, dum adhuc rura pastionibus abundant, quinta pars fauorum; posteriore, cum iam metuitur hiems, tertia relinquenda est.

Pois esse tipo não deve ser destruído até a aniquilação, para que as abelhas não sofram de inércia; elas que, quando os zangões consomem uma parte dos alimentos, tornam-se mais ágeis, reparando os danos; mas, por outro lado, não deve ser permitido que a multidão de ladrões avulte, para não devastarem todos os recursos alheios. Portanto, quando vires com mais frequência uma rixa ser travada entre zangões e abelhas, examinarás as colmeias abertas para que os favos, se estiverem cheios até o meio, sejam guardados para depois ou, se já estiverem completamente cheios de líquido e com ceras superpostas, como que selados por tampas, sejam colhidos.

Na verdade, a manhã deve geralmente ser empregada para a extração, pois não convém que se importunem abelhas quando exasperadas pelo calor do meio-dia. Duas ferramentas, porém, são necessárias para essa operação, feitas com um pé e meio ou um pouco mais: seja uma delas uma faca longa de gume largo dos dois lados e com uma extremidade apresentando uma lâmina curva; a outra, plana na frente e bem afiada; para que, com esta, os favos sejam mais bem cortados, com aquela, raspados e, qualquer sujeira que caiu, puxada. Mas quando a colmeia tiver sido aberta pela parte posterior, em que não há entrada alguma, introduziremos fumaça feita com gálbano ou com esterco seco. Ainda se coloca isso, misturado com brasas, em um vaso de cerâmica: molda-se esse vaso com asas como um pote estreito, de modo que seja mais fina uma parte donde saia a fumaça através de estreita abertura; a outra, mais larga e com a boca um pouco maior, por onde se possa soprá-lo. Tal pote, quando é posto diante de uma colmeia, a fumaça é levada às abelhas pelo sopro. Elas, sem tolerar o cheiro de queimado, deslocam-se imediatamente para a parte anterior da colmeia e, por vezes, para fora da entrada. E quando houver oportunidade de inspecionar mais livremente, em geral, se existem dois enxames, dois tipos de favos também são encontrados. Pois, ainda que em concórdia, cada plebe mantém seu próprio costume de moldar e construir os favos de cera. Mas todos os favos dependuram-se sempre dos tetos das colmeias, aderindo um pouco às paredes, de modo que não toquem o solo, pois isso oferece uma passagem aos enxames. Além disso, a forma das ceras é tal qual o tipo do domicílio, pois as quadradas, as redondas e também as alongadas conferem aos favos sua própria forma, como um tipo de molde. E por isso nem sempre se encontram favos de uma mesma conformação. Mas eles, quaisquer que sejam, não devem ser todos retirados, pois na primeira messe, enquanto os campos ainda abundam em alimentos, a quinta parte dos favos deve ser deixada; na segunda, quando já se teme o inverno, a terceira.

Atque hic tamen modus non est in omnibus regionibus certus: quoniam pro multitudine florum et ubertate pabuli apibus consulendum est. Ac si cerae dependentes in longitudinem decurrunt, eo ferramento, quod est simile cultro, insecandi sunt faui, deinde subiectis duobus brachiis excipiendi, atque ita promendi: sin autem transuersi tectis cauearum inhaerent, tunc scalprato ferramento est opus, ut aduersa fronte impressi desecentur. Eximi autem debent ueteres uel uitiosi, et relinqui maxime integri ac melle pleni, et siqui pullos continent, ut examini prognerando reseruentur.

Omnis deinde copia fauorum conferenda est in eum locum, in quo mel conficere uoles, linendaque sunt diligenter foramina parietum et fenestrarum, nequid sit apibus peruium, quae uelut amissas opes suas pertinaciter uestigant, et persecutae consumunt. Itaque ex iisdem rebus fumus etiam in aditu loci faciendus est, qui propulset intrare tentantes. Castratae deinde alui si quae transuersos fauos in aditu habebunt, conuertendae erunt, ut alterna uice posteriores partes uestibula fiant. Sic enim proxime cum castrabuntur, ueteres potius faui quam noui eximentur, ceraeque nouabuntur, quae tanto deteriores sunt, quanto uetustiores. Quod si forte aluearia circumstructa et immobilia fuerint, curae erit nobis, ut semper modo a posteriore modo a priore parte castrantur. Idque fieri ante diei quintam horam debet, deinde repeti uel post nonam, uel postero mane. Sed quotcunque faui sunt demessi, eodem die, dum tepent, conficere mel conuenit. Saligneus qualus, uel tenui uimine rarius contextus saccus, inuersae metae similis, qualis est quo uinum liquatur, obscuro loco suspenditur: in eum deinde carptim congeruntur faui. Sed adhibenda cura est, ut separentur eae partes cerarum, quae uel pullos habent, uel rubras sordes. Nam sunt mali saporis, et succo suo mella corrumpunt. Deinde ubi liquatum mel in subiectum alueum defluxit, transferetur in uasa fictilia, quae paucis diebus aperta sint, dum musteus fructus deferuescat, isque saepius ligula purgandus est.

Isso, contudo, não é uma regra definida em todas as regiões, já que deve ser deliberada segundo a abundância de flores e a riqueza de alimentos para as abelhas. Se as ceras dependuradas se estendem longitudinalmente, devem ser cortadas com a ferramenta que é semelhante a uma faca; depois devem ser recebidas colocando os dois braços debaixo delas, e assim removidas. Se, porém, elas aderem horizontalmente ao teto das colmeias, então é necessária a ferramenta de lâmina curva, para que sejam cortadas pela pressão feita à frente. Os favos velhos ou defeituosos devem, porém, ser removidos, e deixados, sobretudo, os perfeitos e os cheios de mel com aqueles que tiverem crias, para que se reservem para a propagação do enxame.

Em seguida, a provisão inteira de favos deve ser levada àquele lugar onde pretendes produzir o mel; e as brechas das paredes e das janelas devem ser diligentemente tapadas, para não haver passagem alguma para as abelhas que procuram obstinadamente como que suas riquezas perdidas e, se as encontram, consomem-nas. E assim, deve-se ainda fazer fumaça na entrada do local com aqueles mesmos ingredientes, para repelir as que tentam entrar. Depois, se as colmeias de que se fez a extração tiverem favos atravessados na entrada, deverão ser viradas para que as partes posteriores se tornem, alternadamente, acessos. Pois assim, quando se fizer a extração uma próxima vez, os favos velhos serão removidos antes dos novos, e as ceras que são tanto piores quanto mais velhas serão renovadas. Pois, se acaso as colmeias forem cercadas por paredes e não puderem ser movidas, tomaremos o cuidado de que sempre se faça a extração ora por trás, ora pela frente. Isso deverá ser feito antes da quinta hora do dia, e depois repetido após a nona ou na manhã seguinte. Mas qualquer que seja a quantidade de favos que é recolhida, convém produzir o mel no mesmo dia, enquanto ainda estão mornos. Um cesto de salgueiro ou um saco de vime fino tecido grosso, semelhante a um cone invertido, como aquele em que o vinho é coado, é pendurado em lugar escuro; depois, os favos são empilhados nele aos pedaços. Mas deve-se ter o cuidado de que aquelas partes da cera que contêm crias ou impurezas vermelhas sejam separadas, porque têm sabor ruim e corrompem os méis com seu sumo. Em seguida, quando o mel coado fluiu para uma bacia colocada abaixo dele, ele é transferido para vasos de cerâmica que são deixados abertos por poucos dias até que o produto, semelhante ao mosto, cessa de fermentar; e ele deve, muitas vezes, ser purificado com uma escumadeira.

Mox deinde fragmina fauorum, quae in sacco remanserunt, retractata exprimuntur: atque id secundae notae mel defluit, et ab diligentioribus seorsum reponitur, ne quod est primi saporis hoc adhibito fiat deterius.

XVI. Cerae fructus quamuis aeris exigui non tamen omittendus est, cum sit eius usus ad multa necessarius. Expressae fauorum reliquiae, posteaquam diligenter aqua dulci perlutae sunt, in uas aeneum coniciuntur: adiecta deinde aqua liquantur ignibus. Quod ubi factum est, cera per stramenta uel iuncos defusa colatur, atque iterum similiter de integro coquitur, et in quas quis uoluit formas aqua prius adiecta defunditur: eamque concretam facile est eximere, quoniam qui subest humor non patitur formis inhaerere.

Sed iam consummata disputatione de uillatici pecudibus atque pastionibus, quae reliqua nobis rusticarum rerum pars subest, de cultu hortorum, Publi Siluine, deinceps ita, ut et tibi et Gallioni nostro complacuerat, in carmen conferemus.

Logo depois, os fragmentos de favos que permaneceram no saco são de novo processados e comprimidos. E é então um mel de segunda qualidade o que flui e é armazenado à parte pelos mais diligentes, para que o de melhor sabor, juntando-o, não se torne pior.

XVI O produto da cera, ainda que de pequeno valor, não deve, contudo, ser omitido, visto que seu uso é necessário para muitas coisas. As partes remanescentes dos favos, espremidas, após terem sido diligentemente lavadas em água doce, são colocadas em um vaso de cobre; depois, juntando-se água, são derretidas ao fogo. Quando isso ocorreu, verte-se a cera derretida através de palhas ou juncos; e novamente se recomeça da mesma maneira o cozimento e a cera é vertida nos moldes desejados, tendo-se antes adicionado água. Dura, é fácil retirar a cera, pois o líquido que está no fundo não lhe permite aderir aos moldes.

Mas já consumada a discussão sobre os animais da casa de campo e sua criação, a parte remanescente das coisas do campo de que nos resta tratar, sobre a cultura das hortas, apresentaremos em versos, Públio Silvino, como fora de teu desejo e do de nosso Galião⁷⁴.

- ¹ *Públio Silvino*: amigo do autor, a quem a obra é dedicada, assumindo a função de leitor.
- ² O prefácio se inicia com a expressão *Venio nunc* (“Venho agora”), que indica a continuidade dos livros precedentes. O fragmento *tutelam pecudum siluestrium et apium educationem* (“trato dos animais selvagens e cuidado das abelhas”) anuncia que a apicultura é abordada juntamente com a criação de outros animais da casa de campo – como o fizera Varrão (livro III do *De re rustica*), o que a coloca no mesmo plano das demais criações da casa de campo.
- ³ *argamassa de Sígnia*: “Sígnia” era cidade dos Volscos (Itália). A “argamassa de Sígnia” deve ser uma espécie de cimento feito a partir de material (cinzas vulcânicas) encontrado nesta cidade e água.
- ⁴ *discorriamos sobre os porcos*: referência ao livro 7 do *De re rustica* (capítulos IX, X e XI).
- ⁵ *farrago*, -inis. (s.f.): cevada misturada com outros grãos, que se colhe ainda verde para ser oferecida aos animais. (SARAIVA, 2006, p. 474. verbete: *farrago*).
- ⁶ *Higino*: Caio Julio Higino (64 a.C.-17 d.C.), um liberto espanhol de Augusto e amigo de Ovídio; um dos maiores eruditos de seu tempo, que desempenhou a função de bibliotecário da Biblioteca Palatina. Escreveu uma obra intitulada *De agricultura* e um livro *De apibus* (“Sobre as abelhas”), do qual temos apenas notícias. (AGUILAR, 2006, p.257.) e (HARVEY, 1998, verbete: *Higino*).
- ⁷ *Virgílio*: Públio Virgílio Marão (70-19 a.C.), autor das *Geórgicas*, cujo livro IV se refere às abelhas.
- ⁸ *Celso*: Aulo Cornélio Celso (24 a.C.-50 d.C.), autor de oito livros sobre a arte médica, *De medicina*. Acredita-se, porém, que sejam parte de uma obra mais ampla, de caráter enciclopédico. (Cf. AGUILAR, 2006, p. 378).
- ⁹ *Melissa*: filha do rei de Creta, que reinava na ocasião em que Júpiter nasceu; ele fez de sua filha Melissa a primeira sacerdotisa de Reia. Ela era irmã de Amalteia, a quem Reia confiou a tarefa de cuidar do jovem deus em uma caverna do Monte Ida.
- ¹⁰ *Evêmero*: filósofo grego da época helenística (330 a.C.-260 a.C.). Para ele, os entes mitológicos eram seres humanos divinizados.
- ¹¹ *Fríxon*: este nome não é mencionado na Literatura Latina. (COLUMELLA, 1968, p. 429).
- ¹² *Dicte*: montanha na parte oriental de Creta, onde havia uma caverna em que Júpiter foi nutrido com mel e com leite da cabra amaltea. (HARVEY, 1998, p.164. verbete: *Dicte*).
- ¹³ *Pupilo*: entenda-se – “Júpiter”.
- ¹⁴ *Geórg.* IV 152.
- ¹⁵ *Aristeu*: pastor, filho de Apolo e da Ninfa Cirene. Aprendera com as Ninfas a arte da apicultura, que ensinara aos homens. Virgílio (*Geórg.* IV 457-459) refere como Aristeu perseguiu Eurídice ao longo de um rio, quando foi picada por uma serpente e morreu. Tal morte despertou a ira dos deuses, que o puniram dizimando suas abelhas.
- ¹⁶ *Cea*: ilha do Mediterrâneo.
- ¹⁷ *Himeto*: monte próximo de Atenas, cuja flora propiciava a produção de excelente mel.
- ¹⁸ *Erecteu*: rei lendário de Atenas.
- ¹⁹ *Eutrônio*: Varrão (I, 1, 8) cita dois *Euphronii* (Eufrônios) que escreveram sobre temas rurais, um ateniense, outro anfipolita. (Cf. COLUMELLA, 1968, vol. 2., p. 431 – nota e.).
- ²⁰ *Saturno*: deus itálico identificado com Cronos.
- ²¹ *Nicandro*: Nicandro de Colofão (II a.C.), escritor grego da fase helenística. De suas obras, restaram-nos *Therriaca*, sobre animais venenosos, e *Alexipharmaca*, sobre substâncias venenosas.
- ²² *Aristóteles*: filósofo grego (384-322 a.C.). Escreveu a “História dos animais”, a que Columela se refere nesta passagem.
- ²³ *Geórg.* IV 99.
- ²⁴ *Geog.* IV 9-12.
- ²⁵ *Geórg.* IV 9-12.
- ²⁶ “σταφυλίον”: em Latim, “staphylion”.
- ²⁷ “staphylinos”: “cenoura”.
- ²⁸ “ήχούς”: “echous”.
- ²⁹ *Geórg.* IV 20-24.
- ³⁰ *Geórg.* IV 27-29.
- ³¹ *Aquilão*: vento norte.
- ³² *Geórg.* IV 63.
- ³³ “*Corda licet vulgi praesciscere namque morantes*”: esse verso, atribuído a Virgílio, recompõe dois versos das *Geórgicas*: “*continuoque animos uolgi et trepidantia bello/corda licet longe praesciscere; namque morantis*” (*Geórgicas*, IV, vv.69-70).
- ³⁴ *Geórg.* IV 87.
- ³⁵ *Geórg.* IV 69-72. “*Corda licet uulgi praesciscere namque morantes*” (podem-se prever os ânimos da turba; porque... as morosas): este verso, atribuído a Virgílio, recompõe dois das *Geórgicas* (*Georg*, IV,

vv.69-70). Em negrito, as formas que, combinadas, resultam no verso reorganizado por Columela: “*continuoque animos uolgi et trepidantia bello/ corda licet longe praesciscere; namque morantis*”.

³⁶ Geórg. IV 87.

³⁷ Geórg. IV 92, 91 e 93 (nessa ordem).

³⁸ Geórg. IV 96-97. A forma *ceu* que antecede *puluere*, foi substituída por *quam*.

³⁹ Geórg. IV 94.

⁴⁰ Geórg. IV 90.

⁴¹ Geórg. IV 92, 91 e 93. Note-se que o verso latino 92 foi deslocado de sua posição original nas *Geórgicas*: na citação de Columela, ele vem imediatamente antes do 91.

⁴² Geórg. IV 96-97.

⁴³ Geórg. IV 94.

⁴⁴ Geórg. IV 90.

⁴⁵ *equinócio da primavera*: 21 ou 22 de março no hemisfério norte; momento em que o Sol, em seu movimento aparente anual, parece cortar o equador, tornando igual a duração do dia e da noite.

⁴⁶ *sobre as abelhas*: referência ao livro *De apibus* de Higino, que não se conservou.

⁴⁷ *Aristômaco*: Plínio, o Velho (*N.H.* XIII, §42) menciona um Aristômaco que estudou as abelhas. Não temos mais informações sobre ele, seus estudos se perderam.

⁴⁸ Plínio (*N.H.* XXVI, §11) diz que esta palavra apresenta dois significados: gangrena ou fome voraz. O primeiro é, certamente, o significado aqui. (Cf. COLUMELLA, 1968, vol. 2, p. 479 – nota *a.*).

⁴⁹ *Calendas de abril*: no calendário romano, primeiro dia do mês. Nesta passagem, refere-se a 1^o de abril.

⁵⁰ *Ariete*: a constelação de Áries. Localiza-se no hemisfério norte, entre a constelação de Peixes e Touro.

⁵¹ *Plêiades*: o surgimento das sete Plêiades (Taigete, Electra, Alcíone, Astérope, Celeno, Maia e Mérope) ocorre no início de maio (10 ou 13), no início da primavera no hemisfério norte. As Plêiades eram sete irmãs, filhas do gigante Atlas e de Plêione, que foram divinizadas e convertidas nas sete estrelas que compõem uma constelação homônima.

⁵² Referência à *bugonia*: reprodução de enxames de abelhas, utilizando corpos bovinos, como indicado na fábula de Aristeu. (*Geórg.* IV 287-314).

⁵³ *coisas de Vênus*: Vênus é a deusa do amor; logo, “as coisas de Vênus” se refere à prática sexual.

⁵⁴ *oístroi*: termo grego que significa “moscardo”, “agulhão”.

⁵⁵ *solstício*: momento em que, no hemisfério norte ou sul, o sol apresenta maior declinação latitudinal em relação à linha do equador. O “solstício de verão” ocorre dia 21 de junho; o de inverno, dia 21 de dezembro.

⁵⁶ *Câncer*: a constelação de Câncer.

⁵⁷ *Canícula*: estrela da constelação do Cão Maior. O “surgimento da Canícula” ocorre dia 26 de julho.

⁵⁸ *Demócrito*: filósofo grego (470-360 a.C.). Desenvolveu a teoria atomística, iniciada por Leucipo de Mileto, segundo a qual todas as coisas do universo são compostas de átomos, partículas indivisíveis e em constante movimento.

⁵⁹ *Magão*: agrônomo cartaginês, cuja obra foi traduzida para o latim sob ordem do Senado Romano.

⁶⁰ *miliarium*: vaso alto e estreito destinado a receber o sumo das azeitonas. (SARAIVA, 2006, p. 736 – verbete: *miliarium*).

⁶¹ *Arcturo*: estrela da constelação do Boieiro.

⁶² *Libra*: constelação de Libra.

⁶³ “oito dias antes das calendas de outubro”: entenda-se – 24 de setembro.

⁶⁴ “dia oito antes das calendas de janeiro”: entenda-se – 25 de dezembro.

⁶⁵ *Capricórnio*: constelação de Capricórnio.

⁶⁶ *Hiparco*: famoso astrônomo grego (190-120 a.C.).

⁶⁷ *Eudoxo*: astrônomo, matemático e filósofo grego (390-338 a.C.).

⁶⁸ *Metão*: astrônomo ateniense (V a.C.).

⁶⁹ *ocaso das Plêiades*: ocorre em 8 ou 11 de novembro.

⁷⁰ “idos”: em Latim, *idus*, *-uum*, uma das divisões dos meses entre os romanos – o dia 13 em uns e 15 em outros. (Cf. SARAIVA, 2006 – verbete: *idus*).

⁷¹ *Hibla*: monte da Sicília, famoso pelo mel produzido a partir de suas flores.

⁷² Geórg. IV 168.

⁷³ Geórg. IV 168. Em Virgílio, *a praesepibus arcent* (afastam das colmeias); em Columela, *praesepibus arcentur* (sejam afastados das colmeias).

⁷⁴ *Galião*: irmão do filósofo Sêneca e tio do poeta Lucano. (COLUMELLA, 1968, v.2. p. 502. Nota *a.*).

REFERÊNCIAS

AGUILAR, David Paniagua. *El panorama literario técnico-científico en Roma (siglos I-II D.C.) "et docere et delectare"*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2006.

ALBRECHT, M. *A history of Roman literature. From Livius Andronicus to Boethius*. Leiden/ New York/ Köln: E. J. Brill, 1997. v. I.

ALBRECHT, M. *Masters of Roman prose. From Cato to Apuleius. Interpretative studies*. Translated by Neil Adkin. Leeds: Francis Cairns Publications, 1989.

ALFOLDY, G. *A história social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

ANDRÈ, Jacques. *L'alimentation et la cuisine à Rome*. 2^a ed. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

ARISTÓTELES. *História dos animais: I*. tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: INCM, 2006.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. São Paulo: Cultrix, 1981.

ARMENDÁRIZ, J. I. G. *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*. Sevilla: Universidad de Cádiz/Universidad de Sevilla, 1995.

BARCHIESI, A. Lettura del secondo libro delle "Georgiche". In: Gigante, M. (org.). *Lecturae Vergilianae*. Napoli: Giannini, 1982. v. 2, p.43-86.

BASANOFF, V. *Les dieux des Romains*. Paris: Presses Universitaires de France, 1942.

BATSTONE, W. Virgilian didaxis: value and meaning in the "Georgics". In: MARTINDALE, C. (org.). *The Cambridge companion to Virgil*. Cambridge: University Press, 1997. p. 125-144.

BELLESSERT, A. *Virgilio. Su obra y su tiempo*. Traducido por D. P. Suárez. Madrid: Tecnos, 1965.

BIANCO, G. Riflessi della crise agricola italica nel "De re rustica" di Varrone. In: *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani Editore, 1974. p. 299-316.

BICKEL, E. *História de la literatura romana*. Madrid: Gredos, 1987.

BLOCH, R. *Origens de Roma*. Lisboa: Verbo, 1966.

BLOCH, R.; COUSIN, J. *Roma y su destino*. Barcelona: Labor, 1967.

BOSCHERINI, S. *Lingua e scienza greca nel "De agri cultura" di Catone*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1970.

BRANDÃO, J. *Dicionário mítico-etimológico. Mitologia e religião romana*. Brasília/Petrópolis: Ed. UnB/ Vozes, 1993.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAIRNS, F. *Generic composition in Greek and Roman poetry*. Edinburgh: University Press, 1972.

CALVO, J. L. Platón. In: López Férez, J. A. (org.). *História de la literatura griega*. Madrid: Cátedra, 2000. p. 650-681.

CARDOSO, Z. A. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. *O espaço literário da Roma antiga. Vol. I: a produção do texto*. Tradução de Daniel P. Carrara e Fernanda M. Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010.

CICÉRON. *Rhétorique ad Hérennius*. Texte révu et traduit par Henri Bornecque. Paris: Garnier, s.d.

COLUMELLA, L.J.M. *On agriculture*. London: Harvard University Press, 1968. 3v.

CONTE, G. B. Aristeo, Orfeo e le “Georgiche”: struttura narrativa e funzione didascalica di un mito. In: _____ (org.). *Virgilio: i generi e i suoi confini. Modelli del senso, modelli della forma in una poesia colta e “sentimentale”*. Garzanti Editore, 1984.

CONTE, G. B. *Letteratura latina: manuale storico dalle origini alla fine dell’impero romano*. Milano: Le Monnier, 2010.

CONTE, G. B. Introduzione. In: VIRGÍLIO. *Georgiche*. 2ª ed. Milano: Oscar Mondadori, 2007. Testo, traduzione e note a cura di Alessandro Barchiesi.

CONTE, G. B.; BARCHIESI, A. Imitação e arte alusiva: modos e funções da intertextualidade. In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. *O espaço literário da Roma antiga. Vol. I: a produção do texto*. Tradução de Daniel P. Carrara e Fernanda M. Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. p.87-121.

COSSARINI, A. Aspetti di Virgilio in Columella. *Prometheus*. Firenze, n.3, p.225-240, 1977.

COSSARINI, A. Columella interprete del suo tempo: alcune considerazioni. *Giornale filologico ferrarese*. Ferrara, ano 3, n.4, p.97-108, 1980.

COSSARINI, A. Le “Georgiche” di Virgilio: ideologia della proprietà. *Giornale filologico ferrarese*. Ferrara, ano 2, n.1, p.3-12, 1979.

CRAWFORD, M. *The Roman republic*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

DALZELL, A. *The criticism of didactic poetry. Essays on Lucretius, Vergil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996.

- DEL SASTRE, A. C. Didactismo y poética en “De rerum natura”. In: de DEL SASTRE, A. C.; SCHNIEBS, A. (org.). *Enseñar y dominar: las estrategias preceptivas en Roma*. Buenos Aires: Instituto de Filología Clásica/ Facultad de Filosofía y Letras – Universidad de Buenos Aires, 2007, p. 35-52.
- DESBORDES, F. *Concepções sobre a escrita na Roma antiga*. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1995.
- DOODY, A. Virgil the farmer? Critiques of the *Georgics* in Columella and Pliny. *Classical Philology*. Chicago, v.102, n.2, p.180-197, 2007.
- COSSARINI, A. Columella interprete del suo tempo: alcune considerazioni. *Giornale filologico ferrarese*. Ferrara, ano 3, n.4, p.97-108, 1980.
- COSSARINI, A. Aspetti di Virgilio in Columella. *Prometheus*. Firenze, ano 3, p.225-240, 1977.
- DUMONT, J.C. Columella and Vergil. *Vergilius*. Michigan, v.54, p.49-58, 2008. *Enciclopedia virgiliana*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1985. V. II.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1967.
- FARRELL, J. *Virgil's "Georgics" and the traditions of ancient epic*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1991.
- FERGUSON, J. *The religions of the Roman empire*. London: Thames and Hudson, 1982.
- FLORIO, R. *Poesia didáctica y oratoria en Roma*. Bahía Blanca: Universidad Nacional del Sur, 1997.
- FORSTER, E.S. Columella and his latin treatise on agriculture. *Greece & Rome*. London, v.19, n.55, p.123-128, 1950.
- FUNARI, P. P. A. A política agrária dos Gracos e o discurso histórico. *Phoînix 97*. Rio de Janeiro, v. I, p. 371-380, 1997.
- FUSTEL DE COULANGES, N. D. *A cidade antiga*. 3^a ed. São Paulo: Edipro, 2001.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.
- GALE, M. (org.). *Latin epic and didactic poetry*. The Classical Press of Wales, 2005.
- GALE, M. *Virgil on the nature of things. The "Georgics", Lucretius and the didactic tradition*. Cambridge: University Press, 2000.
- GLARE, P. W. et al. (ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- GOWERS, E. Vegetable love: Virgil, Columella, and garden poetry. *Ramus*. Victoria: v. 29, n. 2, p.127-148.

- GRANATO, Lourenço. *Columella e o seu livro "Cultura das Hortas"*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1925.
- GRIFFIN, J. The Fourth "Georgic", Virgil and Rome. In: McAuslan, I.; Walcot, P. (org.). *Virgil*. Oxford: University Press, 1990. p. 94-111.
- GRIFFIN, M.; BARNES, J. (org.). *Philosophia togata. I. Essays on philosophy and Roman society*. Oxford/ New York: Clarendon Press/ Oxford University Press, 1997.
- GRILLI, A. Lettura del terzo libro delle "Georgiche". In: Gigante, M. (org.). *Lecturae Vergilianae*. Napoli: Giannini, 1982. V. II, p. 89-120.
- GRIMAL, P. *A civilização romana*. Tradução de Isabel St. Aubyn. Lisboa: Edições 70, 2009.
- GRIMAL, P. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.
- GRIMAL, P. *La vie a Rome dans l'Antiquité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.
- GRIMAL, P. *Virgile, ou la seconde naissance de Rome*. Paris: Flammarion, 1985.
- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1993.
- GUERREIRA, A. R. Literatura técnica de la época republicana. La prosa técnica. In: Codoñer, Carmen (ed.). *História de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 1997. P. 755-772.
- HOMERO. *Ilíada*. 4ª ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e comentário de Mary C. N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.
- HOWATSON, M. C. (ed.). *The Oxford companion to classical literature*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 1997.
- JAEGER, W. *Paideia. Los ideales de la cultura griega*. Versión española de Joaquín Xirau. Pánuco: Fondo de Cultura Económica, 1942.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- JONES, A. *Augustus*. New York/ London: Norton and Company, 1970.
- KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W. V. *Historia de la literatura clasica*. (Cambridge University). Madrid: Gredos, 1989-1990. v.2.
- KOLENDO, J. Il contadino. In: Giardina, A. (org.). *L'uomo romano*. Roma/ Bari: Laterza, 1993. p. 217-232.
- KROLL, W. La lingua poetica romana. In: Lunelli, A. (org.). *La lingua poetica latina*. Bologna: Pàtron, 1988. p. 3-65.

- LE GLAY, M.; VOISIN, J.-L.; LE BOHEC, Y. *A history of Rome*. Translated by Antonia Nevill. Malden, Mass./ Oxford, U.K./ Carlton, Australia: Blackwell, 2008.
- LEE, M. O. *Virgil as Orpheus. A study of the "Georgics"*. Albany: State University of New York Press, 1996.
- LEGRAND, Ph.-E. *La poésie alexandrine*. Paris: Payot, 1924.
- LYNE, R. O. A. "Scilicet et tempus ueniet" Virgil, "Georgics" I.463-514. In: Woodman, T.; West, D. (org.). *Quality and pleasure in Latin poetry*. Cambridge: University Press, 1974. p. 47-66.
- MAESTRE, J. M. M.; BREA, L.C.; CUETO, A.S. *Estudios sobre Columela*. Cádiz: Universidad de Cádiz, 1997.
- MARCONE, A. *Storia dell'agricoltura romana*. Roma: NIS, 1997.
- MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1946.
- MARTIN, F. *Les mots latins*. Paris: Hachette, 1941.
- MARTIN, R. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris: Les Belles Lettres, 1971.
- MARTIN, R.; GAILLARD, J. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan/ Scodel, 1990.
- MEO, C. de. *Lingue tecnica del latino*. 2^a ed. Bologna: Pàtron, 2005.
- MESLIN, M. *L'homme romain. Des origines au premier siècle de notre ère*. Paris: Complexe, 1985.
- MILES, G. B. *Virgil's "Georgics". A new interpretation*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 1980.
- MOHEDANO, P. R.; MOHEDANO, R. R. *História Literaria de España*. Madrid: J. Ibarra, 1781. v.8.
- MONTANARI, Franco (org.). *La poesia latina: forme, autori, problemi*. Roma: NIS, 1991.
- MORGAN, L. *Patterns of redemption in Virgil's "Georgics"*. Cambridge: University Press, 1999.
- MORLEY, N. Civil war and succession crisis in Roman beekeeping. *Historia*. Stugart, v.56, n.4, p.462-469, 2007.
- NICOLET, C. *Rendre à César. Économie et société dans la Rome antique*. Paris: Gallimard, 1988.
- NOÈ, E. Animal e uomini in Columella. *Rendiconti*. Milano, v.136, n.2, p.309-323, 2002.

NOÈ, E. *Il progetto di Columella: profilo sociale, economico, culturale*. Como: Edição New Press, 2002.

NOÈ, E. La memoria dell'antico em Columella: continuità, distanza, conoscenza. *Athenaeum*. Pavia, v.89, n.1, p.319-343, 2001.

NORDEN, E. *La prosa d'arte antica*. Traduzione italiana a cura di Benedetta Heinemann Campana. Roma: Salerno, s.d. V. I.

OTIS, B. *Virgil. A study in civilized poetry*. Norman: University of Oklahoma Press, 1995.

PALMER, L. R. *Introducción al latín*. Traducción de Juan José Moralejo y José Luís Moralejo. Barcelona: Planeta, s.d.

PARATORE, E. *História da literatura Latina*. 13^a ed. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

PEREIRA, M. H. da R. 4^a ed. *Estudos de história da cultura clássica. V. II: cultura romana*. Lisboa: Gulbenkian, 2009.

PERNOT, L. *La rhétorique dans l'Antiquité*. Le Livre de Poche: 2000.

PERUTELLI, A. Il testo come maestro. In: Cavallo, G.; Fedeli, P.; Giardina, A. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica*. Roma: Salerno, s.d. V. I, p. 277-310.

POLARA, G. Le Georgiche di Virgilio: tecnica compositiva ed elaborazione poetica. in NAZZARO, A. V. *Omaggio Sannita a Virgilio*. S. Giorgio del Sannio: Ed. Comune, 1983.

RIPOSATTI, B. M. Terenzio Varrone. L'uomo e lo scrittore. In: *Atti del Congresso di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani Editore, 1974. V. I, p. 59-89.

ROBERT, J.-N. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1985.

RÓNAI, P. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

ROSS Jr., D. O. *Virgil's elements. Physics and poetry in the "Georgics"*. Princeton, New Jersey: University Press, 1987.

SABATTINI, A. Tradizione e innovazione nel "De agri cultura" di Catone. *Rivista Storica dell'Antichità*. Bologna, p. 307-313, 1976-1977.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.

SÊNECA, L.A. *Cartas a Lucílio*. 2^a ed. Tradução de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004.

SILVA, M. F. Sabedoria e saúde do corpo em Epicuro. In: PEIXOTO, M. C. D. (org.). *A saúde dos antigos. Reflexões gregas e romanas*. São Paulo: Loyola/CAPES, 2009, p.153-162.

SIRAGO, V. *Storia agraria romana. I. Fase ascensionale*. Napoli: Liguori, 1995.

SOZIM, Raul José. *P. Vergilii Maronis: Georgicon – Liber IV*. Revista Uniletras. Ponta Grossa: UEPG, v.29, n.1. p.193-228, 2007.

SPURR, M. S. Agriculture and the "Georgics". In: McAuslan, I.; Walcot, P. (org.). *Virgil*. Oxford: University Press, 1990. p. 69-93.

TAVARES, Ênio. *Teoria literária*. 5ª ed. Belo Horizonte, 1974.

THIBODEAU, P. The old man and his garden. *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*. Roma, n.47 p.175-195, 2001.

THOMAS, R. F. Prose into poetry: tradition and meaning in Virgil's "Georgics". In: *Harvard studies in classical philology*. Cambridge, Mass./ London, vol. XCI, p.229-260, 1987.

TILL, R. *La lingua di Catone*. Traduzione e note supplementari di Cesidio de Meo. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1969.

TOOHEY, P. *Epic lessons. An introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996.

TRAGLIA, A. Le "Res rusticae" di Varrone come opera letteraria. *Cultura e scuola*. Roma, n. 94, p. 89-97, 1985.

TREVIZAM, M. Forma didática e adaptação da poética elegíaca na "Ars amatoria" de Ovídio. *Phaos*. Campinas, v. 4, p. 129-140, 2004.

TREVIZAM, M. Heterogeneidade enunciativa e discursiva nas "Geórgicas" de Virgílio. In: BARBOSA, M. V.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (org.). *Caderno de qualificações*. Campinas: IEL-UNICAMP, n. 1, 2005.

TREVIZAM, M. Linguagem e gênero na literatura agrária latina: Catão, Varrão e Virgílio. *Classica*. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 7-18, jan.-jun. de 2007.

TREVIZAM, M. *Linguagem e interpretação na Literatura Agrária Latina*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

TREVIZAM, M. O "estilo subjetivo" virgiliano e a tradução portuguesa do mito de Orfeu nas "Geórgicas" de Antônio Feliciano de Castilho. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. Belo Horizonte, v. 29, n. 41, p. 69-88, 2009.

TREVIZAM, M. Os "monstros" de Virgílio no livro I das "Geórgicas". *Fragmentos*. Florianópolis, n. 35, p. 75-90, 2009.

VARRÃO. *Das coisas do campo*. Introdução, tradução e notas por Matheus Trevizam. Campinas: UNICAMP, 2012.

VASCONCELLOS, P. S. de. *Efeitos intertextuais na "Eneida" de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2001.

VEYNE, P. L'histoire agraire et la biographie de Virgile dans les "Bucoliques" I et X. In: _____. *La société romaine*. Paris: Seuil, 2001. p. 216-246.

VEYNE, P. O Império romano. In: _____ (org.). *História da vida privada. Vol. I: do Império romano ao ano mil*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 2009, p. 17-212.

VASCONCELLOS, P. S. de. Introdução. In: VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e notas de Odorico Mendes. Edição anotada e comentada pelo grupo de trabalho Odorico Mendes. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p.9-24.

VIRGIL. *Geórgicas; Eneida*. Traduções de Antônio Feliciano de Castilho e Manuel Odorico Mendes; prefácio de Nelson Romero. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1949.

VIRGIL. *Georgics*. v. 2. Books III-IV. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

VIRGÍLIO. *Geórgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Introduction, notes et postface de J. Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

VIRGÍLIO. *Georgiche*. 2^a ed. Milano: Oscar Mondadori, 2007. Introduzione di Gian Biagio Conte. Testo, traduzione e note a cura di Alessandro Barchiesi.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e notas de Odorico Mendes. Edição anotada e comentada pelo grupo de trabalho Odorico Mendes. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

VIRGÍLIO. *Bucólicas, Geórgicas, Apéndice Virgiliano*. Introducción general J. L. Vidal. Traducciones, introducciones y notas por Tomás de la Ascención Recio Garcia y Arturo Soler Ruiz. Madrid: Gredos, 2008.

VOLK, K. *The poetics of Latin didactic. Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. Oxford: University Press, 2002.

VOLK, K. *Vergil's Georgics*. Oxford: University Press, 2008.

WALBANK, F. W. Columella: the man and his work. *Classical Association*. London: v.45. p.29-31, 1948.

WEBER, M. *História agrária romana*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WHITE, K. *Roman farming*. London: Thames and Hudson, 1970.

WILKINSON, L. P. *The "Georgics" of Virgil. A critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.